Memorias

Diario ao correr da penna:

Vol.e

UNIVERSIDADE * LIVRARIA DA

1952 – 1954

P

Não posso crer que haja quem batendo com a mão na testa, não se atreva a dizer seu pouco ou seu muito...»

D. Francisco Manuel de Melo: A Feira dos Anexins, Parte I, Diálogo I, §2º

~ 1952 ~

Janeiro: 1.

Mais outro ano... Tem que ser assim. Vôam como o Diabo e vão lá agarra-los!

O Cristovão foi aos cumprimentos á Presidencia da Republica e eu fui ao Estoril com o resto da familia.

Frio de rachar. Vento agreste do norte que desmentia a fama paradisiaca da celebrada estancia. Tivémos que nos recolher nos abrigos do Tamariz para esperar a hora do comboio. E assim o ano começou com uma ligeira mas inofensiva desilusão.

O Cristovão, ao regressar dos cumprimentos presidenciais, contou que o director do Colegio, satisfeita a obrigação protocolar ao Craveiro Lopes, levou a deputação ao patriarcado, para beijar o anel ao Cardeal e desejar-lhe um ano cheio de venturas...

E inquirindo eu, com certos cuidados, se ninguem protestou, concluí que todos foram pela contrariedade.

Ainda bem. Viva a boa harmonia!

E assim começa o ano.

Janeiro: 2

Falei hoje com o Luis Pastor de Macedo a quem ha dias fiz "audiencia". Marcou-me para hoje na Camara, ás 11 h., onde compareci com interesse.

E' uma creatura empertigada, bem posta, com ares de certa distinção. Deve andar pelos 50 anos, mas com aparencia de menos. Recebeu-me muito bem, mas com superioridade, isto é, como pessoa que me deu a honra da recepção.

Eu queria saber se ele possuia ainda alguns restos do arquivo da casa do tio-avô, o gravador Francisco Pastor, onde eu pudesse descobrir qualquer coisa de meu tio Rafael. Ouviu-me com atenção, atenção cerimoniosa, com pouco hirto, com ligeiro sorriso não sei se annuel se desdenhoso; e informou-me, no fim da m.ª exposição, de que nada possuia do que constituira o arquivo

e recheio da notavel oficina de gravura em madeira.

E então, com mais á-vontade, expoz-me que a Tia Paca (D. Francisca Pastor) a seguir á morte do marido desbaratára tudo, vendendo e dando sem tom nem som. Ele, Luis Pastor, ficára apenas com o encargo de continuar com a direcção do Correio da Europa — e mais nada. Livros de contas, de registos de encomendas, gravuras, edições da casa, tudo se dispersou lastimosamente.

E dizia isto com gestos comedidos, como se fizesse uma palestra em publico, sempre hirto, com importancia...

Eu observava-o com atenção — pois estava prevenido já de que ele era excessivamente presumido e imponente. Não me queixo, porem; o homem, dentro dessa rigidez de 1ª classe, recebeu-me atentamente e, depois de troca de impressões gerais para fechar a conversa, acompanhou-me até á porta com amabilidade.

Nada feito, pois, quanto ao espolio da casa Pastor. E lembro-me de que mª Tia Susana me contára que a dita D. Paca, para se desembaraçar de parte do espolio do

Vaia ecclesiastica; com certo á-vontade dis
se que lhe queria falar — ao que o dono da
casa correspondeu mandando-o entrar pa-
ra o seu escritorio. Ahi, o padre, sem
mais rodeios nem atenções, disse que um
predio que ele, Margarita de Fig.ª, possuia no
Porto junto do Lyceu Feminino, ocupado por
uma senhora muito velha e muito doente
era necessario á Confr.ª de Jesus que o arren-
dava ou o compraria se isso fosse possivel.
O predio (continuou) dominava o terreno
do recreio das raparigas do Lyceu e estava
destinado a uma residencia de freiras que
assim vigiariam as alunas e procurariam
descubrir as tendencias ou temperamentos
com o fim de recrutar futuras religiosas...

O M. de Figueiredo ouviu sem interrom-
per a exposição feita sem rebuços de qual-
quer especie. Quando ele acabou observou
que a senhora que habitava o predio tinha o
seu arrendamento legal e pagava em dia e
alem disso não dera motivo p.ª ser despedi-
da. Mas o padre, sempre com insinuativa,
respondeu que isso era o menos, que tudo
se arranjaria; e terminou por dizer com
ar de ameaça velada:

marido, mandára lá para casa uns caixotes com gravuras em madeira, umas dezenas delas; e que, passados anos, meu Tio, aborrecido com aqueles trambolhos, déra ordem ao pelo menos autorização á governanta da casa para converter em lenha para o fogão toda aquela quantidade de lixo gravado... E assim o fogo consumiu certam.te muitas obras boas.

*

A' tarde encontrei na Livraria Portugal á rua do Carmo o velho am.º António Mesquita de Figueiredo.

Falámos de varias coisas e ele contou-me com a vivacid.e do costume o seguinte episodio que merece registado:

Ha dias, a um domingo, estava ele só em casa, ouviu a campainha da porta e foi espreitar ao postigo. Viu no patamar um vulto escuro e perguntou quem era:

— Um padre jesuita! respondeu o vulto com certa intimativa.

Estremeceu para não abrir perante a forma imperativa da resposta. Mas a curiosidade venceu-o e abriu. Era realmente um padre, vestido com a vulgar indumen

— Pense nisso, sr. dr. Lembre-se de que a Compª de Jesus precisa da casa.

E foi-se embora com importancia, como de quem tinha a impressão de ser obedecido.

O Mesquita de Figueiredo não gostou da visita e disse-me que nada faria contra a inquilina; resistiria a todas as deligencias dos jesuitas, mas receiava qualquer golpe que tentassem dar, como por exº a expropriação oficial por utilidᵉ publica ou outra qualquer artimanha.

E andava aborrecido com o caso, tanto mais que pensava em mudar para esse predio no Porto a sua residencia, na hipotese da inquilina morrer. E nesta hipotese lá estaria a braços com a Compª de Jesus com a qual ele não deseja questões.

E assim vamos andando.

A Compª de Jesus já fala claro, já faz quasi intimações de despejo!

E ameáça descaradamente um proprietario, na propria casa, sem qualquer respeito pelos direitos adquiridos.

E sem estar com cerimonias...

Janeiro : 5

Conheci hoje o Godofredo Ferreira, funcionario superior dos Correios e Telegrafos com quem ha m.to me carteava por causa de gravuras, gravadores e notas biograficas de meu Pai e do seu antecessôr no cargo de chefe dos serviços Telegrafo-postais de Coimbra.

Encontrei um individuo de certa idade, já encanecido, mas com aparencia jovial, muito bem vestido, e correcto de maneiras. Logo que lhe disse o meu nome foi muita atitude afavel, como de quem gostava do encontro. Falámos bastante acerca de estudos historicos na generalidade e dos estudos especiais dele acerca da historia dos nossos correios e dos gravadores de selos e postais. Conversa interessante durante a qual ele se mostrou familiar, como velho conhecido e amigo.

Gostei dele. Prometi interessar-me pela aquisição dum retrato do dr. Sousa, o antecessôr de meu Pai. Vamos a ver se verei a sorte de conseguir a almejada fotografia.

Janeiro: 9.

No domingo ultimo, dia 6 do corrente, fui a casa do Saturio Pires, conforme antiga combinação, p.ª lhe ler certos passos do meu trabalho sobre o Baldaque — assunto debatido varias veses entre nós dois por correspondencia bastante curiosa.

O Saturio convidára o Mario Meneses, outro condiscipulo que na Escola do Exercito gosava da alcunha de "Escarrapalhado". São dois velhos amigos, ligados tambem por laços politicos como adoradores do trono e do altar — e a verd.ª é que, apesar disso, estimo-os sinceram.te, talvez pela boa convivencia dos tempos escolares que em geral não esquece, talvez por serem dois homens serios. Não sei; o que sei é que me sentei bem, sorrido. em cadeiras fôfas, a ler-lhes o prologo da obra e outros passos que considerei mais caracteristicos.

Os dois amigos, nos intervalos e em especial no fim, elevaram ás nuvens o trabalho. O Meneses, mais exuberante, com gestos largos, classificou-o de primoroso, mem mais mem menos. E eu fiquei

de apelar para a resolução e mostrar-lhes o exagero dos louvores...

Enfim, palavra puxa palavra e ambos concluíram que o trabalho não podia ficar inédito, que valia a pena ser publicado, etc. etc. Eu expus todas as dificuldades que se levantavam para isso; contei a história das negociações da Comissão de Hist.ª Militar; confessei a escassez dos meus orçamentos; mostrei os inconvenientes do auxílio do marquês de Rio Maior que em tempos me insinuara o seu amável mecenismo; fiz-lhes ver que a obra valia de levar muitas cartas topográficas e gravuras para valer alguma coisa e assim elevaria muito o seu custo; etc. etc.

Eles, porem, não se deram por convencidos e o Menezes, depois dum momento calado e á volta com um cigarro, surgiu com uma ideia:

— Já sei como se ha-de conseguir a publicação!

E expôs o plano: ele e o Saturio são muito amigos do Cripto.º José Vieira que é homem serio e, conforme as expressões favorecas do narrador, uma "joia de rapaz" um "verdadeiro cristal" e outras hiperbo-

les que, aliás, não deixam de assentar bem nas qualid.es do visado. Ora este brigad.º é a pessoa de confiança do actual ministro do exercito e se eu me dirigisse ao Joel e lhe expozesse o caso, o ministro poderia dar solução ás dificuldades expostas.

Eu observei que tudo estava m.to bem mas me parecia o plano um tanto ou quanto incerto. O ministro, de certo, não me iria dar de mão beijada, a verba necessaria p.a a obra e eu não sou pessoa que tenha qualquer especie de influencia ou simpatia nos meios oficiais.

— O plano, meu caro Meneses, é consequencia da tua amizade e da tua boa vontade...

O Saturio, mais prosaico, interveiu, e pôz o problema: o que é que se devia ir solicitar do ministro? Vieram hipoteses e eu, então, lembrei-me duma solução que talvez fosse exequivel: solicitar a restituição á Comissão de Hist.ª Militar, da antiga verba para publicações — e assim eu ~~...~~ ~~...~~ apresentaria á Comissão a minha proposta para o trabalho ser publicado na devida altura.

Eles concordaram e eu senti-me mais aliviado da pressão — pois não estava muito resolvido a ir ao ministro pedir a verba para a publicação e até, in mente, a solução que propus era uma forma de adiamento embora me não repugnasse.

Ficou, pois, combinado eu solicitar do José Vieira uma entrevista e eles, por sua vez, diriam a este o que lhes parecesse conveniente para reforçarem a minha deliberação.

A certa altura entraram umas senhoras; a filha do Saturio serviu um chá com torradas e bolos; fumaram-se cigarros, elas principalmente; e a tarde terminou descontraída, naquele ambiente saturado de monarquismo e de elegancia em que eu seria o unico discordante — se bem que acariciado e olhado com curiosidade amavel. E seriam umas 7 h. a assembleia desfez-se; e eu desci a rua Rodrigo da Fonseca, com o Moreiras, ainda caturrando sobre o Saldanha que era necessario pôr na rua, ou melhor, nas vidraças dos livreiros, p.ª admiração das turbas e gloria do autor...

Ora eu, segundo o costume, não me afressei... Fiquei a pensar nas possiveis consequencias da deliberação e se ela não poderia ser tomada como uma aproximação minha, isto é, tentativa do inconformista pa ra fazer as pazes. O desejo de ver o trabalho na rua não me vencia a repugnancia em tratar com estes homens.

Ontem á noite, porem, o Salvio chamou me ao telefone: então o que ha? perguntou; você já falou com o Joel? Eu desculpei-me conforme pude mas ele insistiu que era necessario não esquecer, etc. etc. e acrescen tou que já falara com o Joel pelo telefone e o avisára do caso.

Hoje, de manhã, foi o Menezes que me chamou telefonicamente e me contou que on tem encontrára o Joel Vieira e lhe fizera o elo gio da m.ª obra e lhe pedira para ser interme diario junto do ministro da necessid.e da sua pu blicação, etc. etc. e terminou por dizer que o bri gad.º me esperava com m.to gosto, etc. etc.

Encontrei-me, pois, perante factos consumados. Tinha que ir falar com o Joel Vieira; o caso já ~~era~~ estava em pontos de não po der recuar decentemente.

Depois de consulta telefonica, lá fui ás 3 h. da tarde ao Minist.º da Guerra, falar ao brigad.º Joel Vieira que eu conheci vagam.te em tempos idos. Recebeu-me m.to amavelmente, disse-me que já sabia do que se tratava e tinha o maior desejo e empenho em me ser util. Conversámos; eu expuz-lhe o plano da obra resumidamente; ele ouviu com atenção e sinais de interesse.

O Joel Vieira passa por pessoa seria no consenso de gregos e troianos; deve ser creatura de intelig.ª vulgar; dedicado, porem, pela profissão em que sempre foi considerado e bemquisto e em que afirmou qualidades de caracter. Creio que nunca teve qualquer interferencia na politica ou por temperam.to ou por calculo e manteve-se sempre com ~~la~~ lealdade perante as muitas mutações que o país tem visto.

Esgotado o assunto, o brigad.º disse-me que a maior dificuld.e seria apanhar o ministro, e entendia que eu deveria expor-lhe o caso abertamente pois estava certo que ele dar-lhe-ia solução. E como ele, Joel, tambem necessitava falar com o ministro, iria saber pelos ajudantes qual o programa do

dia para se estabelecer "o plano de ataque..." E saiu.

Fiquei amodorrado numa poltrona filosofando acerca da m.ª situação. Estava lançado num plano inclinado e já não era possível travar a descida; e pensava que o difícil seria não cair... Quem me mandou a mim condescender com os dois condiscípulos?

Passados uns 20 a 25 minutos voltou o Leripas com ar alegre e desfechou-me logo:

— Viémos parte! Ao chegar ao galinheiro dos ajudantes, entrava o ministro que felizmente é excepcionalmente não vinha com pressa. Expus-lhe um caso de que ele me encarregára e disse-lhe que V. estava aqui e lhe desejava falar a propósito do seu trabalho...

E dirigindo-se p.ª uma porta acrescentou com o mesmo ar amável:

— ... e está á sua espéra.

Não tive tempo de qualquer observação; o Joel Vieira abriu a porta e eu vi, ao fundo do compartimento, o Abranches Pinto levantar-se da secretária e com cer-

lá fresteira, vir ao meu encontro. Estava, pois, agarrado...

Passados os cumprimentos que, da parte dele foram m.to afectuosos, mandou-me sentar numa poltrona, sentou-se ao lado em outra e disse-me com o melhor sorriso:

— Então o meu coronel o que deseja de mim?

Eu expus-lhe o caso desde a sessão em casa do Saturio, e de novo fiz um resumo do trabalho sobre o Saldanha que ele ouviu atentamente e concluí por lhe dizer que se ele resolvesse á Comissão de Hist.ª Militar a verba precisa, eu poderia publicar a obra.

O Alexandrino Pinto, passou a mão pela cara; estêve uns segundos em silencio; e depois olhando fx. mim com vago sorriso:

— Oh meu coronel, não me fale em verbas!... As verbas são o meu calvário, e a Contabilidade...

E com um gesto de desalento concluio:

— ... Temos um ministro doido! Não calcula V... o que são as contabilidades!...

Eu vim de ouvir calado a explosão do ministro que naturalm.te se sentia apertado nas malhas dos regulamentos da Fazen-

da Bublica e não podia aplicar o dinheiro do seu ministério onde melhor parecesse; e calculei que a m.ª deligencia foi inutil.

Mas não. Depois do desacato, o Abranches Pinto disse-me afavelmente:

— O caminho será outro... Conhece o Barros Rodrigues?... esse é que tem verbas de que pode dispôr p.ª publicações... o caminho é por aí.

Como eu dissesse q. não conhecia o gen.al B. Rodrigues, respondeu-me que isso não importava, que o procurasse em seu nome e lhe expuzesse o caso, que seria m.to bem atendido, etc. etc.

Não me estava a agradar muito a solução; não sei se ele mostrou qualquer coisa no meu silencio e na m.ª expressão porque a certa altura levantou-se, foi direito á secretária, pegou no auscultador do telefone e mandou ligar p.ª o Estado-maior do Ex.to

— Vamos resolver já o assunto...

Feitas as ligações, apareceu do outro lado do fio o Barros Rodrigues. De cá, o ministro disse que me mandava falar com ele e mostrou desejos de ver a obra publicada; teve palavras amaveis p.ª mim e es-

parara que o assunto ficasse solucionado como devia. Até. até.

Poisado o auscultador, disse-me com amabilid.e:

— Aqui tem V... o caso resolvido o melhor possivel. E creia que tive m.to gosto em lhe poder ser util, até. até.

Trocámos-se as palavras do estilo em tais casos, apresentei os meus agradecim.tos e ele veio até á porta do gabinete, porta que não fechou nem eu atravessar a antecâmara e abrir a outra porta e nem eu fazer a ménia do estilo ao fechar.

Fui despedir-me do Joel Vieira que também me acompanhou até á escada exterior do ministerio e esperou q. eu chegasse ao patamar fz. nova ménia protocolar.

Desci a escadaria, encontrei-me na darcada e olhei fz. o Tejo onde voávam bandos de gaivotas. Parei um bocado como quem quer reunir impressões...

O que se passou deixou-me atónito e suspeitoso. Como ~~como~~ é que se explica esta atitude dos homens da actual situação deante dum inconformista reincidente como eu? E agora, em que posição fico eu perante

esta gente se na verdade o meu trabalho fôr publicado? Certos pensamentos surgiram e, francam.te, não me sinto muito bem com a m.a consciencia.

Porque tenho de confessar que os homens, e em especial o ministro, não me fizeram objecção de qualquer especie e deram até a impressão de que eu era creatura de pêso na actual balança politica. Reparei até que o Alexandres Pinto quando eu explanava o plano da obra e lhe dizia que não sabia se as m.as ideias acerca do valor de Caldanha seriam as verdad.s, teve esta frase acompanhada de gesto vago:

— Nós todos sabemos as ideias de V.ce... Frase que eu fingi não ouvir para evitar explicações.

Emfim... Agora, deverei eu recuar? Não será o recúo uma desfeita?

Irei ao Barros Rodrigues como se continuou. E então veremos mais fundam.te o problema de consciencia.

Porque, afinal, eu tenho que confessar que, se publico As ideias militares do Marechal Caldanha, foi porque os homens do 28 de Maio assim o quizeram — com a agra-

vante de me não pedirem nada em troca. E depois, ainda por cima, a ideia partiu de dois monarquicos, um dos quais velho partidario do Paiva Conceiro...

Janeiro: 11.

Fui hoje ao Museu Bordalo Pinheiro, ao Campo Grande, p.ª conhecer a sua directora D. Julieta Ferrão a quem prometera, ha muito, uma visita.

Encontrei uma senhora com aspecto relativam.te fresco apesar dos seus 52 anos bem contados; buço pronunciado de que parece não se envergonhar; gorda de mais para a altura que está abaixo da normal. O traço caracteristico, porem, é o olhar, de grande vivêra, de certo fulgôr até, que brilha por de traz duns oculos grandes, em certos momentos da conversa em que é, diga-se, interessante.

Fiquei com a impressão, no fim de quasi duas horas de palestra, de que é creatura muito positiva, pão pão, queijo queijo, destituída de romantismos feminis. Pode ser que me engane, mas é possivel que seja assim, tanto mais que na conversa dá certo tom imperativo ao que diz, não direi dogmatico,

mas de modo seguro, como de quem não admite duvidas.

É' pessoa simpatica, embora aparente certa rescura de maneiras, possivelmente derivada do seu modo de vida, sofre a lidar com varias especies de homens, uns autoritarios (como agora) outros mal educados e outros ainda com laivos dom-juanescos - como é proprio de portugueses.

A conversa versou acerca de variados assuntos: Rafael Bordalo e as suas relações com meu tio João Caet.º, no Brasil; gravura em madeira e meus tios gravadores; as especies raras de Bordalo, de que tenho algumas em Coimbra; etc. etc. — até que se caiu no Reis Santos, actual Director do Museu Machado de Castro.

Disse a sua impressão acerca dele, de quem foi condiscipula nos estágios para director de museu e com quem mantem as melhores relações. É' paleador em assuntos de pintura, especialm.te da antiga; é estudioso e procura cultivar-se; mas tem o defeito grave de se considerar um dos raros paladores de assuntos artisticos em Portugal e de, em materia de opiniões, ser só ele a

ter direito a da-las e, por consequencia, ser a opinião dele a unica acitavel.

Constou tambem que a vida dele tem sido dificil, sem rumo certo, em parte devido a não ter grande feitio p.ª se governar. Quem lhe tem valido ha muito, tem sido o banqueiro Ricardo Espirito-Santo, creatura com periodos de mecênas, mas outros de autentico banqueiro... E assim, cançado de ajudar o Reis Santos ao qual, nos ultimos tempos, ora si ajudava a viver, valeu-se da sua influencia de argentário e recorreu ao Salazar para uma colocação do desgraçado, verdadeiram.te com a corda no pescoço.

Surgiu então a ideia da vaga aberta no Museu Mach.º de Castro; e contra a influencia do Reinaldo dos Santos a quem o ministro da Educação queria mostrar má vontade, abriu-se um concurso sui generis, ora si á capucha, e tudo correu ás mil maravilhas... Em um abrir e fechar de olhos, o Reis Santos encontrou-se director do Museu de Coimbra e o Ricardo Esp.to Santo livre do empecilho que lhe desviava uns coleres dos seus "quadros" orçamentos. E o ministro, ao mesmo tempo, com esta cajadada, ma-

ve dois prazeres: dar um quinán ao Reinaldo dos Santos ao qual ha pouco quiz instaurar processo por causa dum discurso pouco respeitoso p.ª com ele; e fazer uma partidinha ao P.e Nogueira Gonçalves cujo irmão, Inspector Primario, não se tem mostrado docil as prepotencias ministeriais.

Enfim, foi um bôdo...

E a D. Julieta ainda acrescentou que este episódio que poz em fóco o Dr. Reinaldo dos Santos e o Luis dos Reis Santos, fez com que a graçola nacional os classificasse logo de "Santos — o velho" e de "Santos — o novo".

Eram quasi 5 horas, hora de fechar o Museu e eu saí satisfeito com a conversa e com uma rapida visita ás instalações q. D. Julieta tem mantido com amôr de artista e dedicação hoje rára.

Prometi voltar.

Janeiro: 12.

Foi hoje a entrevista com o general Barros Rodrigues, consequencia da conversa com o ministro no dia 9. Fui a casa dele, conforme o combinado, num 5º andar

da armada de Guerra Junqueiro, com en-
trada triunfadora. Recebeu-me muito
afavelmente, disse que na ante-vespera, na
ida a Pancas com o ministro, falaram so-
bre o caso e que estava ás m.as ordens ...

Sentados em boas poltronas, ele ou-
viu-me atentam.te numa larga exposição
da obra. Dei-lhe uma ideia do que ela era,
fiz-lhe ver q. a figura de Saldanha anda-
va m.to mal compreend.a como chefe mili-
tar e que encarada como eu a encarei
dava um novo Saldanha, etc. etc.

. Ora eu sempre vira o Barros Rodrigues
como uma especie de Conselh.o Pacheco do
exercito; homem de enorme talento reve-
lado pelo silencio... Varias vezes indigi-
tado ministro da guerra, mas nunca acei-
tou porque os seus planos eram superio-
res ás possibilid.es politicas e financeiras do
Estado. As suas opiniões sobre assuntos
militares eram profundas, mas nunca se
soube quais eram ... Como Chefe do Estado
Maior General parece que não teve passado
do expediente, apesar de se dizer, quando
foi nomeado, que se ia ver o immenso ta-
lento do homem.

Com estas impressões anteriores não me admirei de ele me ouvir, amavelmente, é certo, mas sem qualquer espécie de reacção. Eu, de mim p.ª mim, dizia: não ha duvida! cá está o Pacheco, o immenso talento do Pacheco!...

Quando terminei, falou então: que me ouvira com o maior interesse e se me não interrompeu foi porque via que estava a ouvir como que uma lição; que eu lhe déra novidades acerca da acção do marechal e que ficára ainda mais empenhado na publicação da obra. Porem, o que a ele dizia respeito, era o problema da forma de publicação — e passou a expôr-me as tres modalidades que pelo regulamento dos Fundos de Instrucção do Ex.mo se apresentavam aos autores nas m.as condições.

Uma era a entrega pura e simples do original p.ª o Estado-maior publicar por sua conta e como entender. Esta, disse, está fóra de causa. Outra era a entrega de um subsidio sufficiente, condicionado á subscripção de o autor dar o n.º de exemplares necessarios p.ª as bibliotecas militares. A 3.ª era a compra desde numero de ex.

empregados pelo preço por que os outros se venderam ao publico.

Eu ouvi com atenção e pareceu-me parecer que a 2ª. modalidade seria a preferivel pois compreendi que o subsidio seria quasi correspondente ao preço da obra. Achei, francamente, muito e só dei por isso, já na rua, quando parecia qual subir novamente ao 5º. andar (embora o excelente elevador) p/ confirmação.

No entretanto, vim de lá com pouco atordoado com a aparente facilidade da publicação e talvez obedecendo áquela formula latina que diz ser facil acreditar naquilo que se deseja.

E ao mesmo tempo com quasi identica impressão á recebida na conversa com o ministro: como disse encontrei em tanta facilidade, tanta amabilidade e tantas mostras de apreço? Ao dar uma volta pelas novas ruas do bairro, pensei qualquer coisa de estranho q. me não deixava pensar com clareza no problema.

O que pairá de tudo isto? Vou pensar com vagar, pois é tudo tão estranho que a cabeça quasi que anda á roda.

E o mesmo problema de consciencia se mantem. Que deverei, afinal, fazer?

E para saber porquê, tenho a mesma impressão, como pressentimento, de que tudo isto virá a dar em nada.

Janeiro: 13.

Ontem á noite, depois do jantar, fui a casa da filha do Ferreira Lima. Pelo telefone disse-me que me queria falar — e eu lá fui e sempre emocionado ao entrar nas salas em que tudo ainda nos fala e grita do bom e querido Amº desaparecido.

Tratava-se dum pedido dum escritor belga, respeitante a certos individuos que viveram na Belgica com Almeida Garrett; e lembrou-se de que no espolio do Ferreira Lima poderia haver quaisquer indicações. A Maria Lina não encontrou referencias e desejava saber se eu as teria nos verbetes — pois sempre ouvi dizer ao Pai coisas extraordinarias e quasi misteriosas a respeito deles... Fiquei de estudar o assunto em Coimbra, quando regressasse.

Depois, a conversa caiu, como não podia deixar de ser, na garrettana e na ida

ou não ida dela para a Facult.e de Letras de Coimbra. Mostrou-me umas cartas do dr. Costa Pimpão um pouco exquisitas, cartas que tratavam do assunto e denunciávam certa dose de máu humôr e impaciencia, aliás justificados.

Na verd.e a Maria Lina, com o seu equilibrio mental bastante abalado, indecisa, dizendo uma coisa hoje, contrariando-a amanhã, sempre numa constante incertera, leva qualquer creatura que não seja amiga como eu e compassiva p.a com aquela infelicidade, a ficar mal humorada e pouco paciente.

E' o que, creio eu, acontece com o professor Costa Pimpão — que já anda aborrecido de tanto "dize tu, direi eu" sem conseguir qualquer coisa concreta. E depois, o Costa Pimpão não me parece pessoa de solidas bases educativas, se bem que na aparencia mantenha as regras mais corteses.

Eu não sei o que lhe hei-de dizer; contemporizo, tanto quanto possivel, porque o seu estado de espirito não está para comoções de certa ordem e menos para decisões definitivas.

Que se ha-de fazer?... Isto tudo quasi por nr.ª causa. Quem me mandou meter em cavalarias altas? E demais a mais com a Faculd.e de Letras!...

Salva-se, porem, a intenção.

Janeiro: 31.

Ha perto de duas semanas metido em casa, constipado, ameaçado de "grippe" e receoso do mau tempo.

Esta Lisboa, mau tro tempo tão ameno no inverno, está apara como outra qualquer terra agreste e desabrida. Os ventos do 28 de Maio que teem feito tanta transformação não foram capazes de fazer voltar Lisboa á velha amenidade...

Mas chega o Poder para tudo.

Depois de muitas audanças, sempre vem um aumento ao funcionalismo, um aumento pequeno, de dez por cento, mas de qualquer maneira, aumento.

O Parlamento nacional tomou conta do assumto tão discutido e contam-se variadas anedotas mais ou menos picarescas. Sobre toda a serie de facécias, arquivo aqui

nas uma versalhada que se poderá cantar com a musica do hino de Fatima, conhecido pela abreviatura de "a miraculosa."

Leis a parodia:

« Oh miraguloso
Antoninho da Estrela,
Sob o teu manto
Tecido em S. Bento,
Faz com que a gente
Veja sem lente
O rico aumento
Dos dez por cento ... »

Aqui fica pelo mesmo preço por que o ouvi. Parece-me, porem, que a reprodução não será exacta. Aqueles tres primeiros versos, sem rimarem, estarão certos?

Aí fica p.ª a Historia.

Fevereiro: 3.

O Cristovão quiz hoje levar-nos até Vila Franca de Xira, para ver a nova ponte sobre o Tejo que ha um tempo p.ª cá constitue a condensação da pasmaceira lisbonense alem de ser o tema de todas as exaltações do sistema

que actualmente, e para felicid.e de nós todos, nos rége e... regerá.

A ponte é, na verd.e, uma boa obra de engenharia, têm certa elegancia de linhas e deve ser de utilid.e não só (e principalmente) para a região como também f.a facilitar as comunicações entre norte e sul. E compreende-se que os actuais homens do governo fizéssem o barulho que fizeram a-propósito da inauguração — pois se têm colhido louros de obras dos outros, com mais razão e mais justiça devem colher os das suas.

No caminho, via-se grande quantidade de carros, quer indo quer vindo, num cortejo que demonstrava bem que a pasmaceira continuava. Lá, a acumulação de viaturas era enorme e uns poucos de polícias de trânsito regulavam o movimento. Era quasi uma parada de forças... nacionalistas.

Enfim, não desgostei de ver a obra; está bem lançada, é ampla e tem certa imponencia. Mas... que demonio! sejamos mais modestos e mais dados ás proporções; o barulho que se fêz não seria apenas politica e poeira aos olhos dos incautos? Movimentou-se meio-mundo e o

outro meio abriu a bôca de pasmo e soltou varios oh! oh! de admiração. Era necessario mais este têma para as costumadas variações de exaltação.

Fevereiro: 5.

O dr. Ant.º Mesquita de Figueiredo solicitou-me um encontro p.ª uma explicação curiosa. Lá fui á hora marcada á Livraria Portugal, rua do Carmo.

O Mesquita de Figueiredo publicou ha algum tempo um opusculo intitulado A caverna dos Alquéves, aros de Coimbra no qual se refére a trabalhos arqueologicos do Vergilio Correa não só no sentido geral como no que respeita áquela caverna. Ofereceu um exemplar ao P.e Ant.º Nogueira Gonçalves o qual, agradecendo em carta, estranhou as referencias ao Vergilio e acrescentou que os amigos que conservam o culto do falecido arqueologo sentiram-se feridos e magoados pela injustiça.

Ora o Mesquita de Figueiredo, perante isto, sentiu a necessid.e de me expôr o caso e fazer uma especie de confissão geral a respeito das suas relações com o Vergilio Cor-

reia, relações que datam dos tempos em q. este estudava em Coimbra, ha mais de 40 anos. Estas relações nem sempre foram boas, periodo houve em q. se deixaram de falar; e o Mesq.ta de Figueiredo relatou-me episodios desagradaveis em que o Vergilio se portou com menos dignidade.

Já não sou capaz, aqui, de os encarreirar; confesso q. o movimento da livraria que me ia distraindo por bocados, fez com que a atenção que prestei não fosse completa — e assim me ficasse somente um rosario de queixas contra o Vergilio, rosario um pouco confuso que me ia aturdindo e desgostando.

E' certo que nunca tomei o Vergilio por creatura impecavel nas atitudes; até bastante pelo contrario. Nestas m.as notas devem ficar muitas provas disso; mas a verdade tambem é que é desagradavel estar a ouvir tão larga serie de acusações contra um homem afinal de valor, que deixou nome em varias secções de estudos e era, pessoalmente, simpatico. A certa altura da exposição de queixas eu senti-me aborrecido; mantive-me cortezmente até q.

o Figueiredo concluiu com esta frase com que pretendia explicar o passo do opusculo que mandou o P.e Nogueira:

— Aqui tem o meu pobre Am.o os motivos que me levaram a escrever o que escrevi. Não me julgo com obrigação de lhe fazer louvores como homem e também de o exaltar como homem de ciencia. E até creio q. fui benevolo...

A hora ia adeantada e eu fiz menção de me retirar. E na verd.e despedi-me impressionado com a conversa.

Terá o M. de Figueiredo completa razão? E' possivel q. não seja completa; infelizmente, porem, fe-la-ha em grande quantidade.

O P.e Nogueira Glz. não conheceu intimamente o Verg.o Correia; só viu a parte feição de arqueologo e de critico de arte e não as suas qualid.es de homem vulgar.

Aquelas, á parte certos erros naturais nesta especie de trabalhos, eram brilhantes; estas deixavam, realmente, a desejar.

Eu gostava dele, embora reconhecesse os senões. Compreendi, por isso, a catilinária do Marquita de Figueiredo, mas sai inco

rodado da Livraria Portugal. Não sei bem porquê, mas a verd.e é que sai incomodado. Coisas da vida.

Fevereiro: 7.
Coimbra.

Regressei hoje a casa, depois de quase mês e meio de Lisboa.

Faz sempre bem o reentrar no seu ambiente, embora muitas vezes ainda necessidade de fugir.

Contradições da vida que nem todos compreendem e eu mesmo não percebo.

Março: 1.

Outrem prestou-se aí ao general Manuel Tofinho q. comanda a Região, uma espectaculosa homenagem por motivo de ter apanhado com a grã-cruz de Aviz.

A Região, toda, isto é, os seus oficiais e graças subscreveram fr.a a compra das insignias que outrem lhe foram oferecidas em solene sessão a q. compareceram autorid.es civis e universitarias sem faltar o bispo, é claro, em lugar especial, como é de uso e costume ha um tempo a esta parte.

Estas homenagens publicas por dá cá aquela palha foram insinuadas ou aconselhadas ha m.to pelo Santos Costa, para assim procurar convencer a socied.e civil do valor dos generais ou comand.tes de regimento e do respeito, consideração e admiração em que são tidos pelos subordinados. E deste modo se arranjam subscrições p.a insignias ou p.a um retrato solene, de mistura com sessões em que se elevam aos pincaros os meritos de todos os que apanham um gráo de Aviz ou medalha de comportamento...

Enfim, são os processos usados por quem não tem mais razões p.a afirmar o valor dos seus homens; é necessario atroar os ouvidos do publico com mentiras para manter a chama sagrada da ditadura.

Ora hoje fui ao Museu Machado de Castro para, finalmente, agradecer ao Luis dos Reis Santos os cumprimentos q. em Julho do ano findo ele me fêz na Livraria Gonçalves como creio ter aqui relatado na devida altura.

O homem recebeu-me muito bem e chegou a dizer, com a voz pastosa e desagra-

daqui que «o Museu e ele, director, se hou-
"raram muito com a visita ... »

Levou-me fº o seu gabinete e aí expoz-
me o plano de organização do museu que ou-
dara, disse ele, muito ao Deus dará ... Fa-
lou-me em salas de biblioteca, de leitura,
de conferencias e ainda em salas de homena-
gens ao A. A. Gonçalves, ao Bispo Bastos
Pina e ... á rainha D. Amelia!

Como a visita era de cerimonia, não
fiz qualquer reparo a esta ultª homenagem.
Guardarei os meus reparos fº outra oca-
sião. Mas o homem vai na onda dos tur-
bularios da rainha jesuitica.

Anunciou-me a proxª organização
do "Grupo de Amigos do Museu" e alar-
mei logo que eu estava na cabeça do rol.
Fiz um gesto vago de indiferença q. não
sei se ele percebeu.

Mas de toda a conversa, um traço sa-
liente que notei foi o do dogmatismo das
suas opiniões, traço que não esconde e q.
me veio confirmar a opinião que dele me
deu a D. Julieta Ferrão, ainda ha pouco, em
Lisboa. Debaixo de certo modo melifluo,
não esconde o tom dogmatico das suas opi-

nuações e acompanha-o sempre com gesto afrofriado.

Deixa-lo lá com tal feitio.

Encontrei no Museu o João Manuel Oleiro, com ares de dono, se bem que, comigo ele não levanta muito a grimpa. Disse-me q. contava ser nomeado conservador efectivo, muito em breve — mas sempre com o ar misterioso e dubio.

Enfim, nada de falsos testamunhos; mas os dois estão talhados p.ª parelha.

O tempo dirá alguma coisa.

Março : 5.

Travei hoje relações com o P.e Aurelino de Jesus da Costa, do seminario de Braga, licenciado em Letras por Coimbra e assistente na mesma Faculdade.

Foi o caso que o Cesar Pegado, ha dias, na Bibliotheca, apresentou-me uma rapariga que se prepara p.ª o acto de licenciatura em Letras chamada Maria da Gloria Fortunato, a qual vai casar com um sobrinho daquele. Esta rapariga prepara a dissertação p.ª o acto que vai fazer brevé e por conselho do P.e Aurelino escolheu p.ª assunto o 3º marquez de Alor-

ma, D. Pedro de Almeida, considerado como organizador militar.

Ora a futura licenciada viu-se embaraçada quando notou a sua falta de preparação p.ª expôr o assunto principal; e o dito P.e Avelino agravou o embaraço com o empréstimo de um caderno manuscrito com cópia de 5 cartas inéditas do marquês, dirigidas ao Príncipe real D. João, entre 1797 e 1799, sobre assuntos de organização militar do país e política internacional. A sua vontade seria recusar tal ~~xxx~~ têma, mas receiou desagradar ao professor, bem como ao dr. Manuel Lopes de Almeida que será o **arguente** no exame e que também a incitou a tratar o assunto proposto.

Foi então que, perante os desabafos da rapariga ao Cesar Pegado, este se lembrou de recorrer á minha magnanimid.e em tais casos e solicitou-me todo o auxilio quer em dados bibliograficos quer, profriamente, em lições relativas ao valor do marquês como organizador militar, ao ambiente militar do tempo, etc. etc. etc.

A licenciando veiu ái umas duas vêzes já; é simpatica e parece-me inteligen

te e menos mal orientada; expor-me as suas duvidas, as dificuld.s que encontrou e a grande vontade de tratar de tal tema, muito fóra dos seus conhecim.tos e da sua preparação universitaria.

Preleccionei, então, largamente acerca do ambiente m.al dos fins do sec.º XVIII, da influencia dos estrangeiros que vieram estruir organisadores, etc. etc. e com auxilio dos meus verbetes, dei-lhe copiosa bibliografia e emprestei-lhe uns livros que a Bibliteca da Universid.e não tem e até uns trabalhos meus em que ha referencias ao tempo e aos problemas.

Parece que ela referiu as conversas ao d.º P.e Avelino Costa. Hoje, indo eu á Faculdade de Letras, ao "Instituto do Dr. Art.º de Vasconcelos", encontrei lá um padre, sentado a uma mesa e rodeado de livros. Homem baixo, magro, aspecto nervoso e algum tanto bilioso, com olhar m.to vivo, com quem trocei as saudações do estilo.

Ao ouvir o meu nome, proferido pelo funcion.º que estava no compartimento, o padre levantou-se e veio para mim amavelmente, dizendo o seu nome. Seguiram-se

os cumprimentos habituais em tais casos e a conversa caiu no ponto que naturalm.te nos aproximou: o marquês de Alorna e a D. Maria da Glória Fortunato.

Nota-se logo no padre, certa riqueza de inteligencia; a exposição é clara e animada; e parece possuidor de vasta cultura histórica, especialm.te medievalista. A conversa, a certa altura, parecia de dois velhos conhecidos e quando se aproximava a hora duma aula, abriu a pasta, pux ou dum opusculo, escreveu qualquer coisa e ofereceu-me...

Era uma separata: Relações de D. Afonso V com Castela e Aragão em 1460 (No V centenario do nascimento da Princesa Santa Joana), na qual fêz uma amavel dedicatoria assinada.

Aqui estão as minhas boas graças dum padre que deve ser pessoa de categoria nos circulos eclesiasticos!... E não se despediu sem me mostrar as salas do Instituto do Dr. Ant.º de Vasconcelos depois do que me acompanhou até á escada.

O homem é, na verd.e, interessante e na conversa foi sempre da maior correcção, limitando-a aos assuntos históricos, sem

(como muitos fazem) deixar transparecer qualquer parcialidade.

Seria sincero?

Autorizou-me a ler o mss. das cartas do Alorna que ele diz vai publicar muito em breve — e deixou-me, afinal, uma impressão agradavel.

Março: 14.

Mandei hoje, para o Barros Rodrigues, os orçamentos relativos ao trabalho acerca do Saldanha. Que cára fará ele?

Os 500 exemplares importam em 34 contos; os 750 em 41. Não fará ele má cara a tanto dinheiro?

Ora hoje, á tarde, os sinos da Universidade dobráram, anunciando morte de professôr. Daí a ½ hora vim a saber q. morrera o dr. Gumersindo da Costa Lobo.

Surprehendeu-me bem triste. Não o sabia tão doente. Estimava-o muito e a noticia fez me impressão.

Era relativamte moço. A saude precária é certo, mas não imaginava tão proximo o seu fim. E afinal, no progresso ambiente em

que me movimento, esta morte produz certo vácuo. Habituei-me á sua convivencia cheia de amizade e atenções e nas proximid.s da velhice isso tem importancia sentimental e afectiva.

Enfim. Continua o cemitério a encher-se. E continuará.

Março: 15.

Foi hoje o enterro do Gumersindo da Costa Lobo. Muita gente e da boa e de todas as classes. Havia em todos uma expressão de desgosto sincero.

O reitor da Universid.e, Maximino Correia, leu umas palavras no cemitério, a seguir ao dr. Ferraz de Carv.o, presid.te de O Instituto; entre outras frases de louvôr, disse esta: «Passou a sua vida sem dizer mal de ninguem...» — frase que parece um tanto ridicula mas q. é verdadeira, perfeitamente verdadeira.

Ora no caminho p.a o cemitério e, lá em cima, enquanto esperáva pelo acompanhamento (porque tomei um taxi) tive por companh.o o velho amigo Alvaro Viana de Lemos. A conversa, a certa altura, cahiu

no Museu Mach.º de Castro e no seu director Reis Santos. Veio á baila a projectada sala de homenagem á rainha D. Amelia, que parece o Reis Santos teima em organizar no Museu, sem uma unica razão de ser mas f.º corresponder ao ambiente politico.

O Viana de Lemos, então, começou a recordar os tempos em que auxiliou o Borges Grainha, no Colegio de Campolide, em 1910-1911, na arrumação e inventario de toda a papelada dos jesuitas que, surpreendidos pela proclamação da Republica, não tiveram tempo de levar ou destruir. E foi então a lembrança de certas cartas do provincial de Portugal f.º Roma a respeito do Bispo-conde de Bastos Pina, que, segundo elas era o unico estorvo á acção dos jesuitas no bispado, por mais pressões que exercessem desta ou daquela forma. Queixavam-se até de que o d.º bispo-conde era dos raros prelados portugueses que contrariavam os trabalhos da Companhia.

A vinda da princesa D. Amelia de Orleans f.º Portugal, descipula querida dos jesuitas veio, foram, modificar o ambiente. Pelas cartas, via-se que a Companhia con-

tava com ela — e não se enganou como, em regra, se não engana.

Coincidiu, então, a campanha, com os desejos do bispo-conde em ser protector das Artes e ficar na historia como bispo magnanimo e magnifico. Isto tem muito que contar e é um caso muito curioso que talvez um dia deixe escrito. O certo é que a rainha soube aproveitar o lado fraco do bispo; conheceu-lhe a vaidade ou os jesuitas lha disseram; começou a auxiliar, com verbas que arrancava aos ministros, as escavações na Conimbriga, a organização do chamado "Museu das Pratas" ou "Tesoiro da Sé", e, principalmente a restauração da Sé Velha — sonho de Antº Augusto Gonçalves q. o bispo quiz levar a cabo.

A rainha abriu brécha, com os seus sorrisos e afabilidades, no liberalismo ou anti-jesuitismo de D. Mel Corrêa de Bastos Pina; este deixou-se ir abaixo e a Companhia encontrou o terreno livre.

A serie de docum.tos arquivados e inventariados pelo Borges Grainha com o auxilio do Viana de Lemos não deixava a menor duvida — como não deixava, tam-

bem a maneira dúvida a acção externa e profunda da rainha D. Amelia por conta da Companhia, minando as atitudes liberais do marido que parecia detestar os jesuitas.

E o Alvaro Leitos concluia:

— Quem sabe se o D. Carlos não casasse com aquele estrangeiro, a Republica se proclamaria... D. Carlos não se aguentou com os reaccionarios, apesar de todos os estímulos liberais.

Enfim... a conversa, f.ª mim, foi instrutiva. Eu tinha a noção de q. a rainha era agente da Comp.ª e de que a ela se deve o renascimento do ultramontanismo em Portugal; mas com aquelas particularidades é que eu não alinava.

E aqui fica.

Março: 16.

O Costa Rodrigues, secret.º geral, disse-me que o Nuno Simões lhe mandara pedir f.ª distribuir por certo num.º de individuos de Coimbra um apelo f.ª colaboração numa edição especial de certa Ilustração Brasileira, do Rio de Jan.º, dedicada ao intercambio luso-brasileiro.

A eterna chuchadeira do intercambio luso-brasileiro!

O apêlo, contido num pequeno folheto m.to bem impresso a côres, é m.to vago.

Não percebo bem o q. eles querem. E o Nuno Simões recomendou ao Costa Rodrigues que me mandasse um exemplar desse vago e confuso apelo.

Vou pensar. Mas parece-me que terei de os mandar á fáva — ao Simões e ao intercambio...

Março: 17

Escrevi hoje a seguinte carta ao João de Barros a quem estão prestando uma serie de homenagens creio q. promovidas pelo Joaquim Manso e amigos mais intimos:

«Ex.mo e Pres.do Amigo:

«Não sei se ainda se recorda do velho "condiscipulo do Licen de Coimbra que esta car-"ta lhe escreve.

«Quiz ir ontem á Figueira confundir-me "com a multidão que o haveria de rodear; a "a saude não me deixou nem o tempo consen-"tiu que fizesse numero como admirador e

"amigo insignificante. Teresa, Dr. João de
"Barros que, desde a Miniatura e do Pomar
"dos Sonhos até ao Flontem, Hoje, Amanhã o
"têm seguido com interesse compreensivo.

«Por isso e por o não poder fazer pessoal
"mente, consinto que da m.ª obscuridade lhe
"mande um abraço comovido; e peço que
"me conte como velho am.º e admirador at.º
"e grato,

«(a) B. — S. — .»

As homenagens parece que estavam p.º
ser maiores. O Estado Novo, porem, por cer-
tos entraves com receio de afirmações poli-
ticas.

Março: 22.

Recebi hoje pelo correio um cartão im-
presso, assinado pela direcção diocesana da
Liga Católica, com um aviso p.ª a desobriga
colectiva dos homens católicos, que se deve
realizar na Sé Nova, amanhã, com a pre-
sença do bispo.

Quem se lembraria do meu nome? O
aviso é a sério ou é ironia dalgum gracio-
so de mau gosto?

Março : 27.

O coronel Alberto Faria de Morais, actual director do Arquivo Histórico Militar, pediu-me há pouco tempo certas indicações respeitantes a um individuo de Agueda que combateu nos prim.os anos da Guerra da Restauração e foi casar a esta vila em 1653.

Fui ao Arquivo da Universid.e e lá encontrei, não sem dificuld.e, certas indicações a respeito do homem — indicações que enviei ao cor.el com carta explicativa e comunicada. Ele agradeceu muito, com palavras até bastantes melifluas, no genero academico; e na carta que hoje recebi propõe-me apresentar na prox.a reunião da Comissão de Hist.a Militar, a publicação num volume só do meu Catálogo e Sumario dos Mss., para melhor consulta e, diz ele, homenagem ao meu trabalho, etc. etc.

Vou-lhe dizer q. aceito. Já o Ferreira Lima falára nisso; e o Cesar Popado, da Biblioteca da Universid., tambem pensou em está fazer a publicação — mas tudo sem efeito. Será desta? Diz o Povo que á terceira é sinal de fôrça...

Eu já creio pouco nestas coisas. A minha má sorte é, como no faduncho, manifesta — e será escusado remar contra a maré.

Março: 30

Amanhã, na Sociedᵉ. de Geografia, por iniciativa da sua secção de Estudos Militares, celebra-se o centenario do nascimento do general Antᵒ. Julio da Costa Pereira d'Eça.

Ha uma sessão solene em que fala o almirante Cerqueira q. comandou o batalhão de Marinha na expedição de 1915 e em que faz uma conferᵃ. o Henrique Pires Monteiro — possivelmente o iniciador e o entusiasta pela comemoração.

O Pires Montᵒ. muitas vezes me tem manifestado admiração pelo Pereira d'Eça e é de opinião de que se devem exaltar estas figuras militares que tiveram qualquer acção no país quer no sentido propriamᵗᵉ. militar quer noutro qualquer. E' muito partidario de todos os louvores que possam caber ao exercito; já me tem dito que fica mᵗᵒ. satisfeito quando vê o meu nome envolvido em noticias de Coimbra re-

lativas a qualquer acontecimento universitario ou qualquer sessão no Instituto, porque, diz ele, isso envolve uma honra p.ª a classe...

Ainda tem essa ingenuidade — e oxalá a conserve por muitos e bons...

Voltando ao Pereira d'Eça...

Nunca considerei este general como creatura digna do nome de chefe e de comemorações publicas. Sempre ouvi dizer que era um vulgar artelheiro, severo em disciplina, e notavel pela arrumação e asseio das casernas e arrecadações das batarias enquanto foi capitão e pelo arranjo e limpesa do material do regimento quando coronel. Era rude no trato, inteligencia vulgar ou talvez menos q. vulgar e como general não deixou traço que o elevasse acima da vulgaridade.

Como comand.te da coluna ao Sul de Angola em 1915 não se mostrou á altura da missão e segundo sempre ouvi contar, só se preocupava com pequenas coisas que vinham revelar o antigo comandante de bataria. Correm, até, muitas anedotas a respeito deste aspecto da sua

personalidade e é certo, mesmo mais do que certo, a tentativa de suicidio, na altura em que viu tudo perdido por causa das suas teimosias sem base.

Não me parece, pois, que seja tipo de chefe e muito menos para ser glorificado como teem feito.

São entusiasmos em q. ha um pouco de intenção de elevar a classe militar como possuidora de valores.

Adeante.

E a proposito, sempre aqui deixo uma anedota que tenho ouvido a varios oficiais que entraram na campanha e, deve dizer-se, sempre da mesma maneira — o que poderá indicar veracidade.

Antes da marcha p.ª o interior, não sei se ainda em Moçamedes, o Pereira de Eça indicou o dia em que a coluna deveria estar em certo ponto do planalto. Varios oficiais e em especial os chefes dos serviços, observaram que haveria dificuld.ᵉˢ em ter nessa data todas as munições e subsistencias no planalto; trocáram-se palavras com explicações até que o general, com um murro na mesa, desesperado pela oposição feita

aos seus planos, disse com intimativa:

— No dia tal, quero toda a coluna no planalto!

— E se não houver que comer? perguntou a mêdo o chefe dos serviços administrativos.

— Que roam na ponta dum côrno!

E fechou a discussão.

Na vespera da partida, o general passou revista ás tropas. O então capitão de Infant.ª João M.ª Ferreira do Amaral, comand.te duma comp.ª, levava no salim da montada, um par de chavelhos bovinos de cada lado, pendurados, bem á vista. O caso foi notado e perante a pergunta que todos faziam o Ferreira do Amaral respondia em voz alta:

— E' a ração de reserva do nosso General!...

Abril: 2.

Esteve hoje aí o Alvaro Viana de Lemos. Conversámos acerca disto e daquilo até que veiu á baila o Luis dos Reis Santos, director do Museu Mach.º de Castro.

E o Alvaro contou-me que ha pouco tempo, numa visita de estudantes universi-

tários ao Museu, visita incluída no pro-
grama de propaganda que ele iniciou, deu-se
o episódio picaresco seguinte:

O Reis Santos, na sala de pintura antiga
e perante uns quadros dos primitivos, fazia
a apologia desses pintores quatrocentistas e
cinquecentistas; e como especialista que é des-
se período em Portugal, teve a exaltação
a ponto de se servir deles para rebaixar a
pintura modernista actual. Ora o Reis S.tos
falava mais voltado p.a os quadros do que para
os assistentes; estes, aproveitando a posição
do prelector, iam saindo surrateiramente
sem fazer ruído — e de tal modo que no
fim da prelecção havia apenas meia-dúzia
de rapazes que ficáram a honrar o bom nº
me...

O Reis Santos quando deu pelo "vácuo,
ficou impressionado segundo contou um
dos rapazes que se mantiveram até o fim.

Razões?

Parece que a principal foi a discordân-
cia da maior parte dos assistentes com a
"careta" na pintura modernista. Mas pare-
ce que também houve uma parte de gro-
tice no caso.

Fosse como fosse, o Reis Santos devia notar que antes de se meter em grandes empreendimentos, necessitava conhecer melhor a terra, os seus costumes e as suas mezinhas e mezinhas-artes.

Assim vai sofrendo um ou outro desgosto e poderá vir a apanhar um ou outro grontafé.

Abril: 7.

Ha alguns tempos recebi uma carta de um medico de Nelas, dr. Antonio A. do Amaral Figueiredo, que não conheço e que agora está fazendo em Lx.ª o curso sanitario, ou coisa que o valha, no "Instituto Dr. Ricardo Jorge".

Por indicação do director do Instituto, o dr. Fernando Correia, dirigiu-se-me para eu lhe indicar fontes onde pudesse estudar e organizar uma monografia medica de Miranda do Corvo — trabalho que lhe foi distribuído no curso.

É isto: eu a tratando de M. do Corvo, cá estou eu p.ª dar o que me levou anos a recolher... Tive vontade de recusar-me com qualquer pretexto amavel; deixei

poreis, passar uns dias para amadurecer a resposta. O homem não tem grandes culpas, afinal; o Fernando Corrêia é que se julgou com direito a dispôr do meu trabalho.

Lá mandei hoje a resposta a um questionário ou programa oficial. Pouco, no fim de contas, informei, porque á monografia interessa a vida actual do concelho e eu da actualidade nada sei. Contudo lá disse umas coisas e dei conselhos.

O homem vai de certo ficar contrariado; o Corrêia ~~[illegible]~~ naturalmente prometeu-lhe mundos e fundos.

Que velha paciencia. Eu também a tenho — e muita.

Abril: 8.

O Cristovão levou-nos hoje, no seu novo «Morris», até Gaia, onde fomos visitar a familia Basto da Veiga. Démos a volta pela Lousã e viémos por Poiares.

Bons locais que ha 50 anos eram para mim quasi maravilhas. Percorri aqueles sitios a pé, a cavalo, em bicicleta, de deligencia á aubipa; conheço-os todos com particu-

saudades e em muitos pontos eu citei á familia qualquer episodio das minhas andanças.

Não sei se poderei dizer a classica frase: «Bons tempos!...» Não sei dizer se foram bons se maus; o que sei é que eram outros e que sobre os annos não me pesavam os annos, os desgostos e os encargos que hoje pésam.

E que bella que estava tudo — as serras, as varzeas, as matas! Que bella que é a natureza e que máu é o mundo!

Esta volta foi p.ª mim um cansaço. Passei na memoria tanto episodio! Os sitios lá estão, na verdade; mas eu dizia, como o Thomás Ant.º Gonzaga, é que não sou o mesmo...

Abril: 14.

Hoje vou passeio a Montemór-o-Velho, que o tempo nos proporcionou.

Os campos estão uma belleza. O verde joujouté dos salgueiraes, do vario arvoredo em fiadas curvas, da herva que rebenta á vontade por toda a parte — era como um constante tapête que se perdia ao longe,

abafado pela neblina da manhã. Conjunto não sei se diga maravilhoso, mas de certo impressionante.

Das muralhas do castelo, apara mais ou menos arranjado, o panorama é para recolhimento. Uma leve neblina esbatia os contornos afastados e os campos apareciam com o tom de verde muito claro, esfumados, como em certas paisagens de fantasia romantica.

Uma belera, em resumo.

Abril : 16.

A Academia Portuguesa da Historia vai a organizar a sua bibliotéca da especialidade e dirigiu uma circular ás gentes do oficio a solicitar livros que correspondam ao fim que teem em vista.

Lá mandei um exemplar dos meus pequenos folhetos históricos, que ainda assim pagáram 5$00 no correio. Pedia, no oficio de remessa, para devolverem os que entendessem que não estavam dentro das intenções dos eminentes academicos.

Vamos a ver se, ao menos, agradecem a rapariga da resposta.

Abril: 21.

Recebi hoje uma circular da Irmandade da Sr.ª da Boa-Morte que pede donativos para a compra duma imagem.

Já há dias recebi um aviso para a confissão colectiva pela Páscoa; agora nem está...

Quem é que se entretem a brincar assim com quem se não mete com ele?

A circular aí fica p.ª memoria.

Terei de fazer declaração publica de que não sou católico?

Maio: 1.

Lestêve aí o marechal Montgomery que veio tratar de assuntos que se prendem com a celebre constituição do exercito europeu.

Que ideia formaria ele dos nossos generais? e do ilustre Santos Costa?

Quando um dia aparecerem as suas memorias postumas se verá o juizo formado acerca destas celebridades.

Uma coisa, porem, notei eu através das transmissões da Emissora Nacional. Quer no almoço na Escola do Exercito quer em Mafra, ele frisou a boa impressão que

lhe deixou o nosso soldado; como homem muito habituado ao ambiente militar, ficou com essa impressão e disse, em resumo, dirigindo-se aos cadetes da Escola e aos oficiais tirocinantes:

— Vocês têm excelente matéria prima. Tudo vai depender de a saberem aproveitar. A responsabilidade é vossa se os não levarem a vitória.

A respeito de comandos, nem uma palavra... Pelo menos a Emissora, tão solicita em transmitir louvores, não nos deu a conhecer a mínima amabilidade.

Seria acaso? Será desconfiança minha? Aqui fica a dúvida.

... Concluído, Montgomery deve ter bom conhecedor dos homens.

Maio: 8

Esteve aí o escritor e jornalista brasileiro Agripino Grieco. Ouvi-o no Instituto onde fez uma palestra com o título: "Como um brasileiro vê a Literatura Portuguesa".

Falou com fluência extraordinária quase durante hora e meia; desde Gil Vicente aos últimos mortos, citou as principais figuras

MESA ADMINISTRATIVA
DA
IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE

Sé Nova — COIMBRA

Ex.mo Senhor:

Para cumprimento do superiormente estatuído em tal matéria, pesa sobre esta Mesa Administrativa o encargo da aquisição de uma nova imagem de Nossa Senhora da Boa Morte, que, destinando-se ao respectivo altar, venha a servir também nas procissões a efectuar por ocasião da costumada festividade.

Nesse sentido, procedemos já às necessárias diligências, reconhecendo, porém, que as receitas normais da Irmandade não comportam despesa tão importante, mesmo acrescidas das esmolas extraordinárias recolhidas no último ano e destinadas à festa que só por motivos alheios à nossa vontade se não realizou.

Nas circunstâncias expostas, mais uma vez recorremos à generosidade dos bons católicos, pedindo-lhes se dignem de contribuir para o fim em vista com os seus donativos, os quais serão oportunamente procurados pelo cobrador habitual, a não ser que os benfeitores prefiram entregá-los a algum dos signatários ou ao Rev.º Reitor da Sé Nova.

Com antecipados e vivos agradecimentos, temos a honra de subscrever-nos

De V. Ex.ª
M.to At.os Ven.dores e Obg.dos
A MESA ADMINISTRATIVA:

José Perestrelo Botelheiro
Manuel Fernandes Pereira
Manuel Gedeão
José dos Reis Bigotte Chorão
António Abranches Martins

Março de 1952.

Foto-Cinearte

Rua Visconde da Luz, 27-1.º Telefone 2708 COIMBRA

Retratos de Arte ★ *Foto Cópias* ★ *Laboratórios para Amadores*

CASA ESPECIALIZADA EM FOTOGRAFIAS COLORIDAS

Il.mo Sr.

.....

.....

.....

literarias, com louvores exuberantes para algumas como Camões e Ant.º Vieira, mas sempre com mostras de conhecimento exacto. A maneira de expôr, certas opiniões pessoais, algumas anedotas com que soube entremear a conferencia, fizeram com que a hora e meia passasse com encanto, sem a menor fadiga.

Para Teof.º Braga teve uma pontinha de má vontade — talvez a única em toda a noite. Ao falar do Canteiro de Flores de João de Deus, livro que classificou de amaneirado e de algum tanto prejudicial ao valor do poeta, disse que isso foi devido á admiração de Teof.º Braga e acrescentou, em voz mais baixa, que ás vezes, a admiração desse senhor foi comprometedora...

Isto, mais palavra menos palavra.

Para os brasileiros, porem, foi fertil em ironias e mesmo troças. Não poupou, até, o "meu amigo velho" Getulio Vargas. Ter sido por vezes a assistencia com as suas graças e anedotas; manteve interesse permanente nos ouvintes; e mostrou conhecimento profundo da nossa literatura, pois certos pequenos apartes não se diziam sem completo domínio do assunto.

Ao Campos de Figueiredo que o apresentou por sinal que em discurso maior do que o caso requeria, chamou "admiravel poeta, extraordinariam.te lido no Brasil. Ao Miguel Torga, que tambem estava presente, dirigiu palavras amaveis.

Foi, na verdade, uma noite cheia.

Maio: 13.

Ontem e hoje, que movimento de carros na ida e vinda de Fatima! Como a ponte sobre o Mondego não dá grande vazão ao transito, a "bicha" de automoveis de todos os tamanhos e feitios chega a atravessar a cidade. Que significa tudo isto? Para onde vâmos com esta onda de falsa religiosidade? Não ha duvida que é avassaladora esta agitação de fanatismo a que se mistura muito de curiosidade; e neste crescendo a que ponto chegarêmos nós?

E' impressionante o espectaculo. Aldeias inteiras, em regra só com mulheredo, e com o padre a dirigir, lá vão em caminhetas, a cantar lôas ao divino; familias acumuladas dentro de automoveis ligeiros, valguns dos quais se avistam creanças, lá vão tam-

bem, com aspecto de inconsciencia, sur-
portar a viagem, a noite fria, o ar agreste do
sitio... O que ha em tudo isto?

Para onde se caminha?...

Maio: 21.

Ontem o Reis Santos reuniu no Mu-
seu Machado de Castro um grupo de profes-
sores universitarios para a fundação do
«Grupo de Amigos do Museu.»

Esta iniciativa parece que é das que
primeiro o Governo pensou tomar. Quando
o visitei, ha tempo, falou-me nisso e dis-
se-me que eu estava na cabeça do rol. A
verdade é que não recebi convite nem
aviso e só pelos jornais é que vim conhecer
o resultado da reunião.

O Reis Santos deixou-se deslumbrar
pelo capelo e borla universitario; e virou
o governador civil e o bispo, os convidados
eram todos professores da Universidade;
é com estes, pois, que ele quer formar o
«Grupo de Amigos» mal sabendo que esta
especie de gente poderá formar somente
um grupo de amigos do diabo. Mas isso
é lá com ele.

O P.e Nogueira Gonçalves com quem falei acerca do assunto disse-me que a Faculdade de Letras projecta adsorver o Museu como anexo á cadeira de Hist.ª da Arte e daqui vem a assistencia que certos professores estão dando ao Reis Santos, emmudando-o de atenções que ele toma a sério. Nesta "campanha" distingue-se o Marcato de Sousa Soares secundado pelo Amorim Girão Director da Faculdade.

E' claro que se a adsorção se dér, o Reis Santos passará a ser apenas conservador do Museu, funcionario da Faculdade, como outro qualquer.

Poderá ser assim. O Tempo se encarregará de dar a razão a quem a tiver.

Maio: 24.

Morreu o jornalista Rocha Martins. Já aqui foi falado uma ou outra vêz, mas sempre quero contar um caso que me relatou o Costa Ferreira na altura em que foi ministro do Fomento — já lá vão uns 40 anos bem puxados.

Foi o caso que um dia o Costa Ferreira foi procurado pelo Rocha Martins no seu

gabinete ministerial. Levava nas mãos um volume manuscrito que disse ser uma documentada diatribe contra João Chagas; e propunha ao ministro a troca do manuscrito por certa quantia de que, no momento, necessitava ...

O Costa Ferreira não era pessoa violenta que, perante tal proposta, tomasse atitude agressiva; estava a vê-lo dizer ao jornalista que não, e a despedi-lo com amabilidade. Quando isto me contou, estava ainda indignado com a proposta e com a admiração do Rocha Miz. perante a recusa — que este parece não esperava.

O homem foi-se embora embaraçado; mas essa tal obra escandalosa creio que nunca apareceu.

Depois disto, nunca tornei a ver o Rocha que agora, com a morte, subiu a alturas onde não vejo subir a gente de caracter...

Junho: 1.

Ontem almocei no hotel Internacional com o P.e António Nogueira Gonçalves e com o secretário geral Ant.o da Costa Rodrigues.

Este almoço teve uma história curta.

O P.e Nogueira entende que o grupo que levou a efeito a celebração do centenário de António Augusto Gonçalves devia manter-se mais ou menos reunido, e continuar com uma espécie de "círculo, como em Lx.a há a «Tábua rasa» e no Porto outro qualquer idêntico. Lembrou até que o "círculo, se poderia chamar Ant.o Augusto Gonçalves embora o nome seja actualmente muito mal-soante. De conversa em conversa veio o propósito de uma reunião, em almoço, dos três indicados, f.o se lançáram bases de acção futura — acção sem estatutos nem séde associativa... mas com o propósito já concreto da aquisição dum aparo de imprensa.

Gosto do P.e Nogueira, parece-me homem sério e, como padre, dum desembaraço escandaloso. Tenho a impressão de que ele deve acreditar tanto na religião que serve, aliás com dignidade, como eu acredito. Mas, neste caso, pergunto eu que andará por de-baixo de tudo isto? Tem sido o entusiasta das reuniões, mas afinal excluiu os outros e só quer o Costa

Rodrigues e eu — excluindo até o bom do Alvaro Viana de Lemos...

Enfim, ontem lá se comeu o almoço na galaria do Internacional, com certo bom humôr e menos má disposição. O Costa Rodrigues, contou episodios que já lhe temos ouvido mt+2 vêzes; o Padre, mais sobrio, insistiu na necessidt de se crear ambiente de convivencia intelectual fóra da grosafia do cafelo e borla; e aludindo á influencia do jornalismo, citou claramente o jornal O Despertar como alvo das nossas atenções futuras. Eu, francamente, estive quasi sempre calado, comendo o menos possivel das iguarias francesas q. vieram á mesa e pensando no que Vido aquilo queria dizer...

Desconfiança?... Não sei. Quando nos separámos e eu me dirigi para casa, parece que trazia um pêso sobre mim. Não era o pêso do almoço, de que pouco gozei; era, até, certo mal estar que não comprendia e não sabia explicar.

A' despedida ficou assente novo almoço no 1º Domingo de Julho...

Junho: 12.

Ha frouco, fui ao fundo da m.ª rua, ver desfilar a procissão de Corpus. Cristi pela rua de Alexandre Herculano abaixo.

Estas procissões de agora não são como as de outro tempo, simples formalidades quasi, que se cumpriam sem aspectos reaccionarios ou intuitos espectaculosos. Estas procissões dos ultimos tempos teem um ruim a afirmação do poder clerical, bem ás claras, para que os incredulos não duvidem.

Lá ia arreiados os colégios femininos, com suas bandeiras; as creadas de servir organizadas sindicalmente; a creançada das "catequeses"; as muitas organizações clericais de S. Vicente de Paula, de S. Franc.º de Sales, de este e daquele, á frente das quais iam damas de representação social; muitos frades e freiras; etc. etc. um nunca acabar de gente submettida ao grande poderio de Roma. E no fim, atraz do palio onde ia o bispo, numa clareira distinta, o governador civil e á esquerda o general da região, um de casaca outro de grande uniforme, e muitos condecorados...

E depois das outras autoridades uma enorme massa de povo, homens e mulheres de todas as condições sociais. E tudo aquilo, desde a creançada no começo da procissão até ao povileu, tudo aquilo cantava lôas ao divino, ou rezava orações em voz alta. E uma infinid.e de padres, alguns de fisionomia que lembrava as caricaturas de Rafael Bordalo, fervilhávam pelo meio, dando os têmas dos cantos ou indicação das orações.

Grande manifestação ultramontana, na realidade.

. Junho: 16

Ontem, na inauguração dum bairro de casas baratas, o Correia Cardoso, presidente da Camara, na presença dum Subsecretario de Estado, começou o seu discurso (que foi o 1.º da solenid.e) por se dirigir a um conego que representava o bispo e dizer-lhe que, como crente, as suas primeiras palavras eram para o representante de Sua excelencia reverendissima, etc. etc. e só depois de bem engraixados os sapatos do eclesiastico é que se dirigiu ao

Sub-secretario de Estado, representante do Estado...

E aqui está como correm as coisas... E o que é melhor é que eu não acredito que o Carneiro Cardoso seja cruel; e ao mesmo tempo fica-se admirado de ele não ter chamado à ordem por quem de direito.

Já ouvi dizer a um padre de coração que estas atitudes são criticadas entre os eclesiásticos como devem ser: isto é, considerou-as falsas e provas de pusilanimidade nada simpática.

Tudo isto é uma vergonha.

Junho: 26.

Morreu ontem em Lisboa o Eurico de Campaio Saturio Pires, meu condiscípulo na Escola do Exército e apesar de completa divergência de ideias, sempre amigo correcto e dedicado.

O aparelho da radio, ás 13 h., ao dar indiferentemente as variadas notícias, lançou a da morte do Saturio que me veio surpreender alguma coisa embora o soubesse bastante arrazado de saude. Foi uma sensação desagradavel a que

recebi, assim quasi de chofre. Mais um da m.ª idade que marcha para o Insondavel ~~...~~ e desaparece.

Este Saturio Pires é um caso curioso de adaptação ao ambiente. Saído do Colegio Militar com fama de certa rebeldia, como estudante do Politecnica emparceirou com a rapaziada revolucionaria e apareceu em casos de zaragatas republicanas. Foi nesse periodo que se relacionou com o Helder Armando dos S.tos Ribeiro e a amizade que então os ligou resistiu a todos os tramlenthões que ambos tiveram pela vida fóra.

Entraram ambos, no mesmo ano, para a Escola do Ex.to, ano em que eu tambem entrei — e aí me liguei aos dois com a facilid.e que as ideias proporcionávam. Eramos amigos, confidenciávamos propositos revolucionarios; cochichávamos certos segredos e ainda me lembro bem da comoção infantil do Helder Ribeiro quando eu lhe contava as embrulhadas secretas de Coimbra, as reuniões dos estudantes e outras coisas romanticas.

O Saturio era mais sereno, mais frio. Ouvia com atenção tudo e fechava sempre

esse um dito de espirito, ás vezes cruel certa agudeza. E apesar, quando 50 anos e mais já passáram sobre esse tempo, lembro-me que essa atitude fosse já certa predisposição para o ceticismo que depois o transformaria.

Saídos da Escola, o Saturio foi para o batalhão de Caçadores nº.5, unidade considerada de escol e de confiança monarquica, comandada sempre por creaturas palacianas e visitada muitas vezes pelo rei e pelos principes. Começou aí a certa transformação no espirito do Saturio Pires que tinha a facilidade dessa transformação a ascendencia paterna e materna, toda militar, cheia de preconceitos conservadores embora dentro dos principios liberais. E assim, a pouco e pouco, com as idas aos paços reais, nas noites guardas de honra; as conversas com as pessoas reais, os afagos de mãos, os charutos oferecidos por D. Carlos, a influencia constante da oficialidade palaciana — tudo foi actuando insensivelmente no temperamento do novo alferes a quem o sangue auxiliava na transformação. Quando em Setembro de 1908 eu estive adido

uns dias em Caçadores nº. 5 com uma com-
panhia do seu regimento de Infantaria 23
que foi tomar parte nas comemorações do 1º
centenario da Guerra Peninsular, tive oca-
sião de falar muitas vezes com o Saturio
antes tambem como eu e encontrei-o tão
mudado em ideias, que evitava falar em po-
litica estando muito agitada já. Compreen-
di que se dera evolução bastante grande
no seu modo de pensar e concluí que o
bom «Parriça», como era conhecido fami-
liarm.te, mudára de ideias e deixara-se des-
lumbrar pela Monarquia.

Lastimei, mas que fazer?

Proclamada a Republica, não houve
talver o cuidado de não ferir susceptibili-
dades; o Saturio como m.tos outros rapazes
perfeitos de fidelid.e ao throno caído foram
transferidos — e aqui começaria possivel-
mente o estado de revolta que o levou jun-
co tempo depois f.a o Paiva Couceiro, com
armas e bagagens.

Honra, honra, lhe seja: nunca atrai-
çoou, como tantos outros, a sua atitude de
oposição á Republica; manteve-se sem-
pre, até á morte, o mesmo combatente

do Paiva Conceiro pela monarquia liberal e parece que não transigiu com a mutação integralista nem foi ao beija-mão ao D. Duarte Nuno.

Quando em Jan.º ult.º estive em casa dele, notei que não havia retratos do novo pretendente; apenas os de D. Carlos e dos filhos — por sinal que bem prox.os do meu ao lado do do Helder Ribeiro, para contrastar com certa graça.

E devo tambem notar que, durante a actual situação politica, nunca se aproximou dos homens dirigentes; manteve-se sempre á margem dos acontecimentos, ganhando a vida conforme podia e sofrendo as consequencias da atitude. E até, ultimam.te, com a lei que reintegrou funcionarios militares e civis demitidos, a unica vantagem que tirou do "bôdo" foi considerarem-no tenente miliciano reformado! Ele, oficial com o curso da Escola, reintegrado como miliciano!

Morreu com a consciencia tranquila. Não manteve as verduras dos 18 anos; mas foi fiel á sua atitude de homem, tomada sinceramente.

Junho: 30.

Hoje, em carta para o Faria de Morais, director do Arquivo Hist.º Militar, desliguei-me do vago compromisso que tomára relativam.te á colaboração para a Revue d'Histoire Militaire.

Estou cançado e não tenho ambições de figurar no estrangeiro. O que desejo é que me deixem sossegado, que me deixem o tempo livre para fazer o que mais me apetecer, ou a ler, ou a pôr em ordem os verbetes, ou a acariciar infantilmente os meus livros...

Não, não quero colaborar no estrangeiro. As nossas "sumidades" militares que o façam. Temos grande reserva de "sumidades" que farão inveja aos outros paises...

Lá foi, pois, amavelmente, uma desculpa e uma declaração de desistencia. E vai duma vêr p.ª sempre.

Julho: 4.

Recebi hoje uma carta do Alberto Meira, do Porto, em que me agradece a oferta da m.ª separata Rafael Pimenta e me diz

varias coisas amaveis como aliás é de uso em casos semelhantes. O que porem estranhei foi ele dizer que eu estava indicado p.ª fazer a hist.ª da gravura em madeira em Portugal, que a devia fazer para assim (acrescentava) « impossibilitar os ~~aue~~ "aventureiros e os vaidosos... »

Para quem irá o remoque?

Estes homens são terriveis mas para os outros. E' possivel que seja o Ernesto Soares o visado — pois este é hoje o ditador incontestado em assuntos de gravura.

Assim será.

Julho: 5.

Terminei a copia, ontem, do meu "monumental" trabalho acerca do Saldanha. Foi uma estafa, fiquei arrazado. Ha uns quinze dias q. não faço outra coisa, e já tenho dado ao diabo a cardada por me meter em tais cavalarias.

Mas agora a coisa tem de ir até o fim, melhor ou piór. E afinal de contas, muitas vezes fico a pensar se a obra vale o trabalhão que me deu...

Julho: 6

Hoje, segundo almoço. Repetição do q. se passou no do dia 1 de Junho p.p. no Hotel Internacional. Boa conversa, sem discussão; as horas passaram sem dificuld.; e desta vez surgiu uma ou outra confidencia...

Mas a verd. é que continuo ainda sem atinar bem as razões que levaram os dois companheiros ás reuniões necessarias á volta duma mesa de hotel. E' certo que se tocou no assunto, que se renovou a ideia de procurar dominar o periodico O Despertar p.a base de expansão de certas direcções e que se falou em agregar um ou outro individuo para ir ampliando a nossa esfera de acção...

Mas para quê?... Qual a acção?... Vagamente o Padre falou nos Rotarios, como vago modelo; o Costa Rodrigues apoiou e mencionou o dr. Pacheco de Amorim como possivel aderente.

Eu saltei logo:

— O quê?... queriam meter-se com o capelo e borla?

Riram-se. Tive a impressão que os dois trocáram uma olhadela furtiva. E a coisa não passou daqui.

Os Rotários... O Pacheco de Amorim... Que diabo quererão eles? Porque não fálam franco? Juntáram-se a ronha canónica (como dizia o A. A. Gonçalves) e a ronha do Homem de Leis?

Esperarei. O Tempo terá que esclarecer o assunto.

Ao chegar a casa liguei o aparelho de telefonia para o Porto, para saber qual o resultado final do campeonato do aqueci em patins. Grande entusiasmo, sentia-se que havia nervosismo, que a tensão nervosa deveria ser grande.

Por fim reuniu o grupo portuguêz; o barulho foi infernal, e o Hino ~~=~~ nacional saiu como q. expontâneo de todos aqueles milhares de bocas.

Confesso que nunca ouço <u>o Portuguez</u> sem certa comoção; lembro-me sempre da manhã de 6 de Outubro de 1910, quando a ouvi, desta casa, tocada por uma filarmónica, na rua Larga, á porta do Governo Ci-

vil... Ora este canto, em unisono, por milhares de vozes, confesso que me comoveu...

Porquê, não sei. O caso do jogo não me preocupava; o que me feriu a sensibilidade foi o canto triunfal, que se sentia entusiastico, forte, e me fez lembrar os arrebatamentos dos primeiros tempos do regime republicano.

Infelizmente, o locutor veiu quebrar o encantamento ao proclamar:

— Estamos numa hora alta de patriotismo!

Coitados de nós!... Uma hora alta de patriotismo...

Pronto, a visão desfez-se.

Julho: 9

Consegui ontem falar ao Correia Cardoso no caso do In memoriam do Antonio Augusto Gonçalves — q. nós pensámos em reunir num dos volumes do Arquivo Coimbrão ao que o Pinto Loureiro como verdad.º dono da publicação se opôz com energia.

Expuz o caso, mostrei-lhe lealmente os melindres do assunto e confiei-lhe a

resolução do problema, entregue ao bom senso e boa vontade, etc. etc.

Ele ouviu com atenção e prometeu interessar-se. Iria pensar na melhor maneira de resolver o problema a contento de todos...

Assim será.

Ora hoje fui ao Torim visitar o Lourenço Chaves Almeida. Vim de lá contristado. A decadencia é manifesta.

Será momentânea? Será a valer? O certo é que causa impressão notar a queda que se deu de ha cinco mêses para cá. Parece desmoronado, ás duas por tres fecha os olhos, sonolento... enfim, um desmoronar a olhos vistos.

Uma tristeza.

Julho: 13.

Acabaram os festejos da Rainha Santa. Assisti á passagem das duas procissões e fiz a comparação com as de ha cincoenta ou sessenta anos.

Como em meio seculo as coisas mudaram! Ha cinco lustros de anos as fes-

tas eram verdadeiramente locais, tinham um cunho local, como era proprio das festanças á padroeira. As procissões limitavam-se ás irmandades e havia certo ar de religiosid.e simples em tudo.

Agora... a onda negra invadiu tudo e sentia-se a tutela ultra-montana em todas as manifestações religiosas. Incomóda-me, até, estar aqui a notar a invasão romana nas minimas coisas que vai transformando as velhas formas das festividades numa triste manifestação de penitencia e disciplina imposta pela Igreja.

O que vale é que os meus 72 anos já prometem não assistir á transformação completa... E ainda bem.

Julho: 14.

Passa hoje mais um anniversario da tomada da Bastilha. Durante todo o dia esperei inocentemente qualquer prova material ou imaterial de que o 14 de Julho era uma data grata aos Portuguezes...

Mas não. E' quasi ½ noite e não senti qualquer sinal de que se dem pela passagem do anniversario glorioso.

3,05

O lêma revolucionario de 1789 é coisa que faz tremer esta gentinha que nos governa actualmente; a onda negra abafa por completo o ambiente — e eu passei o dia inutilmente á espera, quanto mais não fosse, dum simples joguete de tres respostas...

Qual!...

Paz. Mafra.

Julho: 18.

Cheguei ontem aqui p.ª mergulhar por quatro meses neste deserto onde conterei, conforme podér, os nervos e os desgostos.

Encontrei, porem, para diversão, a noticia de que a imagem "viajeira, ou "viajante" da S.ª de Fatima vem dar a honra ao lugarejo da sua passagem amavel. E para cumulo de satisfação desta pobre gente, os atalhos que estavam intransitaveis vão ser reparados com toda a pressa p.ª que não só a imagem encontre pavimentação condigna mas tambem uns carros automóveis que a acompanham e nos quais viajam comodamente uns ilustres eclesiasticos quaisquer, possam rodar sem qual-

que precalços. Vai pois aí uma azáfama no concerto dos atalhos e na arrumentação dos caseiros.

Ora não ha nada como ser a Senhora de Fatima!

Tem-se reclamado á Junta contra o estado dos caminhos que já no anno passado obrigava os motoristas a ficarem na estrada quando nos traziam aqui ou vinham chamados p.ª qualquer serviço — mas essas reclamações foram inuteis. Como a Ex.ma Camara, o mesmo.

Mas veiu a Senhora de Fatima e foi um pronto — p.ª não dizer um milagre...

Ainda bem.

Lisboa.

Julho: 24.

Aqui estou, para acompanhar a Ana Maria nos exames de admissão aos Liceus enquanto os pais não em excursão a Hespanha e Marrocos espanhol.

Vinte e quatro de Julho!... Quem se lembra hoje desta data? Ha, realmente, quem se lembre, mas p.ª a negar. Pois se já houve quem quizesse tirar o Duque de Torcei-

ra da sua graça para não ferir a susceptibilidade do futuro Cristo-Rei que se ha-de erguer em Almada!

De-mais, Lisboa continúa a ser um covil aberto de imoralidades; o movimento nas ruas cada vez mais intenso; a cidade a expandir-se, a crescer sem termo nem medida. Como compreender isto tudo?

Não haverá nesta aparencia de grande metropole uma base falsa? Este movimento compacto, este crescimento quasi sem freios, corresponderão a necessidades da população nacional e a crescente melhoramento de nivel de vida?

Pergunto pouco ou quasi nada destes assuntos e quero crer que haja nestes reparos um pouco de caturrice; mas... não sei se haverá alguma base de verdade nos meus reparos.

Oxalá que não.

E quanto ao Vinte e quatro de Julho... que se lhe ha-de fazer? A nova negra terá o cuidado de afogar estas memorias doutras epocas e nivelar as consciencias pela mediocridade.

E viva o Cristo-Rei!

Lisboa.

Julho : 29.

A filha do Ferreira Lima resolveu sempre rezar uma missa no dia aniversário da morte do pai. Faz, durante o ano, rezar outras missas; mas eu só assisto á do aniversario da morte, que é hoje, e, portanto assim, já não é padre.

Lá fui, á igreja do asylo recolhimento do Rato, hoje séde da Assistencia sobre ~~o~~ erro. Sentei-me, cá ao fundo, numa cadeira quasi em frente da porta, por onde entrava ainda um resto do sol que enchia o pequeno e alegre atrio. Fiquei, sem querer, em condições de observar...

Que curioso que achei tudo aquilo!... Umas freiras vestidas completamente de terceiro faziam a policia do templo e nos degráos do altar-mór havia uma pessoa em attitude de adoração. Muita gente entrada e um constante movimento de entradas e de saídas: mulheres principalmente, de todas as classes, na maior parte creaturas pobres. saiam de casa p.ª as suas compras; algumas deixavam cestos á porta, outras com

ar imponente, pareciam que davam a honra á Dividande com a sua entrada... Mas tambem homens, embora em menór quantidade: desde o operario já vestido com o modesto "fato-macaco" até ao figurão aprumado, com ar grave, cheio de aneis que brilhávam ao meter os dedos na pia da agua benta. Um espectaculo divertido, do qual concluí que raras pessoas ali entraram com convicção.

Lastimo não ter capacid.e para fazer uma descrição literaria, humoristica, do que observei durante a meia hora, pouco mais, que esperei pelo final da missa; seriam paginas de antologia... A hipocrisia, o snobismo, a fatuidade, a ignorancia de toda aquela malta que entrava e saía e que mal compreendia o simbolismo de tudo o que ali se passava! A costumeira, a boa educação, o "bom-tom" e a ignorancia é que ali levavam tanta gente.

Ái daqueles que sinceram.te entravam p.a conforto das suas aflições! Conseguiriam esse conforto? Sairiam mais serênos e confiantes? Encontrariam naquele ambiente o necessario para contrabater as

suas duvidas acerca da Justiça divina?... Seriam muito poucas, raras até, as pessoas que naquele intervalo ali entraram com verdadeira crença; observando bem, a conclusão não poderia ser outra.

Que pena não ter prosa capaz para exprimir todo o meu pensamento, para dar cêr a todas as m.as observações!

Paciencia. Deixo aqui apenas a expressão dum desejo. E viva o velho!...

Paz. Mafra.

Agosto: 15.

Este dia quinze de Agosto traz-me sempre á memoria a mesma dia da minha mocidade, em Coimbra. Noutros tempos era dedicado á festa da S.ª da Nazaré, da Ribeira de Frades, freg.ª de Taveiro ou, mais simplesmente e mais popularmente á «Nazaré da Ribeira.»

Ia da igreja de S.ta Justa uma bandeira, com grande cavalgada seguida de m.tos carros cheios de familias populares mais ou menos devotas mas de facto com a intenção dum dia de folguedo e despreocupação das agruras da vida.

As familias que não iam de romagem acampávam no areal do rio, á sombra dos salgueiros, durante todo o dia; e a rapazia-da ia munida de "papagaios" que deitava ao ar facilmente a meio daquela extensão de areia que no verão vai de lado a lado. Era curioso ver as duzias deles, sobre o azul do céu, agitando levemente as caudas com-pridas, necessarias á estabilidade.

Nós, nesse dia, iamos sempre para a casa de meu tio João, á Guarda Inglesa, pe-rante o panorama da cidade; á tarde via-mos passar o cortejo da bandeira, segui-do de mais carruagens, e rodeado da ra-paziada que ia em busca das canas dos fo-guetes que constantem.te vinham deitando e ao mesmo tempo gritando vivas «á Mãe Santissima!» Era curioso este con-junto que ia engrossando ao passo que se aproximava da cidade, pois as familias que se agrupavam á sombra dos sinceiros ou dos laranjais, vinham p.a a estrada alegre-mente e seguiam tambem vitoriando «a Mãe Santissima!»

Ao som dos ~~ere~~pitar dos foguetes e dos «vivas á Mãe Santissima!» a bandeira entrava

solenemente na cidade, seguia pela rua de Ferreira Borges (a antiga Calçada), para a Sé Justa, seguindo a multidão que a esperava no Largo da Portagem e a que a seguia desde o Almegue, começava a dispersar para as suas casas. Os "papagaios" com o cair da tarde desciam lentamente e ao anoitecer só ficava a lembrança da festa uma serie de fogueiras, ao largo dos salgueirais, onde se cozinhávam os jantares e as merendas alegres.

Era do ritual deixar as fogueiras a arder; aos poucos iam morrendo até que a noite colheria com o seu silencio os restos de cinza que depois o vento espalharia.

Hoje, passados cerca de 60 anos, penso que haveria em tudo uma inconsciente intenção simbolica. Depois de um dia alegre, despreocupado, com aspectos de folias aqui e ali, ficavam umas cinzas que o vento norueste da tarde dispersaria com brandura como que ~~dizendo~~ significando a inanidade da vida.

Confesso, neste dia, lembro-me sempre desse ~~outro~~ dia alegre ... para os outros. Lembro-me bem de que a Alegria, essa

Alegria beneficia e necessaria, nunca, verdadeiramente, se dignou estender sobre mim as suas asas... Ao tempo destes miseros 72 anos, não me recordo de tal beneficio.

E quando já, mais homem, eu assistia ao folguedo, tenho bem presente a tristeza que me invadia. Seria a vaga previsão do que estava para vir?

Adeante.

Paz. Mafra.

Agosto: 19.

. Fui hoje á vila de Mafra e entrei na Escola Pratica f.ª cumprimentar o comandante e agradecer o convite f.º a reunião do curso em Maio ultimo.

Não fui á chamada Porta Sul, verdadeira porta «das armas.» Entrei por uma porta que dá f.º o claustro do sul privativa dos oficiais. Trago este episodio para aqui simplesmente para deixar notado que logo ao portão, na parede da direita de quem entra, estão dois escudetes de madeira com o escudo real, da monarquia, curiosamente formado por pistolas antigas e fuzis varias

partes de que se compunha: o cão, o gatilho, as rodas, as roletas, etc. Quem engendrou aquilo tinha certa habilidade e espírito inventivo — mas ainda o mais curioso é a intenção de quem mandou fazer a obra ou a consentiu.

Fique, pois, a nota: á entrada da Escola Pratica de Infantª reservada aos oficiais, estão dois escudos reais, com corôa e tudo. Emfim. Falta só chegar o sr. D. Duarte Nuno.

Paz. Mafra.

Agosto: 30.

A D. Maria Lima, filha do falecido amigo Ferreira Lima, procura manter o culto pela memoria do pai por varios modos.

Em começos de Agosto, quando estava em Lisboa, entregou-me um album bem encadernado, oblongo, em cuja capa havia em letras douradas In Memoriam e por baixo tambem a dourado o nome do pai. Pediu-me fº eu escrever qualquer coisa a respeito do amigo, pois desejava ali reunir opiniões de todas as pessoas que com ele lidaram e constituir assim um In memoriam intimo.

A primeira página é preenchida pelo Fidelino de Figueiredo e a segunda queria ela, D. Mª Lina, que fosse preenchida por mim. Sensibilizou-me a preferência e vim que aceitar o encargo apesar de não gostar muito desse género de trabalhos.

Enfim, depois de meditar e para corresponder o melhor possível ao desejo da rapariga, escrevi o seguinte que copiei com o cuidado devido na segunda folha do album que por estes dias lhe irei entregar:

«A amizade é sentimento que se não impõe e não se solicita. Nasce de circunstancias muitas vêzes difíceis de determinar.

«Assim a amizade q. me ligou a Mª Regina Ferreira Lima. Não foi imposta, não foi solicitada; surgiu por forma insensível, cresceu naturalmente e foi sólida, leal e desinteressada — sem q. verdadeiramente houvesse grande paridade de temperamento ou assiduidade de relações.

«Vindos, cada qual, de ambiente familiar diverso e com pontos de vista divergentes acerca dos aspectos correntes da vida

encontrámos-nos, foram, pela persistência, dedicação e seriedade ligados aos estudos históricos se bem q. encarando-os com intuitos um pouco distintos.

«E essa fraternid.e de trabalho possivelmente seria uma das grandes bases da nossa amizade que foi, como disse, solida, leal e desinteressada.

«Ferreira Lima era estruturalmente probo, tinha espirito largo e compreensivo — e foi assim facil a amizade crescer e tornar-se solida a ponto de eu o ter como um dos raros amigos seguros em cuja companhia, de tempos a tempos, passava momentos dos mais calmos e mais felizes da vida incerta que hoje desgraçadamente se leva.

«Paz, Mafra: 30 de Agosto de 1952.»

Como disse, não simpatizo com este género de literatura; mas, enfim, não quiz deixar de corresponder aos desejos da rapariga — e francamente, o que aí fica escrito é sincero. O Ferreira Lima era, na verdade, o que se pode chamar um amigo perfeito.

Infelizmente, como era bom, já lá vai há uns anos. E como ele não há muitos e não é nesta altura da vida que se arranjam novas amizades.

Paz. Mafra.
Setembro: 10.

Já por várias vêzes aqui tenho falado no Vitorino Nemésio, actualmente convertido á boa doutrina e entrado no bom caminho.

Ora hoje, no Diario de Noticias, veio um artigo de fundo da sua autoria em que fala do Brasil onde agora gozou uns meses de repouso. Descreve paisagens e refere-se a várias coisas q. não vêem p.ª aqui; a razão desta nota é o seguinte passo do artigo: «... Quando, á hora de laudes, no claustro "de S. Bento do Rio, saindo com os monges "do côro, ouviamos um passarêdo que se "abria nas amendoeiras, etc. etc.»

Por este passo vê-se que o cavalheiro estêve no mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro, e acompanhou os monges ao côro á hora de laudes... Quero crer, mesmo, que seria no mosteiro beneditino que ele se hospedou p.ª economia da bolsa e edificação.

da aldeia — pois ainda deve andar muito sábio de heresia no interior daquelas paragens adustas...

Enfim, não tenho nada com o que faz o Vitorino Nemésio. Tenho, porem, o direito daqui deixar esta simples nota.

E cá fica.

Paz. Mafra.

Fevereiro: 20.

Amanhã fazem no Porto uma manifestação ao Dr. António Luís Gomes. Fui solicitado p.ª dar a m.ª adesão e comunica-la para o Diario de Lisboa. Não sei porquê, não gosto muito dessa espécie de adesões á qual concorre todo o bicho careta que queira dar nas vistas. Fui adiando, adiando, ao mesmo tempo que tinha vontade de dizer qualquer coisa ao velho democrata.

Resolvi o problema com a seguinte carta que mandei hoje pelo correio:

«Ex.mo Sr. Dr. A. L. Gomes:

«Consinto V.. que um velho desconhecido que ha mais de 42 anos anda em comicios de propaganda republicana os dis-

curso de rara lucidez com que contribuiu p.ª o advento do novo regime, venho hoje por esta simples carta, testemunhar a alta consideração e o grande respeito que sempre tive por V... como político e cidadão íntegro.

« E acompanhando sinceram.te a grande massa de portuguesas que anseiam se manifestar, subscrevo-me, com todo o acatamento, etc. etc. »

Não sei se será entregue; mas se for fica assim salva a m.ª participação em mais esta "façada" no Estado Novo.

Paz. Mafra.
Setembro: 28

No Arquivo Histórico Militar vão inaugurar o retrato do Alexandre Carneiro Ferreira Lima que foi o anterior director cerca de vinte e três ou vinte e quatro anos e, penso decerto, até hoje, o seu melhor director.

O Pires Monteiro, sempre solícito, escreveu-me lembrando que no acto da inauguração a Comissão do Hist.º M.ar deveria fazer-se representar solenemente e que cabe dos

seus vogais deveria falar em nome dos outros. E, sem mais nem menos, entende que esse vogal deveria ser eu.

Escrevi-lhe hoje agradecendo a boa intenção e dizia-lhe que não tenho duvida em aceitar o convite se mo fizerem, mas lembrava-lhe que eu sou apenas um pobre vogal auxiliar e da Provincia e que, certam.te, os vogais efectivos não concordariam com tal representação. Alem disso lembrava-lhe tambem que o actual director combinaria a sessão no Arquivo com o Chefe de Estado-maior General e não com o presidente da Comissão de Historia — pois entre o Barros Rodrigues e o "vetusto" Teix.a Botelho, não ha que escolher... Enfim, fiz os meus comentarios como entendi. Ele q. faça o que entender e que dê a sugestão ao velho general conforme diz; mas estou convencido de que nada ganhará com isso.

Paz. Mafra.
Outubro: 3.

Faço hoje 73 anos. Boa conta, já, para quem não faz gosto na vida e para quem, ao lançar os olhos p.a o tempo que passou, pen-

3,06

sa na inutilidade destas sete derênas de aniversarios.

Inutilidade, sem duvida. Meia duzia de brochuras que correm com o meu nome, o que é que valem? Alguem falou delas? A venda foi prometedora? Serviram acaso de base de estudo a qualquer cidadão?

Estas duvidas surgem sem dificuld.e Tudo o que tenho publicado tem-me custado dinheiro que me faz falta para outras coisas. E assim sou levado á conclusão da inutilidade do meu esforço intelectual, com a agravante de que tenho levado uma vida inteira a trabalhar com vontade.

Para nada, afinal.

E fóra desse trabalho intelectual que constituiu sempre uma aspiração — que tenho eu feito mais no sentido util?

Metendo a mão na consciencia... posso dizer que — nada!

Submetido a exigencias do quotidiano, sem querer irritar os outros, em busca sempre da tranquilid.e do espirito e do corpo — a verdade é que não consegui qualquer dos desiderata ~~[illegible]~~ ambicionados. Tudo tem sossobrado perante uma terrivel "má sor-

te", uma constante calixtagem (como se dizia na Escola do Exercito) que ainda me não largou.

Que fazer?... Quando era novo, ouvi cantar uma quadra, ao fado, que começá-va assim: «Quando a sorte é manniversa/ "Nada vale ao desinfeliz..." Lembro-me sempre desta quadra, em muitos momentos desta maldita vida.

Agora, estou a ver que o meu trabalho acerca do Saldanha terá o mesmo destino manniverso dos outros. Com a copia dactilografada já lá vão 1:250$00 escudos e penso que o esforço e a despesa irão esbarrar com as burocraticas formalidades do Estado-maior e tudo ficará em aguas de bacalhau.

Eu nasci numa sexta-feira. Por muito que me queira alhear de superstições e creudices, a verdade é que, comigo, a coincidencia é notavel. E por muito "espirito forte" que queira ser, tenho que me reduzir á evidencia. Com a aparencia duma vida normal e facil, estes meus 73 anos são um conjunto de malaventuras que dariam um tratado de psicologia possivelmente patologica — que eu não saberia

escrever, vão fóra ela estaria dos meus esquecimentos e das minhas possibilidades intelectuais.

Enfim, a verd. é esta: nasci numa sexta-feira. E está dito tudo.

Paz. Mafra.
Outubro: 5.

Mais outra data. Não é para comemorações que ainda recordo a manhã humida e chuvosa de 6 de Outubro em Coimbra, quando estalejaram os primeiros foguetes e ouvi, apagadamente, vindos da cidade alta, os acordes da Portuguesa. Já lá vão 42 anos, mas também é certo que nunca oiço a marcha fúnebre o Hino nacional, que me traz á memoria aquele momento comemorador.

E parece-me que, com a idade, esse estado de espirito se vai agravando e de tal modo que me chego a ridiculizar.

Hoje, neste recanto, não vim nem virei que me comover. A data passará como outra qualquer; e como é Domingo o sino da Basilica tocará fº a missa matinal e tudo se passará na boa paz dos dias de descanço semanal.

A palavra República é mera formula de que se usa por comodidade. E como o patrão disse ha alguns tempos que a monarquia não era a solução que nos convinha, tudo vai correndo no melhor dos mundos e os Portuguezes continuam a acreditar e a confiar no elixir do Estado Novo.

Vêla, porem, maternalmente, a Companhia de Jesus.

Podêmos confiar...

Paz. Mafra.

Outubro: 15.

Hoje, ao ler, com interesse, o romance de Edmond Jaloux, L'amour de Cécile Faupéres, que ha pouco comprei em Lx. por desfastio para ter agui leitura — deparei com uns pas sos que me fizeram lembrar os comentarios aqui feitos no dia 3.

O autor, possivelmente integrado no medico Bertrand Barralbe que escreve o romance em forma de notas diarias, num certo momento da vida destas duridas: «... "les destinées humaines offrent toutes ce ca- "ractère d'avortement et qu'il n'y a que des "ratés. — N'en suis-je pas un moi-même-

UNIVERSIDADE LIVRARIA DA

"rue ? Comment ai-je employé mes jours? "Ai-je ~~donné~~ créé, ai-je donné le bonheur à "quelqu'un, ai-je travaillé utilement? moins "encore, puis-je heureux moi-même? » (1)

Achei curioso o passo e conforme o meu estado de espirito.

Até fica.

Lisboa.

Outubro: 24.

Assisti ontem, na Academia das Ciencias de Lisboa á sessão commemorativa do centenário de D. João da Camara — de quem eu me lembro muito bem.

Era uma figura curiosa, afagada, encolhida, normalmente mal vestida; cabelleira grande, encrespada, sobre a qual usava um pequeno chapeu. Fidalgo pobre, creio que viveu sempre entre dificuldades; e caso estranho, digno de nota: o notavel dramaturgo fº viver decentemente, ~~foi~~ foi conductor de obras publicas — e julgo que, durante a vida, só teve esse modesto emprego — fº o qual aliás o chamava o seu gosto pelas mathematicas.

---

(1) Pag. 114, ed. de 1929, "Le Livre mystique"

A sessão foi o que sempre são as sessões académicas: um misto de seriedade e de ridículo — a que o grande Julio Dantas dá aparato e importancia.

Leram-me lá o facto de a oração da noite ser feita pelo Ramada Curto e isso levaria lá muita gente atraída, como eu, pelo brilho e agudeza que certamente o orador daria ao seu trabalho.

Ninguem se enganou. Se bem que o Ramada não estaria absolutamente á vontade dentro das formulas academicas, a verdade é que a hora e tanto que levou a leitura passou-se sem se dar por isso. Foi, na verd.e, uma oração primorosa pelo conteúdo e pela forma como foi dita. O velho Ramada soube dar relevo especial á leitura, o que nem sempre é facil; e as suas qualidades de orador brilhante e fluente souberam triunfar das dificuldades do ambiente. O tempo passou sem se dar por ele, tão superiora foi a maneira de expôr e a forma por que tratou o assunto — melodica, poderia, coerente, elevada e, segundo me pareceu, exacta nos juizos. O Ramada, que eu não via ha muito, está envelhecido; a cabelei-

ra de outros tempos e de que tirava certo partido quando discursava, desapareceu p.ª dar lugar a uma calva á qual umas farripas brancas ainda fazem companhia amavel; o rosto vincado, envelhece-o bastante; e pareceu-me que, no andar, tinha certas hesitações.

Por debaixo, porem, deste aspecto avelhentado, ainda se descortina a mesma vivera de espirito. Num ou noutro ponto da conferencia ou elogio historico, sentia-se bem que o velho Ramada estava peado pelos severos moldes academicos; uma ou outro chispa brilhante surgia no meio da seriedade da oração, mas subtilmente, sem se dar por isso. Quem não conhece o Ramada e estava a ouvir o academico apenas, não teria feito reparo; eu é que o estava a olhar com os mesmos olhos com que o via ha quarenta e tal anos em Coimbra, cheio de espirito e de graça, ceptico e bem disposto, sempre pronto p.ª comentário alegre e muitas vezes mordente.

Vi que apesar do tempo, mantem ainda a mesma forma elevada e elegante, com ~~[illegible]~~ clareza, com nitidez e poder de

sugestão, como é proprio da sua capacidade de dramaturgo.

O Julio Dantas, ao fechar a sessão, foi o mesmo de sempre: pastoso, solene e banal. Resumiu a oração do Ramada e pretendeu apresentar conceitos proprios de maneira dogmatica.

E pronto.

Lisboa.

Outubro: 26

Ontem, dois encontros curiosos que merecem registo — pelo contraste.

O primeiro foi o do meu condiscipulo Alberto Monteiro, coronel como eu reformado, que gosou sempre da alcunha picaresca de Tinturas de Tornesol. E' sogro dum major ou tenente-cor.l de Engenh.a com o curso do Estado-maior, Andrade e Silva, q. actualmente é adido militar em Paris. E' creatura intelligente, activo, desembaraçado, mas creio que não é caracter do melhor quilate. Ambicioso, sem se preocupar muito com os meios, tem conseguido chegar aos objectivos desejados. Mal o conheço, apenas lhe tenho falado uma vez ou outra

na Revista Militar de que é, ha uns dois anos, director gerente; mas o juizo que ai deixo vem de pessoas e variadas informações que reputo serias.

Ora da conversa com o Monteiro acerca do genro veio o seguinte que é interessante: o rapaz recebeu instruções do ministro do Exercito, e quando se despediu do da Defesa (o Santos Costa) este ficou admirado de ele não ter recebido as instruções devidas no seu ministerio. E como o Andrade e Silva procurasse uma desculpa, o Santos Costa respondeu com qualquer expressão grosseira a respeito do colega do Exercito.

E aqui se vê como andam coordenados os serviços dos dois ministerios.

Em Paris, o rapaz apresentou-se, como era dever, ao nosso embaixador; e como lhe dissesse que trazia instruções para se entender com o conde de Tovar, representante portuguez na N.A.T.O., aquele logo lhe fez ver certa animosidade existente entre os dois e dando-lhe a entender que se via com ele, embaixador, e não com o outro, que o adido deveria trabalhar. O Andrade e Silva, foi, contudo, apresentar-se ao

conde de Tovar, pois trazia essa ordem; e este, para grande relevo, deu a entender que seria com ele, Tovar, e não com o embaixador que deveria trabalhar.

O rapaz escreveu, então, as pazes, contando o caso e dizendo que estava a pensar no que haveria de fazer...

Para onde se haveria de virar?

E aqui está como a nossa acção perante problemas tão graves anda coordenada. Os ministros não se entendem e detestam-se cordealmente; os representantes nas organizações internacionais tambem se detestam cordealmente e cada um puxa para seu lado. É assim vamos.

Depois deste episodio burlesco, estava eu parado em frente dos escaparates da livraria Sá da Costa, ao Chiado, quando me sinto abraçado pelo Augusto Casimiro, sempre o mesmo bem disposto poeta-soldado — que, dipa-se de passagem, me mostra sempre certa afectuosidade quando me encontra.

Estava ele á espera do Fernando Lidade que, de facto, surgiu logo e me abraçou alegremente, como bom e velho amigo.

Informou-me este que tinha em grande adeantam.to a 2ª edição do seu Camões. O Epico e que nele fazia a "merecida" referencia, como prometera, ao meu Camões e as "artes belicas". Sempre atencioso, informou-se dos meus trabalhos, e amavelmente protestou quando lhe disse que estava velho e incapaz de produzir coisa em termos.

Conversámos um bocado e o Casimiro disse-me que andava a trabalhar num estudo acerca da D. Catarina, f.ª de D. João IV que foi rainha de Inglaterra; que o assunto lhe interessava m.to principalmente pelas dificuldades politicas e militares ~~[illegible]~~ creadas pela Restauração, dificuldades que ~~[illegible]~~ se admira como foram vencidas, etc. Quer o Cidade quer eu, incitámos o Casimiro na conclusão do trabalho se bem que eu tenha as minhas duvidas acerca das suas qualidades de historiador. E' poeta demais para a serenidade das buscas, da critica e da imparcialidade nos juizos.

Enfim, quizeram levar-me p.ª uma casa de chá, p.ª a refeição das 5 horas; mas eu aleguei qualquer circunstancia para os deixar sós — pois calculei que se marcá-

raro encontro é porque teriam assuntos p.ª
ra tratar. E alem disso... era escusado
mostrar-me em publico com dois "Grau-
des" — não fosseu julgar-me vaidoso da
companhia.

Lisboa.

Outubro: 28.

Voltei hoje ao Estado-Maior do Exercito
p.ª tratar do meu trabalho acerca do Saldanha.

E' interessante verificar que na repartí-
ção respectiva andam todos ás aranhas a
respeito do assunto. Perante a m.ª pergunta
relativamente ao requerimento que terei de
fazer ao ministro, e ainda relativamente á
quantia que deverei pedir p.ª autorisar a
publicação — ficaram a olhar...

O chefe da repartição, um tenente-coro-
nel Veloso, não sabia, até, qual o regula-
mento que trata destes casos... Desculpava-
se com o facto de estar ali ha pouco tempo
e ainda não estar devidam.te "enfronhado."

Comtudo, devo dizer, que foram todos
muito correctos no trato e cheios de atenções.
Tuer no dia 23 passado, quer hoje, todos
eles me trataram com deferencia — o que

com franqueza, eu não esperava muito. Mas não ha duvida, enganei-me. Hoje, até, o cor.el ou Vice-cor.el Veloso, veio acompanhar-me até á porta do pátio com o chefe da secção, major Henriques.

E ficou assente eu voltar lá no proximo dia 31, p.a lhes dar tempo de estudarem o assunto e descobrirem qual o regulamento que dele trata.

Lisboa.

Outubro: 30

Hoje foi dia cheio. Como ha mais de 50 anos dizia o S.e Simibaldi, na capela das Ursulinas em Coimbra, foi dia «de graça.»

Ás 15 horas sessão na Academia das Ciencias; ás 18½ concerto pelo Rubinstein. Foi, na verd.e, um dia cheio.

Na Academia, a sessão era da classe das Ciencias, e dedicada á memoria do abade de Correia da Serra cujo centenario do fallecimento passou no anno [redacted] anterior. Foi, pois, commemoração modesta, limitada a sessão normal da classe, á qual apenas se acrescenta a autorização p.a entrada de publico que se interesse pelo assunto.

Presidiu o Egas Moniz, secretariado pelo galante D. António Pereira Forjaz. Depois do expediente e das cortesias proprias dos illustres academicos, entrou-se na ordem do dia que eram as comunicações relativas ao Correia da Serra apresentadas pelo dr. Augusto da Fr.ª Carvalho e pelo prof.or Sousa da Câmara.

O Silva Carv.º, com os seus 90 annos, fez larga exposição das relações do Correia da Serra com a Academia. A idade não o deixava falar alto; a sala, a da bibliotheca, é m.to grande; de modo que não consegui seguir com precisão o que elle disse. Comprehendi, porem, que a comunicação apresentava dados novos p.a a vida do velho Correia da Serra, não só na sua actividade academica como tambem no periodo escolar da Universidade. Vi que o Fr.ª Carv.º está ainda com vigor intellectual p.a trabalhos de tal especie, mantem certa riqueza de expressão e é firme no modo de expôr.

Quanto á comunicação do Sousa da Câmara, só direi que deu certamente novidades relativas aos meritos do Correia da Serra como homem de ciencia, em especial como botanico. Expôz, com voz forte e clara, a vida

científica do homem no estrangeiro, cheia de triunfos; as discussões com Cuvier e com Humboldt, em França; as relações na América com Jeferson; etc. etc. Eu sabia do valor do Correia da Serra, mas não sabia tanto.

As sessões da Academia teem o defeito de certos ridiculos; e apesar desta ser presidida pelo Egas Moniz, não deixou de mostrar quanto póde, na casa, a influencia das "cagarrifancias" do Julio Dantas e do seu acolito Joaquim Leitão.

A' noite, o concerto do Rubinstein, que só tocou Chopin, foi uma destas coisas que raramente acontecem na vida. O cinêma Pivoli abarrotava de gente, pode mesmo dizer-se que transbordava. Condições acusticas excelentes. De modo que todos os generos de Chopin que o pianista tocou poderam ser ouvidos com perfeição nas cadeiras do balcão de 2ª ordem que se conseguiu arranjar.

Algumas peças sensibilizaram-me. Senti humedecerem-me os olhos num ou noutro passo; e quando ouvi a sonata em si bemol menor, op. 35, que no seu terceiro

no andamento inclue a marcha funebre, então senti-me francam.te comovido. Fraquezas da velhice.

Mas o homem é, na verd.e, assombroso — quer na técnica, quer na interpretação, quer no relevo que dá a tudo.

Enfim... eu não sei criticar. Só digo que o concerto foi impressionante. E para memoria aqui deixo o bilhete com que eu pagei ocupar • meu lugar num modesto balcão de segunda ordem. E' madeira — mas não faz mal a ninguem.

Lisboa.

Outubro: 31.

Creio que consegui hoje arrumar o caso do Saldanha. Lá fui, como ficou com-

RUBINSTEIN

TIVOLI

30 DE OUTUBRO DE 1952, ÀS 18,30 HORAS

DADOS BIOGRÁFICOS

O nome deste grande pianista é conhecido em todo o Mundo onde um público entusiasta até ao delírio, o aclama em cada actuação como um dos maiores pianistas de todos os tempos.

A sua história é já do domínio público, não havendo ninguém que se interesse por música que não saiba que depois do histórico encontro aos 6 anos com outro grande músico (o violinista Húbermann então com 12 anos) Rubinstein, depois de estudos intensivos em Berlim, estava apto a iniciar uma das mais gloriosas carreiras de «virtuose» de que há memória, apenas com 11 anos de idade.

Romântico por natureza, mas de um romantismo exaltado, este fascinador de multidões tem uma cultura vastíssima interessando-se sobre os múltiplos aspectos da vida humana, sendo um filósofo e um conversador insinuante, que discute pintura, livros, política, com a mesma facilidade com que analisa os mínimos pormenores de uma Sonata ou de uma Fuga.

Disputado por todos os grandes centros musicais, A. Rubinstein quis mostrar a sua simpatia pelo público português, voltando ao Tivoli para esta memorável série de actuações, que ficarão gravadas nesta sala como um dos acontecimentos mais notáveis dos últimos tempos.

RECITAL CHOPIN

Cedo manifestou Chopin tão extraordinárias aptidões para a música que os pais do genial compositor julgaram indispensável fazê-lo iniciar nos domínios da composição musical.

O seu apetrechamento técnico — harmonia, contraponto e instrumentação — foi confiado a J. Elsner, excelente músico e director do Conservatório de Varsóvia, que, por seguir o antigo método contrapontístico baseado nos tetracórdios, acabou por ser mais moderno que a maioria dos compositores italianos e franceses da sua época — compositores do tipo Auber ou Donizetti — e por se aproximar do estilo alemão, mais severo, a que pertenceu Beethoven, e de que descendeu Wagner.

Chopin — muito embora afastado, durante os anos de aprendizagem, dos principais centros musicais europeus — teve, pois, o seu ensino encaminhado segundo o método pedagógico mais eficiente, o que o tornou apto a romper a linguagem melódico-harmónica dos músicos que o antecederam. Não se limitou — o que por si só já seria muito — a alargar espantosamente as possibilidades expressivas do piano; apontou, com a segurança característica do verdadeiro génio, novos rumos à harmonia, à melodia, e ao ritmo, completando o movimento libertador levado a cabo por Beethoven, no domínio da forma, com a renovação da substância musical.

Além de marco fulgurante do romantismo e do nacionalismo musical, Chopin — sobretudo por estar na origem da revolução operada por Wagner, com o cromatismo, e por Debussy, com o paralelismo — é o centro de onde irradiam as arrojadas conquistas técnicas que tornaram possível a música dos nossos dias.

A sua posição histórica impõe-se hoje de modo absoluto como das mais decisivas no fluir histórico da arte dos sons.

Artur Rubinstein, um dos maiores intérpretes chopinianos, presta expressiva, justa e significativa homenagem a este compositor, dedicando-lhe inteiramente o presente programa.

PROGRAMA

I

ANDANTE SPIANATO E POLACA, em mi bemol maior

O *Andante Spianato* foi uma peça originàriamente escrita para piano e orquestra, e mais tarde transcrita para piano solo pelo próprio autor.

É uma *forma-canção* que serve de intrcdução a uma *polaca.*

DUAS MAZURKAS

A mazurka (em polaco: *masurek)* foi criada por Chopin sobre uma dança popular dos Lagos Masuros.

De ritmo ternário, o seu carácter é heróico e cavalheiresco, assentando, por vezes, em temas populares autênticos, baseados em escalas estranhas ao *maior-menor* vulgar.

SONATA OP. 35, em si bemol menor

Grave
Scherzo
Marcha Fúnebre
Presto

Entre a produção pianística de Chopin avultam, pela importância, duas das três sonatas que o genial compositor polaco escreveu para este instrumento.

A que vamos ouvir — em si bemol menor —, interpretada por Rubinstein, é talvez a mais conhecida do grande público devido ao andamento lento — *Marcha Fúnebre* — frequentemente incluído em concerto como peça separada. Este trecho, numa versão instrumental, foi executado em Paris, na Igreja da «Madeleine», durante as exéquias de Chopin.

O primeiro andamento é construído sobre dois temas (o primeiro rítmico, o segundo melódico) precedidos de uma introdução lenta, em quatro compassos, cujo desenho Chopin também utiliza no desenvolvimento temático. Na reexposição não reaparece o tema inicial.

Ao *scherzo,* de corte regular, segue-se a *Marcha Fúnebre,* vasada também nos moldes do *scherzo* (com um *trio* central, melódico).

O *Presto* é uma espécie de *estudo* sem plano bem definido.

II

BALADA, em sol menor

Na música instrumental moderna o termo *Balada* designa peças de carácter narrativo, evocando uma atmosfera lendária, através de apropriados meios predominantemente melódicos.

A *Balada em sol menor,* a primeira das quatro quanto à data da composição, é construída sobre dois temas que surgem precedidos de uma introdução de sete compassos e separados por um breve período de transição. Na secção central, Chopin emprega com frequência passos de grande execução.

DOIS ESTUDOS

Chopin, com a série de 24 *Estudos* para piano, publicados em dois cadernos — o primeiro em 1833, e o segundo em 1837 —, iniciou uma nova era na moderna pedagogia deste instrumento, reatando a tradição de João Sebastião Bach de ligar ao desenvolvimento técnico — ou seja: da execução — a educação estética por meio da elevada qualidade musical e artística dos trechos.

VALSA

Chopin entrou em contacto com o círculo dos amigos de Schubert, quando da sua passagem pela capital austríaca. Aí conheceu os doze *Ländler* deste compositor, compostos em 1823, e que estão na origem das conhecidas valsas de Chopin, tão propensas ao máximo brilhantismo pianístico como a expressões trágicas de dor humana.

NOCTURNO

Nos dezanove nocturnos Chopin segue, mais ou menos livremente, a *forma-canção* instrumental, imprimindo-lhes a seguinte estrutura: Exposição — Parte intermédia — Reexposição. As suas geniais criações depressa empalideceram os nocturnos de John Field, que lhe serviram de modelo.

POLACA OP. 53, em lá bemol

Nesta polaca, antiga dança da côrte que Chopin transformou em curtos poemas épicos para piano, o compositor transmite-nos, numa linguagem plena de exuberância e fogosidade romântica, o seu fervoroso patriotismo rudemente ferido ao tomar conhecimento dos desastres que conduziram ao esmagamento da sua Polónia pelo dominador estrangeiro.

José Atalaya

Piano STEINWAY

Preço 2$50

Tip. E. N. P. - 800 ex. - 30-10-1952

tinado, ao Estado-maior do Ex.to; e quan-
do julguei que os oficiais da repartição res-
pectiva teriam o caso estudado, vi que afinal
apenas concluiram que havia um regulam.to
de 1913 no qual certo artigo q. o major José
Franc.o Monteiro me mostrou, falava vaga-
mente da protecção a obras de caracter milit-
tar. E mais nada.

Eu então, puxando de 1/2 folha de papel
selado, disse amavelm.te ao major que o
melhor seria fazer um requerimento claro
e sem preocupações regulamentares. Ele
concordou — e eu escrevi o seguinte que
aqui fica fl.a minha memoria e para memo
ria das atribulações do pobre Saldanha...

«Sr. Ministro do Exercito. Excelencia.
— F.... escreveu um estudo acerca do Ma
rechal Duque de Saldanha, relativo ás suas
ideias e metodos militares, que deseja va
publicar. Como, porem, pela sua extensão
e necessid.e de mapas e gravuras deve ficar
dispendioso, alem das suas disponibilida-
des e possibilidades particulares, vem requ
rer a V. Ex.a, se assim o entender, a conces
são dum subsidio suficiente para cobrir

grande parte do custo — comprometendo-se a entregar o numero de exemplares que V. Ex.ª designar. E nestes termos, toma a liberd.e de fixar em 25:000$00 (vinte e cinco mil escudos) a quantia que julga suficiente p.ª que o pêso da impressão e composição calculado em 32/33:000$00 (trinta e dois para trinta e tres mil escudos) não recáia todo sobre o autor. Confiado na benevolencia de V. Ex.ª — Pede deferimento. — Lisboa, 31 de Outubro de 1952 — (a) J. P. »

E o requerimento lá ficou com o exemplar dactilografado na 1.ª Repartição, para seguir os seus tramites.

A seguir, subi ao 1.º andar, para falar ao Barros Rodrigues. Com o pretexto de o cumprimentar, ia-lhe dizer que o original estava entregue e que esperava dele a melhor atenção p.ª o caso. O homem estava em reunião com os comand.tes das regiões; esperei mais de meia-hora até que ele apareceu, sorridente, amavel, dizendo que estava aborrecido por me fazer esperar e que suspendera por momentos a conferencia para me atender. Eu agradeci e disse-lhe rapi-

daremito o que queria ; ele respondeu com a mesma expressão amavel que o assunto ficava por sua conta, até. até.

Para o não demorar, despedi-me e ele veiu comigo até ao cimo da escadaria e esperou que eu chegasse ao patamar de baixo p.ª fazer a sua cortezia.

Ao sair, vinha a pensar em todas estas amabilidades e atenções. Tão pouco habituado estou a elas que não sei a que atribuir tal tratamento.

Do Estado-Maior segui para a Revista Militar onde o Pires Mont.º me esperava, segundo aviso telefonico de manhã.

Queria ele contar-me que, outrora, fôra ao Arquivo Hist.º Militar para falar com o director, cor.º Alberto Faria de Morais, a respeito da homenagem que este quer prestar ao Ferreira Lima com a inauguração dum retrato na sala principal e uma exposição bibliografica tão completa quanto possivel, no proxº dia 13 de Dezembro — dia em que o homenageado faria 70 anos se vivo fosse.

O Pires Mont.º continua na sua teima: quer que seja eu o orador da homenagem

com o pretexto de que a Comissão de Histó
ria M.as deveria ter a primazia e de que um
dos seus vogais a deveria representar com
qualquer alocução.

Expus-lhe, novam.te, o que por carta lhe
disse já; mas a verd.e é que ele deixou no Fa-
ria de Morais, segundo parece, certa influên
cia favoravel, afirmando-lhe que eu era um
dos maiores e mais intimos amigos do Fer
reira Lima e possivelmente um dos que me-
lhor compreenderia a sua obra. Segundo o
Pires Mont.o o homem ficou abalado.

Vamos a ver o que sái.

Os jornais da noite dão a noticia da mor
te do Queiroz Veloso com os seus 92 anos já
feitos. Morreu um historiador que não dei-
xa substituto. Toda essa gente que para aí
trabalha em Historia não lhe chega aos calca-
nhares; não passa de um grupo de curiosos
incapazes duma obra solida de conjunto.

Quem são os historiadores?

O que vale essa Academia da Historia
com todo o seu aparato?

A morte do Queiroz Veloso creio que dei-
xa ~~[illegible]~~ em mãos louçais a Historia Portu

guesa. Não é o Damião Peres, nem o Antonio Baião e outros semelhantes que lhe ocuparão o lugar.

Lisboa.

Novemb.º: 3.

Voltei hoje ao Arquivo Historico Militar conforme ha dias combinei com o seu director, Faria de Morais, p.ª tratarmos da publicação em volume do meu Catálogo e Sumario, já aprovado pela Comissão de Historia Militar.

Lá se combinou, mais ou menos, o plano da publicação que o Faria de Morais ainda quer fazer seguir neste ano economico. O homem mostra-se, comigo, duma estrema amabilid.e, não sei bem devido a quê. Não nos conheciamos e, até, o nosso primeiro encontro foi desagradavel devido a um incidente que eu tomei por menos correcção da parte dele — aliás explicado satisfatoriamente. A verdade, porem, é que se mantem sempre em atitude de respeito e as palavras com q. me cumprimenta são sempre de "venerador atento e obrigado..."

Não sei ainda definir bem o homem. Fisicamente, é, á primeira vista, desagradavel; cara ordinaria, avermelhada, com sorriso de mar em quando fóra de proposito que faz suspeitar intenção de troça; a voz um pouco aflautada que não sôa bem, uma maneira de falar arrastada, com circumloquios, acompanhada de quando em quando do tal sorriso q. se não percebe. Intellectualmente, não me parece grande coisa; elle mesmo confessa que não tem categoria p.ª dirigir o Archivo, que "não sabe como ali foi parar" — mas sempre vai dizendo, paralelamente q. procura cumprir e que quere fazer alguma coisa de util. E na verdade parece q. foi elle que, pela persistencia e progressivamente influencia clerical, conseguiu a mudança do Archivo p.ª a actual installação que, sem ser optima, é incomparavelmente melhor do q. a anterior. Ao mostrar me as salas do estabelecimento, falou com tal segurança em verbas promettidas para obras e melhoramentos que me deu a impressão de que o homem tem boa lampada acêsa em Méca; e ao mostrar-me uma das salas ainda incompletamente arranjada, disse

me com a maior naturalid.e que a destina va para o arquivo do Conselho de Guerra ainda na Torre do Tombo...

Assim seja. O Ferreira Lima, com os seus acanhamentos e os seus receios, nunca conseguiu coisa semelhante. Este director embora diga, como me disse ha dias, que era "um simples oficial de Cavalaria" e nada mais, parece que quer fazer valer-se e sobrepôr-se ao antecessôr. Ds. riem será.

Mas, voltando ao começo: estabelecida a combinação relativa ao Catalogo e Sumário, o Faria de Morais veiu a falar da proxima homenagem ao Ferreira Lima. Contou-me que ouvindo varios amigos do seu antecessôr com o fim de se orientar devidamente, chegou á conclusão de que se não orientou... Cada qual apresentava sua ideia e ele concluiu afinal que o melhor seria reduzir a cerimonia a termos simples, modestos, que não iriam alem duma pequena alocução dele, director, do descerram.to do retrato e da visita á exposição bibliografica. Um dos amigos do Ferreira Lima que ele não nomeou, era de opinião que se convidasse o Julio Dantas pa-

ra um discurso de abertura; outro, que tam
bem não nomeou queria certo academico no
tavel cujo nome não disse; um terceiro ajun
tava outra celebridade; e ainda o Pires Mon
teiro queria que fosse eu... Perante tão di
versas opiniões, entendeu ele, Faria de Mo
rais, que afinal, como director e dono da ca
sa, seria a pessoa indicada p.ª abrir a sessão
e dizer as razões da reunião.

Perante a minha concordancia, que pa-
rece lhe agradou, terminou por pedir-me
uma nota dos topicos principais que ele de-
veria tocar na alocução de abertura; como
~~eu~~ confessou que só falára uma vez com
o Ferreira Lima, tinha as suas duvidas so
bre o seu valor e as suas qualidades — se
bem que logo a seguir, em frases breves, me
deu um esboço mais ou menos verdadei-
ro do que ele valia como investigador, co-
mo trabalhador consciencioso, dedicado e
probo, sem vaidades ou orgulho.

Ao sair do Arquivo, enquanto esperá-
va electrico á sombra das colunas da frontã
ria do Museu Militar, fiquei-me a pensar
nas contradições do homem que declara
do-se um "simples oficial de Cavalaria", e

nada mais, que dizendo ignorar o valor do Ferreira Lima, q. afirmando querer ouvir os amigos deste p.ª se decidir, etc. etc. acaba por tomar resolução sua, por expôr um juizo mais ou menos exacto sobre o homenageado e por me pedir uma especie de sebenta p.ª fazer a sua alocução...

Ligando todas estas coisas, fiquei um tanto ou quanto indeciso — mas pareceu-me que poderia concluir que o Faria de Morais deve ser um grande gajo. Aquele tal sorriso fóra de proposito tem que se lhe diga; não ha duvida, o homem é um grande gajo. E pronto.

Esquecia-me de deixar notado que ele me disse que o Chefe do E.M., o Barros Rodrigues, lhe telefonara p.ª o avisar de que lhe ia mandar o meu Saldanha para que, segundo as formalidades burocraticas, fosse um dos informadores acerca dos meritos da obra... Eu apenas lhe disse:

— Fica em muito boas mãos...

Ele, com o tal sorriso fóra de proposito respondeu:

— Perdão, meu Coronel. A honra é para mim.

Lisboa.

Novembro: 5

Voltei á Revista M.ar para dar conta ao Pires Monteiro do resultado da conversa com o Faria de Morais. Ficou desolado e um tanto ou quanto desapontado com a resolução do homem que implicava menos importancia pela sua sugestão.

Eu estive p.a lhe dizer que se não deveria ter metido onde não era chamado, principalmente em assuntos que poderiam incluir certos melindres e beliscaduras de vaidades. Calei-me, foram, port.p. notei claram.te que ele ficou desolado.

Nisto entrou o Raul Esteves, o ilustre e complicado general, meu contemporaneo da Escola do Exercito, hoje figura primacial do regime. Vinha tratar com o Pires Monteiro qualquer assunto da Revista, mas depois ficou á conversa, amenamente, dando opiniões acerca de certos sucessos do momento, como a eleição do presid.te da Republica americana, a vinda do braço de S.to Franc.o Xavier até Lisboa, o problema monarquico em Portugal, etc. etc. Este ilustre general Raul Esteves é, naturalmente, um

«estaferno», verdadeiro «estaferno.» É inteligente, tem capacid.e de trabalho e de organização, mas é um grande «estáferno.»

Da conversa quero fixar dois passos curiosos que o definem bem.

Ao falarmos das eleições p.a a presidencia dos Estados-Unidos da America e ao compararmos com as feitas ultimamente em Portugal o Estéves dissertou acerca da liberd.e do voto com certo espirito e chegou á conclusão da vantagem do nosso sistema eleitoral porque «elegia» um parlamento bem educado... Perante a nossa reacção que incluia alguma incompreensão da frase, ele explicou:

— Bem vêem... Nesta Assembleia Nacional todos se portam bem, com a devida educação... Ha tempos, uma minoria dizia, quando se fez a revisão constitucional, declarou-se monarquica; outra minoria declarou-se republicana... Mas o resto ficou calado como devia, isto é, com a compreensão daquela boa regra da boa educação de que, enquanto se come não se fala...

Rimos-nos; eu lancei um olhar de esguêlha p.a o Pires Monteiro — e ambos vi-

vemos a mesma ideia e mentalmente fizémos o mesmo comentario: este Raul Esteves tambem pertence ao numero dos "bem-educados", pois desde que está a comer e a comer bem, não fála... E assim léva a sua reforma "com consciencia" e vai passando a methica tranquilamente.

Depois, veio á conversa o caso do braço de S. Francisco Xavier, trazido em triunfo a Lisboa — não se sabe bem para quê. O Raul Esteves comentou com aspereza este episodio de superstição religiosa (sic) e disse que se ele mandasse, a guarda de honra que recebeu no Campo Grande a reliquia não devia ir armada com espingardas ou espadas, mas sem qualquer especie de armamento. E garante qualquer interrupção do Pires Monteiro explicou:

— Bem vês que foi um braço de São Francisco, o mais natural é que a guarda de honra apresentasse as armas do dito santo...

Rimos-nos outra vez. Nova olhadela de soslaio com o Pires Monteiro, pois ambos nos lembrámos que, pouco antes, o dito Raul Esteves dissera que era sincero

catolico apostolico romano... E como sincero catolico pretendia que á reliquia vinda de Roma com todas as honras se apresentassem as armas de S. Francisco!

Onde está a coerencia e a seriedade destes tipos? No começo desta nota chamei ao Raul Esteve, modestamente, um «estafermo.» Talvez seja mais verdad.º se lhe chamar um «estupôr...»

Lisboa.

Novembro: 11.

A D. Maria Lina chamou-me ha pouco ao telefone p.ª me dar conta da visita que o Faria de Morais, director do Arquivo Hist.º Militar, lhe fizera para expôr o plano da homenagem ao Pai.

Já aqui falei por varias vezes acerca do coronel e da homenagem ao Ferreira Lima. Pois agora o homem aparece, ~~[illegible]~~ depois de varias hipoteses e consultas, a decidir fazer a homenagem de modo bem diferente embora mais completo e, diga-se, justo.

O Faria de Morais continua a ser, para mim, ainda um problema.

Mas enfim: expôz ele á D. Maria Lina que convidaria o Presid.te da Republica para presidir a uma sessão solene, durante a qual o retrato seria descerrado; que ele diria rapidamente as razões da sessão e q. o general Barros Rodrigues faria a seguir o elogio do homenageado; e que depois se exporia ao publico a colecção bibliografica sem outra qualquer cerimonia.

E' claro que a D. Maria Lina ficou muito satisfeita com a noticia, pois assim a homenagem teve maior repercussão e teve outra solemnidade. Eu tambem concordo com esse conteutamento e igualmente achei bem que se désse á sessão maior brilho e projecção com a assistencia do Presid.te da Republica, ministros, etc.

O que estranhei foi a maneira como o Faria de Morais resolveu o caso; e com o que não concordo é com a escolha do Barros Rodrigues f.º a alocução central. Parece-me que o cor.el Morais andou a caçar comigo quando me consultou e me afirmou os seus propositos respeitantes á homenagem; será, da m.ª parte, desconfiança e tudo se seguiu como era natural?

É possível q. assim seja e eu ande um pouco desconfiado com o homem. Mas o certo é que ele continúa a ser, para mim, e ainda, um problema.

... Problema cuja solução não terá importancia por aí além.

Paz. Mafra

Novembro: 17

Como em 3 deste mês o Faria de Morais me pedisse e eu deixei combinado aqui, mandei hoje a nota relativa aos principais topicos que deveria tocar na alocução que deverá fazer na prox.ª homenagem ao Ferreira Lima.

A nota é a seguinte:

«Bondade. — Modestia — Desinteresse pelas glorias — Espirito de justiça. — Seu juramento proprio para a investigação. — Capacidade e probidade no trabalho. — Persistencia e equilibrio na investigação.

«Como director do Arquivo Historico: Competencia. — Interesse pela sua valorisação — Interesse leal pelo trabalho dos colaboradores.»

Mandei-a porque lha prometi. Estou convencido de que não servirá para coisa alguma.

Coimbra.
Novembro: 24.

Cheguei anteontem e já tenho que deixar aqui a nota triste da morte dum velho companheiro de estudos do Liceu: o Carlos Baltino Dias.

Conheci-o quando ele veiu do Brasil, com o irmão Manuel, para seguirem os estudos em Coimbra. Era de S. Luís do Maranhão e o natural acanhamento de quem vem de longe e o aspecto de saudade que todo o seu exterior lançava, fizeram-nos aproximar dele — tanto mais q. muitos rapazes o troçaram pelo sotaque brasileiro e pelo feitio especial do pano da sua capa e batina nova em folha.

Nasceu, pois, certa amizade entre nós e nele teria, de certo, o último reconhecimento pelo condiscípulo que o acolhia com afectuosidade e não fazia côro com os energúmenos sempre dispostos á chacota. Ficámos companheiros constantes e durante anos a con-

vivencia tornou-se íntima e os nossos encontros, á tarde, p.ª passeio, em.tas vezes com o Mario Soares Duque (que morreu Juiz do Supremo Tribunal) eram motivo de expansão de ideias, de confidencias e de alegria.

O tempo foi passando. Quando voltei da Escola do Exercito ou tomar nas férias que sempre vinha passar a Coimbra, visitava-o na republica no Largo da Feira, conversávamos alegremente. Nessa altura andava pelas republicas uma certa rapariga, que era conhecida pela Maria de Verride — bela rnocetona, de olhos verdes claros, estatura de corpo, busto altivo, cólo perfeito, uma altivo completo. Encontrei-a em.tas vezes, ao entrar no quarto deles, sentada nos joelhos do Manuel, nas atitudes naturais de preferida e animada.

A rapariga era daquelas que se poderia classificar de «pancada alta»; tinha olhar brilhante e maijo; etc. etc.

O certo é que com o rodar do tempo o Manuel deixou-a por causa do namoro que tinha, a sério, com uma senhora que morava em frente e com quem veio a casar; e a Maria de Verride pouco depois

desaparecia das republicas e eu não voltei a vê-la — e, como tudo, esqueceu.

O tempo continuou a rodar; e uma vez, ao passar na estrada do Porto, na pequena ladeira sobranceira á estação dos caminhos de ferro, vi á janela duma casa modesta ali recentemente construída, e com uma creança ao colo, a Maria de Verride, com outro aspecto já, talvez ligeiramente emagrecida, ar de certo modo triste — mas ainda com os olhos magnificos que me admiravam uns anos antes.

Eu ia a comandar qualquer força militar p.ª exercicios ou carreira de tiro. Olhei apenas e... moita! Concluí que alguem a tirára da vida airada em q. andava e a presenteara com um filho. E' o destino de muitas; mas eu quiz ver no brilho magnifico dos olhos uma vaga saudade dos tempos da pagodeira das republicas.

Enfim, vim depois a saber que o Carlos Balbino Dias, seduzido pelas qualidades da rapariga a pozera de casa e pucarinho e que dessa casa e pucarinho nascera mais tarde um garôto que o veiu a prender definitivamente.

Com o nascimento dum segundo filho o Carlos Dias ficou enleado e casou... A Maria de Verride passou a ser a esposa do medico especialista Carlos Dias, em breve consul do Brasil em Coimbra e pessoa considerada na socied.e culta local.

Infelizmente p.a ele e com grande magua p.a os antigos amigos, este casamento foi a causa de lenta mudança no caracter do Carlos Dias. A acção constante da mulher foi-o abastardando; começou a desleixar-se na clinica em que era m.to considerado; e a insistencia com que passou a frequentar as igrejas, mais como beáto ou monomaniaco do que como crente normal, começou a torna-lo reparado e suspeito. Com a extinção do consulado brasileiro e o abandono da clinica, entráram, naturalmente, em casa, as dificuld.s de vida — e começou então um periodo de expedientes q. acabou por quasi o desclassificar.

Pobre rapaz! E sempre com ar alegre, bem disposto, como de quem vive á larga e feliz. Ultimamente a vida dele era um misterio — e por fim, uma doença um pouco misteriosa fe-lo sofrer largos e

a tantos quilos até que morreu há dias, a 22 deste, segundo creio.

Pobre Carlos Dias...

A notícia fez-me recordar tempos q. lá vão; e muito mais diria aqui se não fosse o íntimo receio de ser indiscreto perante uma sepultura ainda mal fechada. Pobre Carlos Dias!

Coimbra.

Dezembro: 4.

Recebi hoje da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto um convite p.ª representar a agremiação na proxima homenagem á memoria do Ferreira Lima em Lisboa.

Quem seria de lembrança? Suspeito do Alberto Meira. Ou seria do Alfredo de Magalhães?

Fosse de quem fosse, fiquei grato, mas respondi logo, o mais amavelmente possivel com os agradecimentos devidos e com a informação de que não vou á homenagem.

Terão de escolher outro qualquer.

Coimbra.

Dezembro: 5.

Fui hoje ao Porto ver o Lourenço Chaves Almeida.

Deixei-o no verão muito em baixo, muito decaído. Agora achei-o talvez mais animado, com a persistencia constante de ha poucos, com mais precisão na carreira. Apesar de tudo, porem, a decadencia parece acentuar-se sem remedio.

Coimbra.

Dezembro: 12.

Recebi hoje um cartão do meu genro, o tenente de Sousa Lima que me diz ter ido ao Estado-Maior do Exército tratar de assuntos relativos á bibliotéca do Colegio Militar e ver visto na mesa do oficial com quem falou os dois volumes dactilografados do meu estudo sobre o Saldanha. A curiosid.e levou-o a perguntar se o caso estava resolvido; e o oficial com quem falava (que era o Americo de Mendóça Frazão, meu subalterno no regimento 7) mostrou-lhe o relatorio do coronel Banazol, do Est.o Maior, o primeiro cursôr a ler e apreciar a obra. Nesse rela-

tário havia, diz o Cristovão, frases como estas: «trabalho honesto», «boa forma literaria» e «redação excelente de Hist.ª militar muito digno de louvor» etc. O Frazão explicou q.º o assunto ficára demorado porq.º o Barrozo fôra a Elvas em serviço, etc. etc. mas q.º ia seguir os trâmites devidos.

Vejo com satisfação que no Estado Maior ha quem aprecie a «boa forma literaria.»

Estamos m.to adeantados.

Coimbra.

Dezembro: 13.

O dia de hoje foi declarado oficialmente o dia do cégo. Dia de S.ta Lucia pelo calendario cristão. O governo lançou mais ofensiva á bolsa particular.

— Temos q.º salvar os cégos!

— Temos q.º dar aos cégos meios para serem uteis á Societ.e!

Etc. etc. E vá de fazer greves pelas ruas, de assaltar as casas comerciais, de mil e uma maneiras de o Estado se esquivar afinal ao seu dever.

E pronto.

Coimbra.

Dezembro : 14.

O jornal de Coimbra O Despertar traz ha pouco uma campanha a favor da reabertura da Escola Livre das Artes de Desenho na velha séde da Torre de Almedina. Uma série de artigos escritos por Adolfo de Freitas, antigo aluno na Escola Brotero do Ant.º Augusto Gonçalves e actualmente no Porto desenhador (creio eu) dos Caminhos de Ferro vem batendo o ferro.

Ultimamente levantou-se o boato não sei se fundado, de que a Camara, dona da Torre, ia ali abrir quaesquer secções dos seus serviços; parece que o Alberino Marques que dizem ser o principal promotor da campanha, avisou o Freitas e este voltou á estacada com artigos inflamados.

Diz-se, não sei se com verd.e, que este Alberino Marques, bom artista serralheiro, e outros artistas da moderna geração, pensam em q.e a reabertura da Escola Livre lhes traria um ascendente no ambiente artistico de Coimbra — pois seriam naturalmente os indicados dirigentes da instituição e possivelmente os professores.

Ora acontece que este Adolfo de Freitas a proposito duma explicação q. nada tinha com a Escola Livre escreveu-me e na carta pedia-me a opinião acerca da campanha e perguntava-me se eu o não quereria apoiar. O rapaz não queria a coisa por menos — desejava um aliado de mais pêso...

Estive, vai não vai, p.ª lhe não responder; mas por fim mandei-lhe a epistola que aqui vai copiada:

«.... Desculpe só agora responder á sua carta q. agradeço muito. E farei o possivel para, na prox.ª vinda do artista seu amigo a Coimbra, não faltar á exposição.

«Leio sempre os seus artigos a respeito da Escola Livre e colecciono-os como documentação para futuro. E já que me pede a opinião repetirei o que tenho dito em conversas com amigos e até proclamei em publico numa sessão em honra do Mestre Gonçalves em Março de 1948 na Associação dos Artistas:

«A Escola Livre teve o seu tempo e cumpriu bem a missão p.ª que foi creada.

O que se poderia e deveria fazer era transformá-la em Casa de Ant.º Aug.º Gonçalves para «perpetuar a memoria do Mestre» e como meio «exemplo de vida util» que cumpria lembrar. Seria assim centro de convergencia de artistas, de certa utilid.e para todos — mas nada mais.

«Para isto, poderem, ha obstaculos de varia ordem que se não podem expor em simples carta. E como é possivel que V... não conheça a alocução que proferi na sessão de Março de 1948, torno a libert.e de lha oferecer um opusculo no qual a pag. 12/13 poderá ver bem clara e bem publica a minha opinião.

«Agradeço as v/atenções, etc. etc.»

O que eu não posso dizer ao Freitas é que tudo quanto seja elevar a memoria do Ant.º Augusto Gonçalves ou mantê-la encontra decidida oposição no actual movimento politico que se tem esforçado, desde a acção do Virgilio Correia como director do Museu, em destruir e até em amesquinhar a grande e bela obra [illegible] levada a cabo com tanta inteligencia, tanta

visão e enorme esforço desinteressado.

E muito menos lhe poderia dizer que a roupeta não perdôa...

Acabei hoje o tal artigo que o Faria de Morais me pediu para a falada Revista Internacional e que serviria de prefacio para o volume do Catalogo e Sumario que a Comissão de Hist.ª Militar se propõe publicar em 1953.

O artigo está um verdad.º mólho de broclos. Confesso que não consegui fazer melhor e desconfio que, se procurasse outra fórma mais perfeita, não seria capaz. Mas aquilo como é para a tropa deve servir e são capazes de achar bom.

Coimbra.

Dezembro: 15.

Amanhã é que se realiza a homenagem ao Ferreira Lima no Arquivo Histórico Militar. Decididamente não vou.

Desde que a homenagem inclue inauguração das novas instalações do Arquivo com os respectivos tagatés ao ministro e os discursos serão feitos nos «termos regu-

lamentáres » resolvi não ir. Solicitei ao Pires Monteiro fº que me representar e mandarei um telegrama á filha.

E ficarei por aqui.

Alem disso, a viagem já me custa... Ir e vir a Lisboa no mesmo dia é quasi trabalho de Hercules.

Coimbra.

Dezembro: 16.

Morreu outem o Lourenço Chaves Almeida e fui hoje acompanha-lo ao cemiterio dos Olivais.

Desapareceu mais um bom amigo e mais um dos companh.ºs de varias lides da vida. Andava, na verd.ª, decadente, mas não o julgava tão proxº do fim. Ainda ha dias, quando passei uma tarde com ele, não me pareceu em vesperas de morte.

Emfim, mais um que desaparece para o bom convivio amigo — pois para a vida activa já se não contaria com ele. Mas é mais uma falta para mim, [illegible] tinha-o como amigo certo, um dos amigos já raros do numero muito reduzido que me resta.

Mas não é só o amigo que desapare
ce; desaparecem um artista de mérito e
com ele acabou uma geração de artistas
e uma época de grande esplendor para as
artes coimbrãpenses.

Lourenço Chaves Almeida foi o últi-
mo representante desse notável grupo de
obreiros que cresceu e avultou á roda do
velho António Augusto Gonçalves e que
tão alto elevou o culto da arte e tão belas
obras deixou por todo o país.

Era o mais novo dessa pleiade a que
pertenceu João Machado (Pai), Manuel Pe-
dro de Jesus, José Barata e tantos outros;
e por sua vez soube criar belos documen-
tos artísticos que não só comprovam o pró-
prio valor pessoal como o valor duma es-
cola e da sabia direcção dum Mestre.

Com as pazadas de terra que se lan-
çáram sobre o caixão, com o conhecido
som cávo e sinistro, fechou-se um ciclo
artístico de Coimbra. Ouvi essas pan-
cadas da terra sobre a madeira compungido
— mas pensei que mais alguma coisa
havia que o banal fenómeno acustico...
Lá ficou um amigo de muitas desenas de

anos que sempre encontrei, em todas as circunstancias, solicito e leal.

Estou convencido de que no futuro se fará justiça aos seus merecimentos de artista.

Coimbra.

Dezembro: 18.

Estive hoje a ouvir, pela telefonia sem fios, um ~~~~ pianista a tocar musicas de Chopin: o que hoje se chama recital. Achei o recital um pouco aturdido... Porquê?

Já em rapazote a musica de Chopin me impressionara muito. Lembro-me de que fiz um soneto, que depois rasguei, relativo á impressão que me deixara uma tal musica; começára por dizer que não era apaixonado por esta ou aquela musica mas que a de Chopin me deixava sensibilizado a ponto de entorpecimento e terminara por dizer que sendo musica dum lirico era, por consequencia, «dos que pensam, que choram e que meditam...»

Este ultimo verso está exacto, lembro-me muito bem: musica «dos que

pensam, que choram e que meditam...»
Eu tinha entao 17 ou 18 anos, estava no
periodo romantico da vida.

Mas a verdade é que, apesar de já lá
ir meio-seculo ou mais, a musica do ce-
lebre polaco ainda me impressiona e fal-
ser em maior grau. Este recital acabou
e eu tinha os olhos cheios de agua.

Porquê?...

Sensibilidade?... Sensibilidade mais
afinada?... Ou na realid., como dizia no
soneto, a musica é dos que pensam, que
choram e que meditam?

Lisboa.

Dezembro: 23.

De novo em Lisboa. Esta vida de sal-
tos continúa p.ª mim mal.

Que lhe hei-de eu fazer?

Vou de ser assim até á consumação
dos seculos...

E depois... sempre que aqui chego, ha
uma nova adaptação ao ambiente. Nesta
rua de S.ro Amaro, á Estrela, embora rua
secundaria, ainda com amargura um
dos aspectos desta terra — a que a nova

linguagem oficial chama a capital do Império. Esse aspecto é o da miseria.

A impressão que me causa a serie de preparações que ouço na rua, lançados por vozes roucas em geral, quer chova quer faça frio! O esforço que deve representar esse afan dos tabuleiros com peixe, das canastras com fruta, da venda das cautelas com a "sorte grande", de variados artefactos em saldos, do "tabuleiro á sorte" ou do pitoresco "deita-gatos"! A luta pela vida que tudo isto representa!

Hoje de manhã, parou em frente da janela onde me barbeava um tabuleiro cheio de peixe conduzido por um homem e uma mulher, ambos mal vestidos, aspecto miseravel. A mulher, de meia idade, embrulhada num chale em parte esburacado, parecia afogueada com o esforço do carrêgo; o homem sentou-se ligeiram.te num dos braços do tabuleiro, como a descançar. Nisto, ao fundo da rua um cégo que toca concertina rompeu com uma canção agora m.to em voga; pareceu-me uma onda de alegria subir por entre o casarão e amolecer a frialdade do ambien-

te — e eu vi então a mulher que me parecia acalcanhada pelo trabalho, sair fóra dos varais do tabuleiro e começar a dançar ao ritmo da musica...

A impressão que isto me fez! Porque aquela dança não seria mais do que um escape para o tormento da miseria; na expressão da mulher não havia a natural alegria de quem se sente bem disposta para dançar; o rosto continuava vincado e sereno, o corpo é que saracoteava...

O que se passaria naquele cerebro habituado a fracas comoções? E aquela disparidade entre os movimentos coreograficos e a expressão do rosto, deu-me que pensar.

A certa altura o homem, levantou-se e disse com naturalidade:

— Oh mulher! vamos a isto!

Ambos empunharam as varas do tabuleiro e seguiram rua acima com o pregão ~~[illegible]~~ pouco compreensivel de «pescada fresca!»

E ao fundo, a mesma canção alegre da concertina continuava a encher o ambiente de alegria.

Tudo isto me faz impressão. E embora deseje vir para Lisboa residir, a verdade é que, quando for aqui ando, sinto a lembrança constante do sossêgo da minha casa de Coimbra.

Mas a vida não é o que queremos que seja. Adeante.

Lisboa.

Dezembro: 31.

Acaba hoje mais um ano. O dia é como outro qualquer, mas todos sentem que ha qualquer coisa especial que se presta a comentarios.

Acabou o ano... Não lhe faço elogio porque para mim são todos máus — e não espero que o que entra amanhã seja melhor. Já não conto, no resto da vida, com qualquer alegria.

Ora ontem fui ouvir, ao Conservatorio, o Luis de Oliveira Guimarães numa conferencia acerca de D. João da Camara cujo centenario se celebra desde ha dois meses com certa dignidade.

Esta conferencia ou antes e melhor esta palestra parece que encerrou o ja-

riodo das comemorações — e encerrou-o com sessão que se poderá chamar graciosa. O Oliv.º Guimarães não tem nada de profundo, é sempre ligeiro, um tanto ou quanto superficial, mas tem graça e sabe temperar as narrações com certo espírito e certa elegancia de modo que se ouve com bastante agrado. Contou, especialmente, anedotas e ~~[illegible]~~ repetiu certos ditos agudos ou simplesmente irónicos atribuidos ao dramaturgo; disse tudo em linguagem correcta sem esquecer louvôres á "fidalguia" ou á "nobreza" de sangue do fidalgo D. João da Câmara que, segundo ouvia dizer, era o mais alheio possivel a essas minharias.

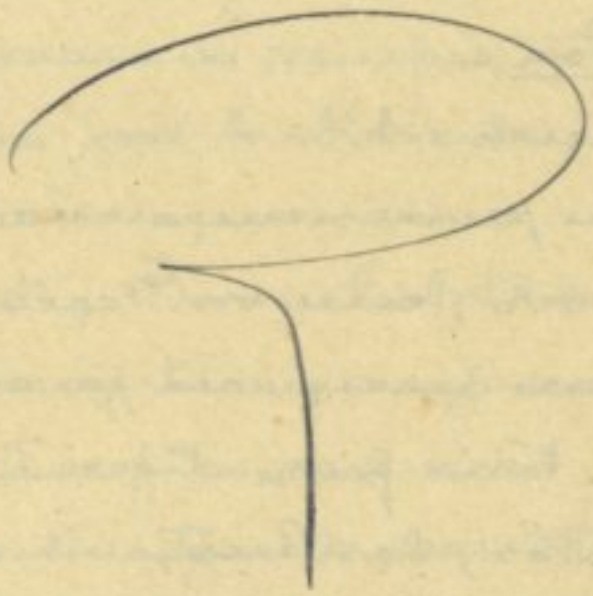
Emfim, passou-se uma hora muito bem, sem cançasso, em ambiente simpatico não só da sala em si como do proprio assistencia.

E assim o ano acabou, com esta recordação duma palestra anual comemorativa dum homem de letras que era ao mesmo tempo um excelente homem, religioso sem hipocrisia, laudoso sem vaidade e trabalhador sem ambições.

Talvez fosse um caso raro no tempo em que vivemos; e hoje, á luz da quadra q. atravessámos, será um caso excepcional.

Paciencia.

E assim o anno acabou...



— 1953 —

Lisboa:

Janeiro: 1.

Cá estou, mais uma vez, no começo de ano novo, com m.ª coisa para dizer, mas sem paciencia para isso.

E o que teria para dizer?... Lastimas, aborrecimentos, desilusões — mais nada! Não encontro na vida outra qualquer consolação que não seja a dos aborrecim.tos, a das lastimas e a das desilusões.

Lá fº começar o ano aqui vai um caso com o geral, aliás, nada velho, mas que me mereceu reparo:

Conheci em Coimbra, desde rapazinho do Liceu, o João Rodrigues da Silva Couto hoje director do Museu de Arte Antiga. Nesse tempo era chamado familiarmente entre amigos do Tio Manuel Aug.to Rodrigues da Silva, o «Joaozinho.» Foi crescendo e for-

mando a sua mentalid.e á sombra do Tio que era velho liberal e republicano, e do grupo que se reunia diariamente na sua drogaria na rua da Calçada, drogaria muito conhecida como fóco republicano e liberal. Era figura principal nesse grupo o professor Ant.º Augusto Gonçalves; por lá passou e passava sempre q. ia a Coimbra o dr. Antonio José de Almeida; lá se reuniam velhos maçons como Abilio Roque de Sá Barreto, Manuel Ant.º da Costa, Frederico Graça e outros; mas ao mesmo tempo lá iam p.ª a conversa o conego Prudencio Quintino Garcia, erudito investigador, o coronel Arsénio Moreira, do regimento 23 de Infant.ª, etc. etc.

O João Couto foi, pois, um produto do ambiente e como tal sempre o considerei: republicano, liberal, anti-catolico ou pelo menos indiferente em materia religiosa. Quando lidei mais de perto com ele em Coimbra, nunca suspeitei nele outro qualquer modo de ser.

A certa altura veiu para Lx.ª e aqui foi subindo de situação em situação até director do antigo Museu das Janelas Ver-

dos anos, aliás, creio que faz bem lugar. Já foi vereador da Câmara e julgo que ainda integrado na actual situação política.

O que, porem, não sabia e que hoje ao vir em conversa de acaso a seus intenções, é que está católico praticante... Aos domingos, á missa do meio-dia, na basílica da Estrela, comparece reverente, com livro de orações, como melho crente.

Que pensar?

Assim começo o ano de 1953 — com má língua.

Lisboa:

Janeiro: 17.

Depois dum ~~ataque~~ ataque de griffe q. me prendeu a casa bastante tempo, tive hoje a desforra com um concerto ou recital (como aqui dizem) do pianista Benno Moiseiwitsch, considerado um dos melhores artistas actuais do piano.

Não sei que dizer. O homem é realmente grande artista; ouvi sinceramente as peças de Chopin que ele interpretou magistralmente; mas, com franqueza, a

grande enchente da casa e a posição elevada em q. estava, numa 2ª fila de balcão de 2ª ordem, não me deixavam talvez concentrar devidamente.

E' certo q. eu poderia fechar os olhos e limitar-me a ouvir; mas tambem é natural que se deseje ver o artista nas suas atitudes.

Os preços exorbitantes dos lugares melhores assim quizeram.

Lisboa.

Janeiro: 21.

Compareci hoje, 4ª feira, na Revista Militar, á reunião costumada de amigos não só do Pires Monteiro como da propria revista. E' habitual nestes dias o Vitorino Guimarães, sempre vivo de espirito, fumadôr impenitente, que vai contando uma vêr por outra, entre frouxos de tosse, qualquer caso da sua vida de politico.

Eu, verdᵉ seja, costumo provocar esses capitulos interessantes dum passado que a actual situação tem interesse em denegrir. E hoje saiu este caso que não resisto a resumir aqui, pois o Vitorino não escreve

memorias nem está disposto, segundo me disse a escrevê-las.

Ele, Vitorino, como o embaixador Teixeira Gomes, foram em certa época à Sociedade das Nações a uma reunião de ministros para tratar de assuntos de caracter economico. Era ele, então, ministro das Finanças e levava, entre outras incumbencias, a de fazer aprovar uma convenção sobre as marcas industriais. Para isso, antes da apresentação da proposta, procurou apoios e encontrou-os nos delegados da Hespanha; se me não engano nos da Belgica e Holanda e ainda no da França, no então presid.te do ministerio, o celebre Barthou, pessoa de prestigio e influencia na assembleia.

Seguro, pois, da aprovação, certo dia apresentou, conjuntamente com a Hespanha, a proposta da convenção e viu com regosijo que foi bem recebida e marcado dia para a sua votação. Os bastidores da S.D.N. falava-se no caso como coisa assente e os delegados portugueses não pensáram mais no assunto — que era, afinal, assunto arrumado.

Chegado o dia da votação, o ministro da Economia da Italia que na assembléia representava o seu país, pediu a palavra e criticou asperam.te a proposta, terminando por dizer que se ela fosse aprovada a Italia retiraria da assembleia a sua delegação. Grande espanto em todos! Os dois portugueses entre-olharam-se como quem procura explicação para a reviravolta...

Procedeu-se á votação: a proposta foi rejeitada. Votaram apenas a favôr Portugal e (honra lhe seja!) a Espanha.

O Vitorino Guimarães ficou aborrecido. O Teix.a Gomes, mais ceptico, pretendeu consola-lo, explicando certas incongruencias das assembleias internacionais. E quando saíam da conferencia e iam os dois falando do assunto, o Vitorino sentiu bater-lhe no ombro e uma vor dizer-lhe:

— Você deve ir zangado...

Era o Barthou, com um bom sorriso, que lhe dizia:

— Não se admire da reviravolta. As coisas são o que são...

E perante qualquer fraze do Guimarães que significava mais ou menos a extra-

nheza causada pela falta de cumprimento a um compromisso, o Barthou voltou á carga com o mesmo amavel sorriso:

— Não extranhe, meu Am.º, não extranhe... E' que de certo não sabe que o F... (e citou o nome do ministro italiano que fez a oposição) é o director duma grande empresa de Vermouth fabricado, empresa importantissima em Italia. Já vê que lhe não convinha a concurrencia das marcas... A empresa teria de fechar as portas...

E o Guimarães terminou o episodio com um frouxo de riso de fumador e um encolher de ombros de homem desiludido.

Eu ainda lhe disse:

— Porque é que você não escreve essas coisas todas por que passou? Que episodios poderia contar!

Ele voltou a encolher os ombros e lançar novas fumaradas do cigarro.

E agora, p.º ser veridico e não estar a invalidar o que fica escrito: faço uma rectificação que é devida. A assembleia ou conferencia em que se deu este caso

não foi na Socied. das Nações, mas sim em Genova, numa reunião de primeiros ministros das nações aliadas na guerra de 1914-1918, ou seus representantes. Assim é que fica certo.

Nesta reunião da Revista também se disse que o Salazar Vieira, nos fins de Dezembro, teve ameaço cerebral, embora ligeiro mas que o deixara abalado.

Afirma-se o caso como verdad.e, bem como o facto de ele oferecer ao Craveiro Lopes um futuro sucessão — oferta que este não aceitou.

O que haverá de verd.e nesta segunda parte? O mistério é uma das bases desta actual situação política.

Lisboa.

Janeiro: 27.

Veio hoje nos jornais da noite esta notícia: «Passou de 1º Conservador do Arquivo e Museu de Arte da Universid.e de Coimbra para director da Biblioteca de Braga, o dr. António Gomes da Rocha Madail.» A notícia é extranha, mas não é caso p.a admiração.

O Madail é creatura m.to especial. Creio que já aqui tenho deixado impressões a seu respeito. Ultimamente incompatibilisou-se com o director do Arquivo, como se incompatibilisou com m.tas outras pessoas e arranjou uma bolsa de estudo qualquer, da Junta da Educação, que durou-lhe um ano o afastou oficialm.te de Coimbra. A vaga deixada pelo Azevedo Teixa, na Biblioteca de Braga, veio como pôpa no mel... E apesar da renuncia ser ilegal porque o Madail não é licenciado nem tem os exigidos o curso de bibliotecario-arquivista, a verd.e é que lá vai para Braga saltando, de certo, por cima de outros concorrentes que teriam direitos.

Coimbra vê-se livre do Madail... E o Madail consegue fugir a uma situação que se lhe tornava m.to difícil de manter. Além disso, um grave desgosto domestico ajudaria esta resolução: a filha mais velha, sempre com tendencias mysticas e de desejos de professar, desta vez, aproveitando a ausencia temporaria dos pais, abandonou a casa e recolheu-se á ordem de Santa Zita, onde está trabalhando como cria-

da nos serviços infimos da instituição, co-
mo sejam lavar a louça, esfregar soalhados,
etc. Isto abalou muito, como é natural, os
fáis e o abalo contribuiria para a resolução.

Seja como fôr, Coimbra vê-se livre
do Madail e Braga, com a ajuda das varias
aguas benitas eclesiasticas, deve ser ambiente
razoavel...

Lisboa.

Janeiro: 23.

Telefonei hoje para o Estado-maior, ao
major Henriques, com o fim de saber em que
altura ia o processo do meu Saldanha. Disse-
me este oficial que chefia a secção por onde
passam estes assuntos, que o original do tra-
balho está agora nas mãos do Ten.-coronel
Jorge Apolinario Leal e que depois iria para
as do coronel Alberto Faria de Morais, Director
do Arquivo Hist.º Militar.

Aquele Jorge Apolinario, é irmão do me-
lho amigo Apolinario José Leal, actualmen-
te professor no Liceu de Ponta Delgada. Tive
sempre a impressão de que não vale, intelec-
tualmente, um patáco furado; mas mesmo
assim lá entrou no quadro do Estado-maior

onde, aliás, entráram e continuam a entrar, muitas cavalgaduras. No curso dele como houvesse outro rapaz de apelido Leal, chamávam-lhe o «Leal burro» para não haver confusões.

Pois é na mão do «Leal burro» que está o meu trabalho. Que relatório sairá?

Começo a arrepender-me de ter cedido ás instancias do Saturio Pires e do Menenes. Foi transigencia de que me não absolvo embora os tramites regulamentares corram bem e o subsidio seja concedido.

Enfim... Vamos a ver.

Lisboa.

Janeiro: 29.

Assisti ontem a um espectaculo do Ballet Janine Charrat no novo teatro Monumental, á praça Saldanha.

Pouco habituado como estou a ver as interpretações musicais atravez de bailados, a verd.e é que não fiquei completamente convencido. A apresentação excelente, trabalho que se poderá classificar de primoroso, a musica da melhor (K. Semenoff, Tchaikowsky, Ravel-Debussy, Prokofieff, etc.), mas nem

todos os numeros eu compreendi. E' necessario talvez ou explicação ou insistencia em ver tais espectaculos. Assim, com a m.ª falta de habito, pouco se absorve das intenções do ballet.

Gostei, contudo, do q. vi — e quero crer que, com a continuação, poderei entrar nos segredos dessa arte tão cheia de subtilera, de elegancia e de alegre comoção.

Não sei se digo bem. E' porem o que o meu espirito concebe no que respeita ás modernas interpretações musicais.

Lisboa.

Fevereiro: 3.

Ontem, conferencias acerca de Caldas Xavier, em sessão comemorativa, na Sociedade de Geografia, do centenario do nascimento do notavel africanista.

O convite anunciava o Carlos Afonso dos Santos (o Carlos Selvagem) e um certo Joaquim Lança, como oradores da noite. Eu tive curiosid.e de ir ouvir o Carlos Selvagem e fui. Casa cheia. A presidencia da sessão ocupada pelo presidente da Sociedade, o "eminente cabotino" que se chama

António Augusto Mendes Correia, ladeado pelo não menos eminente jesuíta Braga Paixão e pelo general Gaulão Correia que foi meu companh.º em Caxias nas aventuras do generalato.

Começou a sessão pelo Joaquim Lança que sem complacencia pela atenção dos ouvintes, falou hora e um quarto sem verdadeiram.te dizer coisa em termos. O cavalheiro que creio ser "cavalheiro de industria" politico, é orador facil, fluente, com certa elegancia de frase, bastante retórico, com uso e abuso de viradas bonais; pareceu-me q.e se sentia bem a discursar, que se marcisá va na sua facil eloquencia. E ao fim de hora e um quarto, o pobre Caldas Xavier sofreu torturas no discurso em que se mistu-ráram alhos com bugalhos, sem afinal se ficar sabendo quem foi o ilustre e tenaz africanista cujo centen.º se celebrava. Afinal o sr. Lança deixou-me a triste impressão de um autentico aldrabão a quem autorizáram a largar baboseiras a proposito da memoria dum homem que merecia mais respeito e mais compostura e que foi exactamente o contrario do discursador

falaroso que só quiz tirar efeitos sonoros das frases banais e efeitos cómicos da sua boa figura e da sua casaca bem talhada.

Quando o Carlos Schwalbach se levantou para falar já a assembleia estava cançada. Este, porem, serenam.te, leu um trabalho bem feito que intitulou Caldas Xavier, grande sold.º de Moçambique, com traços biográficos e comentarios sobre a acção do notavel africanista. Foi ouvido com atenção e curiosid.e mas percebia-se no auditorio que havia certo cançasso. A leitura durou cerca de 45 minutos e a figura de Caldas Xavier ficou bem delineada. Foi pena que não tivesse sido o primeiro a falar; seria ouvido com mais atenção e a leitura do trabalho que estava feito com elegancia, proporções e bastante documentado, teria agradado mais. E até a apresentação soberia e correcta, sem aparatos ou vislumbre de vaidades, ajudaria ao agrado geral.

Quem dirigiu ou organizou a sessão não soube impôr um plano severo; e assim o tal sr. Lança serviu-se ás soltas e entendeu q.e devia largar as velas á fantasia e abusar da complacencia do respeita-

vel publico e deixar em má situação o parceiro da sessão.

No final, o Mendes Correia, ao encerrar a sessão, desatou a contar episódios do tempo do Ultimatum e das campanhas africanas e castigou o auditório ainda por uns 20 minutos. Sempre o mesmo balofo humano de ciencia, o mesmo "eminente cabotino".

E ponto final.

Lisboa.

Fevereiro: 8.

Recebi hoje carta do Alberto Meira, do Porto, que me anuncia a publicação duma revista de cultura saída da Tertulia das cinco e meia como um dicionário dos artistas plasticos em Portugal. E, bem entendido, solicita a minha «valiosa colaboração.»

Este Alberto Meira que eu não conheço pessoalmente, inscreveu-me no numero dos meus "admiradores" e não me larga. É' creatura trabalhadora, sabedora de assuntos ligados com a Historia da Arte, mas dizem-me que é espirito irrequieto, pou-

co persistente e conflituoso. Assim seja. Comigo, porem, não haverá novidade.

Vou-lhe dizer que sim, que poderá contar com a m.ª ajuda, em assuntos do meu conhecimento.

O piór é que nem sempre estou em casa; e só lá é que eu poderei ajudar.

Enfim. Seja o que o Supremo Arquitecto entender e houver por bem...

Lisboa.

Fevereiro: 10.

Hoje, em S. Carlos, ouvi a opera de Weber, Freischütz. Para quem, como eu, conhecia a musica da obra weberiana do começo ao fim, o espectaculo foi verdadeiramente de pura comoção.

E esta comoção não veiu só do conhecimento da musica, mas em especial porque, nos meus tempos de rapasinho, eu toquei quasi toda ela em dueto ou terceto: ou com m.ª irmã Cesaltina ou em trio com meu tio João Caetano. E como ao longo do espectaculo me lembrava desses recuados tempos, sentia a comoção natural das recordações ligadas á não

meios natural emoção da bela musica que a nossa Orquestra Sinfonica ia tocar do com primor e brilho.

Saí impressionado do teatro. Uma mistura de pensamentos que remontá-ram a mais de meio seculo e as sensa-ções do desenrolar da opera — deixaram-me no espirito qualquer coisa de pesádo mas ao mesmo tempo de consôlo.

P.ª recordação aqui fica o bilhete que me deu direito, por 75$00, a tão benéficas con-solações. Nesta vida tormentosa que se atravessa, ainda vale bastante o refugio da musica boa e a lembrança de tempos melhores.

Teatro Nacional de S. Carlos

Temporada de Ópera de 1953

MATINÉE

2.º Espectáculo da Ópera

FREISCHÜTZ

Fila G CADEIRA N.º 10

Preço { Assinatura 60$00
Avulso 75$00

Lisboa.

Fevereiro : 12.

Ontem, eu, mª Mulher e mª Filha passámos a noite em casa da D. Maria Lina, a filha do falecido Ferreira Lima.

É claro que, ás duas por ter, o serão transformou-se em serão garrettiano.

Nem podia deixar de ser. Naquelas tres salas da frente do prédio, o Garrett está verdadeiramente imanente. Sem se querer, evoca-se Garrett a todo o passo. Os quadros, os bustos, os livros, varias lembranças num pequeno armario envidraçado, tudo nos leva, insensivelmente, para a evocação do Poeta, quasi deus tutelar da casa...

Ferreira Lima não foi coleccionador vulgar; o seu interesse pelo autor do Fr. Luis de Sousa tinha mais o aspecto de culto do que espirito avaro de coleccionar. Na verdade a acumulação de tanta coisa preciosa obedecia a certo metodo logico, intencionalmente mais espiritual do que material, cheio de admiração pelo homem de letras e certo respeito pelo cidadão — e embora nesse acumular de documentos e de objectos pessoais haja uma ou outra especie insigni-

ficante, fica-se com a impressão de que se está num templo mais do que em residencia burguesa.

Como m.ª Filha não conhecia a notavel garrettiana, a D. M.ª Lima mostrou, ao acaso, varias preciosidades em manuscritos entre os quais originais para a imprensa, de certas obras, em que o Poeta ia emendando e limando o que primeiro escrevia. Excelente material para edições criticas! Pena é que o caso da entrega á Faculd.e de Letras se não resolva como se devia resolver.

No meio de tanta coisa preciosa, demos no gôto com uma carta de Garrett para Alexandre Herculano em que aquele agradece a este a oferta de um fasciculo da Harpa do Crente, e faz considerações sobre a Poesia e sua evolução natural derivada de causas varias dos tempos q.e corriam. Excelente documento e valioso depoimento, ainda inedito e creio q.e desconhecido.

Emfim, noite cheia, das que ficaram por m.to tempo e deixam impressões fundas que eu não sei verdadeiramente traduzir.

Lisboa.

Fevereiro : 13.

Fui hoje ao Arquivo Hist.º Militar não só para agradecer ao director, o coronel Alberto Faria de Morais o interesse que teve manifestado pela publicação do meu Catálogo e Sumário em separata, como também p.ª ver se sabia alguma coisa a respeito do meu trabalho sobre o marechal Saldanha que ele já deve ter nas mãos.

Acerca deste Faria de Morais creio ter já deixado aqui certas impressões. Mas hoje o homem apareceu-me mais ás claras, e de modo a confrontar as duvidas que tinha ainda a seu respeito. É' na verdade um ratão; e a fama de reaccionario que lhe as secam ficou hoje confrontada.

Já recebeu os dois volumes do meu trabalho e acabou ha pouco de os ler. E, segundo confessou, tem muita pena de lhe ser entregue a missão pois o caso, para ele, implica com a consciencia — tanto mais que eu apresentava o marechal de uma maneira inteiramente oposta á que ele tinha desde sempre no seu espirito. Ao ouvir isto houve em mim qualquer movimento

na expressão fisionómica que lhe deu sinal do meu espanto e de certa interrogação.

Ele perceberia, com certeza, porque, com o seu ar sôrna puxou dum cigarro e sempre a olhar p.ª o chão começou a explicar largamente a afirmação feita.

Contou, então, que ha tempo, em conversa com o poeta José Régio, dissera a este que o escritor, de inicio, larga naturalmente as suas azas á vontade e escreve o que lhe dita a inteligencia e a fantazia; porem, com o tempo e desde que começa a ter influencia nos leitores, deve precatar-se da livre expansão das suas ideias e das fantazias da sua intelig.ª para não orientar mal os que se deixam influenciar com as suas leituras. Nestes termos, entendia ele, Faria de Morais, que toda a obra deve ter finalidade orientadora e, no caso do meu trabalho a que não negava, aliás, o maior valor literario e historico, ele notava que a separação que eu insistentemente fazia das qualidades militares do marechal das politicas, implicava um erro de interpretação possivel para quem, desprevenidamente, lesse a obra. Isto é: para os velhos que, co

mo ele (Faria de Morais) faziam do marechal um conceito pouco lisonjeiro, nada importava a minha tese; mas para os nóvos, para quem o livro seria leitura atraente, essa tese era perigosa, pois não considerava o marechal como figura digna de ser apontada como principal e muito menos como exemplo.

Eu ia ouvindo sem pestanejar e notando o ar sôrna e ao mesmo tempo de certa satisfação velhaca com que ia expondo o seu modo de ver tão divergente.

Continuando, o coronel entrou a valer na sua argumentação, referindo passos da vida do marechal, como o do seu grão-mestrado da Maçonaria, a sua adesão aos vintistas e aos exaltados, as suas atitudes na emigração de 1828-1833, etc. etc. e lastimando que as suas qualidades militares fossem aplicadas em lutas civis, entre irmãos, etc. etc. e não na defesa das fronteiras.

O homem descobria-se a pouco e pouco... O seu caso de consciencia estava nos deslises do marechal como Grão-mestre da Maçonaria, como vintista, como amigo de Lafayette; e terminou mais ou menos por

dizer que entendia que o Estado não deveria subsidiar uma obra que podesse dar ás novas camadas uma ideia alta dum homem que, de forma alguma, estava em condições de ser apontado como exemplo. E isto diria no seu curto relatório porque o meu trabalho era de tal modo notavel pela forma literaria, pela profundeza da investigação e pelo brilho da argumentação que iria, de certo, influenciar o leitor «desprevenido» e levalo a encarar o marechal como exemplo para seguir, um novo Nun'Alvares digno de exaltado culto.

Ao terminar esta larga exposição que, diga-se de passagem, foi feita com facilidade de palavra e com clareza, o Faria de Moraes olhou então para mim, como p.ª ver o efeito das suas palavras e concluiu com sorriso que me parecen encubrir certa velhacaria:

— Ora agora já estou mais aliviado da minha consciencia... Não queria que V... viésse a saber por outros a minha discordancia de opinião... Devia-lhe esta explicação como dever de lealdade.

E na verdade, a esse respeito, não ha q. dizer. O homem foi correcto. Poderia ter

dado a sua interrupção desfavorável ao abrigo do "confidencial".

Bem, então, fui o mais perfeito possível. Disse-lhe que tinha gostado muito de o ouvir, que me era mais agradável a discordância do que o louvor pois aquela é sempre sincera, este póde ser mentiroso. Agradeci-lhe, até, a análise demorada que fez do meu trabalho que mostrava ter lido com atenção e intenção compreensiva, etc. Mas a seguir entendi que devia fazer um pouco a minha defesa e descortinei com gravidade os meus pontos de vista, afirmando antes de tudo q. as acções militares do marechal e o seu valor de comando se podiam m.to bem separar das acções políticas, e q. o meu trabalho visava apenas a demonstração objectiva dos seus dotes reais de chefe militar. Argumentei conforme podia e cheguei a dizer-lhe que nos muitos estudos que li acerca do marechal Foch, de autores bem diversos e mentalid.s diferentes, não encontrei a menor referencia ao facto do grande chefe francês ser católico praticante e discípulo dos jesuítas. Enfim, ~~~~ arenguei algum tempo durante o qual me pareceu ver na expres-

são do meu contraditor, com o mesmo sorriso velhaco...

Assim seria.

E o mais interessante é que, quando a conversa começava a decair, o Faria de Morais, olhando para mim, diz-me com o sorriso mais acentuado:

— Pois muito bem: não quero demorar mais tempo Vossa Ex.ª.

Era uma despedida em fórma... Levanto-me, fizémos os cumprimentos cordiais de despedida e eis-me no Largo de S.ta Apolonia, em frente ao casarão da estação dos caminhos de ferro, á espera dum electrico que me levasse ao centro da cidade e, ligando-me a ment.e, um tanto ou quanto atordoado com o que se passára no Arquivo.

Se o Faria de Morais mantem, no seu relatório, o seu ponto de vista e alléga que o marechal Saldanha foi grão-mestre da Maçonaria, o general Barros Rodrigues, que deve ser medroso, indefére o requerimento. Realmente, o Estado não deve subsidiar uma obra em favôr dum grão-mestre maçonico...

E assim se vai vivendo.

Lisboa:

Fevereiro: 15.

Resolvi-me, ontem, a ir visitar o professor Fidelino de Figueiredo com quem ha uns 10 anos me carteio, mas com o qual nunca falára.

Lá fui a cascos-de-rolha, por tarde desagradavel de ventania fria de nordeste que alvoroou ao entardecer com uns chuviscos. Custou-me a dar com a residencia, lá fº as proximidades da avenida do Aeroporto, numa rua secundaria a que puzeram o nome de Fr. Manuel Cardoso, carmelita fº vivera do sec.º 16.º para o 17.º e foi musico notavel e que quasi ninguem saberá quem é.

Mas lá fui e lá encontrei uma residencia simpatica, rodeada dum pequeno jardim ainda em começo, com aspecto recatado e confortavel. E esse aspecto confortavel e simpatico recolheu-me ao abrir da porta e ao ver o pequeno vestibulo em que já havia estantes com livros, uns quadros, loiças artisticas, tudo em conjunto harmónico e agradavel. Anunciei-me, veiu a esposa do professôr receber-me e fazer-me

entrar para uma saleta cheia de estantes com livros na qual vi sentado numa poltrona com mantas sobre o joelho o Fidelino...

Tive impressão estranha. Esperava ver um homem sobre o magro, de fêra ou barba "á Guise", com aspecto de desenvaraçado e vivo; e afinal vi um sujeito de cara rapada, com oculos, rosto mais ou menos redondo, envolvido em cobertores e duas grandes bengalas ao lado. Que contraste com o que eu imaginara!

Ao declarar o meu nome, o Fidelino teve uma expressão de alegria e apoiando-se nos braços da poltrona tentou levantar-se; a esposa quiz ajuda-lo, ele teve um tipeiro gesto de protesto e, ao fim de esforço, apoiando-se numa das bengalas, conseguiu equilibrar-se em pé. Só então, estendendo-me a mão direita, disse-me com voz um pouco presa:

— Agora é que aceito o cumprimento de V... Queria cumprimenta-lo mesmo de pé, como deve ser...

Mas esse acto de vontade sobre a incapacidade física durou pouco. Voltou a sentar-se na poltrona pesadamente e a embrulhar as

pernas com os cobertores que tinham caído. Ali estava o dinâmico Fidelino de Figueiredo, amarrado a uma cadeira, vítima de doença de espinha q. lhe paralisava as pernas e ligeiramente a fala; em vêr do desembaraçado escritor e professôr, via um invalido, com ar triste e desalentado.

Coisas da vida.

Passados os primeiros cumprimentos, eu disse-lhe a m.ª estranheza por o encontrar sem barba, conforme os variados retratos apresentavam. Ele então contou-me que tendo começado m.to novo a sua vida de professor e entendendo que o professôr devia ter aspecto de severid.e, deixou crescer a barba para modificar tanto quanto possivel o seu ar de rapaz; agora, porem, quasi invalido, não necessitava de manter a severid.e, antes pelo contrario, queria reduzir ao minimo toda a exteriorisação da decrepitude.

Dizia isto, é claro, com certo tom de ironia, se bem que misturado com resaibos de amargura.

E a conversa continuou com um notavel á-vontade, como se fossemos velhos

conhecidos intimos; conversa facil, sem surgirem os silencios incomodativos derivados ou da cerimonia ou da falta de assunto. O dialogo corria sem dificuldade.

Veiu á palestra o caso da garrettesa do Ferreira Lima e como se falasse do dr. Costa Pimpão ele confessou, a proposito da atitude deste no assunto, que o não conhecia mas estava informado de que ele era uma «figura sinistra...» Eu, sem que ser entrar em apreciações, não deixei de pronunciar um gesto de assentimento e concordancia. Realmente, o Costa Pimpão é uma «figura sinistra.»

Falou-se no dr. Joaquim do Carvalho. A respeito deste teve palavras calorosas; mas depois, com uma atitude de desalento, concluiu:

— Antigamente, eramos amigos e tinhamos larga correspond.ª Agora... não sei q.e bicho lhe mordeu... Sei muito que não sei dele...

Pretendi desculpa-lo com a doença e o descolam.to de retina que o obrigou á melindrosa operação de que ainda não estava completamente bom. O Fidelino disse isso

rar esses factos e compondo uma das mantas que lhe cobriam as pernas apenas acrescentou a meia voz:

— Coitado...

Confesso q. não percebi se este "coitado" foi dito sinceramente ou se foi para terminar com o capitulo da palestra.

Notei que, se á conversa, por qualquer motivo, eu trazia nomes como o de Damião Peres, ou do Hernani Cidade ou ainda do Costa Veiga, ou qualquer outro de homem de letras ou critico, o Fidelino ficava silencioso, sem qualquer reacção na expressão que denunciasse o q. pensava; mas se vinha a talho de foice qualquer acto da actual situação politica demonstrativo da atitude anti-liberal dominante, ele tinha então gestos largos, certas exclamações e objurgatorias de entusiasmo reprovativo.

E a proposito do clericalismo dominante contou que o dr. Ivo Cruz, director do Conservatorio, chamou um dia certa professora e repreendeu-a porq. a vira em S. Carlos, no salão, com a cara pintada e a fumar. E contou com pormenores a que a professora repreendida relatara lá em casa.

A certa altura perguntou-me que trabalho tinha eu debaixo de mãos. Respondi-lhe com a verdade: que nenhum. No entretanto disse-lhe que tinha entregue no Estado-Maior, para ser subsidiado, um trabalho um pouco extenso acerca do marechal duque de Saldanha. Ao ouvir este nome, o Fidelino teve um largo gesto com o braço direito e disse-me:

— Oh!... o Saldanha! Grande tema!...

Expús-lhe rapidamente as razões do trabalho e, ao mesmo tempo, as minhas dúvidas acerca do subsídio — ao que ele observou:

— Na verd.e para esta gente que nos governa, o Saldanha é grande de mais.

Ao querer-me despedir porque a tarde ia a cair e eu receiava humid.e e o mau pavimento das ruas ainda sem iluminação, a esposa do escritor pediu-me p.r demorar um pouco mais porque me queria oferecer uma chicara de chá e insistiu comigo p.a que pelo telefone avisasse a família da m.a demora.

Foi então que o Fidelino se levantou vagarosamente, com m.to custo. Queria-me mostrar o seu quarto de trabalho, ao fundo da sala onde estávamos. Apoiado a duas bengas

las e sempre falando, levou-me ao pequeno compartimento com duas janelas, onde estava uma mêsa atravancada com papeis e livros e mais estantes cheias, e quadros por decima. Papeles muito fôfos, irradiadores; conforto e bom gosto.

Contemplei da porta o aspecto geral, mas ele insistia p.a eu entrar:

— Venha até ao meio da casa... Até aqui p.a tomar posse... Quero que tome posse...

E com ar alegre e amavel:

— Olhe que esta casa tambem é sua!

Mostrou-me um pequeno movel moderno com o catalogo dos livros e pediu-me p.a ra eu ver quais os trabalhos meus que ali tinha. Puz os oculos e vi: eram poucos, porque outros que lhe mandei ficaram em São Paulo, entregues a um filho e uma filha casada que lá ficáram **a sua vida**.

Visto isto veiu uma creada com as bandêjas com o chá e torradas e bolos. Voltámos á paleta e eu regalei-me com o chá quente que, depois de tão longa **conversa, me sou**be divinamente.

Eu via lá fóra a tarde cair, e parecia-me que surgia nevoeiro. Mas**me** mais al

gum tempo a palestra, como cumpria, até que me despedi, francamente satisfeito com a visita e não sei de deva dizer encantado com o acolhimento.

Julgava encontrar uma creatura valida, um tanto ou quanto senhor do seu valor e, por consequencia, um pouco impertinente. Afinal foi o contrario: afavel, modesto, acolhedôr, sem pretenções nem alusões á sua obra ou aos seus meritos. Gostei dele e desfiz logo as m.as apreensões desde que a conversa entrou correntemente por assuntos varios sem se recorrer ás banalidades do estado do tempo ou do máu serviço da creadagem; a palestra teve até certa elevação e ele não deixou de ser, nalguns passos, o professôr e o critico mas subtilmente, sem alardes ou atitudes superiores que me desagradariam.

Junto dele, quasi sempre a esposa, de aspecto triste e resignado, se bem que olhava p.a ele com ar de quem se orgulhava do marido. Não sei se seria assim bem feita a m.a observação, mas quiz-me parecer q. seria essa a significação do olhar triste mas cheio de ternura com que o mirava.

Enfim, despedi-me e saí. Começava a chover. A noite caía. Desci por um olival fº a rua D. Rodrigo da Cunha onde termina uma das carreiras de auto-car. Vim fº casa a sentir a garganta e hoje continuo a senti-la. O reumo da tarde e a humidade do anoitecer assim o quizeram — para comprovar com um incómodo a boa disposição que me deu a visita.

. Lisboa.

Fevereiro: 23.

Hoje, com o Pires Monteiro, fui visitar ao Museu de João de Deus, na avenida Alvares Cabral, o João de Deus Ramos.

Outro inválido...

Fez-me impressão ver a sua decrepitude que ele procura encobrir habilmente. Tem 75 anos, e mantem certo aprumo que realmente é notável fº quem já resistiu a uma congestão cerebral que lhe deixou ligeira hemiplegia e algum defeito na fala. Como um dos olhos sofreu qualquer coisa com o ataque cerebral, usa um vidro negro nos oculos fº evitar a crueza da luz. Enfim, a caminho da ruina.

Naturalmente, fomos encontrá-lo bem disposto, e mostrando-nos o edifício, ia-nos contando os seus trabalhos para manter de pé a grande obra do Pai, toda a sua perseverância para o conseguir e as dificuldades e o equilíbrio necessário que teve de manter desde 1926. Para está actual situação política a obra das Escolas Móveis é muito suspeita; consideram-na filha da maçonaria — e assim, todo o cuidado foi pouco p.ª não ser alcançada e por conseguinte anulada.

Actualmente as coisas estão muito ou menos compostas porque os "revisionistas" já têm dito que a obra caiu num vazio no jesuitismo. E com estas conjecturações vai mantendo o melhor possível as Escolas, felizmente separadas do ensino oficial.

Ela tempo, numa conferencia feita naquele Museu, a assistencia era tão variada e heteroclita em materia de politica e religião que o Olipolito Raposo, notando isso, disse para o João de Deus Ramos:

— Afinal, meu Am.º, isto não é o Museu João de Deus: isto é a Praça da Concordia.

Queria o Hipólito Raposo dizer com esta frase galante que ali, naquela sala, todos se poderiam encontrar amancebamento... E o João de Deus dizia isto com certo desvanecimento.

E assim se passou um bom bocado da tarde, em agradável conversa. O João de Deus foi, por assim dizer, quem a suscitou, e dispôs-se que com certo encanto. Apesar de alquebrado, manteve viveza de espírito e a palavra corre-lhe fácil e por vezes com graça.

E já agora quero deixar aqui registado um dito de Guerra Junqueiro

Nas vésperas da proclamação da República ele, João de Deus, foi encarregado de ir ao Porto solicitar de Junqueiro a proclamação que deveria ser lida no dia do triunfo revolucionário. Conversaram acerca de vários assuntos do tempo entre os quais umas polémicas que havia entre ultramontanos (principalm.te o conde de Samodães e o célebre Padre Matos) e liberais em que se salientava o Tomás da Fonseca. O Junqueiro, conservando o ardor dos antagonistas teve uma conclusão que embora pareça paradoxal é bastante exacta:

— Olhe, João de Deus: o Tomás é afinal um deista que se não conhece; e o P.e Matos e o Sanodães são dois ateus que se ignoram...

E assim a tarde passou, em boa conversa, até que as exigencias do horario duma aula qualquer do curso de professorado nos obrigou a retirar.

E eu vim a pensar em como a gente do meu tempo está a desaparecer em sua perfeita decrepitude.

Lisboa.

Fevereiro: 26.

Ontem de manhã encontrei no Rossio ao sair da Casa da Sorte o meu condiscipulo Alberto da Silva Paes. Vinha comprado uma cautela e vinha esperançado...

Conversámos um pouco. Contou que fôra operado da prostata, que ficára bom e ia passando regularmente, conforme consentiam os seus 72 anos. Pareceu-me bem disposto e disse-lho.

Ele então, parando, começou-me a explicar de onde vinha essa relativamente boa disposição. E achei-lhe graça e concordei:

dizia ele que era necessario, com o correr da idade, começarmos - nos de que temos de ir renunciando, aos poucos, a varios prazeres da vida ou mesmo a pequenas coisas singelas q. nos dão gosto. Quem se obstina em manter a mocidade é fatalmente vencido; mas quem se conforma de que a mocidade acaba e de que se vem de fazer adaptações compreensivas a novo estado fisico, pode viver muito bem sem sobressaltos ou inquietações que consomem.

— Você, disse-lhe eu, está filosofando sabiamente. Em que escola filosofica aprendeu isso, oh Alberto Pais?...

— Na escola da experiencia e do bom senso... Isto que disse, afinal, é bem corriqueiro!

E na verd.e assim é. Conversámos ainda um pouco, rimos-nos á custa das varias renuncias a que a velhice se submete e depois dum abraço cada qual seguiu á sua vida. Eram horas do almoço e os electricos começávam a encher-se.

Ontem ainda, á tarde, na Revista Militar, á hora da canageira, encontrei o ex-

gadeiro de Artelharia Vasco de Carvalho, ar-
vipo discípulo dos jesuítas, arregimentado
ha muito no Integralismo, e ultimamente
reformado depois do processo e julgamento
de tentativa revolucionaria p.ª derrubar o
Salazar e apariguados.

O Vasco de Carv.º foi sempre de grande
vivêza na maneira de falar, ás vezes um
pouco rude. Mas é espirito liberto de certos
preconceitos e é agradavel ouvi-lo conver-
sar acerca de qualquer assunto.

Ontem estava ele nervoso, irritado, não
sei porquê. A' pergunta do Pires Monteiro re-
lativa á successão do Feras Vital na Lugar-te-
nencia do D. Duarte Nuno, ele fez um enco-
lher de ombros e respondeu apenas:

— Sei lá... Dizem que o Salazar já no-
meou o Duque de Palmela...

— O Duque de Palmela?... dissémos nós
em côro.

Ele riu-se. E depois de gesto largo:

— Porque é que se admiram? Então
não vêem que esta situação é uma perfeita
simbiose da Maçonaria e da Sacristia?...

E apontou: o Albino dos Reis, presid.te
da Assembleia Nac.al não era maçonico? o

José Alberto dos Reis não o foi tambem? o Bissaia Barreto alem de maçonico não foi carbonario? e o Carmona não foi igualmente maçonico? E desfiou mais nomes, que não retive, de creaturas que agora reverentemente se unem á Sacristia.

O Pires Mont.º, o comand.te Moura Braz e eu ouviamos sem protestar... Era assim mesmo. Velhos maçons, antigos revolucionarios, estão hoje de mãos dadas com o Ultramontanismo dominante.

Ora hoje, certo medico, velho amigo, com quem falei, contou-me que um seu doente que tem parte numa empresa de cinemas, andava contrariado por causa das novas disposições relativas á frequencia de menóres ás sessões cinematograficas; e que esta lhe disséra que fôra procurar o dr. Bissaia Barreto, com quem tinha boas relações, para que, dada a intima convivencia com o Salazer, lhe fazer ver certas incongruencias e até disparates do decreto ou lei que regula o assunto. O Bissaia Barreto ouvira a exposição atentamente, mas respondeu simplesmente o seguinte:

— É excusado procurar o dr. Salazar porque essa regulamentação foi imposta pela Igreja. É pois inútil qualquer deligencia nesse sentido.

É pronto.

Lisboa.

Março: 2.

A Academia das Belas Artes dá um prémio anual á melhor obra de caracter artistico saída no ano. No ano de 1952 apresentaram-se ao concurso duas obras, uma das quais foi a do Ernesto Soares sobre o rei D. Fernando II, como artista.

Ora hoje vem nos jornais a noticia de que o juri nomeado p.ª conferir o prémio denominado José de Figueiredo, o atribuiu á obra do dr. Reinaldo dos Santos sobre o marmelino — obra que não concorreu...

É claro que a resolução foi acto de subserviência ao Reinaldo, presidente da Academia; e por subserviência estabeleceu-se o precedente de premiar uma obra que não entrou no concurso.

Como estas coisas se fazem e, de mais a mais, sem levantar um unico protesto!

Que novas formas de Direito se vão in-ventando, oh Supremo Arquitecto! E ninguem reclama nem comenta!

Ao falar no caso deante de certas pessoas cultas e inteligentes, notei que não houve qualquer reacção. Pareceu-me que acharam tudo bem — ou por condescendencia politica ou por natural deformação de mentalidade nada e creada depois da revolução salvadora de 1926.

Isto é simplesmente triste.

Coimbra.

Março: 4.

Regressei hoje a Coimbra. Soube bem que a entrada em m.ª casa e o re-encontro dos meus livros e da m.ª papelada me dá conforto e prazer, a verdade tambem é que a vida no meio de certos problemas me impressiona desagradavelmente.

E os problemas são tantos! E eu pem grande animo meu feitio p.ª os resolver.

Essas problemas assustam-me. Sinto que não nasci p.ª isso e infelizmente é sobre mim que eles caiem.

Coimbra

Março: 14.

O Instituto de Coimbra promoveu uma homenagem ao seu ambos presidente dr. Francisco Miranda da Costa Lobo e ao filho Gumersindo da Costa Lobo q. durante muitos anos foi secretário da direcção. Estavam marcados nos convites p.ª oradores os professores Diogo Pacheco de Amorim e Manuel dos Reis.

A homenagem realizou-se hoje, ás 17 horas, quasi familiarmente. Pequena assistencia se bem que de categoria social. Presidiu o dr. Anselmo Ferraz de Carvalho.

Os discursos, elogios ou orações produzidas pelos dois professores foram duma fraqueza rastaquel. Limitaram-se á enumeração dos passos da vida academica dos dois homenageados, da vida docente e pouco mais. Nenhuma elevação, tudo verdadeiramente corriqueiro, como de quem cumpre um preceito de que se quer ver livre...

Saí de lá com impressão de frialdade, e convencido de que esta gente de capelo e barba não é capaz de sair do Pátio, agarrada a formulas charras, sem ver mais horisontes do que aqueles que o seculo deu

João III, o Piedoso, marcou a Suas Excelências... Que formosura em toda aquela prosa lida correntemente, sem altos nem baixos, á maneira de oleripação!

Coimbra.

Março: 17.

Em Fevereiro de 1951 escrevi uma carta ao Hernani Cidade na qual lhe comunicava que ao ler o seu Camões Epico ficára com a impressão de q. ele não conheceria o meu Camões e "as artes belicas", e por isso lhe oferecia um exemplar deste modesto ensaio.

Cerca dum mês depois respondeu-me com uma carta cheia de boas palavras que, a serem sinceras e não simples cortesias, são um magnifico atestado p.ª o ensaio.

Passado tempo, encontrei-o em Lisboa, falei-lhe dos louvores q. me dirigiu e disse-lhe que tinha vontade de fazer uma 2ª edição, tipiram.te ampliada. Ele achou bem e pediu-me p.ª o prevenir disso porque, como pensava em lançar nova edição do seu Camões Epico, desejaria fazer referencia condigna, etc. etc. Depois desta conversa, temos-nos encontrado mais vêzes em Lis-

boa e o caso do Camões e "as artes belicas", nem sempre á conversa, dando-me a impressão de que o meu trabalho seria mencionado com algum relêvo.

Ora ha dias saiu a 2ª. edição do Camões Epico. Comprei-o e abri-lhe as folhas. Não o li, apenas o percorri ligeiramente e encontrei ~~[illegible]~~ sómente em nota ao cap. V, na pag. 227, ao referir-se aos trabalhos em «monografias de todo o genero» escritos acerca das Lusiadas e lirica de Camões a seg.te referencia entre «alguns mais importantes»: «... Camões e "as artes belicas", ensaio do coronel B...P... que dá muito mais do q. o titulo promete (Coimbra, 1943); ...»

Com muita franqueza, depois de tanta vêr se manifestar calorosamente acerca do meu trabalho, julguei que a Cidade dissésse mais alguma coisa. Bem sei que dada a autoridade de que hoje goza o nome deste escritor e professor, a referencia já não é má; mas depois de tanto foguete lançado em louvôr do meu livro sobre Camões, parecia-me que viria comentario mais largo ou juizo mais completo.

Coimbra.

Março: 19.

Ontem houve finalmente n'O Instituto uma homenagem do Augusto de Castro, anunciada até com a obliteração do trajo de cerimonia.

Ha algum tempo os jornais deram a nova de que um grupo de amigos e condiscipulos daquele illustre director do Diario de Noticias ia promover uma homenagem. Eu perguntei a mim mesmo porquê... e não soube dar a resposta.

Disseram-me q. a ideia partira do José da Arruela que aí vive ha annos, nos altos de S.ta Clara, encantado com a paisagem circundante. Este reuniu mais dois ou tres e eis que começaram os jornais a badalar q. a homenagem era da cidade, era de toda a Coimbra que assim prestava o seu preito de admiração ao jornalista, ao diplomata, ao escritor, ao dramaturgo, etc. etc.

E na verd.e o Arruela conseguiu levar avante o intento. A festança foi marcada para ontem com inauguração duma placa de azulejo numa casa aos Arcos do Jardim onde ele viveu enquanto estudante e numa sessão solene n'O Instituto em que falaria um

nome da Academia das Ciencias o grande Cabeiro da Mata e o poeta Pedro Homem de Melo. A' ultima hora correu aviso que o Rei-jo paria de passeio. A casaca foi abolida, felizmente.

Não fui á inauguração da placa, mas fui á sessão no Instituto. Tinha interesse em ver como corria essa falada «homenagem da cidade» a que verdadeiramente a cidade foi indiferente.

A assistencia pouco numerosa, porem auditorio que é costume chamar-se «de distinção...» E como era necessario dar um ar de alto á festa, compareceram o governador civil, representantes do general, presidente da Relação e da Camara e... o bispo, o arcebispo-bispo, que eu nunca lá vi sem pessoa nem representado! Quer dizer: o Arruela conseguiu levar lá «os altos expoentes de Coimbra...»

Havia muitas damas, creio que da chamada aristocracia conimbricense; sentia-se imanente, qualquer coisa de fino, de superior, a que os meus sentidos plebeus não estão habituados. —— A chegada do bispo deu o que eu calculara e para o que já esta-

na preparado: a assistencia levantou-se e durante muito tempo manteve-se de pé, respeitosamente... Eu já estava sentado a conversar com o dr. Costa Rodrigues, secretário geral; ~~mmm~~ continuei sentado, certam.te com escandalo dos assistentes mais proximos, mas continuei a conversar com o visinho que não se sentia muito bem e disfarçadamente se levantou dando qualquer razão. E notando que era eu o unico, disse em voz baixa:

— Olhe q. está tudo em pé...

— Pois estimo muito, respondi. Eu é q. nem não levanto. O meu Am.º sabe que, com os bispos, faço velhas cerimonias.

O Costa Rodrigues, disfarçou e com pretexto qualquer ausentou-se e deixou-me incómodo companheiro.

Ora a sessão correu bem. Na mesa da presidencia estava o governador civil, eu re presentante do Reitor da Universid.e, o Abel de Andrade e o Reinaldo dos Santos. Eu cadeirão especial, o bispo — unico que me nem as honras duma cadeira de espaldar. As outras cadeiras eram todas de estas baixas...

A sessão teve, diga-se a verdade, certo brilho. E eu, intimam.te, fiz comparação com a q. fizeram em homenag aos dois Costa Lobo, ha dias. Esta de ontem, a creatura que nunca veiu ao Instituto e que possivelmente não é socio, teve certo brilho e calor; a outra, a duas pessoas a quem o Instituto tanto ficou devendo, correu fria e sem valor.

Coisas da vida.

O discurso do Caeiro da Mata, de tipo academico, foi sólerio, ordenado e sem exageros de panegirico; os do Abel de Andrade e do Reinaldo dos Santos, curtos e curiosos; e no fim o Augusto de Castro em alocução escrita com elegancia evocou a Coimbra do seu tempo de estudante e agradeceu á dita Coimbra a homenagem q. lhe prestaram.

E eu perguntei aos meus botões se ele se convenceu de que era realmente Coimbra que promoveu aquela festarola ou se quiz tirar efeitos para o publico da lembrança do putha do José da Arruela?...

Que misterios ha sempre nestas coisas! A Historia terá grandes trabalhos, um dia, se quizar apurar estas bagate-

las se é que Vais bagatelas mereceu ser apuradas. Pois aqui fica o meu depoimento, bem simples, sem má vontade — apenas com a desconfiança de quem já tem a idade suficiente para não tomar as coisas pela primeira aparencia.

Os discursos vieram reproduzidos, como era natural, na integra, no Diario de Noticias de hoje. Guardei-os, para a devida documentação...[1]

Coimbra.

Março: 20.

Desde 7. o Madaíl foi para Braga, ando p.a lhe escrever; dia a dia, fui deixando para melhor ocasião os cumprimentos que me ment.e lhe devia fazer.

Calhou hoje. Lá foi carta com desculpas, com felicitações, com boas palavras.

Eu não tenho grandes razões de queixa dele; magoou-me sempre a certa distancia, é certo, mas não sou dos meus queixosos. Pois lá foi a carta — e que má em boa hora...

---

[1] No Maço XI, n.º 1.

Coimbra.

Março: 21.

Venho do Museu Machado de Castro onde o francês Jean Valléry Radot, director da secção de gravuras da Biblioteca Nacional de Paris, fez uma conferencia subordinada ao título de La Gravure Française. Des origines à la fin du XIXe siécle.

A conferencia interessou-me como é natural e apesar do conferente ter um francês um pouco arrevesado que ás vezes escapava aos meus ouvidos atentos, dei por bem empregado o tempo e o incómodo de ir a pé, e com frio, até ao Museu.

Mas, a alusão q. aqui faço á conferencia tem outro motivo.

O Luis Reis Santos, director do Museu, apresentou o conferente e presidiu á sessão. As palavras com q. fez a apresentação foram amaveis é claro; mas misturou com os louvôres ao critico francês outros louvôres á sua propria pessoa como director do Museu. E com certa imponencia foi dizendo que só agora é que o Museu está cumprindo a sua missão e que deixou de ser o deposito de coisas mortas que era

anteriormente. Disse também que em Portugal não se tem estudado nada o assunto «Gravura» e, com muita pertinência fº com os franceses presentes, acrescentou que só a eles se deve alguma coisa que no nosso país se conhece.

Se é certo que entre nós se não tem estudado a Gravura como se estuda lá por fóra, não me parece q. a afirmação do Reis Santos tenha completa razão; e o que me pareceu excusado foi a maneira pertinente, quasi rasteira, como ele atribuiu aos franceses a única influencia exercida entre nós. Poderia chamar a influencia da França (q. aliás creio não ser a única) mas rastejar pertinentemente.

No final, agradecendo a lição do Mr. Vallery Cardot (na verdade uma interessante lição) voltou a repetir as balofeiras acerca da sua acção como Director do Museu que só apara cumprir a sua missão etc. etc. e a reincidir acerca da nossa ignorancia quasi permanente da arte da gravura — afirmações, quer uma quer outra, que eu julgo falsas e só ditas por quem se julga ou se quer julgar alguem superior e

se acredita capaz de dar sentenças em assuntos que ele imagina que os outros não sabem.

O ar imponente com que ele se referia á missão dos museus! O ar servil com que se dirigia ao conferente!...

A diferença que faz o Reis Santos que nos primeiros dias de Coimbra veiu ter comigo de chapeu na mão, chamando-me doutor e que agora me aparece imponente, cheio de basofia, dogmatico, a falar de pápo! Desde que os lentes universitarios o chamáram e o fizeram socio e director d'O Instituto, o homem julgou que isso o igualáva ao "capelo e borla" e tóca a tomar atitudes superiores.

Já ha dias, indo ele, no Largo 8 de Maio, com o dr. Joaquim de Carvalho, ao passo que este me veiu dar um abraço de despedida (porque segue por estes dias para o Brasil), o Reis Santos disse-me um simples adeus protector, a distancia, com gesto vago...

Agora percebo. Subiu-lhe á cabeça o "capelo e borla"... Pois que lhe faça m.to bom proveito.

Coimbra.

Abril: 2.

Voltemos ao malfadado Saldanha... O caso começa a complicar-se. Há dias escrevi ao capitão Americo de Mendóça Frazão, já oficial do Estado-maior e meu ex tipo alferes em Infant.ª n.º 7, a perguntar-lhe pela altura em que ia o assunto.

O rapaz que ficou sempre m.to meu amigo, respondeu-me em carta recente da que: «... o que apurei foi que, das 2 "primeiras pessoas que apreciáram o traba "lho, uma fez varias objecções embora dis- "sesse entender que deria ser adquirido para "as bibliotecas. Uma terceira pessoa, encarre "gada da apreciação do trabalho, fêz varios "elogios ao mesmo, mas afronta-lhe o defeito "de poder induzir em erro o leitor menos "versado em assuntos de historia, sobre o va "lor da colaboração estrangeira no periodo "de que se trata. Diz que, Val como o traba- "lho se encontra, está em optimas condições "para ser publicado pelos descendentes de "Saldanha e propõe que não se adquira pelos "Fundos de Instrucção do Exercito. — Porem "foi solicitada a opinião de mais duas pes-

"soas para se poder tomar uma decisão
"e até á presente data ainda não se pro-
"nunciáram. Quero ver se encontro es-
"sas pessoas, etc.»

Quer dizer: o general Barros Rodrigues perante os comentarios ou objecções de um dos primeiros censores (que foi o Jorge Apolinario Leal) e a opinião do Faria de Morais, bem decisiva, teve as suas duvidas ou hesitações e, talvez querendo ser imparcial, nomeou mais dois coroneis para darem opinião. Não teve a coragem de arrostar com o relatorio do Faria de Morais e não quiz ser-me desagradavel negando-me o subsidio — e foi pedir mais conselhos. Não ha talvêz que censurar muito: quiz amarras para se segurar.

Mas... o que p.ª mim ficou incompreensivel foi a informação que o Frazão me dá relativam.te ao veredictum do Faria de Morais: «... o valor da colaboração estrangeira no periodo de que se trata...» O que é que o homem quer dizer com isso? Haverá erro de copia ou interpretação do meu antigo alferes? Não percebo o que ele quer dizer com a expressão «colaboração

estrangeira» mas percebo a outra frase velhaca, bem velhaca: «o trabalho está "em optimas condições p.ª ser subsidiado pe-"los descendentes de Saldanha ...» O mariola não me disse tal coisa quando, em Janeiro, me expoz livremente a opinião; e a frase é de insinuação malevola, é perfeita velhacada que eu, francam.te, não calculava que fosse p.ª um relatorio que tem finalidade bem diferente.

Enfim, o homem mostra-se tal qual é — e ainda bem! Fica-se sabendo

Mas ... ainda ha mais.

Ha tempo, nos começos do mês findo escrevi ao meu velho am.º Apolinario José Leal, actualm.te professôr em Ponta Delgada, agradecendo uma remessa de chá açoreano; na carta, entre outras coisas, dizia-lhe q. tinha falado em Lx.ª com o irmão Jorge e que ele era um dos censores ao meu trabalho acerca do marechal duque de Saldanha. Ora nesta altura da m.ª carta já o Jorge Leal apresentara o seu relatorio ou opinião que, conforme me diz o Frazão, continha varias «objecções.» Pois bem: em 28 do mês findo recebi um car-

Vão do dr. Apolinario em que me diz que escrevera ao irmão acerca do caso, embora «o julgasse desnecessario...» E acrescenta com certa graça: «Mas, como sabe melhor "do que eu, ela faz parte dum corpo o qual, "como em todos os seres vivos, é movido "por uma cabeça, mesmo que seja... má. "Estou fazendo certo que, da parte de meu ir- "mão haverá a melhor boa vontade, etc.»

Já não foi, fazem, a tempo — e não se perdeu nada.

Dois dias depois, em 30 de Março, novo cartão do Apolinario: «... recebi a noticia "que lamento entender dever transmitir- "lhe, de que o seu trabalho não foi conside- "rado p.ª ser comprado para as bibliotecas "militares. Consola-me saber q. dos "vagais, e só um, o consideraram obra de "valor, muito interessante como livro "de consulta, etc. etc. Desculpe-me ser o "mensageiro de tão desagradavel noticia "mas tudo fiz em contrario.»

Pelo que aí fica, poderá depreender-se que o Jorge Leal se deu por ser o único que disse bem do meu trabalho? As frases são um pouco confusas mas tu-

do póde ser. Perante a carta do irmão q̃. lhe lembraria a velha amisade, o coronel Jorge não teria a coragem de confessar a verdade...

Esperêmos o desfêcho. Pelo que se vê, o Saldanha é grande de mais para toda esta gente.

Coimbra.
Abril: 6.

Fomos hoje ao Luso, com a Ana Maria, almoçar com os páis desta. Depois do almoço o Cristovão levou-nos ao Caramulo e daqui pela estrada do vale do Agueda até á vila do mesmo nome, onde entrámos na estrada do Porto p.ª o regresso.

Uma bela caminhada, com dia ligeiramente nublado, temperatura agradavel. Belo pretexto para boa disposição se no meu intimo me não roessem varios males que me afugentam qualquer parcela de alegria.

Noutros tempos, faria descrição da passeata, com pormenores e impressões pessoais. Hoje, não sei se seria capaz... Limito-me a dizer que foi um belo dia e

uma excelente caminhada. E nas horas que passei no Luso recordei os tempos em que, creança ainda e depois já homem, ali correram dias agradaveis e que não voltam mais.

Senti naturalmente lagrimas nos olhos. A vida é assim destas coisas.

Coimbra.

Abril: 12.

Apenas um simples comentario para que, nestas papinas, meu tudo seja tres vezes. Recebi hoje um folhetinho anunciador duma Historia das grandes revoluções do fallecido Rocha Martins — obra que tinha já principiado pela imprensa mas a morte subita não deixou publicar.

E' agora o Carvalhão Duarte que mete os ombros á empresa e no folheto dá as suas razões, etc. etc.

Ora o que aqui me faz notar o caso é q. o C. Duarte diz para mais para menos, a certa altura: «... Quiz o destino que o genial escritor não vivesse tido tempo, etc. etc.»

O genial escritor é o Rocha Martins... O Rocha Martins é escritor genial...

Que sentimento de profanações teem es-
tes diabos dos jornalistas, mesmo que quei-
ram ser gratos á memoria dos amigos?
Ponto final.

Coimbra
Abril : 20

Em 15 deste mês recebi uma carta de D. Julieta Ferrão. Explicava a falta de res-
posta a uma outra minha escrita ha muito, mandava-me um exemplar do catalogo de exposição commemorativa do 1º centenario do nascimento de D. João da Camara e fazia-
me um pedido curioso.

O Rodrigues Cavalheiro meio que che-
fe dos serviços culturais da Camara Munici-
pal de Lx.ª e publicista e meio-historiador
anda a trabalhar num estudo sobre João
Franco e sua epoca. Descobriu que eu es-
crevera um diario da questão academica
de 1907 e que tinha documentação da epoca
franquista; queria tho dizia não sei; o que
sei é que solicitou á D. Julieta fª servir de
intermediaria no sentido de eu lhe ceder o
diario e a documentação respectiva para
auxiliar tanto quanto possivel o esclareci-

muito de «um período em q. ainda ha "muita coisa na penumbra...»

Ora aqui estou eu, com o meu arquivo a servir estes senhores, mais uma vez, sem qualquer espécie de interesse. A D. Julieta pergunta: «Está disposto a contribuir com as suas valiosas informações?»

E' claro que estou disposto...

O Rodrigues Cavalheiro é um dos chefes integralistas, é um dos caciques da nata reaccionaria. Mas isso, que diabo! julgo que não é razão p.ª me negar.

Escrevi hoje á D. Julieta dizendo que sim, que contribuo, mas q. o diario ainda não é visivel, isto é, não póde ser entregue nem mais nem menos, tão intimo e tão ligeiro nas apreciações ele é. Darei, porem, todas as informações que possam ter interesse p.ª o estudo e poderei ceder, temporariam.te certos documentos bem como mesmo tirarei copia duma carta do João Franco sobre eleições, p.ª o prior de S. Pedro de Alva, o P.e Diniz de Abreu, que eu conheci ainda m.to bem.

Enfim... Lá massadas não faltam; porventos é que não vejo.

Coimbra.

Abril: 22.

Morreu ontem depois de dois ou três meses de agonia o Armando Macedo. Sofreu atrozmente durante este tempo e lá se foi mais uma amarra, das poucas q. já me restam.

Aos poucos, um a um, vão caindo e eu cá vou andando por entre sepulturas. E assim continuará a correr o tempo, sem que se possa ofôr qualquer espécie de resistência.

O Macedo era bom amigo. Dizia ele q. de todos os rapazes da geração com quem se fôra, eu era o único com quem nunca teve um momento de aborrecimento ou sintoma de zanga.

Bons tempos os que passámos a estudar juntos disciplinas do curso dos Liceus ou a fazer diabruras na quinta da Guarda Inglesa, de meu tio João Caetano... Ou dizer bons tempos... Sei lá se eram bons se eram maus!

Os de hoje... esses é que não são nada bons.

Enfim... e lá se foi mais uma das poucas amarras que me restavam. Cada vêr o cemitério é maior.

E agora, outro assunto.

Deixei aqui dito em 8 de Fevereiro, salvo erro, que o Alberto Meira, do Porte, me pedira colaboração para uma revista que a Tertulia das cinco e meia ia em breve lançar. Ora hoje recebi uma carta do Meira em que me diz q. a revista vai em breve para a rua e que necessita de original meu com certa urgencia, p.ª o 1.º numero.

Está arranjado! Agora, original rapidamente feito, com urgencia...

Vou-lhe dizer q. sim e mais que tambem... E andará com sorte se lhe dér alguma coisa para o numero dois.

Tenho, na verd.ª, certo desejo de lhe ser agradavel e gostaria de colaborar na revista que se chamará Tertulia segundo ele diz. Mas neste momento a m.ª cabeça não é capaz de fazer qualquer coisa de geito — se é que alguma vez o fez.

Vamos a ver.

Coimbra.

Abril: 28

Vai por aí uma loucura de festas!... Celebra-se o quarto de século do governo de Salazar e os foguetes estalam, os quarteirões estoiram, os sinos ensandecem a repicar continuamente e até os polícias da esquadra aqui em frente andam de grande uni forme. Há comboios especiais para cima e para baixo, há cortejos com bandeiras de "Todo o mundo", há uma série de Te-Deum em acção de graças, reza-se pela saúde do salvador providencial... Etc. etc.

Ha uma atmosfera festiva. Fecham-se estabelecim.tos fp.s que o possam a certas horas marcadas pela Emissora possa ir cantar o hino nacional com a multidão... Nas escolas ha feriado "surdo, e nas repartições publicas tolerancia de ponto.

Que mais quér o Povo português? Tem o panem et circenses de Juvenal e tem um patrão que se não dá pão em abundancia, dá aos meios os jogos de circo que neste bendito séc.º XX tem formas mais civilisadas e amenas. Podêmos todos nós, Portuguêses, cheios de entusiasmo e de or-

gulho, dizermos em unisono: Avé Salazar! avé Salvadôr! Tu e a Senhora de Fatima sejam eternos para honra e gloria da patria de D. João 3º! Amen...

E pronto. Lá fóra os foguetes e os morteiros anunciam o glorioso jubileu. Panem et circenses!...

Ah! bom Juvenal!... Se agora quizesses largar alguma das tuas satiras tinhas logo á perna a Policia do Estado que te tapava a boca e... bem.

Coimbra.

Abril: 30

Hoje foi o Artur de Magalhães Basto, do Porto, director de O Tripeiro e escritor de historia conscencioso e curioso.

Recebi dele uma carta a q. achei graça pela originalidade. Nunca tive com ele qualquer especie de relações, só o conhecia de nome e pelos seus trabalhos. Pois a carta, sem mais preambulos, começa por me dar certas indicações acerca do gravador em madeira José Mª Baptista Coelho e se referir a umas gravuras que este abriu para o poema Rui, o Escudeiro do Luis da Silva Mousinho

de Albuquerque. E depois de todas estas indicações, pede desculpa do trabalho que me tomou e... mas ultimas linhas louvaram a minha «tão estimada colaboração...»

Maneira interessante de me louvar a colaboração, possivelmente com receio de que a saída, de O Trabalho, do Alberto Moira, me fizesse esfriar o interesse pela revista. Achei graça...

Vou dizer-lhe q. me não esqueci e só as trapalhadas da vida me atrázam o cumprimento desses bons deveres.

E peço até fazer uma <u>absoluta</u>, a 3ª, em que aludirei ás referencias de Camilo Castelo Branco ao cêrco do Porto. Poucas são as referencias mas dão para um artigo.

<u>Coimbra</u>.

Maio: 3

Hoje, domingo, houve missa por intenção do Armando Macedo, na igreja de Santa Cruz.

Confesso que me custa a cerimonia; mas por atenção fª com a familia, lá fui assistir. E hoje ainda mais me custou porque, como é domingo, a concorrencia

era grande e poder-se-ia julgar que eu me convertera á boa doutrina e ia reverentemente á missa dominical.

Mas, o que me faz aqui deixar esta nota é o facto da concorrencia ser enorme e a qualidade da concorrencia. Como não frequento as igrejas não sabia como agora são frequentadas. Lá que as mulheres encham os templos, não me admirá-va nem seria caso para espanto; o que me dêu no gôto foi a afluencia dos homens, de homens novos, entre os 20 e os 40 anos, certamente creaturas cuja mentalid.e se formou depois de 28 de Maio para cá. E notei a maneira como se comportavam, com ar concentrado, de recolhimento intimo, que denotava certa sinceridade. Muitos ajoelhavam, curvávam a cabeça, ficávam bastante tempo assim até que se levantavam p.a olharem para o altar, com olhos vagos...

Tudo isto me deu que cismar. Será possivel que estes vinte e cinco anos tivessem assim formado nova camada de homens, com vago fundo de misticismo e crença religiosa sincera?

Ou serão as condições gerais em que se debate o pobre mundo ocidental que tornáram possivel este retorno religioso de que o Ultramontanismo se aproveita tão bem — se é que não é ele que o promove?

Durante a missa cismei bastante e observei muito mais. E ainda me deu na vista certos homens, a roçar pelos cinquenta, que eu conheci descrentes ou pelo menos indiferentes em materia religiosa, a comportarem-se no acto como praticantes normais, com todas as atitudes correspondentes ao desenrolar do «santo sacrificio.» Hipocrisia?... Sinceridade?...

Sei lá!...

O problema da sinceridade é muito grave porque a primeira pergunta natural é a seguinte: em que altura da vida é que foram sinceras essas creaturas?

E a igreja cheia, completamente cheia de gente, de homens e mulheres, todos com aspecto de á vontade, como de quem está em sua casa...

Aquela meia-hora da missa deu-me mt.o que cismar: o mundo mudou muito, tem dado muita volta!...

Coimbra

Maio: 8.

Vim hoje de Lisboa p.ª onde fui no dia 4, quasi á pressa, p.ª consulta ao dr. Anastacio Gonçalves por causa dos olhos de m.ª Mulher.

Dois dias passados em Lisboa e um em Mafra ou melhor, na Paz, de visita á quinta-rola que lá estava a reverdecer com esta promessa de Maio.

Em Lisboa, embora pouco andasse pelos centros, verifiquei a mesma balburdia, a mesma barafunda, a mesma vida apressada e truculenta. Fui a exposição da primavera na Sociedade N.al de Belas-Artes, e verifiquei tambem que continúa a mesma banalidade na Arte: centenas de quadros de toda a especie, sem grande escolha, com mistura de alhos e bugalhos... Fui á Revista M.ar, ver o Pires Monteiro que me pareceu decaído, abatido p.ª não dizer decadente. Lá estava o infalivel Vitor Hugo de Azevedo Coutinho, o Vitorino Guimarães e o inigmatico Raul Esteves que sustentaram uma meia-hora de palestra variada.

E assim passei dois dias em Lisboa sem encontrar novidades — alem da mes-

uma balburdia, da mesma barafunda, da mesma vida de encontrões e de velocidades sem termo.

É mais nada.

Coimbra.

Maio : 18.

Vai por aí grande barulho e grande fumaceira por causa da viagem do presidente Gen.º Lopes a Espanha.

É claro que os festejos de recepção deviam ser bons, nem seria de esperar outra coisa. Mas o que muita gente não vê é que esta barulheira toda corresponde apenas a uma aliança política de momento e nada é mais do que isso. As afirmações da velha amizade entre portuguesas e espanhois não passa de fórmula protocolar que me parece se deveria evitar — pois toda a gente que essa «velha amizade» veio de Aljubar rota e firmada mais tarde em Montijo e em Montes Claros...

Simplesmente a aliança é de Franco com Salazar e, com franqueza, pelo que me têm dito do Generalíssimo Lopes, não calculava que este se prestasse, de tão boa mente, a

a ir representar o papel que lhes reservados junto de nossos irmãos.

Por essas e por outras, ha pouco, em um espectaculo academico que aí houve em que colaboraram um orfeão de Santiago de Compostela, um dos seus componentes veiu ao proscenio agradecer o acolhimento recebido e começou:

— Portugal não é mais do que uma parcela de Espanha...

Na plateia houve uns-uns da rapaziada portuguesa; o outro não se atrapalhou e continuou:

— ... ou melhor: a Espanha não é mais do que uma parcela de Portugal...

Grande risota e pronto: a discursata continuou sem mais novidade.

Esqueçamos, pois, Aljubarrota.

Coimbra.

Maio: 19.

Ontem encontrei o Octaviano de Sá a quem vi obrigado a falar. Passado o assunto central, veiu á fala o Madahil, o grande Madahil, actualmente Director da Bibliotheca de Braga.

O Octaviano dirige-se em confidencias... O Madahil não foi definitivamente fº Braga e, ainda bem, porq. foi lá mal recebido; a sua ida fº ali representa apenas um compasso de espera, porque desde que certo individuo esteja em condições de dirigir Bibliotheca e muito desejado na cidade dos arcebispos, será nomeado fº o lugar e o Madahil transitará fº a Torre do Tombo que parece ser a sua verdadª aspiração.

Está pois a guardar o lugar... O que haverá de verdade em tudo isto? É contra do possivel.

O Madahil está sofrendo do seu feitio em caracter atrabiliario. E para Coimbra não volta porque não ha buraco onde se possa meter.

Coimbra.
Maio: 28.

Passa hoje mais um anniversario do dia glorioso. Ha 27 annos que sobre todo o País cái a [redacted] abundancia da carneirada das Graças. E ainda ha quem se queixe, que se mantenha inconforme com o novo processo de governo.

O que aí vai! Inaugurações de isto e de aquilo, sessões solenes — um nunca acabar de festas para lançar a poeira necessária aos olhos de todos nós.

Deixêmos isso.

Recebi uma carta do Manuel Cabanas, o gravador barreirense, na qual me convida p.ª eu ir ao Barreiro fazer uma conferencia acerca de meu tio Rafael Pimenta no próx.º dia 14 de Junho, dia em que se abrirá uma exposição de arte a que concorrem artistas do concelho e na qual se incluirão as gravuras e esculturas de meu tio.

O convite é amavel e eu aceitá-lo-ia se fosse noutra quadra do ano e se não fosse com tão pequeno intervalo. Neste momento é impossivel preparar a conferencia e tambem a exposição de gravuras de meu tio. E com a onda de calor que nos tortura ainda pior. Custa-me ter de dizer ao homem que não, mas tem de ser. Vou propôr-lhe adiamento p.ª Outubro ou Novembro e então lá irei de boa vontade dizer de minha justiça qualquer coisa e reivindicar para Rafael Pimenta algum direito como bom artista.

Coimbra

Maio: 31.

Ontem, no Instituto, o Nuno Simões fez uma conferencia subordinada ao titulo: Actualidade Luso-Brasileira. Bastante publico e nele grande numero de velhos republicanos, dos inconformistas. Notei, porem, uma afluencia de lentes que não é vulgar e na maior parte dos conhecidos como reaccionarios. Que móla os levou lá? E o interessante é que aplaudiram muito e foram, no final, cumprimentar o conferente.

Misterios do tempo actual.

A conferencia, lida com firmeza e creio que com sinceridade, foi de cabo a rabo a reprovação desta aliança de politicas espano-lusa, com prejuizo da aliança inglesa e da amizade com o Brasil. Embora com amaveis eufemismos, o Nuno Simões soube dar uma tareia completa nesta fantastica amizade com a Espanha que a ultima viajata do Craveiro Lopes veiu elevar a principal escôpo da nossa politica externa.

Foi, realmente, uma boa conferencia que o Ferraz de Carvº pediu para ser publicada n'O Instituto. Então, lida atentamte

e com pausa, se poderá apreciar melhor o valor da argumentação e as verdades encobertas que traduz.

Oxalá não traga algum aborrecimento ao Dr. Ferraz de Carvalho.

Coimbra

Junho: 4.

Fui hoje com o P.e Ant.o Nogueira Gonçalves aos altos da Cerdeira de Côja. Ha muito andava com vontade de ver, com os meus olhos, a velha estrada que vem do Zezere para o vale do Alva que o Saldanha percorreu com a sua tropa fandanga em 1837 quando desapareceu da Beira Baixa para cair em Coimbra de surpresa.

La fui com o ~~[illegible]~~ excelente cicerone, natural da região e conhecedor perfeito daquele amontoado de serranias e daquele meandro de caminhos e velhas estradas. A manhã magnifica e pelo percurso todo eu fui rememorando as m.as varias e variadas passagens pela estrada da Beira, pelo concelho de Poiares de tão boas recordações, pela Mucela, Mucelão, serra da Moita — conjunto admiravel de cenarios que só

os inexcedíveis ao Belo poderão não ver e admirar.

Depois de Cója foi a subida constante para a serra. O cenário ia-se alargando, os valeiros fundos começáram a surgir e o dôrso altaneiro da cordilheira ia aparendo aos poucos numa ou noutra volta. O ar que se respirava era mais fino e a amplidão entrava a impressionar.

A estrada segue sensivelmente o traçado da velha, passagem obrigatória de quem de cá queria ir para o outro lado. Hoje é apenas um velho caminho, pedregoso, dificilmente transitável, mas que ainda se deixa ver muito bem, serpeando pelo negrume da encosta e em certos pontos ao longo da linha de fôgo.

Parámos aqui e além. Contemplámos os panoramas; o P.e Nogueira Gdz. tirou várias fotografias e acima do Montes-Frios, onde a estrada, passando numa portela, começa a descer para o Porto da Balsa, tivemos de dar por finda a m.a inspecção, com pesar manifesto. Daí p.a cima só a pé ou a cavalo: o automovel ainda não está preparado para calçar o tamanco ferrado e galgar pe-

dragais e Tojo Grave. Contentai-me em ver o cume altaneiro do Açôr, com os seus 1340 metros, por de cima da lomba que se lia para o alto do Tojo e que em curva suave lá vai ter com imponencia. E contentai-me em ver o velho trilho que servia ao general para arrastar atraz de si meia dezia de soldados, numa arrancada estrategica de efeito que só homens com prestigio e grandes qualidades de decisão são capazes de conseguir.

Mas que soberbos panoramas! Como se respirava bem aquele ar fino de oitocentos e tal metros de altitude! A montanha imponente e esta, com valeiros profundos a que a côr da pedra chistosa dá tons escuros, causa sensações variadas de surpresa, de agrado e, nalguns pontos, quasi de receio. Soberbos e magnificos cenarios!

Visto o que queria ver, explicados pelo P.e Nogueira os problemas suscitados pela marcha do marechal naquele sector, lancei olhar saudoso para as redondezas, quer p.a os dorsos imponentes, quer para os fundões, quer ainda para toda a extensão de terra q.e se avistava lá dos altos — como queria se

despede definitivamente. Entrámos no automovel e voltámos para baixo, para o terrivel mundo agitado que se contorce em ataques de loucura.

E a natureza tão bela! Em Côja, mandei seguir pela estrada para Avô: parámos em Vila-Cova de Sub-Avô p.ª contemplarmos aquele recanto do Alva; em Avô, para evocarmos o poeta do Viriato Trágico; e em cima, nas Varandas, para olhar saudosam.te para o vale cheio de pitoresco. Poderiamos dizer como o Jacinto do Eça de Queiroz na subida para Tormes a frase esclamativa:

— Que belesa!

Depois, foi Vila Pouca da Beira, Vendas de Galizes, Sobreira, a Moita e por aqui fóra até á encantada Coimbra — onde o almoço esperava os caminhantes a quem soube ás nózes uma canja apetitosa que de entrada apareceu na mesa.

Assim, miseravelmente, terminou uma excursão quasi de sonho... A triste condição humana assim o quiz.

Depois, á tarde, seriam dezanove horas, pouco menos, ao fundo da minha

sua senti cantos religiosos e ladainhas. Era a procissão do Corpo de Deus que descia a rua de Alexandre Herculano.

Subi ao 1º andar e observei com o binoculo: a mesma manifestação reaccionária, com creanças das escolas, os colegios particulares, autoridades civis e militares e no fim uma enorme multidão que cantava qualquer coisa em tom plangente.

Lá vi na 1ª fila, atraz do pálio, o governador civil com o general dum lado e o reitor da Universid.e do outro; com o representante da Relação e mais autoridades ~~[illegible]~~ de diversas categorias. E atraz grande grupo de oficiais do exercito, de grande uniforme, certamente muito contentes com o papel que iam a representar.

Ainda bem. Não iam contrariados.

Coimbra.

Junho: 8

Dia cheio. Depois do almoço fui ao Tovim visitar as filhas do Lourenço Chaves de Almeida. Conversámos largamente e aproveitei para lhes lembrar o recato que devem manter a respeito das memorias

que o pai deixou escritas & bem assim a m.ta correspondencia que ele recebia de certas pessoas de vulto como do Lopes Vieira, do M.el Monteiro (de Braga), da D. Vera de Lima, etc. etc. Se as primeiras não podem ser por ora publicadas pelas muitas referencias a pessoas vivas e no galarim as segundas deverão ser guardadas cuidadosamente porque representam não só elementos para a historia da Arte em Portugal como documentos honrosos p.r o destinatário cujo bom nome elas, como filhas, deverão e quererão manter.

Elas concordáram e disseram que já resolveram guardar tudo com as devidas cautelas e não se deixarem enganar por qualquer esperteza dalgum espertalhão.

Confesso que receio um pouco das esperteras do Madahil que ha-de fazer o possivel por saber o que vem nas memorias que não lhe são, aliás, muito favoraveis. Oxalá as raparigas se aguentem e não não no chão. Dei os meus conselhos, como eu vendi e o resto... que se lhe ha-de fazer?

A' noite, depois do jantar, concerto do Circulo de Cultura Musical, com o pianista

russo Istomin, nascido e creado em Nova York. Rapaz novo, entroncado, cabeça redonda como um alemão, aspecto duro na expressão fisionomica.

Como artista ressente-se, talvez, do ambiente americano. A alma russa seria amolgada pela técnica e materialismo do novo continente. Para o meu criterio, as interpretações teriam essa vago cunho.

Será assim ou não será. Contudo, excelente executante, de nitidez perfeita, sobrio e correcto. Bom pianista, enfim, de que gostei sem enfado.

Coimbra.

Junho: 13.

Dia do meu rico, riquissimo, S.to Antonio! Este santo casamenteiro faz-me sempre lembrar, no seu sagrado dia, aquela minha aventura, no salão do Estado-maior em Lisboa, quando tive a veleidade de pensar que poderia ser brigadeiro... Já lá vão catorze anos — e não me esquece o episodio meio sério, meio burlesco.

E com o passar do tempo, quando penso nesse desastre, ainda me admiro como

me meti em tais assados e me sujeitei a tais provas tão contrarias ao meu feitio e ás minhas opiniões.

Enfim. O milagroso S.to Antonio podia ter feito um milagre — e não quiz. Foi ha catorze annos. E ainda me lembro bem de um tocador de clarinete, nas visinhanças do edificio, que perturbava a serie.e do acto com ensaios para as proximas marchas dos bairros de Lisboa.

E afinal, quem sabe se o taumaturgo escreveu direito por linhas tortas!

Ora hoje terminei a leitura do 6.º volume do Diario de Miguel Torga, ha pouco publicado. A leitura é impressionante. Chega-se ao fim e fica-se a pensar na tortura ~~[illegible]~~ do autor. Sente-se a aguia presa, a querer lançar o vôo sem poder abrir as azas. Espirito inquieto, sem conseguir soltar o que sente ~~[illegible]~~ nos arrojados pensamentos.

Deve ser um torturado o golore Poeta, sujeito como qualquer outro homem á miseria da vida corrente e ás limitações do ambiente actual — e sem achar limites

na quasi constante vagabundagem pelo País e pelo estrangeiro.

Quando o encontro por aí, desapeitado, tristonho, como alheio ao que se passa em roda, tenho sinceram.te muita pêna. O seu inconformismo comove-me, a sua angustia impressiona-me.

Dadas as devidas proporções entre um alto Poeta e um pobre diabo, também eu sinto essa angustia e esse inconformismo. Por isso, quando o encontro e o saudo cordialmente, mal sabe ele que nesse cumprimento simples mas afectuoso, vai mui to da m.a comprehensão e do meu respeito.

Pobre Poeta! Mal sabe ele tambem como eu o lastimo quando uma vez por outra lá vou ao consultório p.a me tratar dos ouvidos e da faringe e principalmente quando no final da consulta eu puxo timidamente pela carteira para lhe pagar o seu justo honorario. E' uma cêna que me custa e que eu sinto que o incomóda. E' a tal miséria da vida a prender á terra quem afinal anda tão por de cima dela.

Mas ponto final — pois a vida é isto mesmo: uma miseria constante.

Coimbra

Junho : 17.

É impressionante a intromissão da Igreja católica em todos os actos da vida oficial do Estado e a sua permanente e premente influencia.

Não se inaugura um melhoramento, não se abre uma estrada, não se celebra qualquer aniversario que não apareça o bispo, o arcebispo, ou um simples prior a benzer e a abençoar.

Estou a ver que, por este andar, quando as câmaras abrirem ao publico qualquer modesto mijadeiro, lá irá o padre da freguesia com o hissope e a agua benta.

Os cavalheiros estão a abusar e creio que a irem alem, muito alem, do que deveriam ir. Mas enfim, o Estado consente e gosta — a começar pelo chefe do dito Estado que parece mudou as ideias que tinha a tal respeito.

Ora isto veio a proposito de hoje me bater á porta um homem p.ª eu pagar a côngrua... Verdade seja que perguntou se eu queria pagar — e eu que estava bem

longe de tal intervenção, convencido de que os homens me conheceriam melhor, ia-me irritando e quasi estive para mandar resposta rude. Porem, resumi a resposta na frase que disse á creada para transmitir:

— Diga lá que não tenho conhecim.to de tal assunto.

E fui á janela espreitar pelas rendas da cortina. O homem, que sobraçava um livro oblongo, volumoso, escreveu qualquer coisa e foi bater ao visinho.

E é vulgar ou pelo correio ou directamente o peditório para isto ou para aquilo: desde homenagens aos parocos que celebram as «bodas de prata», até ás esmolas para as «Escravas da Santissima Eucaristia e "da Mãe de Deus» — um exercito disciplinado, organizado, superiormente orientado que abafa e esmaga.

E' tremendo tudo isto. E se penso até onde poderá ir esta avalanche, lastimo as futuras gerações. A não ser que o que me parece solido seja, por agora, ainda muito aparente.

Amen!...

Coimbra:

Junho: 19.

O que aí vai com esse general Manuel Topinho que hoje ou amanhã é atingido pelo limite de idade! Que fumaceira!

Homenagens, sessões solenes, pastas ricas, objectos de arte, o demonio!

E quem é o Manuel Topinho?

A Historia tomará um dia conta dele? Ele bem faz por isso, bem se cança em chamar a atenção das turbas. Mas...

... Mas que grande fumarada!

Coimbra

Junho: 21.

Esteve aí hoje, toda a tarde, o artista gravadôr Manuel Cabanas.

Conversa larga, curiosa, instrutiva, afinal. O homem tem certas leituras, é inteligente, fala com facilid.e e discorre bem sobre qualquer assunto que lhe esteja ao alcance. Começou a sua vida por encadernadôr, mas o ofício prendia-lhe o desejo de ser mais alguma coisa; inquieto, largou a aldeia natal, no Algarve, e meteu-se a ferro-viario e nesta nova vida, viajan-

do, observando, absorvendo conhecimentos, foi que lhe aflorou a vocação de gravador em madeira. E sem mestre, pelo seu esforço apenas, tem produzido algumas obras curiosas e, segundo parece, está em bom caminho para aperfeiçoamento.

Fiquei gostando do homem que veiu combinar comigo a sessão de homenagem a meu tio Rafael Pimenta que talvez se possa fazer nos fins de Julho ou começos de Agosto, ao mesmo tempo a exposição de trabalhos artisticos de Carreirenses em cuja abertura ele teima p.ª eu fazer uma alocução. Eu aceitei porque me pediu apenas uma alocução p.ª uns 15 a 20 minutos e não conferencia como em carta ha pouco solicitava.

Ficou o caso assente, pois. Ele trataria da exposição e levou o album de gravuras, varios desenhos do tio Rafael e ficou de ir informando do que se passava.

Gostei do homem. E pareceu-me, até, creatura com certo caracter, espirito recto e de firmeza de opiniões liberais.

Pode ser q. me engane, como tantas vezes me tenho enganado. Mas que fazer?

Ha muito boa gente e mais esperta do que eu que tambem se engana...

Coimbra.

Junho: 22

Ha tempos, creio, até, que ha cerca de um anno, o Cesar Pegado, da Bibliotheca de Universid.e apresentou-me e recommendou-me uma rapariga que, terminados os exames da Faculd.e de Letras na secção historico-philosoficas salvo erro, ia preparar a sua dissertação de licenciatura que concluiria este anno. Ora esta rapariga, chamada Maria da Gloria Soares Fortunato, da Regua, quer fazer a dissertação sobre o Marquês de Alorna, assumpto que lhe foi indicado pelo assistente da Faculd.e, o P.e Avelino (ou Adelino?) de Jesus Costa que lhe forneceu umas cartas inéditas do mesmo f.o o Principe regente D. João, datadas da ultima decada do seculo XVIII e cheias de interesse f.o a quadra e f.o a propria biografia do signatario.

Porem, a rapariga que receiou recusar o assumto sugerido, ficou atrapalhada quando notou que a vida do marquês está ligada aos successos militares do tempo e até

as cartas só tratavam doutros problemas q. não fossem militares. E como era natural, nesse campo, a licencianda estava em bran co por completo.

Lastimou-se, pois, ao Cesar Papado, seu futuro cunhado; e este então encaminhou-a para mim, como única salvação. E na ver dade, durante este ano por varias vezes ela veio a mª casa; fiz-lhe prelecções acerca do marquês, da sua epoca, do estado do exercito, etc.; emprestei-lhe livros e uns manuscritos meus q. versávam o assunto; enfim, fiz de explicador e creio que não perdeu com as explicações. Sempre ficou um pouco mais elucidada.

Hoje veio oferecer-me a dissertação encadernada, com oferta assinada e pe diu-me ainda q. eu lhe dar a opinião so bre o conjunto do trabalho.

Já percorri, embora por alto, a obra. Citã-me varias vezes e alguns passos quasi reproduz as m.as palavras; mas conseguiu, ainda assim, dar impressão do conjunto. Vê-se o pouco habito de escrever e a falta de lidar com tais assuntos mas, vá lá! podia ser pior.

E aqui está como se fazem as dissertações na Faculd.e de Letras... E estão convencido de que está não será das piores.

As cartas de marquês f.o o feiticeiro Dom João VI é que são magníficas. Pena tenho eu de já não ter cabeça nem disposição para fazer qualquer estudo sobre elas. São belos documentos f.os o tempo e dão cartas novidades acerca dos problemas militares e diplomáticos da últ.a década do séc.o 18.o

Coimbra

Junho : 28.

Fui ontem ver a fita Os Miseraveis, em nova interpretação. Gostei. E' claro que altera a sequencia do romance ; mas o fundo lá está, perfeito e completo : a injustiça social. E que bela lição ainda pode dar a esta gente de hoje f.os ver os problemas sociais nada são perante a furia desportista e o mercantilismo corrente ! Mas estão convencido de que ninguem teria visto a fita debaixo desse aspecto e simplesmente se notaria a alteração dos episodios do romance. E' pena, possivel que assim não fosse e eu estivesse enganado.

Ora hoje, de manhã, ainda com a impressão do filme, recebi uma carta do Americo Frazão, capitão de Inf.ª com o curso do Est.º Maior, que se tem interessado pelo caso do Trabalho sobre o Saldanha.

Diz-me ele que «esperava que o caso se "resolvesse depressa, mas afinal arrasta-se "interminavelmente.» E explica: «Os oficiais encarregados de darem a opinião final "sobre o trabalho.... têm demorado muito porque têm varios cargos e pouco tempo lhes fica "disponivel; alem disso porque já saltam das "objecções feitas pelo sr. cor.el Faria de Morais "(então apara o nome visto q. V... já o saltia), "sentem que a sua informação é apara de mais "responsabilid.e»

E aqui está como o caso se arrasta. Os homens têm medo: é o que é. Se não fosse a discordancia do Faria de Morais tudo se arranjaria bem. Assim... é necessario muito cuidado.

E para terminar este dia direi que este me aqui o coronel Pinto da França a quem li pausadamente o que deixei escrito em 13 de Julho de 1939 acerca do meu celebre exame para o generalato. Ele ouviu atentamente e

pedia-me para rectificar o que deixei dito a respeito do Morais Sarmento a pag. 242 do volume respectivo — o que faço de boa vontade embora não convencido.

Diz o Pinto da França que o Morais Sarmento não era homem p.a se curvar perante o Santos Costa; que de todos os generais do tempo ele era o único que não obedecia ás imposições do então sub-secretario; e q. por consequencia se alguem dos vogais do juri mudou de opinião e desculpabilisou a votação contra mim, não foi ele, com certeza. E acrescentou que se não era inteligente e muitas vezes era autentico catino, era ao menos honrado.

Aqui fica a opinião do Pinto da França, creatura séria, honrada e boa. Até que prove é verdade a opinião não cai. Mas como mostrou desejos de eu a deixar registada aqui a deixo, com a melhor vontade.

E o melhor, afinal, é não se pensar mais no assunto. Já lá vão 14 anos e de mais a mais já morreram dois dos vogais do juri. Por consequencia, ponto final e ... e ás moscas.

Coimbra:

Julho: 5.

Mais outra procissão: a da Senhora da Boa-Morte. Não foi tão grande como a do Corpus-Christi, de ha um mês; mas espreitando do meu 1º. andar, pelo binoculo, lá vi o mesmo aparato reaccionario, e no final, atraz do pálio, a caterva das autoridades de toda espécie: de capa e batina, de béca, de farda e de casaca... Tudo m.to bem representado, em especial o exercito que brilhou pela quantidade e pelas condecorações. Uma beleza.

E assim vamos andando.

Coimbra:

Julho: 8.

Recebi hoje um exemplar d'O Jornal do Barreiro que o Armando da S.a Pais me mandou. Lá vem já a noticia da exposição de trabalhos de meu Tio Rafael Pimenta e duma conferencia que eu irei fazer na sala da mesma exposição.

O estilo da noticia revela o autor que é o alambicado Armando Pais, pretencioso pobre diabo alcandorado a jornalista.

Por curiosidade a notícia aí fica, recor
dada do número de 2 deste corrente mês.

EXPOSIÇÃO DE ARTE NA S. I. R. B.

Já se encontra no Barreiro, com destino à exposição que dentro de poucas semanas se realizará no salão de festas da Sociedade Instrução e Recreio Barreirense, o album de gravuras de Rafael Pimenta, que foi organizado pelo próprio artista, e do qual será exposta naquele salão cerca de uma centena de trabalhos.

Durante aquela exposição deverá fazer uma conferência sobre Rafael Pimenta, o sr. coronel Belisário da Silva Pimenta, ilustre escritor e investigador histórico, natural de Coimbra, e sobrinho daquele famoso gravador.

E vamos a ver no que dará tudo isto. Exposição de Arte no Barreiro é possível que seja coisa exótica. Depois se verá e direi de minha justiça.

Coimbra:

Julho: 12

Hoje, novo almoço com o P.e António Nogueira Gonçalves e o secretário geral António Luís da Costa Rodrigues.

Na verdade passam-se umas horas agradáveis, de boa palestra e boa disposição. Mas eu continuo a interrogar-me:

— Que diabo é que aqueles dois querem conseguir com estes almoços?

O Padre Lauro sempre a insinuação: que seria interessante aumentar o núme-

ro dos caminhos; e ficámos sempre na mesma dúvida: quem ha-de ser convidado?

Teremos que pôr de lado o capelo e borla; estas insignias estragam tudo... Fóra do professorado universitario ha mais fôra escolher; mas... as duvidas começam, logo que se cita este ou aquele nome. E assim vamos ficando reduzidos a estas três figuras — sempre á espera de apparecer uma quarta e uma quinta e assim successivamente.

Hoje, depois do almoço, o Costa Rodrigues leu umas informações ou pareceres que ha pouco deu como secretario geral a certas pretenções reaccionarias; e apesar dos pareceres serem contrarios ás pretenções, o curioso é que o ministro do Interior, o reaccionario Trigo de Negreiros, se conformou com elles e indeferiu os requerimentos. Eu apenas commentei: é porque o caso era muito ás claras; se as pretenções fossem explicitas mais subtilmente e não quizessem abarcar o problema á força, talvez tudo se fizesse sem novidade de maior. O Padre riu-se...

Eu li a seguir as páginas deste diário na parte respeitante ao meu exame para o segundo ano, escrita a 13 de Julho de 1939, ainda em Leiria. Os dois companheiros ficaram admirados.

E assim, com as leituras e mais canseiras se passaram agradavelmente umas quatro ou cinco horas. E eu, ao voltar para casa, continuei a pensar:

— O que é que, verdadeiramente, querem fazer destes alunos?

Coimbra:

Julho: 13

Fui hoje à Coimbra-Editora receber os 50 exemplares do meu Cancioneiro Popular de Miranda do C.º. Finalmente quebrou-se o encanto. Cá os tenho em casa e ficaram baratos.

Custaram-me um dinheirão; mas, como diz o Povo, mais vale um gosto do que quatro vinténs. Pena foi que o chefe da oficina não me tivesse ouvido bem e mandasse só tirar 50 separatas da revista Terras do Mondego quando eu recomendara que tirasse 150. Fica assim uma edição

de luxo, edição para ... 0 raros apenas, como dizia o Lupercio de Castro nos bons tempos do seu refolibatismo.

Enfim, quebrou-se o encanto e realizei um desejo.

E pronto.

Coimbra:

Julho: 14.

Hoje apareceu-me aí uma rapariga Maria Luisa de Lima Bolota, com carta de apresentação do Ant.º Cerqueira Ferraz Correia, licenciado em Letras e actualm.te conservador do Arquivo da Universid.e. A rapariga completou os exames na Faculd.e de Letras e prepara-se para, no ano lectivo que vem, organizar a sua dissertação para a licenciatura; e como escolhesse para assunto a biografia de Franc.º de Andrade Leitão e em especial os seus trabalhos diplomaticos — vá de recorrer aos meus cartetes e aos meus vastos conhecimentos para a auxiliarem na tarefa.

A rapariga é simpatica e delicada; deu-me, porem, a impressão de que estava um pouco fóra do assunto, isto é, de q.

os assuntos historicos não são o seu forte e de que, verdadeiramente, não faz ideia do que seja uma biografia critica.

Enfim, gostosamente, mostrei-lhe o verbete que diz respeito ao diplomata e durante cerca de ½ hora arenguei acerca do homem e acerca do modo como poderia organizar o seu trabalho. Ela ouvia com atenção e tomou as suas notas. Fiquei de ver com mais vagar o assunto e mandar-lhe dizer alguma coisa que encontrasse e que hoje me não ocorreu.

Achei curiosa a seguinte nota: os páis certamente por motivos de ganha-pão, vivem actualmente em Condeixa-a-Nova; passam, porem, as férias no lugar da Vermiosa, conc.º de Figueira de Cast.º-Rodrigo. E como eu lhe observasse que ela era beirôa de nascimento, respondeu-me com certa ênfase:

— Sou realmente da Beira e com muita honra!

Eu esbocei ligeira cortesia. Achei graça ao entusiasmo manifestado. E' beirôa e com m.ta honra. Pobre rapariga...

Paz : Mafra:

Julho : 25.

De novo na Paz. A mesma paisagem sêca, dura, sem beleza. Um ou outro casi-ten novo, a dar sinal de dinheiro, pelos arredores e lá em baixo o mar, sempre largo e a brilhar ao sol com esplendôr. A monotonia do costume q. aliás me não desagrada, tão certo é não se sentirem tanto os problemas quando estes estão longe.

Adeante. Por aqui estarei até não sei bem quando.

Lisboa :

Julho : 30.

Na capital do Imperio por uns dias. Faz hoje doze anos a Ana Maria que exultou com a serie de presentes recebidos. Felizes idades!

Eu tambem tive 12 anos. Mas a minha memoria diz-me que já nessa altura eu era o mesmo macambuzio, como que a advinhar o que me seria a vida; sempre alheio a certas exterioridades e constantemente absorvido por qualquer coisa interior, eu não senti, naquele periodo da

existencia a alegria desenvolta que é justo que as creanças sintam.

Mas adeante, deixêmos isto.

Aproveitei a tarde e fui procurar á repartição de S.E. Apolonia o Manuel Cabanas p.ª saber o que ha de positivo acerca da exposição e da m.ª palestra.

O homem expoz-me o que havia e contou-me as dificuld.es levantadas — dificuldades que eu calculo sejam em parte motivadas pela sua atitude inconformista perante a politica actual. Em todo o caso ele contá com a presença do presidente da Camara p.ª presidir á sessão e com a boa vontade dos jornais p.ª a divulgação necessaria. Apesar de tudo, vi-o optimista e mais uma vez me deu a impressão dum homem decidido que é capaz de vencer obstaculos grandes Vem em mira qualquer coisa que pinta e o entusiasmo.

Disse-me que seria ele quem me apresentaria ao respeitavel publico, mais queria dizer «certas coisas...» Quando lhe observei que era necessario certo cuidado com essas «certas coisas» ele riu-se e bateu-me familiarmente no ombro disse:

— Fiquei descançado... Eu sei dizer as coisas para haver moridade...

Enfim, lá iremos no dia 2, e veremos no que dá tudo aquilo. E aqui direi da minha justiça.

Lisboa.

Agosto: 3

Lá fui, com efeito, ontem, ao Barreiro arranjar por uns vinte minutos no encerramento da exposição.

A Sociedade de Instrucção e Recreio Barreirense, conhecida de outros tempos pela forma popular de Perrichaios, tem um salão enorme, com palco ao fundo, e excelente iluminação. Foi aí que o M.el Cabanas organizou a exposição de que se imprimiu catálogo de certo aspecto grafico.

Ao centro do salão, em mesas improvisadas, estava a obra de meu tio Rafael Pinheiro: as gravuras, os desenhos, as fotografias das esculturas e muitas recordações do artista como retratos, buris com que gravava, etc. Ao fundo, em cavaletes, retratos a carvão pelo mesmo, emmoldurados por m.ª tia Susana. Conjunto interessante, bem dis-

posto, com ordem e de maneira digna do artista.

A' volta, suspensa em placas de madeira fina forradas com papel branco, grande quantidade de quadros a oleo, aguarelas, carvões, desenhos a lapis, pastéis e recortes em folhas de cortiça, tudo obra de artistas barreirenses, alunos da Escola Industrial onde um professor Marinho é grande animador e impulsionadôr.

De maneira geral, bom conjunto, embora modesto. Fui lá, pouco depois da chegada, p.ª fazer ideia do que aquilo era e poder intercalar na alocução uma ou outra referencia ao certame. Não desgostei; a impressão recebida foi boa; e quando me preparava p.ª tomar notas, fui reconhecido e abordado pelo presidente da Sociedade que logo chamou o prof.or Marinho e uns artistas expositores que me rodearam com certa curiosidade e deferencias.

Se o cenario me deu boa impressão, as pessoas com quem logo se estabeleceu animada conversa, agradaram-me tambem não só pela forma correcta e desembaraçada como falavam, como pelo interesse ma-

nifestado pela Arte

nifestado pela Arte, em geral. Fiquei, pois, bem impressionado.

A' tarde, depois de almoçar e conversar sossegadamente com m.ª Tia, lá fui, á Socied.e dos Penicheiros, antes da hora marcada, já acompanhado pelo meu genro, pela neta e pela afilhada e herdeira de meu Tio Rafael, a D. Maria Manuela Campos e o marido, o engenh.º da União Fabril, Rui da Mota Guedes. Já lá estava a direcção da casa, o M.el Cabanas e o vice-presidente da Camara q. representava o presidente, impossibilitado de comparecer, e outras pessoas.

O engenh.º Mota Guedes explicava depois que a impossibilid.e de comparencia do presidente da Camara era simplesmente o mêdo do discurso do Manuel Cabanas — que, dada a sua posição de inconformista, poderia dizer qualquer coisa que ele, como autoridade, não podesse ouvir... Assim seria.

Logo que entrei, o Cabanas e o presidente da Socied.e vieram dizer-me que acabávam de descobrir no velho livro de actas, do ano de 1869-1870, em que se fundou a instituição, que o primeiro presidente dela fôra meu avô paterno, Rafael Idezio Se-

bastião Maria Pimenta e o primeiro presidente da assembleia de barreirenses em que se resolvera a fundação.

Depois de novo exame ás obras expostas, e de troca de impressões, chegou a hora da sessão. O representante camarário assumiu a presidencia; foram convidados f.ª secretariar o meu genro, o Cabanas, o professor Mariinho e mais dois individuos cujos nomes não fixei. O presidente da Soc.ied.e abriu a sessão explicando os motivos por que estavamos ali; depois o Manuel Cabanas fez a apresentação da m.ª pessoa e fe-lo em termos curiosos.

Palavras amaveis, é claro; disse q.e a m.ª infancia fôra passada numa tipografia, que aprendêra a compôr e a gravar na madeira; e que do contacto com o operario ficára um sulco profundo, p.ª toda a vida, na m.ª mentalid.e. Referiu-se á minha brilhante carreira militar e afirmou que se não ascendi ao generalato, foi por motivos que para ali não eram chamados... Com estas afirmações, deu a entender ao auditorio, que seria de 90% proletario, quem em seria em materia politico-social. Pelo menos, calculo f. ami José.

nos, calculo que a intenção seria essa e, diga-se a verd.ª, não foi mal pensado.

Depois, coube-me a vez. Li pausadamente os quartos de papel que escrevera em Coimbra com amenos referencias ao Barreiro actual como terra de trabalho, com ligeira divagação sobre a vida de artista de meu Tio Rafael e ainda com uma giraudola final dirigida á Arte, linguagem universal dignificadora do homem, etc. etc.

Ouvi no fim, como seria natural, muitas palmas e o mais interessante é que, sem estar no programa, se levantou p.ª falar um individuo que fazia parte da mesa, que me disseram ser funcionario superior dos caminhos de ferro e cujo nome me escapou; pedi p.ª falar porque o impressionáram as minhas palavras relativas ao Barreiro, palavras justas que mem todos teem coragem de pronunciar e que ele queria agradecer por si e por todos os barreirenses presentes. E o mais interessante é que este individuo, sem grandes principios, mostrou-se não só orador fluente e correcto mas com certo grão de cultura que lhe deu ensêjo para glosar certas frases de minha alocução. Gostei de o ouvir e pensei

que estava ali uma creatura com certas qualidades de inteligencia e bons dotes de oradôr, mas sem condições de trilho não só devido á sua falta de preparação escolar, mas tambem ás suas atitudes de inconformismo que o torna não suspeito ao poder estabelecido.

Encerrou a sessão o presidente da Soc.de que se congratulou com o brilho da sessão, q. agradeceu a m.a comparencia e terminou por pedir ao vice-pres.te do municipio para que, numa prox.a reunião camararia, resolves. sem jôr o nome de Rafael Pimenta a uma das novas ruas do Barreiro, como homenagem devida a um artista de valor que afinal os barreirenses não conheciam.

E assim se fechou a exposição que, dentro de moldes modestos, representou esforço de certa ordem e uma boa vontade que eu não calculava encontrar no Barreiro actual que, no fim de contas, não é só a vila revolucionaria que a actual situação agrepõa e que receia constantemente.

Ha certo tempo já cá tenho, do Barreiro, uma outra ideia, bastante diferente da q. se formou vulgarmente. E por isso não tive duvida, na m.a alocução, dizer o que disse

em seu louvôr — e tanto que o tal indivi-
duo veiu á chamada e deu sinal de compre-
ensão.

Depois duma refeição em casa do enge-
nheiro Mota Guedes a que presidiu a gentile-
za da esposa D. Maria Manuela, voltamos pa-
ra Lisboa, ao cair da tarde, debaixo duma nor-
tada rija que fazia balançar o vapor como em
temporal desfeito. E assim passei um dia
agradavel e variado; e vim satisfeito tam-
bem porque me pareceu sentir nos barreiren-
ses com quem lidei certa simpatia, possivel-
mente originada nas informações do Manuel
Cabanas e consolid.ª com a m.ª alocução cheia
de boas palavras p.ª com a terra e de incitam.to
para com os artistas expositores — aparte a
natural intuição de conformid.e de ideias.

Guardarei o dia de ontem como um dia
bom que merece marcado na m.ª vida tão mo-
notona e insipida.

Paz: Mafra.
Agosto: 4.

Regressei hoje aqui. Nos jornais de Lis-
boa só hoje, no Seculo, encontrei noticia da
sessão de Domingo passado. O reporter bar-

reiroure pediu-me o original da alocução para virar notas. Eu confiei-lho e, na verdade, o homem compoz uma notícia correcta.

Foi a única q. vi. É certo que não comprei todos os jornais, mas é natural que não houvesse grande interesse em me noticiar não só por se tratar do Barreiro como pelo facto de o organizador do certame ser o Manuel Cabanas. Tudo é possível, os leitores ficam sempre às escuras.

Foi encerrada a Exposição de Arte, no Barreiro

Foi encerrada a Exposição de Arte que esteve patente no salão de festas da Sociedade Instrução e Recreio Barreirense (Os Penicheiros), a qual fazia parte do programa das comemorações do 83.º aniversário desta colectividade. Para o encerramento fez uma palestra o sr. coronel Belizário Pimenta, que foi apresentado pelo sr. Manuel dos Santos Cabanas, tendo presidido o sr. Joaquim da Silva Simplício Junior, vice-presidente da Câmara Municipal. O sr. coronel Belizário Pimenta referiu-se às principais características do povo do Barreiro e fez elogiosas referências aos expositores, evocando a memória de seu tio, Rafael Idezio Maria Pimenta, nascido no Barreiro há cem anos e que durante vinte e três, até que a saúde lho consentiu, trabalhou na oficina de fotogravura do nosso jornal.

O presidente da direcção da Sociedade alvitrou que fosse dada a uma rua do Barreiro o nome de Rafael Idezio Maria Pimenta.

Deixo, para lembrança, colada na papinha a notícia de O Século de hoje.

Paz : Mafra :

Agosto : 10.

Recebi hoje, remetido pelo Armando da Silva Pais, o nº. 168 do Jornal do Barreiro, do dia 6 do corrente.

Vem, na 1ª pag.ª, um artigo do dito Silva Pais relativo a nossa Via Rafael, com a traus-

crição de certo artigo de meu Tio acerca da gravura química publicado no Seculo em 1930. Faz-me referencias amaveis e junta a conhecida gravura que representa o artista junto da estatueta de Diogenes.

Ora eu esperava ver noticia desenvolvida da exposição e da sessão de encerramento. Nada disso. Apenas na 2ª. pag.ª na secção Esta semana acontece, vem um paragrafo de modestas 24 linhas que menciona o «condigno fecho» á iniciativa dos Pemicheiros, com a minha conferencia a 9. sumariamente alude. Não ha duvida que não só a Sociedade não vinerá nas boas graças das autoridades mas o nome do Manuel Cabanas e possivelmente o meu, afastarão as simpatias oficiais a ponto de não quererem deitar foguetes.

Assim será.

Paz: Mafra:

Agosto: 15.

Neste dia saudoso - me soffre da velha festança da Senh.ª de Nazaré da Ribeira de Frades, junto de Taveiro. Já aqui tenho deixado, em outros anos, um ou outro trecado de prosa com evocações desse dia, nos tempos em que

era novo e a festança tinha caracter popular e simpatico.

Hoje é tudo diferente. O dia é feriado nacional e dia-santo oficial em homenagem a mais um dogma. Essas varias festas tradicionais e alegres vão caindo tristemente ferente as solenidades eucaristicas e outras impostas pela nova orientação da Igreja.

Adeante. Pois não me esqueço desse dia 15 de Agosto, dia que em Coimbra se chamava da Nazaré da Ribeira, dia em que a população trabalhadora acudia ao areal do Mondego com merendas alegres e no ar se viam leques de papagaios cada qual mais alto, a agitar o rabo de farcicos de papel.

Paz: Mafra:

Agosto: 20

Cito aqui duas afirmações acerca do meu Cancion.º Popular do Min.º do C.º. Poucos exemplares ainda ofereci, por isso não tenho recolhido comentarios. Apenas, por agora, merecem nota duas apreciações.

Uma do Rocha Madahil: « E' um trabalho honesto de recolha de material e uma tentativa apreciavel de metodização que importa

ter presente para colecções idênticas, bem como para o futuro estudo de conjunto.»

A outra, a do velho amigo Luís da Silva Ribeiro, de Angra do Heroísmo: «Afinal, não é uma colecção de cantigas postas por melhor ou pior ordem. É uma verdadeira monografia etnográfica e histórica do Miranda do Co feita em torno das cantigas e isso foi justamente o que me encantou pela originalidade do método e interesse que despertê. Excelente, e pelo trabalho o felicito.»

E ainda bem.

Paz. Mafra:

Agosto: 21.

Como os homens do Estado-maior não ataram nem desataram a respeito do meu trabalho acerca do Saldanha, resolvi escrever uma carta ao Barros Rodrigues. Lei-la:

«... Queira V... desculpar esta minha carta — talvez impertinente. Entreguei no Est. Maior em Outub.º do ano passado, como V... sabe, um exemplar dactilografado dum trabalho meu acerca do marechal duque de Saldanha, trabalho pelo qual V... vão

amavelmente mostrou interesse. A demora no deferim.to ou indeferimento do meu requerimento faz-me supôr que os relatórios regulamentares não sejam favoraveis, tanto mais que um dos oficiais encarregados da leitura (não sei se infringindo o sigilo sacerdotal) me declarou francamente e com lealdade a sua discordancia ou oposição.

«Será, da m.ª parte inconveniencia, snr. General, ou inconveniencia procurar saber se, na realidade o meu trabalho não é aceite? Como o tempo vai correndo e as vidas não são eternas, gostava, para meu governo, de ter qualquer elucidação. E queira V... desculpar. Repito: não sei se nesta minha deligencia ha qualquer inconveniente; havendo-o, queira V... dar a carta como não escrita e desculpar o que é, etc. etc.»

Parece-me que está uma carta diplomatica, amavel mas, ao mesmo tempo, com certo tom de censura pela demora.

Esperarêmos, com paciencia, pela resposta de Sua Excelencia o Chefe do Estado-maior general. E depois resolverei.

Paz : Mafra :

Agosto : 27.

Recebi hoje resposta do general Barros Rodrigues ou, por outras palavras, recebi cartão do ajudante do d.º general em que me comunica a resposta de S. Ex.ª.

É certo que ele tem m.to que fazer e muitas coisas que o preocupem ; mas naturalmente segue o sistema dalto de os generais comunicarem com o respeitavel publico por intermedio dos seus ajudantes.

Mas adeante. Diz o cartão que o general «ficou incomod.º por verificar que as informações (...) não estavam completas» e que «julgava o assunto resolvido. D'aí o seu desgosto.» E termina por afirmar : «Já tomou as providencias necessarias para agilisar a solução do caso.» E com cumprim.tos e desculpas, termina a missiva.

Quer isto dizer que os oficiais encarregados da leitura não fizeram grande caso da missão e foram deixando correr o barco.

Quer-me parecer que se fosse encarregado de tal deligencia, sentir-me-ia honrado e procuraria cumpri-la depressa e o melhor que podesse. Vejo, porem, que não

é esse o critério dos ilustres oficiais do Estado Maior. Tomam a missão por uma chumbada como hoje se diz.

Continuemos, pois, a esperar.

Paz: Mafra:

Setembro: 11.

Recebi hoje o nº. 172 do Jornal do Barreiro de 3 do corrente no qual o Armando Silva Pais publica duas cartas de Joaquim António de Aguiar relativas a eleições no concelho. As cartas eram dirigidas a Francisco Alves Casal; ficaram na família, guardadas, até que mª Tia Suzana mas deu. Como o Silva Pais procura fazer História do Barreiro, copiei as cartas e mandei-as ha Vasconcellos para o caso que ele entendesse.

Foram agora publicadas, com alguns comentários e amáveis referências á minha pessoa que (diz ele) «ha pouco honrou o Barreiro com a sua visita e uma muito interessante conferencia...»

Este Silva Pais não parece má creatura, mas é [redacted] duma futilidª visinal á primª vista. Contudo trabalha com vontade e parece sincero nesse trabalho.

Paz : Mafra.

Fevereiro : 12

Estive hoje em Sintra. No carro do Leiria corremos parte da serra, através das matas de cedros e pinheiros que os serviços florestais vêem lançado com persistência e certo bom gosto. Almoçámos num recanto sombrio junto da Pernina, onde nunca fôra, visitámos os Capuchos e terminámos a tarde por um chá com torradas num terraço em frente do velho paço real.

Dia bem passado, deve dizer-se — o que para mim é coisa exotica. Passar bem um dia é para m.ta gente a banalidade maior deste mundo; comigo o caso é bem diferente, tristemente bem diferente, quer no aspecto moral quer no físico.

Contudo este dia 12 poderá ser marcado com pedra branca. Foi, enfim, um bom dia que aqui quero deixar assinalado.

Poderia alargar-me em períodos descritivos das belezas da serra; noutros tempos não fugiria á tentação de escrever a impressões com certos pormenores; mas agora essa tentação já me não acóde e apenas ficarão aqui dois episodios que mais me

deram no gôto e até pelo contraste, dois episodios banais p.ª quasi toda a gente mas que [redacted] me deixáram certa impressão.

Um foi a visita aos Capuchos, agora, e ha muito já, arranjado com cuidado para prazer do forasteiro. A prim.ª vêz que ali entrei, ha coisa de 18 anos, notei a miseria do cenobio e o exagêro da penitencia; mas a visita foi feita a seguir a um almoço alegre dos tenentes-coroneis que termináram o curso de Caxias e o ambiente mereceu certos comentarios banais e alguns até maliciosos e não qualquer observação a serio.

Hoje, mais repousado e com outros olhos, o cenóbio pareceu-me, apenas, uma deturpação das doutrinas evangelicas. E' necessario recorrer áquele isolamento e áquele rigôr exagerado de disciplina, a um desconforto inconcebivel e a um desprezo pelo seu proprio ser, para agradar á Divindade? Então para comunicar com Deus, todo bondade e todo perdão, é necessario viver entre fragas, dormir encolhido em cima de cortiças numas celas que pouco mais são do que gaiolas, comer hervas e raizes da serra; suportar o frio e as humidades das matas?

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS
DIRECÇÃO-GERAL DA FAZENDA PÚBLICA
Convento de Santa Cruz dos Capuchos
ENTRADA Nº 13839 SÉRIE A
PREÇO 1$00

Nunca compreêndi o valor do ascetismo e sempre tive, para mim, que estes cenobitas sofreriam de qualquer devio mental. Considerei, tambem, esse falado valôr da renuncia como meio de conseguir a perfeição e confesso que não entendi muito bem.

Enfim, os homens que ali se enclausuravam estavam, evidentemente, no seu direito e eu, por mim, não quero contesta-lo. Porem, quero ter o mesmo direito de os classificar como creaturas inferiores que por incapacidade propria para o trabalho se refugiávam na ociosidade miseravel, sem estimulos que não iam alem da conquista de uma

problematica felicidade por todos os seculos dos seculos.

É possivel que este meu juizo seja excessivo e provenha da m.ª incredulid.e religiosa. Excessivo ou não, aí fica porque corresponde a impressões do momento.

O outro caso que me deu no gôto foi bem diferente, diametralmente oposto quasi. E aqui fica tambem.

Sobre a tarde, depois dumas horas passadas no sossêgo da mata, á sombra dos cédros entrelaçados, voltámos a Sintra para a trivial merenda ou chá das 5 e meia. Na praça central, em frente do palacio velho, umas explanadas regorgitavam de veraneantes e forasteiros, á volta de mesas pequenas, que comiam e bebiam com alegre grathada. Com certa dificuld.e se encontrou mesa vazia; sentamos-nos, eu pedi o meu chá com torradas tradicional, os outros componentes da familia pediram variados ingredientes; e naquele bulicio alegre, com mulheres pouco vestidas e homens em camisa com a fralda de fóra segundo moda recente, eu ia pensando no contraste entre os dois espectaculos: o do ascetismo estupido dos capuchos e o desta

barafunda cosmopolista; a mansão do silencio entre tranhas e esta algaravia burliçosa em que se ouvia o francês, o inglês, o alemão e, evidentemente, o portuguêsinho...

Ora a certa altura da refeição dirigiu-se para uma mêsa quasi junto da nossa onde estava um casal com dois rebentos, uma dama de meia edade, bem vestida, com ares pretenciosos e arranjo proprio para roubar anos. Foi recebida pelo casal com afectuosidade e sentou-se á mesma mêsa familiarmente.

Notei a creatura. Pareceu-me ver nela certo tom soberano, maneiras de quem é alguem; gestos comedidos mas ~~[illegible]~~ com alguma impanencia. E continuando a observa-la reparei no arranjo da cabeça, quer o do penteado aliás correcto, quer o da pele que se via bem estar longe da frescura da mocidade. Depois, a certa altura, puxou dum cigarro e no proprio modo de fumar, de deitar o fumo p.º o ar e sustentar a boquilha, deu-me a impressão de que estudára ao espelho os movimentos tão bem ordenados e presumidos.

A m.ª mãe Ana Maria, deu com esta dama em certa ocasião e disse m.to naturalmente para a Mãe:

— Está ali a Sr.ª D. Olivia Guerra...

Era a D. Olivia Guerra a creatura que eu observava ha bocado! Tinha na frente a escritora e professora tão falada. Não ha duvida de que alguma coisa havia a mais nesta dama que a distinguia das outras: e essa alguma coisa era, em primeiro lugar o pretenciosismo de maneiras e a garridice no trajar e no arranjo do busto; e em seguida o tom de certa imponencia, vagamente catedratico, com que falava, com que ouvia os companheiros de mêsa e com que fumava um cigarro americano; e ainda a preocupação de falsificar a certidão de idade com todas as subtilezas usadas p.ª disfarçar rugas e para aumentar o brilho dos olhos.

Enfim, dei o dia por bem empregado... Conheci uma superiorid.e feminina nas letras, e lastimei sómente não lhe falar porque a conversa deveria ser atraente, a avaliar pelas expressões que observava nela e pela reverente atenção com que era ouvida.

E aqui fica uma confissão: sempre me senti atraído para essas damas sábias, não sei bem porquê; gostei sempre de falar com elas, se bem que, valha a verd.e, esse prazer

Veem sido, neste correr de setenta e tal anos, desgraçadamente muito raro!

E é pena...

Paz: Mafra

Setembro: 19.

Passou hoje aí, no cruzamento das estradas, o cirio da Sr.ª da Nazaré. Vinha de São João das Lampas e ia, depois de 17 anos, para o Sobral da Abelheira. Este deambular da imagem provoca na região certo entusiasmo e movimento, embora hoje a festança se faça com outros característicos.

Mas o que me leva a deixar aqui esta nota é [redacted] a transformação que se vai fazendo no sentido da aproximação do culto à Senh.ª de Fátima. Parece que a Igreja Portuguesa pretende uniformizar todas as festas e festarolas pelo modelo da Cova da Iria.

Quando soube o paqueiro fui ao cruzamento das estradas para ver. Muita gente da vila de Mafra e dos lugarejos dos arredores. O cortejo de acompanham.to constava de mais de 30 carros automóveis, umas camionetas de passageiros e até um belo berline puxado a 3 cavalos, ajaezados à antiga, creio que

da direcção dos serviços florestais da Tapada.

Mas o que me deu no gôlo foi o hino de Fatima cantado por um alto-falante armado numa fourgonette, em que um padre ia lançando no intervalo dos hinos e canticos á á Sr.ª de Fatima, certas frases de evocação á Senhora da Nazaré no mesmo estilo patéti-co e implorativo que oiço através da radio nas procissões e festanças aquela outra Senhora. Depois, as tôas que os papeis can-taram nas paragens com gestos ensaiados nas aldeias, mas com todo o pitoresco, eram recitadas, monotonam.te, de dentro da four-gonette, pela mesma voz das imprecações.

Depois ainda, quando o cortejo seguia pela estrada da Murpeira abaixo, o mulherio virou os lenços das algibeiras e malinhas de mão e fizeram o alarido dos adeuses, como em Fatima, quando a imagem milagrosa recolhe a capela das aparições.

Parece-me, pois, que ha uma tendencia ou, talvez melhor, uma ordem orienta-dora para reduzir os varios festejos a Vir-gem ao mesmo denominador — se é que está expressão matematica se pode empre-gar neste caso.

E o pior é que esse denominador é a tristeza, o medo ancestral da morte, a imprecação constante contra os males — tudo isto materializado por uma voz cava que os alto-falantes tornam mais cava ainda, voz quasi soluçante, propria p.ª impressionar os espiritos timoratos e crendeiros.

Enfim, não tenho nada com isso. O que fica escrito é apenas consequencia de observação casual. O resto é com eles, e... com elas. Haja saude!

Paz : Mafra

Setembro : 20.

O dr. Fernando de Castro Pires de Lima, medico no Porto e creio que director do Museu de Etnografia da mesma cidade, soube por meu sobrinho Henrique da existencia do Cancioneiro Popular de Miranda do C.º e encarregou-me a pedir um exemplar.

Eu já tencionava mandar-lhe um por saber que ele se tem dedicado ao assunto com certo interesse. O exemplar lá foi.

Ora hoje recebi os agradecimentos e não quero deixar de notar os termos em que ele os faz, porventura exagerados.

Diz ele: « Li com toda a atenção o livro "de V. e é com o maior prazer q. o felicito "pelo escrupulo do seu trabalho e pelo rigôr "scientifico como o elaborou. Se todos os fol- "klaristas fossem como V. não estaria tão di- "minuída a ciencia do Folklore que é na actu- "alidade preocupação constante das Nações "mais adeantadas. »

Rigôr scientifico... Ora aqui está uma coi- sa que eu não imaginava ter o Cancioneiro. Ainda bem. Ao menos, valha-nos isso...

Paz: Mafra.
Outubro: 3

Setenta e quatro anos, hoje, meus mais meus meios. Que lhe hei-de eu fazer?

Para o ano, se fôr vivo, como é' uso jubilar, tenciono fazer certos comentarios filosoficos acerca de mi? vida. Um resumo, para concluir, afinal, que foram 75 anos errados e quasi inuteis; e para tirar outras conclusões não menos interessantes sobre a vida e sobre o mundo.

Pois vamos a isso. Daqui a doze mê,- ses sairá obra muito para ver... Por agora fico-me por aqui.

Apenas notarei uma lembrança que a m.ª Stela Ana Maria teve. Queria fazer rear-me com qualquer coisa e pensou em um busto ou retrato do duque de Saldanha. Ela, coitada, ouvir falar, em casa, no zarapateiro marechal que me julga um adorador; daqui a lembrança que veio a ser, afinal, sensibilizadora.

A Mãe dela, porem, doente como anda, não estava em condições de percorrer alfarabistas e antiquarios; e assim fiquei sem essa recordação que seria comovedora.

Vim aqui jantar com os Pais e alegrar o deserto... palcio.

Paz: Mafra
Outubro: 6.

Ha quarenta e tres anos... Estava uma manhã chuvisqueira, aborrecida; caía grau de humidade fria. A certa altura, dos lados do bairro alto ouvi sons vagos de musica... Era a Portuguesa!... Então sempre era certo que a Republica estava proclamada?

Pelo bairro, silencio completo. Mas não havia duvida: era o hino revolucionario que se ouvia vagamente.

Não sei bem descrever a sensação que houve em mim. Nisto a campainha da porta tocou. Fui ver porque era a única pessoa da casa que estava a pé. Ao portão vi o rosto afogueado do velho amigo Hermenerico Borja dos Santos que me gritou mal eu abri a janela: «Está proclamada a República!»

Desci os degraus do alpendre. Abraçámo-nos. Ele, um pouco corrido, tinha lagrimas nos olhos. Contou-me que no Governo Civil o dr. Franc.º José Fernandes Costa proclamara a República no meio de grande entusiasmo; e com outro abraço lá foi pela rua abaixo, quasi a correr, p.ª não perder as manifestações.

Eu fiquei-me a pensar... Hoje, á distancia de 43 anos, posso dizer que parece ter previsto o descalabro... Não senti a alegria que seria natural. Porquê?... Não sei.

O que sei é que, daí a pouco saí e fui ao Governo Civil p.ª cumprimentar o Fernandes Costa. Ao entrar no gabinete, as primeiras pessoas com que deparei foram três dedicados monarquicos que na espera pediam a cabeça dos revoltosos da Rotunda. Ia para virar costas quando dei com dois republi-

canos, a um canto, quasi encolhidos: meu tio Albino da Silva e o José Aug.to Pereira de Vasconcelos. O medico Ant.o dos Santos Silva meu antigo condiscipulo no Liceu, feito secretario do Fernandes Costa andava dum lado p.a o outro...

Fiz os meus cumprim.tos ao Fernandes Costa que parece os recebeu friamente e voltei para casa.

E pronto. Aqui estão estas notas, á pressa, como recordação.

Tinha ou não tinha razão para não sentir alegria? Será o pessimismo do presente que me faz escrever isto?

Adeante.

Paz: Mafra.
Outubro: 12

Recebi um bilhete do Pires Monteiro no qual, a-proposito do In-memoriam do Manuel Monteiro que ele me emprestou e eu ha dias devolvi, me diz: «... Embora o "seu admiravel temperamento e exem-"plar educação, mais de estudioso e compe-"tente artista (como critico) do que comba-"tivo politico, a reacção politico-clerical

"não consentiu o pequeno monumento,
"um busto, que Braga, com o seu pequeno
"mas aguerrido nucleo liberal e republicano,
"lhe deve e alguns Flamengos Bons do velho bur
"go pensáram erigir. »

Era de esperar.

Paz : Mafra.
Outubro : 16

Anda, para aí, grande entusiasmo en
tre republicanos por conta das eleições.

Para quê ?

O que vale essa « liberdade » que o Pa
drão autoriza se ela não é mais do que no
va ratoeira p.ª apanhar inpénuos ?

E depois, a luta começa com um diz-
-tu, direi-eu que me parece algum tanto
exquisito. A gente da situação actual pode
dizer tudo o que lhe apetece ; os outros teem
de medir as palauras para não incorrerem
nas sanções policiais

O Cunha Leal, ha dias, fez, ao microfo
ne do Radio-Club Portuguêz, uma palestra
que, seu favór, foi notavel ; focou todos os
pontos essenciais do actual problema politi-
co e fe-lo com certa elevação. O que é pena

é que todas essas verdades fossem ditas e muito bem ditas por creatura com grande autorid.e moral.

Com todas as suas qualidades de inteligencia e de acção, a verd.e é que o Cunha Leal não passa dum estafermo.

Continuarei a observar — e mais nada. Para que serve lutar com a Companhia de Jesus desde que se não corte bem rente a raiz?

Paz: Mafra

Outubro: 30

O velho amigo José Camilo Bastos, de Miranda do Corvo, escreveu-me ha dias com o pedido de um artigo para certa obra que um sr. qualquer de Lisboa, de nome Luis Ferreira, vai publicar referente a todos os concelhos do País.

O pedido, porem, vinha em termos vagos; não aliengi bem o que ele queria; solicitei explicações pormenorizadas, para saber o que poderia fazer. E notei que, pela primeira vez, a Camara Municipal, se tem lembrado de mim para qualquer coisa relativa á historia mirandense.

Ora hoje chegou-me segunda carta de José Camilo. Diz ele que a obra se entitula Um quarto de século de Revolução Nacional e que no artigo referente a Miranda deve haver uma grande parte histórica, além de outros elementos relativos á sua importancia estrategica na defesa de Coimbra (sic) e ainda «o que o meu caro Belisario julgue de "mais importancia.»

Fiquei quasi na mesma mas desconfiado com o titulo da obra. Que diabo foram os 25 anos de revolução nacional com as origens de Miranda do Corvo, o seu desenvolvimento durante oito seculos, a sua importancia estrategica, etc. ?

Terei de escrever ao autor da obra para que me dê os necessarios esclarecimentos; e se está fôr de exaltação ao chamado Estado Novo... que vão para o diabo que os carregue.

Porem, nesta segunda carta do José Camilo ha uma parte que me deu no gôto. No final diz: «Quando virér para Coimbra "desejava encontrar-me comsigo... para "trocarmos impressões sobre a possibilidade "da publicação da sua obra sobre Miranda.»

Fiquei-me a olhar... Podia lá ser? Então, ao fim de quarenta anos ha alguem em Miranda que se lembre da m.ª obra? Cabe ao José Carrilo a gloria de tal lembrança?...

Ao mesmo tempo, com um pouco de satisfação veiu a tristeza: agora, é já tarde! Para ordenar, completar e dar ~~[illegible]~~ conjunto harmonico á pouca de elementos reunidos, não só não tenho capacidade ou resistencia mas tambem não terei vida q. chegue. Ainda seria trabalho p.ª muito tempo, consultas nos arquivos, deslocações aqui e alem — e os meus 74 annos não dão já o rendimento preciso.

O am.º José Carrilo veiu tarde.

Contudo, pensando, pode arranjar-se ainda qualquer meio de dar razão a minha coisa. Quando me encontrar com ele, expor-lhe-ei o que penso e o que, daqui até lá, encontrar melhor para solução, como, por ex.º, a dos Anais propostos pela portaria de Rodrigo da Fonseca em 1847 sal vo erro. Vamos a ver se a boa vontade do José Carrilo será capaz do milagre — mi lagre em que já não acreditava.

Quanto á obra do Val pr. Luis Ferreira que eu não sei quem é, não me decido sem esclarecimentos razoaveis. Vou escrever-lhe a pedir que me esclareça. O homem é funcionario da 1ª. Repartição do Governo Civil de Lisboa e por consequencia a obra deve ser de exaltação do Estado Novo.

Ver-se-ha.

Paz: Mafra.

Novembro: 4.

O Luis Ferreira, autor do Val obra dos vinte e cinco anos de revolução nacional respondeu-me e amavelmente.

Na verd.ª, o trabalho é de louvar, ás claras, á acção das Camaras nos ultimos 25 anos; mas essa descrição é antecedida por uma «pequena resenha historica do "concelho.»

Vamos lá, pois, que o caso não é para grandes protestos. A pequena resenha historica não tenho duvida em fazer, por atenção p.ª com o velho José Carrilo; o resto não é comigo, eles que façam. E assim tudo se arranja com honra p.ª ambas as partes...

Paz : Mafra.

Novembro : 7.

Recebi hoje carta do Americo Frazão, actualmente chefe do Estado-maior da Região em Tomar. No final diz que se admira de o caso do meu Saldanha não estar já solucionado; e quer explicar a demora pelo facto de um dos oficiais a quem o original foi entregue ser candidato a deputado.

É possivel. Os fumos democraticos do candidato devem sobrepôr-se á leitura dum calhamaço que lhe não merece interesse — quer intelectual quer pecuniario.

Continuaremos á espera.

Cada vez que, em Lisboa, passo na Praça do Duque de Saldanha e olho para a estátua do marechal em atitude movimentada ou dinâmica (como hoje se diz) penso nas voltas que o mundo dá...

Eu, já acusado no Ministerio da guerra como anarquista, fiz um trabalho quasi apologético das qualidades militares do general; estes oficiais de hoje, pilares do tradicionalismo e do autoritarismo, torceram o nariz á obra de exaltação dum grande chefe militar!

Ora não há entender o mundo de hoje! Como tudo parece andar ao contrário do que andava ainda não há m.to tempo!

E cá fico á espera.

Paz: Mafra.
Novembro: 9.

As eleições lá se fizeram ontem, ordeiramente segundo os jornais e com extraordinaria concorrencia de eleitores segundo os mesmos informadores.

A oposição foi ás urnas e conquistou, vá lá! uma votação com que eu não contava — pois sempre julguei que o governo désse ordem para serem escamoteados todos os votos contrarios.

Enfim, a baralheira da oposição serviu ás mil maravilhas para o Estado Novo gritar com todas as forças que o Povo português está com Salazar, e fazer constar no estrangeiro a retumbante vitória.

E no estrangeiro acreditarão em toda esta pantomineice? Este mundo anda tão avariado que é possivel que acreditem.

Um funcionario da Câmara de Mafra, homem serio, por cujas mãos passa mui-

pre o recenseamento eleitoral do concelho, afirmou-me então que não foram inscritos os nomes de todas as pessoas ~~xxx~~ conhecidas como antifascistas com a actual situação política, e que a eliminação ainda foi grande e feita cuidadosamente para não escapar algum.

Pois o interessante é que então, nas urnas, apareceram 180 votos da oposição. Quer isto dizer que a eliminação não foi suficiente e que ha muito emboscado que só se manifesta ao alcance do anonimato.

Enfim, não vale a pena comentarios. As coisas são o que são e contra a Companhia de Jesus não se combate facilmente. Isto de falar nos Jesuitas póde parecer em mim uma ideia fixa; queira ler estas notas pense o que muito bem quizer — mas eu continuo na minha: a obra da Companhia negra não se combate com palavreado, é solida e pertinaz para ir abaixo com figuras de retorica.

O que serão as gerações futuras, á vista do que aí vai? O que será o mundo de amanhã se se continuar neste ritmo crescente e seguro?

Paz : Mafra :

Novembro : 15

Esta noite sonhei como eu quasi todas as noites. Os meus sonhos são em regra confusos, ás vêres tendem para o pesadelo e raros são aquelles que sou capaz de recompôr ao acordar. Mas o desta noite, por curioso, e por me ficar nitido quando acordei, merece que o mencione.

Um tribunal qualquer condemnára-me á morte; as razões não ficáram claras mas a sentença era decisiva: morte por fuzilamento. Porem o Cruzeiro Lopes, no uso das suas prorogativas, comutou a pena, amavelmente, numa pena que nunca foi prevista nos codigos: a de não sair da m^a casa de Coimbra, apenas com autorização de chegar ao portão de ferro — e mais nada.

Como diabo se arquitecta um sonho destes? Que diria a isto o velho Freud se ainda fosse vivo e eu lhe fosse perguntar? Haverá no subconsciente o desejo de só viver na m^a casa de Coimbra, sem sair de ao pé dos meus livros, dos meus manuscritos, do meu trabalho, enfim, onde criei e enraizei os meus habitos?

Digam os sabios da Escritura, se souberem dizer. Eu limito-me a contar e por consequencia a pôr o problema.

Paz: Mafra.
Novembro: 17

Morreu ante-ontem o João de Deus Ramos. Quando ha meses estive com ele no seu Museu-Escola, embora se queixasse de invalidez, pareceu-me ainda com a mesma vivacid.e antiga, mantinha certo aprumo fisico, o olhar era o mesmo olhar vivo e penetrante. Mas, afinal, ele tinha razão: a doença era implacavel, venceu a rija organização que tinha e deitou-o a terra.

Raras vezes o encontrava, nos ultimos tempos; mas quando o acaso nos aproximáva, ele tinha sempre palavras amigas e lembrava a m.a acção em 1909, salvo erro, quando pretendia fundar em Coimbra o primeiro Jardim-Escola. E ao despedir, dizia-me sempre:

— Olhe que eu não me esqueço do que Você fez e do que o Jardim-Escola lhe ficou devendo.

Eu, quando ele me dizia isso, tinha sempre que fazer o classico gesto de modestia...

Ora ontem, ao ler a noticia da morte deste infatigavel lutador, passei logo em memoria esse periodo passado ha quarenta e tal anos que eu creio ter deixado apontado nos cadernos anteriores. E pensei-me impressionado, malha a verdade, com o desaparecimento de mais uma creatura da minha idade e do meu tempo.

Não sei se era sincera a demonstração de estima que ele me manifestava; o João de Deus Ramos [redacted] possuia temperamento pêco, pouco affectivo, preoccupava-se, acima de tudo, com a realização do seu sonho das Escolas Novais e parecia-me que via nos outros mais os agentes e auxiliares da obra do que propriamente amigos.

Pode ser que esteja a traçar juizo pouco exacto; mas era essa a minha impressão que ficou dessa quadra trabalhosa de ha quarenta e tantos annos. Comtudo, não quero deixar de aqui dizer que me impressionou a morte desse grande trabalhador que foi, sem duvida, [redacted] um sincero, pertinaz

e indefectível prosperidade da obra carinhosa de educação profissional sonhada pelo Pai, amorosamente sonhada pelo bom poeta do Campo de Flores.

É um a menos. E para dizer tudo, é um a menos e dos que valem.

Lisboa:

Novembro: 29.

Fiz uns dias em Lisboa. E ainda bem. Os barómetros desceram muito; o tempo modificou-se, choveu bastante, muito desagradável do sul, humidade — todo o sinal da aproximação do Inverno.

Isto, na casinhola da Paz, seria horrível; prisão por prisão, antes aqui.

Lisboa, na mesma. Pouco tempo ainda disfruz para o passeio clássico na Baixa; mas a impressão mantém-se como nas outras ocasiões. A vida continúa falsa, com a máscara de seriedade, quer na política quer na sociedade.

É ainda uma particularidade aliás antiga mas que eu agora notei com mais insistência: o domínio do desporto sobre qualquer outra forma de actividade.

Nos electricos os jornais comprados e lidos são, em regra, os desportivos; as conversas que se ouvem versam sobre os desportos, em especial o foot-ball; ha um clima denso de desporto que parece absorver todas as atenções.

Ante-ontem, fui ao Barreiro; á volta, no vapôr, eu notei que quasi todos os passageiros liam jornais, mas só meia-dusia lia os noticiosos, a grande maioria estava absorvida na leitura de publicações desportivas.

Na verd.e o Desporto e Fatima são hoje os atractivos maximos. E o Estado Novo proteje o primeiro e promove por vias indirectas o segundo, para entreter o espirito publico amenamente e não lhe dar tempo de pensar noutra coisa.

E' a forma modernizada do panem et circenses dos Romanos. Com o Desporto, com Fatima e umas festanças ou inaugurações de grande estilo, os nossos governantes vão escondendo o resto... E o resto é que é o pior, o resto é que convem esconder e fazer esquecer.

... Não fosse tudo isto obra da Companhia de Jesus!...

Lisboa

Dezembro : 1.

Dia de feriado de ... 2ª classe. As ordens não são rigorosas. Muitos estabelecimentos estão abertos. De hoje a oito dias, porem, o feriado é completo : trata-se da Imaculada Conceição e por isso a festa é de 1ª classe.

Ontem, um regal da direcção da Sociedade Patriótica 1º Dezembro disse-me que do ministério da presidencia veiu ordem p.ª que a bandeira da Sociedade só se poderia içar no mastro da fachada da séde no dia de hoje; nos outros dias só poderiam desfraldar a bandeira nacional e a da Mocidade Portuguesa. Esta ordem causou pur presa e certa indignação e foi explicada com duas razões : uma, a de contêr espanhola do ministro Lumbrales; outra (que deve ser a verdadeira) a de não desagradar aos nossos amigos espanhóis.

De modo que a autorização para o dia de hoje, é dada porque não podia deixar de ser. Seria, na verd.ª, muito escandaloso que no dia prim.º de Dezembro a Sociedade não podesse desfraldar a sua bandeira.

E assim vamos.

Lisboa.

Dezembro: 2

Fui ontem ver a fita Luzes da ribalta do Charlie Chaplin, vulgo Charlot. Não sou critico de cinema, não tento deixar aqui a impressão de que percebo do assunto. Só direi que saí do espectaculo subjugado com a maravilha. Aquele homem é um assombro, nem mais nem menos. E, novidade p.ª mim, foi ele o autor da musica! Não sei traduzir em palavras a sensação que tudo aquilo me produziu... No correr da fita nada se perdia: todos os pormenores tinham significação e a maleabilidade da cara dele, para todas as expressões, é verdadeiramente assombrosa.

E fico-me por aqui. E ha muito que não dormia sem sonhos exquisitos; desta vez dormi como um justo.

Obrigado, oh Charlot!

Lisboa.

Dezembro: 3

Hontem fui ao concerto da Orquestra Sinfonica Nacional dirigida pelo maestro Roberto Benzi — um rapazinho de derasseis

anos. Estavamos na era dos prodigios quer dizer que sim quer dizer que não. Dezasseis anos...

Não sei se reagi mal se reagi bem; o que sei é que, p.ª mim, foi concerto de meia cheia, a começar com a abertura da Força do Destino de Verdi que me sensibilizou bastante e a terminar com o scherzo celebre de Paulo Dukas, musica um pouco estranha mas impressionante. Entre uma e outra ouvi a Sinfonia do Novo Mundo de Dvorak e a Sinfonia classica de Prokofieff — peças de estilo moderno para os meus ouvidos educados nos fins do seculo passado mas que ~~[illegible]~~ não deixo de apreciar com espirito de compreensão possivel.

O largo da sinfonia de Dvorak é imponente; o larghetto da de Prokofieff tem poder emocional; no entanto, não sei se por sensibilidade se por acordar na memoria os tempos idos dos concertos em casa de meus pais com meu tio João Caetano, a verdade é que a abertura da Força do Destino sensibilisou-me até ás lagrimas... Os primeiros compassos que pareceu traduzir qualquer coisa de fatidico, tiveram o condão

de me nascer e de me trazerem umas fu-
rtivas lagrimas.

E voltei a dormir como um justo...
Os pontos desapareceram. Abençoada se-
ja a Musica!

Lisboa

Dezembro: 4

Ha 50 anos, dia por dia, fui chamado
á hora do jantar, para uma deligencia urgen
te a Arpanil. Estava á mesa, com meus
Pais; a tarde chuvosa e fria, a convidar ao
socêgo da casa, ao recolhimento do quarto
de trabalho. Mas lá fui, fardado á pressa,
equipado com as correias da ordem, etc. etc.

Quando larguei do quartel com a força
de visita e tantos homens, anoitecia. A chu
va continuava a cair e eu lá segui, estra-
da da Beira fóra, chapinhando na lama, até
Poiares onde chegámos cerca da meia-noite.

Tratava-se duma renhida eleição da Mi
sericordia de Arpanil, onde o administra-
dôr do concelho o industrial Franc.º Inacio
Dias Nogueira reinava sem contestação. E
lá foi uma força militar apoiar as manob-
ras do politico local.

Foi, pois, há 50 anos, dia por dia, que começou a minha malaventurada vida de oficial do exercito. Começaram, então, na Varde chuvosa de 4 de Dezembro de 1903, os meus trabalhos inglorios; o inicio, verdade verdade, foi digno do resto da vida... Pela noite adeante, estrada fóra, debaixo de chuva constante e fria, estava bem longe do que seria o futuro; Tinha 23 anos, e a aventura, apesar de desagradavel, sempre era uma aventura!

O que me não passava pela mente era o que me poderia acontecer pela vida fóra; na altura, apesar da chuva, da lama, do frio, ainda ia embalado no sonho duma aventura nova!

Para quê mais comentarios? O que lá vai, lá vai; já não posso emendar a mão; só poderei recordar e... lastimar.

E agora, outro assunto bem diferente. Ontem, ás 21,5 horas, o Navarro lançou pela Emissora Nacional, a sua costumada palestra das 5.as feiras. Ás vezes diz com interesse, outras vezes aborrece-me o seu monotono com q. fala e ruido de estação.

Mas ontem, casualmente, em casa de m.ª Filha, ~~ouvi~~ ouvi a locutora anunciar a palestra e o Vitorino Nemésio começar... E começou como? A propósito de ser dia de S. Franc.º Xavier, começou por evocar Inácio de Loiola, um dos grandes homens do séc.º XVI; e dispôr-se a biografar e exaltar o fundadôr da Companhia...

Se estivesse em m.ª casa ou fechava o radio ou mudava de estação; felizmente a conversa da família cortava a palavreado e só de ver em grande pé ouvia a voz monotona do Nemésio repisando as excelencias do m.º litário de Manrêsa. E eu, para castigo, ia passando nas voltas do Mundo...

O Nemésio que eu conheci estudante em Coimbra ha bons 30 anos, revolucionário, além de coisa parecida, não encontrou assunto melhor para a palestra de ontem além de Inácio de Loiola — que parece-me merecer-lhe certos encomios.

O Vitorino Nemésio a exaltar S.to Inácio de Loiola é um destes casos que se não comenta. Apenas se regista p.ª acrescentar a notas que aqui deixei ha tempos e q. agora infelizmente recordo.

Muito se aprende com o tempo e com a idade! E eu já tenho certa conta de anos que dá direito a saber alguma coisa.

Lisboa:

Dezembro: 5

Ainda a propósito das últimas eleições. Por conversas aqui e ali, por certas frases apanhadas ao acaso, chego á conclusão que a apregoada afluencia ás urnas em Lisboa não foi mentira; parece que, na verdade, os eleitores apareceram e votaram. E como a votação favoravel aos candidatos oposicionistas foi insignificante e ainda como parece que se exerceu fiscalisação na contagem, concluo tambem que a população de Lisboa está satisfeita com o Estado Novo e nada quer com republicanos.

Não sei se estas conclusões são bem deduzidas, mas, de modo geral, não as julgo muito fóra do proposito. Eu sei tambem que a actual situação politica contou com a votação feminina, inclusive de freiras, com a votação clerical, com os cortes no recenseamento, etc. etc. Mas tudo isso seria nada se a maioria da população quisesse vo-

tar contra, como acontecia nos ultimos tempos da monarquia. Nos arredores, em pequenas assembleias de voto, a oposição conquistou maioria apreciavel; mas nesta grande Capital do Imperio, o caso foi diferente. Antes assim. Estão satisfeitos com os patrões; é o que se quer.

E coisa parecida se deveria ter dado no Porto e em Aveiro. Está tudo satisfeito e contente; reina a boa harmonia entre governantes e governados.

Um Paraiso...

Lisboa.

Dezembro: 6

Hoje, em S. Carlos, concerto dado pela Orquestra Filarmonica do Trio Ceruz.

Esta orquestra é inferior á da Emissora; é composta de artistas arrebanhados que vocam ser amor á arte segundo creio e não por amor a qualquer remuneração. Contudo o Trio Ceruz consegue apresentar obras de valor e bem vocadas.

Desta vêz apresentou uma grande peça sua, uma sinfonia inspirada no Amadis de Gaula, na adaptação do Lopes Vieira. Pa-

recen-me obra bem feita, embora, para os meus ouvidos, um tanto ou quanto re barbativa. Quiz dar feição moderna ao tra balho e na verd.e no seu conjunto assim é. Contudo num ou noutro passo acusa certo lirismo compreensivel á primeira audição. Confesso, apesar de tudo, que gostei.

Esperêmos, amanhã, pelos jornais, fi ver o que dizem os criticos. Mas, até lá, dor mirei sossegado e satisfeito.

Lisboa.

Dezembro: 8.

Resolvi escrever hoje ao capitão Eduar do de Abreu, ajud.te do Barros Rodrigues pe dindo que me dissesse o que havia acerca do meu Baldaria.

O caso já vai fóra dos limites decentes. Ha mais dum anno, co'os Diabos!

Páz (Mafra)

Dezembro: 10

Ha 50 annos, dia por dia, vi pela primei ra vez um artigo meu em letra de imprem sa. Foi em Arganil, á chegada do correio, pela tarde, na praça central da vila.

Hei-de contar isso em folheto que, logo á chegada a Coimbra, mandarei imprimir. Esse folheto será tomado, com certeza, como prova de senilidade ou caminho p.ª a estultícia. Mas não me importo.

Queria comemorar o aniversario jubilar de outra maneira. Não foi possivel e tenho certa pena. Aqui na Paz, não encontrei melhor comemoração alem de me concentrar um pouco a matutar sobre o que tem sido a minha

pobre actividade intelectual e a fumar, depois do jantar, um charutinho ~~[illegible]~~ cuja cinza aqui fica para memória.

E mais nada. O folheto sairá mais tarde, logo que regresse a casa. Vai ser motivo para sorrisos de complacente ironia.

Este artigo é realmente o meu primeiro artigo impresso. Quatro anos e meio antes, já saira impresso um soneto — mas isso é atentado de que não quero falar em público. Foi em Abril de 1899, tinha eu então

uns pobres desanove anos cheios de ilusões e de patéticos. Adeante. Como saiu com pseudonimo ninguem dará com ele.

Referi-me ao facto em 29 de Abril de 1949, nestas notas, em paginas passadas.

Cinzas.

Coimbra.

Desembro: 15.

Ontem, trasladação da urna do Sidonio Pais que estava em exposição numa capela lateral da igreja dos Jeronimos para a casa do capitulo, em tumulo simples, ao lado de outros iguais.

O Sidonio, ainda, vá lá! era alguem embora não chegasse á craveira dos homens de letras que lá repousam; mas o pobre do Carmona... com que direito fica de sociedade com o Herculano, o Garrett, o João de Deus e outros mais?

Não será um erro que o Futuro tenha que emendar? Ainda viverei o tempo suficiente para ver a emenda?

Na correspondencia que ontem tinha á minha chegada a Coimbra, estava uma carta

do capitão Eduardo Barbosa de Abreu, ajudante do Barros Rodrigues, a quem ha dias escrevi acerca do caso do meu Saldanha.

Diz-me ele: «O trabalho está na Comissão de Hist.ª Militar que nomeou uma subcomissão para dar parecer» E acrescenta q. o andamento do assunto «é muito vagaroso...» Era de esperar.

Ora porque é que o Barros Rodrigues se tenteou da Comissão de Hist.ª Militar? Esta deliberação não está prevista no regulamento do Estado-Maior. E' natural, pois, que os dois oficiais suplementares nomeados dessem opinião desfavoravel e ele quizesse ainda ver se arranjava solução pela Comissão de Hist.ª Militar. Se assim foi, o Barros Rodrigues mostra interesse e simpatia pelo trabalho.

Quero crer, porem, que a solução não dá resultado. O General Caix.ª Botelho, presid.te da Comissão, está muito velho e não quererá impôr a sua opinião; demais, é espirito liberal e não gosta do Saldanha como já uma vêz verifiquei. Duas razões para se não intrometer no assunto. E os vogais da Comissão, na maior parte gente do Estado-maior, seguirão «os movimentos da frente» como

se diz vulgarmente no exercito. Não quer não destoar dos seus pares.

E alem disso tudo, lá está o Faria de Morais, vogal nato e principal, que terá o cuidado de dar os seus conselhos.

Isto é: o Saldanha... enervado!

Coimbra.

Dezembro: 21.

Ontem lá se celebrou, melhor ou pior, o centenario do Instituto — para o que recebi, ainda estava na Paz, o respectivo convite.

Celebração simples: um almoço de confraternização e uma reunião solene.

Pag. 385 a 389

Guardo, no fim do volume, o convite e um recorte do Primeiro de Janeiro, para memoria. Tudo correu bem e com certa dignidade. A affluencia não foi grande; mas ha de dizer-se que foi boa. Pelo recorte do Janeiro se vê o nome de socios de fóra, entre os quais avultam os do dr. Gentil e Henrique de Vilhena.

O almoço teve certo cunho de distincção; tive ao meu lado esquerdo o advogado portuense Antero de Miranda Mendes, pessoa sympathica e fina que me foi apresentada pelo dr.

Torcato de Sousa Soares que se sentava logo a seguir. Foi conversa agradavel que me deixou a melhor impressão.

A' noite, a sessão, correu igualmente sem novidade. Sobresaiu a alocoção do dr. Joaquim de Carvalho, sobria, precisa e elevada, como ele é capaz de fazer. Aludiu á barafunda politica anterior á Regeneração e ao ambiente de calma e tolerancia que este movimento provocou, no qual foi possivel a creação de instituições culturais como esta, publicação de revistas de cultura e o entendimento entre todos os portuguezes, etc. etc.

A pequena alocução do Costa Rodrigues foi desagradavel. Disse apenas banalidades e leu-a com dificuld.e Explicou-me ele que a escrevera á pressa, de manhã, em bocadinhos de papel e não a relêra. Eu apenas lhe observei:

— Ah! meu caro Am.º: isso não se faz!

Ele encolheu os ombros...

Ora no final, deu-se um episodio q. merece a pena notar aqui pois estou convencido de que se o não notar ninguem mais o notará.

Estava eu com o dr. Joaquim de Carvalho, no patamar da escada, e acabava de lhe dizer a m.ª boa impressão do seu discurso quando passou o reitor da Universid.e. o Maximino Correia, um pouco apressado, para o vestiario. Vendo o dr. Carvalho, disse-lhe rapidamente:

— Muito bem! muito bem escrita a sua alocução!

E dando-lhe uma palmada no ombro:

— Mas vocês hão-de sempre deitar veneno!...

E segui, quasi a correr, para o vestiário depois de me deitar olhadela que não percebi bem.

Eu olhei para o dr. Carvalho que ficou visivelmente incomodado. Eu arrisquei:

— Que veneno encontrou o Reitor na alocução?... Seria na alusão á tolerancia dos vencedores de 1851 e á tendencia para o esquecimento das lutas partidarias?

O dr. Carvalho, visivelmente aborrecido respondeu com voz surrida:

— Veja lá como eles são... E eu creio que não disse mais que a verdade. A Regeneração foi generosa e compreensiva.

Eu ainda disse:

— Então que quer, sr. Doutor?... O Reivas fez como os esgrimistas quando sentem a faucada do adversario: disse o touché!... classico. Não foi outra coisa.

E assim terminou o episódio que é bem sintomatico. Este Maximino Correia vale o que pesa.

O irreverente e desinquieto Maximino de outros tempos, está transformado num pacato catedratico autentico. Frequenta as igrejas, as procissões, e vai na corrente moderna do verdadeiro conformismo.

Que lhe preste.

O que me custou foi ver a expressão do dr. Joaquim de Carvalho. Ficou abalado e incomodado.

Mas que fazer?

Ora hoje tive ocasião de presenciar outro episodio, bem diferente do q. fica narrado atraz, mas igualmente sinal dos tempos que correm.

Tratava-se das eleições p.ª os cargos gerentes da Cooperativa militar da guarnição, para a cuja direcção o Quartel-General apresen-

Veu uma lista organizada, segundo se ros-
ra, de combinação com o Ten.te-coronel Alci-
de de Oliveira, da Administração Militar que
parece ter sido o deus-ex-machina das trans
formações havidas.

Contra o que eu esperava, havia concor-
rencia desusada de socios. Terminada a cha-
mada e antes da contagem de votos, o actual
chefe do Estado-maior da Repiad, um rapazola
que eu não conheço mas já com o gosto de ma
jor, começou a falar com tom de intimação fº.
dizer que só se deviam contar as listas que não
tivessem emendas ou pelo menos aquelas em
que não aparecessem nomes estranhos á lista
proposta. Isto é: tratava-se de lista unica.

Eu, em voz bem alta, protestei logo; dis-
se que não concordava porque tal modo de con
tar era contrario ao mais simples direito dos
socios. O rapazola major olhou para mim de
alto a baixo como quem não admitia opinião
contraria á sua. Na assembleia houve certos
murmurios e comentarios; o Alcide de Oli-
veira veiu ter comigo e explicou que vinha de
ser assim fº. se não cair em direcção indesej
vel, etc. etc. O tal rapazola chefe do Estº Maior
continuou a arengar, com voz rude e forte

como doeu de tudo aquilo; e eu resolvi voltar costas e conversar com o primeiro grupo de oficiais que vi ao perto, sobre qualquer assunto q. surgisse.

E o que é certo é que ninguem mais protestou e a contagem fez-se como o rapaz disse. A lista apresentada não teve oposições...

E' ou não é curioso?

Coimbra

Dezembro: 24

Andam para aí almas aflitas por causa das eleições para a Presidencia da Republica em França.

Coitadas almas aflitas!... Julgam que em França seria possivel a comedia das eleições portuguesas de ha vinte e cinco anos para cá; que os franceses se contentariam com eleger qualquer generalaço que qualquer Uniao Nacional lhes apresentasse...

Descansem essas almas aflitas que a democracia não vai abaixo, assim, sem mais nem menos, só por haver a livre expressão de opiniões!

O habito da sujeição já não deixa ver o que é claro e bem claro.

Descansem as boas almas que a França não vai assim abaixo e, como escreveu há pouco um escritor qualquer — ainda os há-de enterrar a todos...

Coimbra.

Dezembro: 31.

Fim de ano... Acontece sempre o mesmo passados trezentos e sessenta e cinco dias e ás vezes passados trezentos e sessenta e seis. E a vida vai passando.

Tenho cá a Filha, a Neta e o Genro. E, como acontece também sempre, repetem-se as costumeiras tradicionais das consoadas, da noite de S. Silvestre, dos coscurões, das rabanadas, de todas essas bagatelas trazidas através dos seculos e que hoje, p.ª mim, não teem significação.

A familia gósa com isso e eu não quero contrariar esses prazeres, aliás inocentes. Pois seja assim, e em boa paz.

Acabou o ano. Pode ser q.º o que entra seja melhor.

Amen!

P

— 1954 —

Coimbra:
Janeiro 7.1

Começa outro ano! Já assisti ao começo de setenta e quatro... Não é má conta. E se ainda chego ao proximo, posso dizer q. assisti a 3 quartos de seculo.

Enfim. O dia está excelente, embora frio como aliás é proprio. E aconteceu que, logo de manhã, abrindo o volume das Odes et Ballades de Victor Hugo li a ode 6ª do 2º livro, La Liberté, escrita em 1823. E' um belo canto á Liberdade ao ver jo ofrimida mas da qual ele não renega

antes pelo contrário afirma: « Liberté!
". . . je ne t'ai point dit adieu!» e adeante espera confiado: « Les peuples réveillés
"s' inclineront devant elle.»

Enfim, sonhos de Poeta.

Pois é verdade. Começou novo ano, com belo sol, com frio e com a leitura de uma ode á Liberdade...

E para simbolo, aí fica, como ilustração, o velho Borda de Agua colado á frente desta nota que, verd.e verdade, não vai m.to mal fourmorada.

Que a ode de Victor Hugo e o velho e bom Borda de Agua protejam o novo ano...

E acabou-se a nota.

Coimbra

Janeiro: 2

Estêve aí grande parte da Tarde o P.e António Nogueira Gonçalves cuja conversa agradavel compensou algum tanto o vazio que nos deixou a saída para Lisboa da Ana Maria, m.a ilustre Neta, e dos Pais.

Verifica-se, assim, a velha lei das compensações que é, neste caso, um modo de desculpar as saudades.

O P.e Nogueira veiu oferecer-me o 2º volume do Inventario Artistico de Coimbra, volume que inclui o concelho de Miranda do Corvo. Para o capitulo correspondente a Miranda deithe eu alguns elementos; e ele, lisongeadamente, cita-me a cada passo com palavras amaveis e adjectivos exaperados.

Como de costume, sentado na poltrona comoda, ficou-se á conversa; e esta abrangeu varios assuntos entre os quais a nossa critica de Arte que ele classificou de pobre. Sobre este ponto falámos ambos e concordámos que aos nossos criticos de arte, mesmo os melhores, falta a cultura ou habitos de historiador que os leve muita vêz a caminhos errados na ausencia de documentação inedita.

Depois a conversa, derivando, caiu no caso da igreja da Lourosa — esse crime de restauração feita á pressa para satisfazer um capricho do Marques Abreu e do Baltazar de Castro. E neste caso da Lourosa veiu á baila o dr. Antonio de Vasconcelos ao qual não negámos valor de historiador e professor mas a quem negámos ambos seriedade de caracter, que o levou a certos actos e atitudes bastante reprehensiveis.

Enfim, passou-se em revista, a projecto da crítica da Arte, em certo número de teses ou matérias; e essa revista foi feita com inteira liberdade e franqueza. O P.e Nogueira, comigo, fala com franqueza e liberd.e como de certo não falará com m.tos outros.

Depois, caímos na vontade de nos reunir-mos em almoço, como temos feito, com o dr. Costa Rodrigues; e discutimos mais uma vez o desejo de ampliar o grupo com outros amigos, ou não amigos, mas que embora caíssem convencionalmente. E concluimos que em Coimbra, a Alma-Mater lusitana, o caso é muito difícil.

E agora com este regime político vigente o caso é mais complicado. E o P.e Nogueira Gonçalves concluia com ar de tristeza:

— Isso é verdade, sr. Cor.l. Porque o pior de tudo ainda é a Santa Inquisição...

Este Padre Nogueira é dos tais homens que errou a vida, segundo creio e comigo outros amigos que lidam de perto com ele. Coitado, se assim é. A farda é uma prisão terrível p.a quem a vestiu por engano ou imprudencia; mas a batina eclesiastica e a coroa devem ser muito piores.

Um tropa ainda se nesta "á paisana,, e pode usar a cara como quer: ou rapada, ou bigode ou barba; o padre... nunca.

Polere Nogueira Gonçalves!

Coimbra

Janeiro: 10.

Escreve aí hoje toda a tarde, o Armando da Silva Pais, barreirense actualmente inspector da Intendencia dos Abastecimentos e curioso investigador da historia do Barreiro.

Já aqui tenho falado deste rapaz?! E digo rapaz porque, na verd.ade, é novo, ainda na casa dos 30 anos. A conversa foi larga, durante toda a tarde; e desta vêz fiquei fazendo melhor ideia dele, não me parece tão futil como de começo me pareceu, quando o conheci no Barreiro, em Agosto de 1951 por ocasião das festas da Senhora do Rosario.

Agora, mais á vontade, e com mais tempo para o observar, parece-me que as maneiras pretenciosas que exterioriza é que o fazem julgar. Pela forma como me expôz os seus trabalhos historicos e os seus planos futuros

---

(1) Neste vol.º a pag.ºs 240-241, 255-256 e 261.

fizesse-o julgando espírito equilibrado e com certa capacidade para as investigações de caracter local — que aliás ele já tem feito em grande quantidade e alguns capítulos muito curiosos.

Coimbra.

Janeiro: 11.

Recebi hoje os 200 exemplares que mandei tirar do meu opusculo commemorativo do primeiro artigo impresso a que deu o nome de Cinquenta anos depois.

O livrito ficou razoavel de aspecto e ao abrir os pacotes não senti a mesma impressão que ha cinquenta anos senti na fraça de Arganil, não deixei de me commover ligeiramente... Pensei, vagamente, neste meio seculo percorrido e concluí apenas que a vida é uma triste coisa.

Emfim, o que lá vai, lá vai. O opusculo é, na verdade, como lá digo, uma maduresa. Vou distribui-lo pelos amigos e conhecidos e pelas bibliotecas q. não têem direito a deposito legal. E sempre quero ver a reacção que provoca nos amigos e conhecidos que não deixarão de dizer qualquer coisa — embora as

palavras amaveis de agradecimento encubram qualquer vislumbre de ironia trocista.

Vamos a ver.

Ora hoje, á tarde, esteve aí o recente general Humberto de Buceta Martins, comandante da Região, que veiu agradecer a visita q. lhe fiz quando regressei da quintarola da Paz, em Dezembro ultimo.

Esteve aí um bocado, em companhia do seu ajudante, um capitão qualquer com cara de réu, pouco simpatico; conversou-se e quando lhe preguntei como se tinha adaptado á vida e ao clima de Coimbra, disse-me com a maior naturalidade:

— Tenho-me adaptado conforme posso... Lembro-me de que estou como os cavalos argentinos quando veem para Portugal: a adaptação tem suas dificuldades... E exige certos cuidados...

O Buceta Martins, como bom oficial de cavalaria, não encontrou melhor ponto de comparação alem do cavalo argentino.

E afinal, a comparação se não é exacta, é, pelo menos inocente.

Coimbra

Janeiro : 15

Ontem, o primeiro concerto da temporada do Círculo de Cultura Musical. Veiu a Academia de Instrumentistas de Camara, organização creio que subsidiada pela Emissora Nacional.

É bom conjunto em que ha grande parte de professores. O programa é que talvez não fosse dos mais apropriados ao auditório; ~~[illegible]~~ Coimbra não tem educação musical suficiente para tal categoria de musica, apesar de se orgulhar de Alma mater...

Depois de um concerto de J. Sebastião Bach tocado por todo o conjunto, seguiu-se o terceto em dó maior de Dvorák, admiravel como obra musical e magistralmente tocado. Terminou com um concerto de Chausson, por toda a Academia; obra excelente, mas demorada, mas talvez por certo cansasso auditivo ou pelo pouco relevo da musica, esta parte do programa arrastou-se com dificuldade para mim. No final estava, na verdade, ligeiramente cançado.

Mas, em resumo: concerto de muito cheio que valeu mesmo só, e muito á larga, o dinheiro

da assinatura como o incomodo causado pe-
la terrivel noite de frio, humidade e chuva
que ontem estava.

Mas a musica que é «a alma, o espiri-
tualismo, o vapor da arte» como escreveu o
Eça, compensou tudo isso.

Coimbra

Janeiro: 18.

Ontem realizou-se, finalmente, a agre-
gada conferencia sobre A natalidade coim-
brã de D. Afonso Henriques.

Eu estava com interesse em ouvir o con-
ferente, o medico Fernando Henriques Vaz, que
parece dedicar-se nas horas feriadas da clini-
ca aos assuntos historicos; e sempre queria
ver em que argumentos se fundava para di-
zer que Afonso Henriques era meu patricio.

E lá fui, apesar da noite desagradavel que
estava, até á Uniao de Grémios de Lojistas, na
Avenida de Sá da Bandeira. Assistencia en-
cheria meia casa; auditores na maioria co-
merciantes e artistas; conjunto, por conse-
guencia, solene.

Em obediencia á epoca que atravessá-
mos, fui convidado para presidir em penhor

Padre Eupenio Martins, representante do Bispo de Coimbra. Este P.e Eupenio parece que é creatura culta e é aí o "ai-Jesus" do beaterio e da fina flor da reacção.

O interessante foi que, logo que chegou ao estrado da presidencia convidou f.s secretariar o dr. Alberto Dias Pereira e a mim, alem de outros dois individuos. De certo os nomes foram indicados pelo Campos Rego, o promotor da conferencia; o Dias Pereira por ser amigo intimo do conferente e eu porque, na verdade, na sala, não havia muita gente de certa categoria social.

Emfim, lá se constituiu a mêsa com a mistura curiosa de individuos e o conferente começou a palestra depois duma apresentação feita por um capitão de Artelh.ª que é, ao mesmo tempo, inspector dos incendios.

A mistura continuava...

A argumentação do conferente não se funda em qualquer documento encontrado; o que ele disse funda-se apenas nisto: no periodo marcado f.s o nascimento de Afonso Henriques, a mãe deveria estar em Coimbra e não em Guimarães; e para comprovar o asserto, apresentou inumeras citações de

actos oficiais todos feitos em Coimbra ou perto, e nenhum em Guimarães.

A argumentação é curiosa e não deixa de ter certa base. O que me parecem, porem, é que o conferente não tem grandes hábitos de historiador; mas citações de muitos autores não pode ver que todos não tater em Herculano e que este passou pela notabilidade de D. Afonso Henriques sem se preocupar, certamente porque não ~~~~ lhe encontrou rasto. E alguns dos nomes citados não me merecem confiança.

Enfim, a palestra não deixou de ter interesse, pelo menos por apresentar o problema, que aliás é secundario, debaixo dum aspecto novo. Esperêmos pela publicação impressa para se ajuizar melhor.

O P.e Lupercio, no final, fez uma apanhado da argumentação mto bem feito.

E tudo acabou bem. E eu fiquei de muito boas relações com o Padre...

Coimbra.

Janeiro: 20

A Ana Maria, minha Neta, ofereceu-me, quando apara meia a Coimbra, um li-

vro para lembrança do dia 10 do mês passado em que passava o aniversario do meu primeiro artigo impresso. Assim o diz na verba do oferecimento.

O livro é o Beethoven. Vie d'un conquérant, de Emilio Ludwig, em tradução francesa de Jean Longeville. E' volume de 300 paginas in-4º com algumas ilustrações.

Terminei hoje a leitura que foi vagarosa e atenta. A biografia é feita á moderna e principalmente fundada nas cartas do Artista. Q. não tem sido, segundo parece, muito utilizadas. Embora o autor apresente o Musico e faça certas criticas á obra musical, especialm.te as Sinfonias, o que mais aparece no livro é o Homem; e para mim que admiro muito o genio musical de Beethoven, o Homem, apresentado como Ludwig o apresenta, parece diminuir algum tanto o Artista.

Isto é: com certos Genios, se não acontece o mesmo com todos, é commummente não os ver muito de perto. O barro humano de que todos são feitos aparece sempre.

O livro, porem, commoveu-me como já me tinha sensibilizado, por outras razões, o oferecim.to feito pela Neta.

Coimbra:

Janeiro: 26.

Fui hoje a Miranda do Corvo. A tarde es
tava boa embora fria. Uma ida a Miranda é
sempre, para mim, motivo de certo mal estar.
Lembro-me dos tempos idos, dos projectos que
concebi, quasi sonhos; e verifico a necessidade
de renunciar a tudo. Miranda, para mim, é
hoje apenas um rapido episodio trivial da mi-
nha vida; e quando lá vou e olho a paisagem
do vale extenso, fechado pela cordilheira, sinto
que qualquer coisa me falta...

Bem, adeante.

Fui falar com o José Camilo Basto e le-
var a nota historica p.a o tal livro de propa-
ganda dos 25 anos da Revolução Nacional, de
um senhor Luis Ferreira, conforme aqui dei-
xei dito. Ao mesmo tempo queria saber em
que altura ia o projecto da publicação dos meus
trabalhos sobre a historia mirandense.

Conheci, então, o actual chefe da Secreta
ria, chamado Adelino de Carvalho Araujo, mi
nhoto de S.to Tirso, rapaz novo, baixo, aspecto
vivo e inteligente; segundo me dizem é um
auxiliar valioso, sabedor e com vistas moder
nas sobre os assuntos administrativos.

Lá deixei o pequeno trecho que servirá para abertura do capítulo, com a condição de não aparecer o nome do autor. Era o que me faltava, o concorrer publicamente para exaltação do Estado Novo!

Quanto á publicação dos meus trabalhos, percebi que o projecto vinha do chefe da Secretaria. Para este ano, não ha verbas; mas para 1955 contam poder publicar um Boletim em que caibam as monografias históricas e as novas Vidas modernas que entenderem.

Sobre estes assuntos o José Camilo não abriu boca; a conversa foi entre mim e o chefe da Secretaria que me pareceu estar melhor do assunto. O José Camilo, quando me despedia, disse-me:

— Acerca desse assunto, o Amigo entenda-se aqui com este Senhor; e o que fizerem está bem feito.

Dei pois carta branca — e foi bem que a désse. O pior foram é que tudo ficou adiado para 1955; e daqui até lá... não nos dôa a cabeça!

Mas, enfim, sempre ha esperança.

E Miranda lá ficou, ao escurecer, com o seu vale extenso que vai morrer á cardi-

lheira, a encher-se de neblina leve e a deixar fixarem-se lajeiros cantáreos de arvoredos e de casarios. Lá ficou... e eu voltei numa auto motora aquecida, velozmente, por túneis e pontes, enquanto ao fundo um gaiteiro tocára qualquer polka acompanhado pela caixa de rufo e o empregado ferro-viário ensaiava uns passos de dança.

O gaiteiro e companhia vinham da festa de S. Sebastião, de Miranda, celebrada no domingo passado — festa que se prolonga sempre por mais dois dias, com folguedos e foguetório arrimado.

Coimbra.

Fevereiro: 1.

Recebi hoje carta do Pires Monteiro que me fala, muito interessado, acerca do meu Saldanha. O Pires Mont.º apara parece não pensar noutra coisa e não me larga.

A carta é curiosa, cheia de boas palavras e chega a dizer: «O seu Saldanha constituí-"ria uma digna e justa comemoração dos seus "cinquenta anos de vida literária.» E conta-va, outras amabilidades — que não de amigo mas, ao mesmo tempo, de quem não tem

muito que fazer. Contudo, dá-me notícias de certa precisão.

Como atraz disse o meu trabalho está em Tregue, agora, à Comissão de Hist.ª Militar (1); e o general Teix.ª Botelho, seu presidente, ao falar ha dias pelo Telefone com o Pires Monteiro informou-o de que na sessão em que foi presente o meu original, o coronel Faria de Morais, director do Arquivo Historico, declarou-se habilitado a dar esclarecimentos, tanto que já fôra ouvido e o seu parecer desfavoravel; de certo iria repetir a argumentação que lhe ouvi em 13 de Fevereiro do ano findo; o general, porem, com agradecimentos, recusou ouvir o coronel e ouviu um dos vogais, João de Paiva Brandão, major do Est.º Maior que declarou conhecer o trabalho e ser favoravel á sua publicação. Depois, nomeou uma sub-comissão constituida pelo Cap.al Eduardo Guedes de Carv.º Menezes, capitão-de fragata medico Julio Gonçalves e capitão reformado Gastão de Melo de Matos para dar o parecer com a brevidade possivel. Isto passou-se já a alguem tempo, mas pai bem quanto.

---

(1) Neste vol.º a pag.ª 299-300.

Ora o Pires Monteiro, depois de varios considerandos, aconselha-me ou a telefonar ao Eduardo Meneres, ou a ir a Lisboa falar com o Gastão de Matos a quem chama respeitosamente «academico» e insiste na rapidez da m.ª decisão.

Enfim, boa vontade — mas eu fico com pouco de nervosismo.

Ir a Lx.ª de proposito é exagero e eu não quero dar a impressão do pedido ou do interesse em ver o Saldanha impresso. Vou escrever-lhe com conselhos de moderação...

Confio no parecer do Gastão de Matos cuja opinião, calculo eu, será a de maior peso na sub-comissão nomeada.

Vamos a ver, como dizia o cégo; e tenhâmos paciencia como para tudo precisava o marechal Saldanha. E a paciencia é, ainda, um grande remedio.

Coimbra.

Fevereiro 15

Hoje, ás 9 horas e meia, ao abrir as janelas deste meu escritorio, e ao levantar a cortina para ver o Termometro exterior, notei que este marcava 2 grãos abaixo de zero.

A onda de frio continúa a fazer das suas por essa Europa fóra; e eu continúo agarrado a este meu escritório, com o irradiador eléctrico acêso quasi sempre e com as mãos cheias de frieiras, pouco apto, pois, para escrever. Vale-me um colete de lã dos Pirinéus e o velho capote alentejano; e aqui estou á espéra do tempo aquecer...

Paciencia, como aconselhava o velho marechal Saldanha.

Coimbra:

Fevereiro: 8.

Tenho-me divertido um bocado com as respostas e agradecimentos recebidos pela oferta do meu folheto Cinquenta anos depois.

Quero crer que algumas das pessoas a quem mandei o opusculo não perceberam a intenção do mesmo e outras o julgarão talvez uma simples manifestação de vaidade. Ela de tudo.

Pode ser que ainda me venha a copia das suas respostas, por ordem cronologica, e as junte a um exemplar — para memoria.

Tudo vai da disposição.

Coimbra.

Fevereiro: 10.

Ontem, segundo concerto dado pelo Circulo de Cultura Musical. Coube a vez ao violinista Dezy Erlich, precedido de fama bem justificada. Realmente é grande artista e bem que, mas como creio é, poderá dar muito mais. O programa bom, mas para mim um pouco estranho.

Mas, enfim, boa musica; e a perenata da "Suite" italiana de Stravinsky, admiravel e a Tzigane de Ravel, seu exopero, assombrosa. Noite que se póde marcar com fava branca.

Coimbra.

Fevereiro: 17.

Ora lá vai mais um juizo sobre a situação politica actual formulado por um conservador mais ou menos adstrito ao Estado Novo. Trata-se do dr. José Bruno Tavares Carreiro, coimbricense de nascimento, mas verdadeiramente açoreano de São Miguel.

No verão passado vim ao continente e estive em Coimbra onde almoçei com o

secretário-geral do Gov.º Civil, o dr. António da Costa Rodrigues. A conversa recaiu, naturalmente, na política actual; e depois de se fazer referência a sucessos vários mais ou menos estranhos, o José Bruno teve esta frase que vale dinheiro:

— Oh Costa Rodrigues! Que varões de Plutarco não eram os democráticos, comparados com estes filhos de hoje!...

Isto na boca dum conservador, bom subordinado do Estado-Novo, vale, na verdade, muito dinheiro.

Chega-se, assim, á conclusão, de que os nefandos democráticos do Afonso Costa e do António Maria da Silva, eram varões de Plutarco... Como o Tempo se encarrega de fazer justiça!

Coimbra.
Fevereiro: 19.

O Fidelino de Figueiredo, em paga do seu Cinquenta anos depois que lhe mandei, ofereceu-me quatro opúsculos seus, entre os quais um, com título Balzac de cór, me provocou interesse. É claro que tive de lhe agradecer as ofertas e lá foi hoje uma carta de

agradecimento com a promessa de uma visita durante a m.ª proxima estada em Lisboa. Estas cartas de mera cortezia custam a escrever como todos os diabos.

Mas lá foi, o melhor possivel.

Lisboa.

Fevereiro: 24.

De novo em Lisboa. Mais uma vêz deixei fechada a m.ª casa; o meu escritorio e os meus livros e a m.ª querida papelada, lá ficáram á espera... que eu volte.

Ora como hoje é 4.ª feira, lá fui á Revista Militar ver o Pires Mont.º e outros amigos que á mesma hora se juntam. Lá estava o Vitorino Guimarães, o Raul Esteves, em regra pontuais. Conversa para aqui, conversa para acolá, o Raul Esteves, apesar de se dizer catolico, bravejou contra a Igreja e o Clero de maneira que me admirou e que fez com que os outros tres da palestra se entreolhassem surrateiramente.

Este Raul Esteves é um individuo um tanto ou quanto problematico. Reaccionario fundamentalmente, monarquico não sei se sincero, tem por vêzes expressões que dei

xam os outros intrigados, com vontade de lhe preguntar se ele não estará a caçoar com os amigos. E' creatura enigmatica que, aliás, se tem sabido governar excelentemente.

Adeante.

Como, a certa altura, o Esteves se fosse embora, o Vitorino Guimarães contou, a proposito da projectada homenagem á memoria do Ferreira do Amaral [redacted], o episodio curioso que não ficará mal aqui, neste meu amontoado de lembranças de toda a especie.

Quando o Vitorino Guimarães foi presidente do ministerio andavam insolentes e intoleraveis certas creaturas que por meio de bombas e atentados mantinham ambiente desagradavel. Sabia-se que por detraz daquela aparente indisciplina andava certo auxilio dos conservadores, fossem estes de que especie fossem; e o receio de cair em resoluções ilegais ou ditatoriais, levava os governos a não procederem como mais ou menos toda a gente exigia, isto é: á bruta.

Ora um dos cuidados do Vitorino Guimarães e do ministro do Interior que era o Vitorino Godinho, ao iniciárem o governo,

foi o de acabar com esse ambiente de terror que se ia espalhando em Lisboa e até pelo país fóra. Queriam, porem, proceder dentro da legalidade e a resolução de uma rusga completa a todos esses malfeitores e a remessa deles para o ultramar, parecia-lhes acto fóra das leis vigentes.

Consultado o ministro da Justiça, o dr. Albano Coutinho creio eu, este observou q. nenhum criminoso podia ser julgado fóra do distrito judiciário onde o crime fôra cometido; mas como a Guiné e Cabo-Verde estavam, ao tempo, dentro do distrito judiciario de Lisboa, os homens podiam ser mandados para lá e em qualquer daquelas colonias serem julgados.

Resolvido assim o problema da legalid.e mandáram chamar o Ferreira do Amaral então comand.te da policia; e com grande espanto deles, ao exporem o plano da limpeza de Lisboa, encontraram a maior reacção e resistencia no Amaral... Este alegava que não era boa politica, que a rusga iria acirrar os animos, que era melhor deixa-los á vontade, que ele se encarregaria a pouco e pouco de os reduzir.

Estes argumentos se bem que não fizessem recuar os dois ministros, demoraram contudo a resolução que afinal veiu a ser tomada com energia algum tempo depois, fazendo-se a limpeza geral á capital e arredores.

E o Vitorino Guimarães, ao terminar a recordação do episodio, fez notar que não foi o Ferreira do Amaral, no fim de contas, quem promoveu e levou a cabo a eliminação dos malfeitores e que, nos dias seguintes ás prisões de toda a malandragem, foi atacado na Camara dos Deputados pelos representantes catolicos que lhe lembráram os deveres do Governo pelos Direitos do Homem...

E agora, com a actual situação politica, é o Ferreira do Amaral que é celebrado e é a Igreja catolica que sustenta toda esta engrenagem governativa onde os direitos do Homem são respeitados como se sabe hoje...

E depois dum silencio, os tres velhos liberais, contemporaneos de estudo e amigos com sinceridade, olharam-se, encolheram os ombros e... mais nada.

Que comentarios mereceriam tais contrastes? E com o cair da tarde e o escu-

recer da paleta da biblioteca onde estava-
mos, uma grande tristeza nos invadiu
e certa comoção nos embargou a voz.

Se alguem ler isto, no futuro, que tire
as conclusões que entender. Os factos aí fi-
cam, com simplicidade.

Lisboa:

Fevereiro: 25.

A Maria Lina, a filha do tom Ferreira
Lima aí esteve, até tarde, a refrizar no mes-
mo assunto: a garrettaria.

Pareceu-me que o seu estado mental
é muito melhor; mais alegre, sem a sua
velha ideia fixa, conversa com bastante
acerto e vê melhor as coisas. No entre-
to não tomou ainda resolução acerca da en-
trega do espolio garrettiano e está indecisa
a respeito da sugestão que deu o actual di-
rector da Biblioteca Nacional, q. pretende no
novo edificio que se vai fazer no Campo Gran-
de, guardar uma sala p.ª toda a livraria do
Pai, sala que ficaria com o seu nome.

Ora a sugestão é para seduzir. E se
de sugestão passar a promessa legal, que
no crer que a Faculd.ª de Letras de Coimbra

ficará sem o rico espolio garretteano e o dr. Costa Pimpão terá de chuchar no dêdo...

Cada qual puxa a braza para a sua sardinha; e como a pobre Maria Lina continua com indicisões, quem tiver mais habilid.e é que ganhará a demanda.

Já tenho certa pena de me ter metido no caso. Ninguem me mandou ser tolo.

Amanhã, de manhã, vamos por esse Alentejo fóra, para o Algarve. Serão seis dias de excursão por sitios onde ha quasi quarenta anos não vou. Voltarei a vê-los com prazer; o piór é que poderei repetir como o Tomaz Antonio Gonzaga: «são estes os "sitios, são estes; porem, o mesmo não "sou...» A diferença é que eu não chamarei pela Marilia.

Vila Real de S.to Antonio:

Fevereiro: 27

Pois é verdade... Estou em Vila Real de S.to Antonio, povoado que a visão pombalina creou á beira do Guadiana, em frente a Ayamonte. Ontem, por esse Alentejo abaixo, com a velocidade do automovel e

o desejo de chegar com luz do dia a Faro, real fixei os varios aspectos do percurso que andou por uns 270 quilometros.

Primeiramente Setubal, bastante reodernizada onde se fez a primeira paragem; depois Alcácer do Sal, com mau aspecto decadente e triste, apenas com ligeira perspectiva alegre para o rio; e a seguir a transição para os planos alentejanos, entre soleirais e recortados, por aí abaixo, ao longo de grandes retas da boa estrada alcatroada.

Ao aproximar de Ferreira do Alentejo, á sombra dum azinhal onde cresciam cardos e um ou outro funcho, fez-se segunda paragem para almoço — que terminou a valer com o café e chá, necessarios a seguir a comidas frias, num «bar» regional de falso folk-lorismo na vila de Ferreira.

Quiseram puxar a regionalismo alentejano e deram um «bar» aos viajantes incautos. Que lhes preste — e viva o nacionalismo!

Largando Ferreira, por aí abaixo, entrou-se no verdadeiro Alentejo, de planuras sêcas, poucas arvores, e para um

e outro lado o aspecto da solidão completa e a impressão do silencio.

Em Aljustrel que vimos á direita, evoquei os quadros tão bem descritos por Brito Camacho de cênas alentejanas; em Castro Verde não escapou a lembrança da polémica de Ourique; e ao aproximar de Almodovar, e das primeiras ondulações que levam ao encadeado do Caldeirão, eu creio que senti o cançasso da planura e da vastidão sem fim do horizonte, em que o casario de Beja por veres aparecia, á esquerda e ao longe, a lembrar que havia gente por aquelas paragens infinitas.

Mas passado Almodovar, o cenario muda por completo; a estrada serpenteia por entre ondulado constante, em curvas e contra-curvas, subindo o maciço intrincado que nos separava do Algarve. Terreno seco, com azinheiras, sem graça, que contrastou com a planura e que me deixou um tanto ou quanto «desapontado» a respeito da apregoada belera da serrania.

No alto, o miradoiro do Caldeirão, onde soprava vento agreste, deixava ver ao redôr e com vastidão o ondulado sem graça do

maciço a que a luz da tarde e ligeira neblina davam tons de tristeza. Mas, enfim, com mais uns quilometros andados em outras curvas e contra-curvas, chegámos a ponto de onde se avistou o desejado Algarve.

Mutação completa; e com a aproximação de Alportel o contraste quasi deu a impressão de deslumbramento. Que beleza a do panorama da varanda da Pousada de São Braz onde subimos para descanço e para a merenda reconfortante! Os olhos que já vinham cançados das solidões alentejanas alegráram-se, sem duvida, ao dar com as encostas cheias de verdura, com os aglomerados de casarío, com os plainos ferteis que se perdiam de vista até ao mar. O entardecer fazia mais doce o cenario magnifico; e aquela varanda da Pousada, com as suas cadeiras cómodas e os abrigos da mortada, davam a perfeita sensação do conforto e do bem estar.

Louvámos o António Ferro que teve tão feliz ideia; e a serenidade do entardecer até fazia com que a merenda mandada pôr na mêsa fosse esquecendo. O cenário e a tranquilid.e daquilo tudo exerceram acção quasi

dissolvente sobre os nossos organismos que vinham desejosos duma xicara de chá quente e duma torradinhas apetitosas.

Louvado seja pois o voluntoso António Ferro!...

Estávamos finalmente no Algarve e, seja dito, com tão bons auspícios.

A paisagem bela e reconfortante; uma pousada acolhedora; e depois até Faro, já noite, uma larga estrada quasi sempre iluminada, que atravessava constantemente povoados alegres.

A cidade de Faro, com largos arrabaldes, surge-nos pem quasi se dar por isso; a certa altura, um polícia-sinaleiro foi o indício de que estávamos na capital algarvia. De informação em informação fomos parar ao Hotel Aliança, indicado como o melhor da terra; rua estreita que deita para larga avenida em frente ao grande canal ou esteiro, donde chegava certo cheiro a maresia; creadagem fardada que tomou conta da bagagem que saiu da caixa do carro; subida aos quartos que nos destinaram, mobilados confortàvelmente á moderna; e daí a pouco o

jantar bem servido na vasta sala sóbria, como agradavel remate para um dia cheio de impressões tão variadas e carregado com alguma natural fadiga.

Ora hoje de manhã, tomada a refeição a que as normas civilisadas não deixam que se chame dejejua, saí á rua e á larga avenida que deita para a grande doca. O ar era fresco e a atomosfera de transparencia tal que a impressão recebida foi a mais agradavel possivel. Leve cheiro a mareria; no jardim á esquerda, umas amendoeiras grandes davam a côr local ao ambiente; para a direita, pela avenida fóra, movimento em gente e em carros de certa importancia e para o sul, apesar da serenidade da atomosféra, mal se lobrigava o largo mar de onde subiam leves colunas de fumo.

O que ontem á noite vira de Faro, que deu a impressão de cidade velha e parada, desapareceu com este novo aspecto alegre e movimentado de terra progressiva. Edificios bons, voltados para o cáis; um jardim composto onde sobresaiam amendoeiras

em completa florescência; e na doca, assim como na larga avenida, sinais evidentes de vida.

Mas não havia tempo para perder; era necessario apanhar aqui o vapor para Ayamonte e Faro ficaria para o regresso. Largámos estrada fóra, com vontade de andar depréssa. E na verdade, com 50 quilometros á hora, percorrêmos a belo caminho, atravéz duma paisagem serêna, com aspectos, para um e outro lado, de certa abundancia e a impressão da verdadeira pacatez de vida. Grande quantidade de jardins a rodear casas isoladas que davam fisionomia feliz ás residencias. Aqui e alem uns nucleos de amendoeiras, todas floridas, para afirmar que não era simples muito a fama da beleza espalhada com exuberancia pelo país fóra.

De relance, passámos por Olhão onde se viu larga avenida, com grandes prédios do estilo moderno incaracteristico que o Estado Novo proteje não sei se para fazer desaparecer o que havia de pitoresco e tradicional; Tavira, porem, compensa pelo contraste: cidadesinha recolhida, muito com-

posta, casario baixo mais ou menos com ares afidalgados; pouca movimentação e a propria ria que atravessa a terra tinha aspecto de contemplativa...

Depois, a paisagem serena continuou, a mesma pacatez de vida, o mesmo ajardinamento nas propriedades; passámos por Cacéla onde lembrei a mª Neta o desembarque do Duque da Terceira em 1833; e finalmente, num pequeno alto da estrada, eis que se avistou Ayamonte e o espelhado do estuario do Guadiana.

Estávamos a chegar e a horas. Espanha estava á vista e em qualquer ondulação da estrada, começava a ver-se o casario de Vila-Real, espalhado chatamente contra a agua parada do rio e que apareceu a nossos olhos com armazens, edificações baixas para fins industriais, barracões escuros e sem graça — a inevitavel extensão de terra maritima e fronteiriça que a vida moderna oleriga a crescimento.

A' entrada da vila, propriamente, nota-se logo o rigorismo da planta pombalina: arruamentos paralelos, edificios que não passam de 1º andar; a praça central, rec-

tangular, com a igreja ao nascente, a Camara municipal ao sul e ao centro o monumento comemorativo da fundação, tipicamente do tempo, não só na arquitectura como nas inscrições.

A policia guiou-nos para o hotel Guadiana, no cais, nessa altura cheio de sol que fazia brilhar o rio largo, sereno, com aguas tão tranquilas que mais parecia um lago. O cenario tem certa grandeza a que o casario de Ayamonte, m.to branco e com perfil irregular, dava ~~com~~ algum pitoresco.

O porto não tinha barcos; apenas um grande rebocador, com fumaceira pela chaminé, subia com imponencia a corrente, levando a reboque duas fortes barcaças carregadas. O mais era de impressionante serenidade, de quietação quasi perfeita. O rebocador era a unica coisa movediça no ambiente — ambiente que me fez recordar uma descrição de Fialho de Almeida em frente do Tejo contemplado do terraço da estação do Barreiro.

Havia ali, tambem, qualquer coisa de "semi-cupio morno" como o prosadôr dos Gatos notou no outro estuário. E se

não fosse uma aragem um tanto ou quanto agreste que vinha de nordeste, a impressão recebida seria a melhor possível. E essa impressão continuou durante o almoço, no refeitório do hotel, a uma mesa junto das vidraças que deitavam sobre o rio.

À mesma quietação das águas, a mesma transparência de atmosfera; e, de vez em quando, a velasita dum barco a cruzar a placidez da paisagem marítima — tão amena, tão calmante!

O marquês de Pombal, de temperamento tão duro e inflexível, teria vindo aqui para escolher local apropriado para a projectada vila fronteiriça? E se assim, compreender-se-ia esta paisagem?

Depois do almoço, Castro Marim.

Na m.ª imaginação, a vila de Castro Marim aparecia-me apenas como terra de degredados, tantas vezes este nome me surgia em documentos de vária espécie, em especial nas sentenças inquisitoriais. O que seria pois essa vilória para onde se lançavam os criminosos e os réprobos? Teria ver uma espécie de Purgatório

dongo, nas Pedras Negras de Angola, degredo celebre de outros tempos?

O meu interesse era, pois, desvendar esse mistério.

Meti-me numa tranquitana m.to pitoresca, antiga vitória ou milord, quasi sucata, de capota ao alto forrada a chita moderna e puxada por um cavalicoque [redacted] quasi no genero do do Tolentino. Em Roma sê romano!... Ir a Castro Marim de automovel seria um contrasenso...

La fui pela estrada fóra, bem calçada com paralelopipedes de granito, entre terrenos baixos e alguns esteiros sem beleza. O Guadiana mal se vê; mas Ayamonte avulta sempre, á direita, branquejante, com perfil curioso do aglomerado ainda relativamente grande a reflectir-se nas aguas paradas, quando, em certos intervalos do terreno, se lobriga a corrente tranquila do rio.

Castro Marim aparece, a certa altura, transposta uma ponte sobre um braço qualquer de agua; uma fortificação á direita, outra mais alta á esquerda e o casario entre esses dois marcos do seculo XVII, tristes padrões abandonados mas que parecem ain-

da lér a tarefa de querer guardar a visinhança.

Chegámos. O cocheiro que, durante o caminho, quis conversar e me informou de que a chave do castelo estava na Câmara Municipal, depois de arrumar a sua cavalo do largo central a carripana e de me oferecer a sua modesta residencia ali perto, foi solicitar a licença p.ª a entrada na fortificação. Enquanto o homem foi e veio, olhei á roda: uma larga praça, de prédios de feição modesta e antiquada, deveria ser o centro oficial da vila. Na minha frente o edificio da Câmara, com um só andar, não dá na vista; e só mais abaixo vê continuação da praça se vê uma edificação moderna, o novo mercado, a indicar o dedo dos arquitectos do Estado Novo.

Que sossêgo, que pacatês! Umas crianças brincávam a um cavalo — e era o unico sinal de vida!... Que feliz que deve ser esta gente de Castro Marim!

Nisto chegou o cocheiro com um empregado camarario que trazia umas chaves enormes, a tilintar. Subimos por uma calçada aspera para um grande portal

da muralha; e aberto o pesado portão de madeira, entrámos no interior desmoronado, com pedregulhos por todos os lados, restos de cantarias e umas amendoeiras floridas a rirem-se ás claras do contraste com tanto descalabro. Restos da fortificação medieval acusam traça de certa importancia e achei interessante verificar que rara era a pedra que não tivesse ainda, bem visivel, a sua sigla.

Assomei ao passadiço que deita para a vila, correspondente a uma cortina do traçado abaluartado certamente seiscentista; lá estava o aglomerado todo á vista, quietinho, muito bem arrumado entre o grande cabeço onde construiram a fortaleza e um outro, ligeiramente a sudoeste, em que domina o chamado forte de São Sebastião, visivelmente do seculo XVII, dos tempos da Restauração.

A mesma tranquilidade, o mesmo silencio á volta. Do casario modesto sem o aspecto progressivo de outras terras que atravessei, quasi não subia qualquer ruido alem duns gritos da creançada que brincava algures; o Guadiana lá ia seguin

do o seu caminho para o mar; dos es-
teiros que ligam com o rio não avistava
qualquer sinal de movimento; para o sul
lê o ondulado do terreno não dava largo
horizonte; e apenas para o sul Vila Real
tinha sinais de vida.

Fiquei-me um pouco a olhar o cas-
rio em baixo; encostado ao parapeito da
muralha, apesar da aragem agreste, cau-
derei aquela tranquilidade e aquele silen-
cio... Será feliz a população de Castro-
Marim? A estrada alcatroada que segue
para Beja, única ligação com o mundo,
não lhe dará uma ou outra sacudidela?
Enfim... Ao deixar a muralha e ao descer
para os terreiros pedregosos, vieram-me á
ideia velhas tendencias de isolamento, de
fuga; Castro Marim, abrigado entre dois
montículos fortificados, tão arrumado e
modesto, tão silencioso e recolhido, teve
o condão de me ~~~ fazer reviver feridos
anseios.

Mas viverão felizes essas habitantes
da velha vila? Não terão, afinal, na tran-
quilidade daquele ambiente pedestre, as mes-
mas paixões e os mesmos desejos que

abundam nas terras movimentadas e bu-
liçosas? Sabe-se lá!

Com estes pensamentos desci para a vila, agradeci ao funcionario camarario e dirigi-me para a carripana. O cocheiro enfreava o cavalicoque que até então comia pacatamente a ração de palha; e depois de nova olhadela ao redôr da praça e de considerar o sossego e o silencio da terra, subi para a vitoria e o cocheiro fez andar aquele conjunto arcaico de transportes.

Terra de degredo?... Sei lá!... Voltei de Castro Marim com a impressão de tristeza de quem, vagamente, imaginou em tal ambiente a possibilidade duma vida tranquila...

Fantasias de cabeça velha.

A' volta, a mesma estrada de paralelopipedos, os mesmos terrenos baixos, os esteiros salgadiços. E tomado o chá das cinco, confortavelmente, junto das vidraças da casa de mesa do hotel, em frente do estuario magnifico, com aguas tranquilas e espelhadas, vi cair o primeiro dia algarvio com um poente magestoso.

Vila Real de S.to Antonio contrastava com Castro-Marim. Aqui ha movimento, ouvem-se ruídos de toda a especie. O marquêz de Pombal viu ao longe.

Faro:

Fevereiro: 28.

Hoje de manhã, em Vila-Real, ao tomar o meu chá com torradas, atraver do envidraçamento da casa de mesa do hotel, vi o mesmo Guadiana de aguas tranquilas e espelhadas, a mesma sanvidade de paisagem maritima, a mesma tepida atomosfera de «semi-cupio mórno» de que falava o Fialho no cáis da estação ferro-viaria do Barreiro.

Depois, a caminho para aqui. Metêmos á estrada do farol da barra: a mesma translucidez da atomosfera, e o mar, como que querendo acompanhar a harmonia do conjunto, mal largava umas pequenas ondas cuja espuma, de encontro á luz do sol, nos aparecia, aos poucos, iriada. Havia, em tudo, certo encantamento; e a propria temperatura, tepida, primaveril, era aliciante.

Assim, pela estrada plana, entre arvores, com o mar perto, á esquerda, chegámos a Monte-Gordo — vasto areal ou de surgiu uma povoação moderna, de chalets de variadas aspectos, de ruas paralelas, onde no verão a burguesia do Algarve vai repousar e divertir-se. O Brito Camacho, de que não esqueço, dedicou em um dos seus ultimos livros, umas paginas a esta admiravel praia onde o mar, de não menos admiravel serenidade, é mais um lago ameno do que aguas oceânicas de ondas fortes. E na verdade é admiravel que esta já grande povoação venha a ter futuro de importancia.

Estrada fóra, para Tavira, o mesmo cenário da vespera, alegre, entre propriedades bem cuidadas, casas com jardins á volta, renques ou ródoas de amendoeiras floridas — tardiamente floridas por causa do frio e néve que cairam inexplicavelmente em Janeiro.

Em Tavira, paramos para almoçar. A impressão da ontem aumentou hoje com a demora de umas horas. Para o meu feitio, Tavira é uma cidadezinha

agradavel, passeada, bem arrumada, com o seu aspecto antigo e pouco progressivo mas com aparencia de vida tranquila e agradavel. Percorrendo as ruas quasi sem movimento, notei os predios bem razoados, em regra do seculo XVIII e muitos do anterior, de certo correspondentes a periodo prospero da povoação; notei, com curiosidade, as peixas de madeira em abundancia, de entrelaçados desenhos, muitos de sabor arabe. E por sobre tudo isto, o silencio de terra morta...

Como hoje foi domingo gordo, no cais que deita para a ria ou esteiro (não sei se é assim que chamam) havia ainda assim, certa animação de que um grupo mascarado a que é costume, agora, classificar de folk-lorico, era mais ou menos o centro de atração. Mas no resto da cidade, as ruas e as casas fechadas davam a sensação do abandono, duma completa tranquilidade — que, francamente, achei simpatica.

O esteiro, ou ria, com as suas aguas paradas casa-se bem com a quietação do ambiente. Nuns momentos em que me encontrei ao paralleilo da ponte que o atravessa no centro da cidade, e em que contem

plava, com interesse, a serenidade do ambiente que se afigurava acolhedôr, pensei que, ao longo da vida errada, não tive a boa sorte de um dia me atirarem para ali onde o meu espirito poderia encontrar, embora temporariamente, algum repouso reconfortante.

Mas não tive essa sorte. Aquelas aguas paradas que espelhávam os mastros dos barcos amarrados ás muralhas, a transparencia da atomosfera, aquela paz só perturbada por afastada algazarra em homenagem ao dia soléne do Entrudo... Tudo isso causava-me certa comoção. Adeante.

Ao fundo, á esquerda, em grandes letras lia-se numa parede branca Arraial Ferreira Neto — a indicar que a terra não era tão morta que não tivesse uma importante industria de conservas; e é saída, ao largar Tavira para aqui, um largo arruamento que leva para a estação do caminho de ferro, com predios modernos, quer demonstrar que o progresso não a abandona por completo.

Não sei se direi ainda bem se ainda mal. Agora, o caso é-me indiferente...

De certo não voltarei a Tavira. E o que me fez commover foi o não querer a Sorte, o Destino ou o que quer que seja, que não tivesse gosado alguns mêses da minha vida naquele recanto tão acolhedôr e sossegado.

Estrada fóra, passada rapidamente a Fuzeta de que não colhi impressões, entrámos em Olhão.

Da estacionaria Tavira, caímos quasi sem transição, na progressiva e estuante vila de Olhão.

Entrada modernissima; larga avenida com predios de residencia e arrendam.to de grande effeito; aspecto geral de riqueza; muito movimento; muita creança nos talhões ajardinados; apparelhos de radio, em alta voz, informavam de certo desafio do internacional foot-ball. Apparencia duma grande terra, de vida activa e moderna.

Seguindo, começam arruamentos mais estreitos, com predios bons mas mais antigos, entre 40 e 80 annos; estabelecimentos de boa apparencia, principalmente modas, sapatarias e outras, a mostrarem facilidades de vida.

Depois, continuando p.ª sul, para os lados do porto, depára-se com o velho Olhão, de ruas estreitas, algumas muito estreitas e tortuosas, com casario alto de açoteias arabes e o cheiro caracteristico da ruça resia e do peixe amontoado.

Passado o labirinto de ruelas, o porto teem ar desafogado; mas nada de novo se vê no conjunto dum mercado banal, da alfandega, dos serviços maritimos, etc. etc. Os olhos ficáram no casario para mim estranho das açoteias mouriscas.

Numa das ruas, como chamasse a atenção para um pátio onde se via a escadinha para a açoteia, a dona do predio, uma mher modesta, convidou-nos a subir. E na verdade, desse pequeno terraço, embora não muito alto, o espectaculo era para mim inedito: para um e outro lado, a impressão era a de um aglomerado marroquino ao qual não faltava a cupula ou meia esfera de uma igreja a dar o perfil de cupula duma mesquita. Mulheres, nesta ou naquela açoteia olhávam melancolicamente a rua respectiva e as mais proximas consideráram com curiosidade este grupo

de visitantes que se admirávam dum espectaculo já tão velho, para elas, e talvez incompreendido.

A mesma dôna do predio, porem, ao ver a nossa atenção e interesse, foi amavel e convidou-nos a subir á açoteia dum 2º andar duma casa proxima, de sua irmã, já construção mais recente. Desta, o cenario era mais vasto e mais curioso: o velho bairro era quasi todo abrangido e ainda para norte, a parte mais moderna; para sul os esteiros e os braços de mar que servem o porto olhanense viam-se bem.

Espectaculo unico no país, creio eu, que merece ser visto, atentamente, sem preocupações das horas de partida e de chegada. Espectaculo que fica nos olhos, de certo, a todo aquele que se impressiona com novos aspectos de paisagem e a variedade das manifestações da vida humana.

Ao voltarmos para a avenida, considerei que o velho Olhão se desenvolveu de sul para norte, bem á vista, em duas fazes bem distintas, das quais a ultima, modernissima, ameaça subverter o primitivo povoado.

Poderá não ser assim. Estas impressões de momento são, muitas vezes, falsas.

Quando nos metemos no carro, para o regresso, na grande avenida moderna, descia do lado da ~~estrada~~ estrada uma multidão compacta de homens e de mistura muitas mulheres; multidão compacta, como disse, e funda, até ao alto; ao chegarmos á estrada havia aumentado aumento de automoveis e carrinhetas que nos obrigou a esperar.

Ia numa desafio de foot-ball; e toda aquela gente vinha de lá, animada, a discutir, a gracejar com vivacidade. Não se tratava dos tremendos sucessos internacionais e muito menos da vida politica interna que sobressalta alguns espiritos. Nada d'isso: do que se tratava era da bola...

O aumentamento de viaturas custou a desfazer-se; a tarde caía serenamente e o poente alaranjava-se com certa arte. A estrada até aqui, sempre muito movimentada; notava-se alegria nas gentes e até na propria paisagem cheia de frescura. Ainda bem! As preocupações do meu espirito não contaminavam esta provincia feliz e farta.

A' chegada ao hotel Aliança, notámos grande movimento. A casa estava apinhada de excursionistas e tivémos de esperar por vaga nas mesas do refeitorio. Gente de toda a especie que corria o Algarve em cata de impressões ou simplesmente para gastar dinheiro.

Enquanto se esperava a vêr e na altura em que atravez dum excelente aparelho de radio a Emissora anunciava a cronica desportiva, umas senhoras correram e rodearam a mesa atentamente: era ainda a bola a despertar o interesse...

Dia de impressões e comoções diferentes: de manhã o «semi-cupio môrno» do Guadiana; á tarde, depois da tradicionalista Tavira, a progressiva Olhão da Restauração; á noite a perseguidora mania da bola... E para remate, antes de dormir, ainda terei que ler umas paginas da Historia das Ideias Republicanas de Teofilo Braga que meti na maleta para haver sempre contrastes com as impressões diarias.

Pois vamos lá chamar o sôno com as paginas compactas do velho Mestre.

Praia da Rocha.

Março: 1.

Aqui estou, na Praia da Rocha, após trinta e nove anos de ausencia. E que diferença!... Diferença no local e diferença em mim proprio. Trinta e nove anos são uma vida.

Ora de manhã, em Faro, a mesma tranquilid.e da atmosfera, a mesma transparencia e a mesma graça das amendoeiras floridas do jardim ao pé da grande doca. A temperatura agradavel convidou a uma volta pela cidade: na parte antiga, central, nota-se a progressão do arranjo moderno nos estabelecimentos; mas para a periferia ha evidente expansão, talvez apressada, com o casario do typo usado em Lisboa, sem graça, uniforme, incaracteristico, a marcar este periodo historico do Estado-Novo.

Ha porem uma parte ainda arcaica que se vê com agrado, na maioria do seculo XVIII, talvez correspondente a epoca de prosperid.e economica. O pouco tempo de que se dispunha não deixou ver com a atenção devida a Sé, templo

sobre em que se cruzam estilos e maneiras; e não deixou ver outros templos e certas curiosidades dignas de visita.

Ficou-me, contudo, a impressão agradavel duma terra arejada, modernizada, acolhedora pela temperatura e serenidade do ambiente.

Podia ter errado nas impressões. Nada mais (difícil) do que querer fixar com alguma exactidão as fisionomias das terras por onde se passa a correr, a andar sempre, á velocidade normal do tempo presente. Figurei, juraram, com a melhor tolerança de faro de que não fazia qualquer ideia.

Estrada fóra, para Portimão, a mesma paisagem suave, tranquila, mansa, com o aspecto agradavel de vida facil; as mesmas habitações rurais rodeadas de jardins em que abundam as amendoeiras agora ainda floridas com alegria; enfim, o mesmo cenario ameno, sem grandes contrastes, que impressiona pela quietação e pela aparencia da abundancia.

Poderei dizer: Feliz Algarve? Sei lá!... Sabe-se lá o que ha por detraz de

tão risonhas perspectivas! Quem sabe da amargura que vai por esses prédios alegres rodeados de jardins tão amenos!...

Enfim, estrada fóra, o meu cérebro ia esperdiçando variadas considerações perante o que os olhos iam vendo.

Eis Albufeira — verdadeira surpreza. Como descrever a terra, alcandorada tão pitorescamente em altas e abruptas ribas? Como descrever a peremptoriedade do mar que hoje parecia lago, com a mesma transparencia da agua que ha 39 annos me encantava? E como deixar impressões daquele cenario que tinha qualquer coisa de italiano [redacted] e que era, antes de tudo, de indiscutivel encanto?

A passagem foi rapida; uns dez minutos perdido na esplanada, á saida do tunel que recentemente se abriu, foi o sufficiente para me deixar abalado...

Abalado, sim, repito. Como é que só ao fim de 74 annos de vida me encontrei com recantos daquelles, tão bellos, tão calmantes, tão dignos de demorada e extatica contemplação? E a minha commoção veio de pensar que, certamente, ficarei apa-

nas com esta fugitiva lembrança e que não mais verei tão empolgante refugio consoladôr.

Adelante!... como dizem os nossos actuais amigos espanhois.

E o automovel seguiu, estrada fóra, por terrenos mais ondulados. Kilometros andados, surgiu Alcantarilha, alegre povoado que se viu de relance, á direita, ao subir por curva bem lançada. Depois veiu Lagôa, pobre vilória parada, onde eu sabia haver oleiros de barro vermelho que desejava visitar. Nas ruas, como ainda se festeja o entrudo, havia aqui e alem um ou outro ajuntamento mas com ares tristonhos como se celebrasse o enterro das tradições folionas

Procurei olarias. Encontrei uma, apenas, á entrada nascente da vila. A mesma pobre gente que encontro em toda a parte; e os artefactos, tirante os formatos ou certo geito nas curvas dos pucaros ou vasilhas, são quasi os mesmos. Mourejam de manhã á noite, inconscientes de que ~~[illegible]~~ são artistas acorrentados a um miseravel ganha-pão.

Pobres homens! Os mesmos que conheço de Miranda do Corvo, ou do Sobreiro dos arredores de Mafra. O mesmo ramerrão que já deve vir dos seculos dos seculos.

Mas Portimão aproximáva-se. Passada uma portela, deparei, á direita, com Estombar: estava em terras já pisadas ha quasi quatro décadas. Pedi para uma rapida paragem do carro...

Estombar foi o meu primeiro e verdadeiro contacto com o Algarve quando, numa tépida manhã de Fevereiro de 1915, ao alvorecer e numa paragem do comboio, eu deparei com um povoado m.to branco, de perfil marroquino esfumado por nevoa um pouco densa que a luz solar ainda fraca não conseguia romper de todo. Em baixo, na estrada, mais ou menos no local onde agora estavamos parados, um burro com cangalhas passava, nas quais um homem envolvido em qualquer manto esbranquiçado se mantinha sentado, de pernas encruzadas á maneira arabe. Ora depois de uma noite passada no comboio pelo Alentejo abaixo, a surpresa foi natural e, sem querer, preguntei a mim mesmo se ainda estaria em

territorio português ou se por qual prodigio ou feria galgado o mar e caído em terras marroquinas.

Estas impressões da madrugada de Fevereiro de ha 39 annos surgiram-me enquanto não sei se com saudade se por mera fantasia; mas figurei, ainda assim, uns minutos contemplativo — notando tambem que o perfil do povoado não era já o mesmo e que, num ponto e noutro, edificações modernas no chamado estilo "caixote" tinham toda e qualquer aproximação com o norte de Africa. Com gesto instintivo, afastei recordações e o carro seguiu estrada fóra...

Portimão apareceu lá a pouco. Lá estava, á esquerda, o mesmo castêlo de Arade, que me encantára na tal manhã de Fevereiro, já então dia claro, ao sair da estação dos caminhos de ferro; lá estava o rio de Silves, calmo, de aguas paradas e a mesma tranquila e clara atmosfera.

Ao atravessar a ponte sentiam-se foguetes na cidade e aos ouvidos chegavam sons metálicos de filarmonicas; nos largos que deitavam para o rio, viam-se bandeiras em mangues. Portimão estava em festa

carnavalesca e percebia-se, nos terreiros juntos do rio, que passavam carros alegoricos ou coisa que o valha. Alegria a rodos...

Ao entrar na cidade tivemos que dar voltas para não interromper o folguêdo; no relance da passagem pareceu-me notar sensivel progresso quer em edificações modernas quer na extensão do povoado e, ao mesmo tempo, esbarrámos com o eterno grupo "folk-lorico" com trajos chamados "regionais" que em certo largo dançava melhor ou pior o tradicional corridinho.

Mas tudo isto foi de fugida. Dentro de pouco estavamos aqui, na Praia da Rocha, onde estive em Maio de 1915, numa tarde, á volta para Coimbra.

Que mutação!

E' certo que trinta e nove anos são uma vida; mas tambem é certo que desse tempo poderia ter ficado qualquer coisa que lembrasse essa tarde recuada. Não senhores: por mais que olhasse não reconheci a Praia da Rocha! A propria praia, de tanta fama e proveito, pareceu-me que não era bem a mesma... Como Diabo se operou tão completa transformação?

Hospedados no Grande Hotel da Rocha, sobranceiro ao mar, com excelente vista para a serra de Monchique, a tarde passámo-la em contemplação da Natureza que, na verdade, ali é excepcional. Um miradouro moderno, mais a jusante, descobre um bocado da baía de Lagos limitada pela Ponta da Piedade e os telhados da povoação de Ahôr; e o mar, o mesmo mar tranquilo, de aguas translucidas, batia em baixo, suavemente, com ondas pequeninas.

Mas eu continuava a desconhecer o local. A transformação foi completa ou a minha memoria não foi capaz de reter o aspecto da estancia de outrão. Perguntando a certo individuo onde era o Hotel Viola, o melhor que havia em 1915, respondeu-me que era aquele onde eu estava hospedado...

Olhei o belo e moderno edificio: como tudo se transforma! Como da modesta hospedaria de ha quatro decadas se chegou ao moderno e confortavel hotel de agora... Como eu havia eu de reconhecer a casa?

A tarde caia soberanamente. Calma completa. A vida poderia ter, realmente, momentos agradaveis. ~~Este~~ Este ambien-

te é aliciante; ha em tudo qualquer coisa de absorvente e de tal poder de calmaria que, na verdade, dá ensejo de dizer que a vida poderia ter momentos bons...

Mas, infelizmente, não tem.

Sagres.

Março: 2.

A manhã, na Praia da Rocha, uma beleza. O mesmo mar quieto e transparente, a mesma suavid.e da atomosfera. Do miradoiro onde ainda fomos de fugida todo o cenário empolgava.

Sentia igualmente vontade de ficar ali em contemplação e de fugir depressa... Como explicar tal contradição? Sei lá!... Por um lado o atractivo do ambiente, por outro talvez a certeza de que era a ultima vez que ali iria. Isto fica tão longe!...

Enfim... Despegámos do encantamento e lá voltámos a Portimão — já sem festança carnavalesca, aquela hora matinal.

Como precisássemos despedir da familia do professôr Manuel Guerreiro, natural da terra, preguntou-se logo á entrada a certo individuo bem vestido, onde era a rua

de João de Deus. O sujeito olhou, concentrou-se por instantes e declarou que não sabia. Agradecêmos.

Mais adeante, a uma senhora muito bem vestida a mesma pregunta. A resposta foi equivalente: ignorava onde era essa rua. A seguir, a certo rapaz novo que sobraçava uma pasta cára, com ares de advogado, fez-se o mesmo interrogatório; e esse rapaz elegante e de certa distinção, com expressão curiosa de quem se admirava, declarou que não sabia...

Nós rimos-nos. Então, na cidade algarvia do Teixeira Gomes, não se sabia onde era a rua dedicada ao grande poeta do Algarve? Recorrêmos depois a um sinaleiro com o mesmo resultado; e até na propria estação dos Correios e Telegrafos houve duvidas!...

Por fim de contas uma sopeira gordachuda, de grandes olhos mouriscos, é que indicou a direcção mais ou menos provavel do arruamento desejado. E lá fomos.

E aqui está um episodio sem importancia ~~~~ acerca do qual se podem fazer considerações de varia especie. Pobre poeta João de Deus! Tão desviada anda a atenção dos

teus fabricios que ignoraam a existencia duma rua com o teu nome! Tão alheios ás coisas do espirito eles andam que até se espantaram com a hipotese da homenagem municipal...

Feita a visita, largámos estrada fóra. Comecei então a reconhecer certos locais onde no meu tempo de espirtão do Inf.to nº 33 se faziam alguns exercicios. E com esse reconhecimento começáram a surgir certas recordações que vagamente me comoveram. Já lá iam 39 anos; e de então para cá quantas voltas o mundo deu e quantos trambolhões a má sorte me fez dar.

Tudo se me representou, de cambulhada, ao aproximar de Lapos. E quando, ao descer duma curva, a cidade apareceu, senti a impressão extranha de quem, ao contrar com surpresa agradavel, recebeu abalo de inesperada comoção... O aspecto geral era o mesmo; havia a mais uma larga ponte sobre o rio, junto da estação ferro-viaria, que evitava a velha curva mais acima, onde uns armazens desagradaveis davam máu aspecto á entrada; mais ou menos o que via era sensivelmente a mesma coisa de

Ha quasi quarenta anos. Mas o diabo eram esses quasi quarenta anos que me pesáram em cima das costas...

Esses trinta e nove anos passados é q. me estavam a estragar o prazer de novam.te ver a terra natal onde passei uns meses agradaveis, durante os quais saboreei a boa companhia deste mar incomparavel.

E assim entrei na cidade, pela velha rua de Gil Eanes, um pouco desfigurada já, com estações de gazolina e oleos á moderna mas ainda assim com restos do aspecto antigo que lhe dava pitoresco. Na travessia para a Piedade, não notei diferença sensivel; as mesmas casas quasi todas de um só andar, os mesmos arruamentos possegados e alegres, o mesmo ceu azul, transluci-do, que nos dava a sensação de leveza.

Passadas as ultimas casas, entrá-mos no velho caminho tão pitoresco, agora transformado em boa estrada de turis-mo, com sébes altas bem cuidadas e todos os gostos de sinalização que hoje o enorme movimento de carros não deixa de exigir. Os trinta e nove anos de ausencia contri-buiram-me a pesar... Por ali, com

um livro debaixo do braço, deambulei solitario, bebendo a beleza daquele ambiente empolgante, saboreando o sossêgo benéfico, enternecendo-me com a maravilha daquelas ribas rochosas.

Elas lá estavam, as ribas da Piedade, a mesma caldeira limitada por arcarias de tão grande harmonia arquitectonica que me lembrou um passo de Balzac, não sei agora em que obra, ao afirmar que a Arte, afinal, querendo copiar a Natureza, fica sempre inferior a ela. A maré estava baixa e as pequenas ondas, ao entrarem nas arcarias, por sobre as rochas, lançávam cintilações de pedras preciosas — como ha trinta e nove anos, nos meus devaneios de passeiante solitario...

Havia vento fresquinho, noroeste; o promontorio de Sagres lá estava, negro, a apontar para o mar; as aguas, de transparencia notavel, [redacted] quasi quiétas, pouco susurro faziam. Havia, no ambiente, quanto bastava para me acabrunhar; e os trinta e nove anos passados continuavam a pesar-me nos ombros e a dar que fazer á sensibilidade.

Ao mesmo tempo que me apetecia ficar ali, amodorrado, [illegible], na contemplação de tão belas coisas, sentia, também, certos desejos de fugir ...

Porque tal contradição?

Vão lá descobrir estas incoerências, ou aparentes incoerências, do espírito humano! Vão lá saber como funciona a sensibilidade duma velha carcaça! O certo é que, verdadeiramente, não sei explicar as sensações que me perturbaram durante a simples meia-hora, pouco mais seria, que demorámos na Piedade. Sensações quase em tumulto, tristeza que me marejou os olhos, vago desejo de fechar os olhos ...

Aspectos da sensibilidade que lastima tempos passados agradáveis? A certeza da irredutibilidade dessa quadra amena com a triste quadra que atravesso?

Enfim, quando voltámos ao carro para o regresso a Lapos, quero crer que tive sensação de alívio.

E fico-me por aqui. Não sei explicar mais nada. A tradução em prosa das minhas impressões não vai além do que aqui ficou. O tumulto de sensações surgidas

foi alem das possibilidades do meu pobre poder descritivo.

Em Lagos, ao almoço, por sinal que no mesmo predio onde me hospedei ha 39 anos, as sensações foram diferentes. O arranjo da casa, completamente modernizada, apresentava o requinte de exotismo e regionalismo falso que hoje se usa, não sei se como preito ao chamado espirito de «Renovação Nacional» se como prova de ignorancia de estilos arquitectonicos.

O aspecto geral, porem, era agradavel. As mesas cheias de ranchos de turistas q. como nós, aproveitavam os dias feriados. Almoço normal, bem servido e abundante; e a certa altura a surpresa agradavel dos cumprimentos do Leonel Vieira que, lá do outro lado da sala onde almoçava, me descubriu sem eu dar por isso.

Este Leonel Vieira, hoje general governador militar de Lisboa, foi, ha trinta e nove anos, meu alferes no regimento nº. 33 e meu constante companheiro em conversas de caracter literario ou em leituras de paginas das recentes obras do Teixeira Gomes, ao tempo em vóga e com exito. Era

então rapasinho saído da Escola, vagamente romantico, muito dado a leituras literárias e versejadôr de tendencias patrioteiras... Muito correcto, amavel, dedicado, foi um excelente companheiro. Quando saíamos com recrutas para o campo ou para a carreira de tiro, levávamos ou o Agosto Azul ou a Gente Singular na algibeira para nos descanços fazermos leitura comentada. Era passatempo inocente...

Pois bem. Passados os trinta e nove anos, o Leonel Vieira, dirigiu-se á minha mesa para cumprimentar o seu antigo capitão e disse-me que, desde que me descubrira na sala de mésa, reviveu esses tempos recuados em que fraternalmente liamos e comentavamos a obra do Teix.º Gomes. Teve palavras amaveis p.ª mim e oferecem os seus prestimos — pois estava na sua terra natal onde viéra passar os dias do Entrudo.

Se bem que, neste largo espaço de tempo, só uma vez encontrei o Leonel Vieira, então coronel creio que já tirocinado, mantive sempre, a seu respeito, uma boa impressão; e confesso que gostei de o ver

e tambem de ser ele o da iniciativa dos cumprimentos. Vá lá! As estrelas de general não o impediram de cumprimentar o seu antigo capitão de Infantaria 33.

Honra lhe seja.

E vamos adeante. Depois de uma volta pela cidade, recordando locais e reconstituindo episodios, metêmos á estrada de Vila do Bispo, caminho de Sagres.

Não sei se foi erro de memoria, natural ao fim de quasi quatro décadas; mas observando a estrada e a paisagem que esta atravéssa, pareceu-me notar transformação principalmente com o aproximar de Vila do Bispo. E' muito possivel que assim fosse. Quarenta anos são quarenta anos e a propria paisagem não é imutavel.

Vila do Bispo quiz-me parecer que estava na mesma; um ou outro telhado novo, um predio moderno á beira da estrada onde um posto de policia de transito dá nota civilizada — e pronto. Vila do Bispo permanece extactica, no dorso onde a encontrei em 1915, sobranceira ao plano inclinado que vai morrer a Sagres e S. Vicente, onde verdadeiram.te acaba a Europa.

Sagres, porem, é que eu quasi não reconheci. O exiguo aglomerado de ha trinta e nove anos, se é que posso chamar aglomerado a umas duas ou tres casas isoladas, está transformado numa vasta povoação, um pouco dispersa, é certo, mas já subordinada a certo plano urbanistico, como se diz hoje. Arruamentos largos, uma especie de rotunda em frente á cortina abaluartada da antiga fortaleza, arranjo de sébes altas para protejer os quintalejos das ventanias constantes, derenas de casas para aqui e para acolá — e eis a nova Sagres q. eu deixei em 1915 entregue ás recordações patrioticas...

Ao ver a transformação, pensei nos motivos que leváram familias a estabelecer ali a sua vida, em região sem agua, extremamente ventosa, com ligeira camada de terra sobre rocha dura. E no entretanto verifiquei que hoje o povoado é grande, mantem estabelecimentos e dá a impressão de q. continuará a crescer. Curioso problema de geografia humana que me não preocupa, evidentemente, mas que gostaria de ver explicado.

Uma boa estrada levou-nos até ao cabo de S. Vicente. A nortada agreste não deixou gozar, á vontade, a beleza e a grandeza do sitio. O mar, m.to manso, mal espumava em baixo, nas rochas e nos leixões; mas a ventania tornava impossivel qualquer contemplação mais ou menos sentimental ou evocativa. Tivémos de regressar a Sagres, mais abrigado e mais proprio para evocar e recordar.

E assim foi. Aqui chegámos á pequena hospedaria de ha quatro decadas, já ampliada em extensão e em altura, com um primeiro andar corrido que o velho guarda-fiscal que ha meio seculo a fundou de certo não julgaria possivel. Mas cá está, com quartos bem mobilados e normalmente habitados por forasteiros atraídos pela fama do Infante D. Henrique e pelo excelente peixe que é tradição fornecer.

Da fama do Infante, a hospedaria tira proveito abundante segundo se diz; e do peixe tambem, ou trazido de Lagos ou pescado em baixo, nos rochedos do promontorio, por meio de varias artes e manhas certamente seculares.

E assim a tarde caíu, suavemente; e em baixo, o mar, muito manso, ia-me fazendo negáças, lembrando-me os três dias que aqui passei ha trinta e nove anos, no tempo em que eu tinha uns floridos trinta e cinco anos...

Sempre as quatro décadas a passáram e a lembráram coisas tristes...

Lisboa:

Março: 3.

Cá estamos de volta, sem novidade de qualquer especie. De manhã, em Sagres, o mesmo soprava bastante agreste e o mar apresentava côr escura um tanto ou quanto ameaçadora; os barometros baixavam e os prognosticos para o resto da digressão não pareciam favoraveis.

O cabo de S. Vicente lá ficou, negro, projectado contra nuvens que se acastelávam a nordeste; e para nascente desaparecera a limpidez de atmosféra que é o grande encanto da região. Certo tom vagamente plumbeo indicava reviravolta do tempo. Testámos, felizmente, no ultimo dia da passeiata e já nos era indife-

rente que chovesse ou fizesse sol e não diríamos, conforme o proloquio, que o rabo seria o pior de esfolar.

Em Vila do Bispo tomámos a estrada nova, ainda por acabar, que o policia de transito garantia em boas condições. E na verdade, a estrada segue por terreno muito ondulado, ás vezes atravessa desfiladeiros, nos quais certos cortes no terreno apresenta estrutura curiosa; a vegetação pareceu-me ser de transição do Algarve para Alemtejo e nalguns pontos a paisagem apresentava aspecto um tanto severo e carregado e contra o que eu esperava com abundante arborisação a que não faltavam manchas de pitoresco.

Depois de umas leguas assim andádas, e depois de entrarmos na velha estrada alcatroada, surgiu Aljezur, curiosa povoação espalhada em encostas, á nossa esquerda, sobranceira a um vale muito verde; a seguir, passadas mais umas leguas, Odemira, meia-oculta num largo valeiro com arborização, cercada de ondulações altas de terreno que eu julgava impossiveis no baixo-Alemtejo — tão habituados nós

andâmos a considerar a grande provincia como planura raza e sem fim.

Notei a pobreza das habitações isoladas, aqui e alem; casinholas sem janelas e com chaminés altas; raros sinais de vida. Mas a arborização continuava, cobrindo as ondulações do terreno com pinheiros, sobreiros em abundancia, azinheiras que davam aspecto severo ao conjunto e certa beleza nalguns pontos.

Santiago do Cacem aproximáva-se. No Cercal, viu-se povoado progressivo, entre a velha aldeia tradicional e as modernas tendencias sem caracter; até que, em curva da estrada, se avistou a vila do freires espatarios, coroada por grande castelo medieval ainda imponente. A' volta evidentes sinais de fertilidade; arborização de certa densidade e beleza; e eu pensei como ás veres a nossa imaginação concebe erradamente aspectos de paisagem ou fisionomia de terrenos.

Eu sempre julguei que Santiago do Cacem estava colocada em monticulo de certa elevação no meio de planura imensa, seca, sem qualquer arvoredo; que do castelo

se veria, á volta, uma vasta extensão de terra. E afinal, não Senhores: naquele intrincado terreno arborizado, os olhos não alcançam m.to longe; e se no tempo dos cavaleiros de Santiago aquelas encostas estávam cobertas de matagal, agora a cultura intensiva do torrão e o povoamento florestal davam pitoresco e certo encanto ao ambiente.

Começou, então, a chuviscar; nuvens acasteladas, ameaçavam desfazer-se em aguaceiros e nós entrámos na Pousada para o almoço a sentir ventania fresca, do sudoeste, muito desagradavel.

A Pousada, deve dizer-se, é um encanto de arranjo e de bom gosto. Dirigida por um pintor cujo nome não consegui saber, impressiona logo de entrada pela elegancia e feição artistica. Gravuras excelentes, quadros a oleo de varias escolas, lusigangas regionais, tapeçarias alentejanas, tudo reunido sem o amontoado de bric-á-brác, mas coordenado e harmonizado por boa inspiração de quem professa e compreende a Arte. Das janelas, na encosta fronteira, surpreende-se a vila, desci-

da suave para nascente; e quiz-me parecer que se avistaria o mar se não fosse o enevoado que tudo cubria.

Comido o almoço excelente e suculento como competia a pousada alentejana e paga a conta não menos suculenta e escaldante como é natural em obra do Antonio Ferro, continuou-se no regresso, por entre mais abundantes e densos sobreirais, a marcar com evidencia o nosso grande emporio da cortiça.

Depois surgiu Grandola, que me pareceu mais modernizada do que Santiago; evoquei o dr. Jacinto Nunes, mentalmente, é claro, o grande animador da terra e o seu principal fautor de progresso. E ao largar Grandola, entrámos na grande recta que a une a Alcacer-do-Sal, atraver de densa maça florestal de variadas especies.

Beleza?... Pitoresco?...

Sei lá! Aquela monotonia não conseguiu despertar interesse. Até Grandola, ainda as curvas e ondulação da estrada dávam um ou outro quadro onde fixar fugidiamente os olhos com mais ou menos agrado.; mas, com franqueza, aquela recta

de não sei quantas leguas, sempre entre arvorêdo alto, sem contrastes... não sei que interesse possa ter.

Mas adeante.

Alcacér do Sal apareceu-nos, com o mesmo aspecto decadente e de abandono; naquela altura o sol rompêra as nuvens e ainda dava certa alegria ás lezirias do Sado e seu quê de romantico ás ruinas do castelo e da grande casa conventual; mas em todo o cenário havia a impressão de pobreza e decadencia. Pode não ser assim; os meus olhos terão recebido impressões erradas; de passagem rapida não se colhe a verdade e assunto tão complexo como é a importancia duma vila e dos seus campos, industrias e comercio.

Depois, veiu chuva; Setubal novamente servio para descanço duma meia hora; e dentro em pouco, passada a pitoresca Azeitão, chegámos a Cacilhas onde a bicha de viaturas era consideravel e onde a noite nos caiu, chuviscosa e impertinente. Lisboa avistava-se cheia de luzes, atravez da neblina; e quando chegou a vêz de se entrar no barco da traves-

sia, o temporal impelia a espuma das aguas de mudo que chapava ás vidraças do carro. O baloiço era grande e o peso de camionetas carregadas dáva grande amplitude ao movimento undulatorio do barco.

Assim terminou a excursão.

Ao entrar em casa, com algum cansaço no corpo era natural, veio a sensação de que se passára na vida alguma coisa agradavel.

Compensações.

Apendice : re-

cortes de jornais, va-

ria ::

De pap. 300.

Ex.mo Senhor

O Instituto de Coimbra completou cem anos em 1953. A' Direcção não foi possível realizar nesse ano uma sessão comemorativa e uma reunião, em Coimbra, do maior número de sócios actuais; mas, estando no fim do último mês da sua gerência, resolveu desempenhar-se agora desse encargo.

E assim tenho a honra de pedir a V. Ex.ª a sua comparência à sessão do dia 20 do corrente, pelas 21 horas.

Nesse dia terá lugar, na sede do Instituto, um almoço para o qual fica aberta a inscrição dos sócios.

A inscrição para este almoço deve ser comunicada ao Presidente do Instituto até ao próximo dia 15.

Coimbra, 9 de Dezembro de 1953.

O Presidente da Direcção,

Anselmo Ferraz de Carvalho

A. – 49

De pag. 300

ALMOÇO COMEMORATIVO

DO

1.º Centenário do Instituto de Coimbra

.....

Ementa

Creme de galinha

.....

Filetes de pescada à francesa
com
molho de tomate

.....

Lombinhos de vitela ao madeira

.....

Perú trufado

.....

Puding de frutas

.....

Ananaz

.....

Vinhos de mesa
Espumante
Porto
Licores — Café — Brandys

Coimbra, 20 de Dezembro de 1953

NICOLA
COIMBRA

De pag. 300

Alguns dos sócios do Instituto de Coimbra antes de se reunirem no almoço de confraternização

De jorn. 300

COMEMORAÇÃO DO I CENTENÁRIO do Instituto de Coimbra

COIMBRA, 20 — Para comemorar o 1.º centenário da fundação do Instituto de Coimbra, realizou-se hoje, na sede daquela prestigiosa colectividade literária e científica, uma sessão solene a que assistiu elevado número de sócios e as autoridades.

Presidiu o prof. sr. dr. Anselmo Ferraz de Carvalho, ladeado pelos srs. prof. dr. Pacheco de Amorim, vice-presidente, e dr. Teixeira de Queirós, secretário.

Depois do presidente ter aberto a sessão e de explicar o significado desta comemoração, historiou a existência do Instituto, apontando as suas ligações com a Universidade. Falou do prestígio alcançado pela revista «Instituto» e de alguns dos seus valiosos colaboradores, destacando destes Alexandre Herculano e Costa Simões. Referiu-se ainda à criação do Museu de Arqueologia, que mais tarde de transformou no Museu Machado de Castro.

Falou, depois, o sr. prof. dr. Henrique de Vilhena, antigo reitor da Universidade de Coimbra e em representação da Academia de Ciências de Lisboa. Saudou o Instituto pela data festiva e salientou a figura do prof. dr. Costa Lobo.

Discursou, a seguir, o sr. prof. dr. Joaquim de Carvalho, que, numa brilhante oração, evocou a acção do Instituto e prestou homenagem a todos quantos contribuiram para o seu prestígio.

Depois de falar o sr. dr. Costa Rodrigues, usou da palavra o sr. prof. dr. Maximino Correia, que apontou os laços de entendimento e colaboração que sempre tem havido entre o Instituto e a Universidade, fazendo votos para que os mesmos continuem para prestígio dos dois estabelecimentos.

Finalmente, o sr. dr. Teixeira Queirós leu os telegramas de saudação recebidos, entre os quais um do sr. presidente do Conselho.

★

Em duas salas do Instituto, realizou-se um banquete de confraternização, a que assistiram mais de 50 sócios.

Destes, destacavam-se os srs. prof. dr. Maximino Correia, reitor da Universidade; profs. drs. Francisco Gentil, Henrique de Vilhena, Pereira Dias, Pacheco de Amorim, Francisco Nazaré, Rocha Brito, Feliciano de Guimarães, Amorim Girão, Joaquim de Carvalho, Torquato de Sousa Soares, Costa Pimpão, dr. Barros e Cunha, conselheiro Amaral Cabral, desembargador Horta e Vale, juíz Perestrelo Botilheiro, drs. Miranda Mendes, José Viquera, Mariano Gon-

zalez, de Madrid, coronel Belizário Pimenta, conde do Amial e os advogados Fernandes Martins, Octaviano Sá e Armando Cortezão.

Aos brindes usaram da palavra o presidente do Instituto, prof. dr. Anselmo Ferraz de Carvalho; reitor da Universidade de Coimbra; prof. dr. Francisco Gentil, drs. Meireles Soutre e Mariano Gonzalez.

Do Primeiro de Janeiro, do Porto, de 21 de Dezembro de 1953.

— Indices —

I : Anos
II : Nomes proprios
III : Varia.

UNIVERSIDADE LIVRARIA

I

Anos:

1952 : . 1 - 147 .

1953 : 148 - 306

1954 : 307 - 311

II

Nomes proprios

Abreu {P.e Diniz de), de S. Pedro de Alva - - 208

" {Eduardo Barbosa de} capitão de Artelharia : 296 e 298-299.

" {Marques}, Gravador : 309.

Afonso {D.} Henriques : 315-317.

Aguiar {Joaquim Ant.º de} : 261

Albuquerque {Luis da Silva Mouzinho de} : 212-213.

Almeida {Dr. Ant.º José de} : 149.

" {Filho de} : 340 e 347.

" {Laureaço Chaves} : 79, 133, 139-141 e 226-227.

" {Dr. Manuel Lopes de} : 38

Alorna {3.º Marquês de), D. Pedro de Almeida : 37-40 e 235-237.

Amaral {João M.º Ferreira do) : 52, 328-331.

Amelia {D.}, rainha : 36 e 43-45.

Amorim {Dr. Diogo Pacheco de} : 76-77 e 190

Andrade {Dr. Abel de} : 195 e 196.

Araújo (Adelino de Carvalho), chefe da Secret.ª da Câm.ª de Miranda do C.º : 319-320
Arruela (Dr. José de) : 193-197.
Balzac (Honoré de) : 368.
Banazol (Cor.el do Est.º-Maior) : 133-134.
Baralã (José), canteiro : 140
Barretõ (Abílio Roque de Sá) : 149.
" (Dr. Fernando Bissaia) : 187.
Barros (Dr. João de) : 46-47.
Barthou, ministro francês : 152-155.
Bastõ (Artur de Magalhães) : 212-213.
" (José Carrilo) : 276-279 e 319-320.
Beethoven : 318.
Benzi (Roberto), maestro : 289-291.
Bolota (D. Mª Luisa Lima) : 244-245.
Botelho (José Justº Teixeira) : 96, 299 e 322.
Braga (Teofilo) : 60, 355.
Brandão (João de Paiva) : 322
Braz (Cesar Moura), cap.ão-tenente : 187.
Cabanas (M.el dos Santos) : 220, 233-235, 247-248, 248-254, 255 e 255-258.
Camacho (Dr. M.el de Brito) : 348
Câmara (D. João da) : 103-104, 145-147 e 207.
" (Prof.ª Susana da) : 130-131.
Campos (D. Manuela) : vide Guedes (Rui da Mota)

Cardoso (José Maria Correia) : 68-69 e 78-79.
Carlos (D.) I, rei : 45, 71 e 73.
Carmona (Ant.º Oscar Fiqueiredo) : 187 e 298.
Carreiro (Dr. José Bruno Tavares) : 325-326.
Carvalho (Dr. Anselmo Ferraz de) : 42, 190 e 222
" (Dr. Augusto da Silva) : 110-111.
" (Dr. Joaquim de) : 176-177, 200 e 301-303.
" (Vasco de) : 186-187.
Casal (Franc.º Alves) : 261.
Casimiro (Augusto) : 106-107.
Castelo-Branco (Camilo) : 213.
Castro (Dr. Augusto de) : 193-197.
" (Baltazar de), arquitecto : 309.
Catarina (D.), rainha de Inglaterra : 107.
Cavalheiro (Dr. Rodrigues) : 207-208.
Cerejeira (M.el Gonçalves) : 1-2.
Cerqueira (Afonso), almirante : 49.
Chagas (João) : 64.
Chaplin (Charlie) : V. Charlot
Charlot : 289.
Chausson, compositor : 314.
Chopin : 111-112, 141-142 e 150
Cidade (Dr. Hernani) : 106-107, 177 e 191-192
Coelho (José Maria Baptista) : 212-213.
Correia (Dr. ant.º Aug.to Mendes) : 159-162
" (ant.º Cerqueira Ferraz) : 264.

Correia (Dr. Fernando da S.ª): 54-55
" (G.al Joaquim dos Santos): 160
" (Dr. Maximino): 42 e 302-303.
" (Dr. Virgilio): 31-34 e 137.
Costa (Dr. Afonso): 326.
" (P.e Avelino de Jesus): 37-41 e 235.
" (Fernando dos S.tos): 35, 58-59 e 105-106.
" (Dr. Franc.º José Fernandes): 273-274.
" (Manuel Ant.º da): 149.
Conceiro (Henrique de Paiva): 72
Coutinho (Dr. Albano): 329.
" (Vitor Hugo de Azevedo): 216.
Couto (Dr. João Roiz. da Silva): 148-150
Cruz (Dr. Ivo): 177 e 295-296.
Curto (Dr. Amilcar Ramada): 102-104.
Cuvier: 111.
Dantas (Dr. Julio): 102-104 e 119.
Deus (João de): 365-366.
Dias (Dr. Carlos Ballino): 128-132
" (Dr. Manuel): 129.
Duarte (Prof.or Carvalhão): 206-207.
" Nuno: 90 e 186.
Dvorak, compositor: 290 e 314.
Erlih (Devy): violinista francês: 325.
Espirito-Santo (Ricardo): banqueiro: 21-22
Esteves (Raul): 122-125; 216 e 227-228.

Ferrão {D. Julieta} : 19-22, 36 e 207-208.
Ferreira {Ant.º Aurelio da Costa} : 63-64.
" {Godofredo} : 7.
" {Luis} : 276-279 e 319.
Ferro {Antonio} : 335, 379.
Figueiredo {Dr. Ant.º A. do Amaral} : 54-55.
" {Antonio Campos de} : 61
" { " Margarita} : 4-6 e 31-34
" {Fidelino de} : 91, 173-181 e 226-227.
Foch {Mal Ferdinand} : 171.
Fonseca {Tomás da} : 183-184.
Forjaz {D. Ant.º Pereira) : 110
Fortunato {D. Maria da Gloria} : 37-39 e 235-237.
França {Salvador Pinto da} : 238-239.
Franco {Conselh.º João} : 207-208.
Frazão {Americo de Mendonça}, cap.ão do Estado-Maior : 133-134, 201, 238 e 280
Freitas {Adolfo de} : 135-138.
Freud : 283.
Garcia {Prudencio Quintino}, conego : 149.
Gentil {Dr. Francisco) : 300
Girão {Dr. Aristides do Amorim} : 63
Godinho {Vitorino Henriques), cor.el : 328-330.
Gomes {Dr. Ant.º Luis}, Pai : 94-95.
" {Manuel Teix.a} : 152-155, 365 e 370-371
Gonçalves {Dr. Anastacio} : 216.

Gonçalves {António Augusto} : 36, 44, 66, 77, 78-79, 135-138, 140 e 149.
" {P.e Ant.o Nogueira} : 22, 31-34, 63, 64-66, 76-77, 222-225, 241-243 e 308-311.
" {Dr. Julio Gonçalves} : 322
Gonzaga {Tomás António} : 56
Graça {Frederico} : 149.
Grainha {Dr. Barros} : 43 e 44.
Griéco {Agrifino}, Brasileiro : 59-61.
Guedes {D. Manuela Campos da Mota} : 250 e 254.
" {Rui da Mota}, engenh.o : 250 e 254.
Guimarães {Dr. Luis de Oliv.a} : 145-146.
" {Cor.el Vitorino} : 151-155, 216 e 327-331.
Guerra {D. Oliva} : 266-268
Guerreiro {Dr. Manuel} professor : 364.
Henrique {Infante D.} : 374
Herculano {Alexandre} : 166 e 317.
Hugo {Vitor} : 308-309
Humboldt : 111.
Istomin : musico : 227-228.
Jaloux {Edmond} : 100
Jeferson : 111.
Junqueiro {Guerra} : 183-184
Juvenal : 212.
Lança {Joaquim} : 159-162
Leal {Dr. Apolinario José} : 157 e 203-205.

Leal {Franc.º da Cunha}: 275-276
" {Jorge Apolinario}: 157-158, 202-205.
Leitão {Franc.º de Andrade}: 244-245.
" {Joaquim}: 111.
Lemos {Alvaro Viana de}: 42-45 e 52-54.
Lima {Ana M.ª de Sousa}: 82-83, 246, 266-267, 272, 308, 317-318.
" {Cristovão de Sousa}: 1-2, 55, 56 e 133.
" {Dr. Fernando de Castro Pires de}: 270-271.
" {Henrique Ferreira}: 26, 48, 84, 90-93, 95-96, 115-116, 119-120, 125-127, 127-128, 132, 138-139 e 165-166
" {D. Maria Lina Ferreira de}: 26-28, 84, 90-93, 125-126, 165-166 e 331-332.
" {Dr. Pires de}: ministro da Educação: 21-22.
" {D. Vera de}: 227.
Lobo {Dr. Francisco de Miranda da Costa}, 190, 196
" {Dr. Gumercindo da Costa}: 41, 42, 190 e 196
Lopes {Francisco Higino Craveiro}: 155, 217-218, 221 e 283.
Loureiro {Dr. José Pinto}: 78-79.
Ludwig {Emilio}: 318.
Macedo {Armando}: 209-210 e 213.
" {Luis Pastor de}: 2-4.
Machado {João}, Pai: 140.

Madaíl (Ant.º Gomes da Rocha) : 155-157, 197, 218-219, 227, 257-258.
Magalhães (Dr. Alfredo de) : 132.
" (Rodrigo da Fonseca) : 278.
Marinho, Professor de desenho no Barreiro, Escola Industrial : 249 e 251
Marques (Albertino) : serralheiro : 135.
Martins (P.e Eugenio) : 316-317
" (Franc.º José da Rocha) : 63-64 e 206-207.
" (Humberto Bucata ——) : 313
Mascarenhas (Braz Garcia de) : 225.
Mata (Dr. José Caeiro da) : 194 a 196
Matos (Gastão de Melo de) : 322-323.
" (P.e José Lourenço de) : 183-184
Meira (Alberto) : 74, 132, 162, 210 e 213.
Melo (Pedro Homem de) : 194.
Mendes (Dr. Antero de Miranda) : 300-301.
Menezes (Eduardo Guedes de Caro.º) : 322-323
" (Mario Silvio Ribeiro de) : 8-12 e 158
Maisaiwitsch (Benno), pianista : 150-151
Moniz (Dr. Egas) : 110 e 111.
Monteiro (Alb.to dos Santos Pereira) : 104-106
" (Henrique Pires) : 49-50, 95-96, 111-116, 120, 122, 139, 151, 181-184 e 186-187.
" (Dr. Manuel), Braga : 227, 274-275.
Montgomery (Marechal) : 58-59.

Moraes (Alberto Faria de), coronel: 48, 74, 115-16, 117-121, 122, 125-127, 138, 157, 167-172, 202-203, 238, 300 e 322.
Moreira (Arsénio da Silva), coronel: 149.
Negreiros (Dr. Trigo de), ministro: 242
Nemesio (Dr. Vitorino): 93, 292-293.
Nogueira (Franc.º Inacio Dias), de Goes: 291.
Oleiro (Dr. João Manuel): 37.
Oliveira (Ten. cor.el Alcide de): 304-305.
" (D. Ernesto Sena de), bispo: 194-195.
Pais (Alberto da Silva), cor.el: 184-185.
" (Armando da Silva), do Barreiro: 240-241, 255-256, 281 e 311-312.
" (Sidonio): 298.
Paixão (Dr. Vitor M.el de Braga): 160
Pastor (Francisco), gravador: 2-4.
Pedro de Jesus (Manuel), serralh.º: 140
Pegado (Cesar de Sousa): 37, 48, 235-236
Pereira (Dr. Alberto Dias): 316
" de Eça (Ant.º Julio da Costa), gen.al: 49-52
Peres (Dr. Damião): 177.
Pimenta (D. Cesalpina): 163.
" (José Augusto): 3-4.
" (Rafael), gravador: 74, 220, 234, 240-241, 247, 248-254, 254-256.
" (Sebastião Rafael Maria): 250-251.

Pimenta [D. Susana]: 261
Pimpão [Dr. Alvaro Julio da Costa]: 27-28, 176, 332.
Pina [D. Manuel Correia de Bastos]: 36, 43-45
Pinheiro [Rafael Bordalo]: 20 e 68
Pinto [Gal. Adolfo Abranches]: 10-17.
" [João Caet.º da Silva]: 20 e 163
Pires [Enrico Sampaio Saturio]: 8-12, 69-73, 158.
Pombal [Marquês de]: 341
Prokofieff, musico: 290
Radot [Jean Vallery]: 198-200
Ramos [Dr. João de Deus]: 181-184 e 284-286.
Raposo [Dr. Hipolito]: 182-183
Ravel, compositor francês: 325.
Régio [Dr. José]: 168
Rego [Ant.º José de Campos]: 316
Reis [Dr. Albino dos]: 186
" [Dr. José Alberto dos]: 187
" [Dr. Manuel dos]: 190
Ribeiro [Helder Armando dos Santos]: 70 e 73
" [Dr. Luis da S.ª]: 258.
Rio Maior [Marquês de]: 9.
Rodrigues [Dr. Ant.º Luis da Costa]: 45-46, 64-66, 76-77, 114, 195, 202, 241-243, 301, 310 e 326.
" [Gen.al José Filipe Barros]: 16-18, 22-26, 41, 96, 121, 126, 172, 258-259, 260, 296, 299.
Rubinstein, pianista: 109, 111-112.

Sá [Octaviano de]: advogado: 218-219.
Salazar [Ant.º de Oliveira]: 29, 155, 186-187, -188, 211-212 e 281.
Sarmodães [2.º conde de]: Franc.º Teixeira de Aguilar e Azerêdo: 183-184.
Sauto Antônio: 228-229.
" Inácio de Loiola: 293.
Santos [Hermenerico Barja dos]: 270.
" [Luis dos Reis]: 20-22, 35-37, 43, 52-54, 62-63 e 198-200.
" [Dr. Reinaldo dos]: 22, 188, 195 e 196.
São Francisco Xavier: 122 e 124.
Sarmento [Julio Ernesto de Morais]: 239.
Selvagem [Carlos], escritor: 159-162
Serra [Abade José Correia da]: 109-111.
Silva [Albino Caetano da]: 274.
" [Fran.co cor.el Andrade e]: 104-105.
" [Antônio Maria da]: empenh.º: 326.
" [" dos Santos]: 274.
" [João Caetano da]: 87 e 290. Vide Pinto.
" [Manuel Rodrigues da]: 148.
Simões [Dr. Nuno]: 45-46, 221-222.
Simplicio [Joaquim da Silva]: 255.
Simibaldi [S. Tiago], conego: 109.
Soares [Ernesto]: 75 e 188
" [Dr. Torcato de Sousa]: 63 e 301.

Stravinsky {Igôr}: compositôr: 325.
Terceira {Duque da}: 339.
Tofinho {Manuel}, general: 34-35 e 233
Torga {Miguel}: 229-230.
Tovar {Conde de}, embaixadôr: 105-106
Vargas {Getúlio}: 60
Vasconcelos {Dr. Ant.º Garcia Ribeiro de}: 309.
" {José Sup.to Pereira de}: 274.
Vaz {Dr. Fernando Henriques}: 315-317.
Veiga {Alberto Botelho da Costa}: 177.
" {Família Baeta da}: 55.
Veloso {Dr. José Maria de Queiroz}: 116.
Verdi, compositôr: 290.
Vieira {Dr. Afonso Lopes}: 227.
" {Joel}, brigadeiro: 9-17.
" {Leonel Neto de Lima}, gen.al: 370-372
Vilhena {Dr. Henrique de}: 300
Vital {Dr. Domingos Faras}: 186
Xavier {Caldas}: 159-162.

III

Varia:

Academia das Belas Artes: 188-189.
" " Ciencias de Lx.a: 101-104 e 109-111.

Academia dos Instrumentistas de Camara : 314-15.
" Portuguesa da Historia : 57 e 116.
Diamonte, Espanha : 332, 339, 340 e 342
Albufeira, Algarve : 358-359.
Alcácer-do-Sal : 333 e 380.
Alcantarilha : 359.
Alentejo : 333-335, 376-380.
Algarve : 335 e seg.tes
" (A excursão ao) : 332-381.
Aliança Luso-espanhola : 217-218, 221.
Aljezur : 376.
Aljustrel : 334.
Almodovar : 334.
Alportel (S. Braz de) : 335-336
Amadis de Gaula, de A. Lopes Vieira : 295-296.
Anais de Miranda do Corvo : 278 e 320.
Aniversarios : os meus : 96-98.
Ano Novo ... : 308-309.
Arquivo Coimbrão : 78-79.
" Historico M.or : 95, 117, 138-139 e 167.
Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto : 132.
Assunção (Dogma da) : 257.
Aumento dos vencimentos : 28-29.
Avô : 225.
Azeitão : 380.

Ballet em Lisboa : 158-159
Barreiro : 220, 240-241, 248-254, 255-256, 261, 311-312, 340 e 347.
Bastilha (Aniversario da tomada da) : 80-81.
Borda de Agua, alinhamento : 308-309.
Brasil (Amisade com o) : 221.
Cacéla, Algarve : 339.
Cacilhas : 380.
Caldeirão (Serra do) : 334-335.
"Camões e as artes liricas" : 107, 191-192
Campanha no Sul de Angola : 50-52.
"Cancioneiro Popular de Miranda do Corvo" : 243-244, 257-258 e 270-271.
Capuchos (Convento dos), Sintra : 263-265.
Casa (A minha) em Coimbra : 189 e 283.
Castro Marim : 341-347.
"Catalogo e Sumario dos Mss. ..." : 48, 117, 119 e 138 e 167.
Cavalos argentinos : 313
Cerco do Porto, 1832-1834 : 213.
"Cinquenta anos depois" : 296, 312-313 e 324.
Cinquentenario do meu primeiro artigo: 296-298.
Circulo de Art.º Augusto Gonçalves : 65-66
" de Cultura Musical, em Coimbra : 227-228, 314-315 e 325.

Coimbra: Casa de Ant.º Aug.to Gonçalves: 137
" : Drogaria de Roiz. da Silva: 149.
" : e a musica: 314.
" : Escola Livre das Artes do Desenho: 135-138.
" : festejos da Rainha Santa: 79-80.
" : Grupo de amigos do Museu de Machado de Castro: 62-63
" : Irmand.e da S.a da Boa-Morte: 58
" : Jardim Escola de J. de Deus: 284-285.
" : Museu de Mach.º de Castro: 20, 43, 63 136 e 198.

Côja, vila: 222-225.
Colegio de Caenpolide, Lisboa: 43.
Comissão de Historia Militar: 9-16, 299-300 e 322-323.
Companhia de Jesus: 4-6, 276, 282 e 287.
Congrua paroquial: 231-232.
Cooperativa m.or de Coimbra: 303-305.
Corpus-Christi [Procissão de]: 67-68 e 225-226
Christo-Rei [Monum.to ao]: 83.
Critica de arte em Portugal: 309-310.
Despertar (O), jornal: 66, 76 e 135.
Desporto: 77-78 e 286-287.
Diario de Coimbra: 197.
" " Lisboa: 94.

Dicionario de artistas plasticos : 162.
Diligencia a Arganil em 1903 : 291.
Eleições em 1953 : 275-276, 281-282 e 294-295.
" presidenciais em França, 1953 : 305.
Escola Pratica de Infant.ª : 89-90.
Escolas nouvais : 285-286.
Estado-maior do Ex.ro : 260-261.
" Novo : ver Situação Politica.
Estombar, Algarve : 360-361.
Exame fº general [O nuu] : 228-229, 238-239 e 243.
Excursão ao Algarve : 332 e seg.tes
Exposição de Belas-artes, em 1953, Lisboa : 216.
" " gravuras de Rafael Bordalo Pinheiro, em 1953 no Barreiro : 234, 240-241, 247-254, 254-256.
Faro, cidade : 336, 355, 356-357.
Fatima [Senhora de] : 61-62, 81-82, 212, 268-270 e 287.
Feriados nacionais : 288.
Ferreira do Alentejo : 333
Fim do mundo : 306.
Folk-Lore : 271.
Força [A] do Destino, opera : 290.
Freichutz, opera : 163.
Garrettesca [A] do Henrique Ferreira Lima:

26-28, 165-166, 176 e 331-332.

Goio : 55-56.

Grandola : 379.

Gravura, generalidades : 198-200.

" [Exposição de] de Rafael Pimenta, no Barreiro : 247, 248-254.

Gravure [La] Française : 198.

Guadiana : rio : 339, 340-341, 344-346 e 347.

Historia da gravura em madeira em Portugal : 75, 199-200.

" das Ideias Republicanas em Portugal, por Teofilo Braga : 355.

Infantaria nº. 33 : 366 a 372.

Instituto [O] de Coimbra : 190, 197, 200, 221 e 300-303.

Intercambio Luso-brasileiro : 45-46.

Inventario Artistico de Portugal : Destrito de Coimbra, vol. II : 309

Jornal do Barreiro : 240-241, 255-256 e 261

Lagôa, Algarve : 359.

Lagos, ideia : 363 e 366-372.

Liberdade : 308-309.

Lisboa : generalid.s : 28, 142-145, 216-217 e 286-287.

" : Museu Bordalo Pinheiro : 19.

" : " João de Deus : 181-184.

Lourosa [Igreja da] : 309.

Luso : 205-206.

Luzes da Ribalta : 288
Miranda do Corvo : varia : 54 e 319-321.
" " " : Festa a S. Sebastião : 321.
" " " : [Os meus trabalhos sobre] 276-279, 309 e 319-321.
Miseraveis [Os] de Vitor Hugo : 237.
Monte Gordo, praia, Algarve : 348.
" Mar-o-Velho : 56-57.
Musica : 314-315.
Natalidade [A] coimbrã de Afonso Henriques: 315-317
Olarias populares : 359-360
Olhão : 338 e 351-354.
Onda de frio em 1954 : 323-324.
Oquei em patins : 77-78.
Orquestra Filarmonica de Lisboa : 295-296
" Sinfonica Nacional : 289-291.
Paz, quinta : 81-82 e 246.
Penichoiros : ver Sociedade de Instrução e Recreio
Ponta da Piedade, em Lagos : 367-369.
Ponte de Vª Franca de Xira : 29-31.
Portimão : 357, 360-362, 364-366.
Portuguesa (A), hino : 77-78.
Pousadas de Turismo : 335-336 e 378-379.
Praia da Rocha : 356, 362-364 e 364.
Primeiro [O meu] artigo impresso : 296-298.

Procissões : 79-80, 213-215 e 240.
Proclamação da Republica : 77-78, 99-100 e 272-74.
Radio-Club Português : 275.
Reacção ultramontana : 4-6, 47, 58, 67-68, 80, 82-83, 84-86, 187-188, 213-215, 231-232, 240, 242 e 274-275.
Recenseam.to eleitoral : 281-282.
Regeneração, em 1851 : 302-303.
Revista Militar : 105, 115, 122, 151, 185 e 216.
Revolta dos marechais, em 1837 : 222-225.
Revolução de 28 de Maio : 219-220.
Revue d'Histoire Militaire : 74 e 138.
Rotarios (Associação dos) : 76-77.
Sagres : 364-375 e 375.
Saldanha (O meu estudo sobre) : 8-19, 22-26, 41, 75, 98, 108-109, 112-115, 121, 133-134, 157-158, 167-172, 178, 201-205, 222-225, 238, 258-259, 260-261, 272, 280-281, 296, 298-300 e 321-323.
Sanbiapo do Cacem : 377-378.
São Vicente (Cabo de) : 372, 374 e 375.
Seculo (O), jornal : 254-255.
Senhora de Fatima : ver Fatima
" da Nazaré da [illegible] Mafra : 268-270
" " " da Ribeira : 86-89 e 256-257.
Setubal : 333-380

Sintra : 262-268
Situação política desde 1926 : 30, 160, 177, 186-187, 281-282, 303-305, 310, 325-326 e 338.
Sociedade das Nações : 152-155.
" de Instrução e Recreio, Barreiro : 248-254, 255-256.
" N.ª de Belas-Artes : 216.
" Patriótica 1.º de Dezembro : 288.
Sonhos : 283.
Tavira : 338-339, 348-351.
Teatro de S. Carlos, Lx.ª : 295.
Terceira {A estátua do Duque da} : 82-83.
Tertúlia das cinco e meia : 162 e 210.
Tripeiro {O} : revista : 212-213.
Ultramontanismo : ver Reacção
Um quarto de século da Revolução Nacional : ver Luís Ferreira.
União de Grémios dos Lojistas : 315.
Vencimentos {Aumento de} : 28-29.
Vida militar {A minha} : 291-292.
Vila do Bispo : 372 e 376.
" Real de S.to António : 332, 339-347 e 347.

UNIVERSIDADE ✲ LIVRARIA DA